

Um padre

CÍCERO, HISTÓRIA E LEGADO

e sua fé



Organizadores

Waldecir Gonzaga

Antonio Luis Catelan Ferreira

Paulo Fernando Carneiro de Andrade



Reitor

Prof. Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Vice-Reitor

Prof. Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Ricardo Tanscheit

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Sergio Bruni

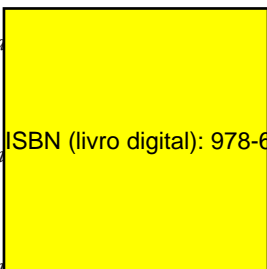
Decanos

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Sidnei Paciornik (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)



Um padre e sua fé

CICERO, HISTÓRIA E LEGADO

INTER
SEÇÕES

EDITORA
PUC
RIO

Organizadores

Waldecir Gonzaga

Antonio Luis Catelan Ferreira

Paulo Fernando Carneiro de Andrade

©Editora PUC-Rio

Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Casa da Editora PUC-Rio

Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22451-900

T 55 21 3527-1760/1838

edpucrio@puc-rio.br

www.editora.puc-rio.br

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch,

José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz, Sidnei Paciornik,

Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.

Coordenador e editor

Felipe Gomberg

Editora Assistente

Lívia Salles

Produtora editorial

Tatiana Helich Lopes

Revisão de texto: Beatriz Vilar do

Projeto gráfico de capa e miolo: F/damatta Design

Diagramação de miolo: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Este livro tem origem a partir do Simpósio “Um padre e sua fé: Cícero, história e legado”, realizado na PUC-Rio nos dias 6 e 7 de outubro de 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Simpósio Um Padre e sua Fé (2020: Rio de Janeiro)

[Trabalhos apresentados] / Simpósio Um Padre e sua Fé: Cícero, História e Legado, 06 e 07 de outubro de 2020; organizadores Waldecir Gonzaga, Antonio Luis Catelan Ferreira, Paulo Fernando Carneiro de Andrade. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, c2021.

264 p.; 23 cm. – (Coleção Interseções)

Inclui bibliografia

ISBN (livro digital): 978-65-88831-33-5

1. Igreja Católica - Clero - Congressos. 2. Cícero, Padre, 1844-1934 - Congressos. I. Gonzaga, Waldecir. II. Ferreira, Antonio Luiz Catelan. III. Andrade, Paulo Fernando Carneiro de. IV. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. V. Série.

CDD: 270.09206

Elaborado por Sabrina Dias do Couto – CRB-7/6138

Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio

SUMÁRIO

- 07** Prefácio
Antonio Luiz Catelan Ferreira
- 11** Introdução
Waldecir Gonzaga
- 25** Acolhida
Orani João Tempesta, O. Cist.
- 31** “Olha lá, no alto do horto! Ele tá vivo, o padre não tá morto”
Gilberto Pastana
- 37** “A minha defesa quem fará é a própria Igreja”
Cícero José da Silva
- 41** Padre Cícero e o contexto histórico e eclesial de seu tempo
Paulo Fernando Carneiro de Andrade
- 59** Desafios da reconciliação entre tradição e modernidade na ação pastoral e política do Padre Cícero Romão Batista
Carlos Alberto Steil
- 75** Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino
Francilaide de Queiroz Ronsi
- 105** “É inegável que o Padre Cícero viveu uma fé simples em sintonia com seu povo”: olhar abrangente sobre a vida e a missão de Padre Cícero
Annette Dumoulin
- 123** Cícero: um caminho de reconciliação
João Paulo de Araujo Gomes

- 135** À sombra do Juazeiro: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)
Artur Peregrino
- 153** Análise da corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte a partir de uma espontaneidade própria nos espaços e sua espacialidade
Francisco Airton Bastos Silva Filho
- 169** Padre Cícero: um legado de fé e devoção
Girlene Florêncio de Souza e Maria Aletheia Stedile Belizário
- 187** Padre Cícero: uma referência de conselheiro no catolicismo popular sertanejo
João Everton da Cruz
- 211** Os caminhos dos romeiros do Padre Cícero nas estradas do Nordeste
José Carlos dos Santos
- 239** O profetismo na vida e no legado do Padre Cícero Romão
Rafael Dorgival Alves Fonsêca Neto

Prefácio

*Antonio Luiz Catelan Ferreira**

A comemoração dos 150 anos da ordenação sacerdotal do Pe. Cícero Romão Batista ofereceu ocasião para retomar e aprofundar vários aspectos da pessoa do “Padrinho”, de sua atuação pastoral e social, bem como da continuidade e dos desdobramentos históricos de seu legado.

Na Diocese de Crato, a comemoração teve caráter celebrativo e pastoral. O opúsculo por ela produzido, intitulado *Encontros em preparação das festividades de 150 anos de ordenação do Padre Cícero Romão Batista*,¹ nos onze roteiros propostos para encontros orantes de grupos, destaca as virtudes do Padre Cícero, evidencia sua atualidade e sintonia com o caminho da Igreja e suas opções pastorais e missionárias. É importante que a prática católica de todos os que foram formados na “escola” do Padre Cícero seja continuamente alimentada com a Palavra de Deus, em comunhão com o caminhar eclesial.

A “devoção” ao *Padim* não tem sido e não pode se tornar autorreferencial. Para o devoto, não é a exaltação da figura dele que importa, mas a vivência da fé católica por ele ensinada com vigor que já atravessa quinze décadas. Importam, acima de tudo, a Palavra de Deus, a celebração dos sacramentos, a devoção ao Sagrado Coração e à Nossa Senhora, a fraternidade cristã, a solidariedade com os

* Membro da Comissão Teológica Internacional e professor no Departamento de Teologia da PUC-Rio.

sofredores e a cidadania comprometida. Não apenas as numerosas romarias de incontáveis peregrinos, mas os nordestinos e seus descendentes, espalhados por todo o Brasil, guardam viva e transmitem, com a memória daquele que consideram um homem de Deus, a fé católica, robusta e resistente a desgastes relativistas e a propostas de um cristianismo negociado em vista de prosperidade econômica e de consolo tão pouco verdadeiro quanto aparentemente fácil. Tudo isso entra no âmbito da ação evangelizadora e do cuidado pastoral.

Mas também a academia, com procedimentos metodologicamente científicos, por meio da pesquisa rigorosa e da comunicação do saber, tem algo a fazer em torno da figura e do legado do Padre Cícero. Por isso, à Diocese de Crato uniram-se a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e o Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), para a realização do Simpósio “Um padre e sua fé: Cícero, história e legado” (6 e 7 de outubro de 2020).²

O estudo do catolicismo brasileiro, sua história e perspectivas não tem como ser feito sem atenção a essa figura. Ela é fato incontornável e tem desdobramentos decisivos. É necessário que ao primeiro Simpósio Acadêmico sigam outros estudos, também de caráter teológico. Os aspectos históricos, sociais e políticos relacionados à “questão Padre Cícero” têm recebido atenção de diversos pesquisadores. É preciso que na Teologia, de modo pertinente a essa ciência, também sejam estudadas as questões relevantes para a atualidade e para o futuro do legado de fé do Padre Cícero. De dados objetivos, interpretados também teologicamente, na justa perspectiva histórica, espera-se que dificuldades institucionais ainda existentes possam ser dissolvidas. Como se expressa o Secretário de Estado de Sua Santidade, Cardeal Pietro Parolin, em carta-mensagem de 20 de outubro de 2015, enviada a Dom Fernando Panico, então Bispo de Crato:

não é intenção de esta mensagem pronunciar-se sobre questões históricas, canônicas ou éticas do passado. Pela distância do tempo e complexidade do material disponível, elas continuam a ser objeto de estudo e de análise, como atesta a multiplicidade de publicações a respeito, com interpretações as mais variadas e diversificadas. Mas sempre é possível, com a distância do tempo e o evoluir das diversas circunstâncias, reavaliar e apreciar as várias dimensões que marcaram a ação do Padre Cícero como sacerdote e, deixando à margem os pontos mais controversos, por em evidência aspectos positivos de sua vida e figura, tal como é atualmente interpretada pelos fiéis.³

É em vista dessa reavaliação que se espera da Teologia sua específica contribuição. A presente publicação quer ser, simultaneamente, referencial e estímulo para os estudos que, muito se espera, se seguirão.

NOTAS

¹ Ver em <https://cdn.diocesedecrato.org/wp-content/uploads/2020/06/Subs%C3%A0-Ddio-150-anos-de-Ordena%C3%A7%C3%A3o-Sacerdotal-do-Padre-C%C3%ADcero-Rom%C3%A3o-1.pdf>. Acesso em 10 jan. 2021.

² Ver em <http://www.teo.puc-rio.br/eventos/graduacao-eventos/>. Acesso em 10 de jan. 2021.

³ Trecho da carta-mensagem “Sobre a reconciliação histórica da Igreja Católica com a memória do Padre Cícero Romão Batista”, divulgada em entrevista coletiva pelo Bispo de Crato, publicada dia 22 de dezembro de 2015 pelo jornal O Povo. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2015/12/19/noticiasjornal-dom,3551542/padre-cicero-reconciliacao-nao-transforma-a-historia.shtml>. Acesso em 10 de jan. 2021.

Introdução

*Waldecir Gonzaga**

A pessoa e o ministério do Pe. Cícero Romão Batista (24/03/1844 – 20/07/1934, “o Patriarca do Nordeste”) têm sido objeto de muitos estudos. Livros, artigos, cantigas, cordéis etc. já foram escritos e continuam atraindo cada vez mais interessados em todo o fenômeno que o envolveu e em seus desdobramentos. De fato, trata-se de uma figura emblemática e que tem atraído a atenção de muitos estudiosos. Na religiosidade e devoção populares, ele é conhecido carinhosamente como Padre Cícero, *Padim Ciço* ou simplesmente *Padim*. Ele viveu e conviveu em tempos de grandes personagens do Nordeste brasileiro, mais especificamente no Ceará, como Pe. Inácio de Sousa Rolim (22/07/1800 – 16/09/1899, “o Anchieta do Nordeste”), Antônio Conselheiro (13/03/1830 – 22/09/1897, “o Peregrino do Nordeste”), Pe. Ibiapina (05/08/1806 – 19/02/1883, “o Apóstolo do Nordeste”), Lampião (04/06/1898 – 28/07/1938, “o Rei do Cangaço”) e Maria Bonita (08/03/1911 – 28/07/1938, “a Esposa de Lampião”), entre outros. Pe. Cícero realmente foi uma pessoa muito carismática, de grande prestígio e influência na vida religiosa, social

* Doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, e Pós-Doutorado pela FAJE, Belo Horizonte. Diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do grupo de pesquisa junto ao CNPq: Análise Retórica Bíblico-Semítica. E-mail: waldecir@puc-rio.br, waldecir@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

e política do Ceará, irradiando-se para o Nordeste brasileiro. Sua figura é tão marcante na realidade brasileira que em 2001 ele foi escolhido “O Cearense do Século” e, em 2012, foi eleito um dos “100 maiores brasileiros de todos os tempos”.

Religiosamente falando, Pe. Cícero tem atraído cada dia mais a atenção de muitos devotos e da Igreja. Para o povo, tendo em vista tudo o que o Padre fez e significa, ele é tido como santo, pela vivência do Evangelho e da fé católica. Um fenômeno que tem chamado a atenção inclusive da hierarquia da Igreja Católica, que quer entender melhor a pessoa e seus desdobramentos, tudo aquilo que o cercou e ainda o cerca. As romarias e peregrinações para o túmulo, para a Basílica de Nossa Senhora das Dores e para o Horto são mais numerosas que para muitos santuários do mundo. Ali no Juazeiro do Norte-CE, a *nação romeira* chega e olha para o alto do Horto e até hoje repete: “olha lá, no alto do Horto! Ele está vivo, o Padre não está morto”. Ali também o *povo romeiro* renova suas esperanças e confiança de que Pe. Cícero continua cuidando dele, pois foi o que Deus pediu ao grande “Patriarca do Nordeste”: “e quanto a ti, Cícero, toma conta desta gente”, coisa que ele soube fazer com maestria e carinho de pai, assumindo isso como sua missão cotidiana, sobremaneira na promoção humana de homens e mulheres, defendendo e promovendo especialmente a vida dos mais pobres e vulneráveis de sua época e região.

Em 2020, celebramos 150 anos da ordenação sacerdotal do Pe. Cícero. Esse fato ofereceu ocasião não apenas para se celebrar religiosamente, mas também para se retomar e aprofundar vários aspectos da pessoa e atuação do padre, de fatos do passado e dos desdobramentos do legado do “Patriarca do Nordeste”, sobremaneira academicamente. Por isso, na intenção de melhor se conhecer a figura e ações do Pe. Cícero, o Departamento de Teologia da PUC-Rio, em parceria com a Arquidiocese do Rio de Janeiro e a Diocese de Crato-CE, realizou um Simpósio Acadêmico nos dias 6 e 7/10/2020, a

partir da temática “Padre Cícero Romão Batista. Um padre e sua fé: Cícero, história e legado”. Ele devia acontecer presencialmente, nas dependências da própria Universidade, nos dias 30 e 31/03/2020. Devido à pandemia do novo coronavírus (Covid-19), que tem marcado o ritmo de muitas de nossas ações, ele foi transferido para o segundo semestre com a esperança de que fosse possível realizá-lo sempre de maneira presencial. A pandemia foi se agigantando e ceifando vidas, o isolamento social foi sendo ainda mais necessário, aguardado que os estudos avançassem e vacinas fossem descobertas. Diante disso, a opção foi realizar o Simpósio no formato digital, empregando a plataforma Zoom, conservando os conferencistas e abrindo espaço para comunicações, o que se apresentou com uma agradável surpresa pelo interesse e sucesso do evento, com suas excelentes colaborações em todos os sentidos.

Agora, queremos oferecer os resultados do mesmo no formato de livro impresso e de um *e-book*, que poderá ser acessado por todos gratuitamente, podendo, com isso, atingir um público muito maior. Ele traz textos de falas de abertura e encerramento, de conferências e de comunicações. Aliás, a estrutura da obra segue esta sequência para se facilitar a leitura dos textos. Por isso, inicialmente, a obra oferece os textos das duas falas de Dom Orani João Tempesta O.Cist., Cardeal Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro e Grão Chanceler da PUC-Rio: abertura e encerramento. Em seguida, temos o texto da fala inicial de Dom Gilberto Pastana de Oliveira, Bispo diocesano de Crato-CE: “Olha lá, no alto do Horto! Ele tá vivo, o Padre não tá morto”. Concluindo esta série de falas da mesa de abertura, temos o texto do Pe. Cicero José da Silva, reitor do Santuário Nossa Senhora das Dores, Juazeiro do Norte-CE. “A minha defesa quem fará é a própria Igreja”. Na mesa de abertura também estivemos presentes, o Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ, magnífico reitor da PUC-Rio, e eu, Pe. Waldecir Gonzaga, diretor do Departamento e Faculdade Eclesiástica

de Teologia da PUC-Rio, que escrevo a “Introdução” desta obra.

A primeira série de colaborações apresenta textos de conferências. Elas tiveram como objetivo revisitar a figura, a pessoa e o agir pastoral do Pe. Cícero, em seu fenômeno e fatos históricos que o envolveram. Foram colocações que nos ajudaram e muito a rever um pouco da história e da religiosidade que existe ao redor desta figura tão controversa.

A primeira colaboração nós a temos com a reflexão de Paulo Fernando Carneiro de Andrade, que nos oferece uma rica explanação acerca do tema “Padre Cícero e o contexto histórico e eclesial de seu tempo”, trazendo dados históricos que abarcam sua vida e ministério: nascimento, vocação, formação, ordenação sacerdotal, influência de personagens da época, atuação pastoral e desafios enfrentados pelo sacerdote, bem como a defesa dos mais pobres e vulneráveis de sua época. Apresenta igualmente a realidade da Igreja no contexto de então: em Roma, na América Latina, no Brasil e, especialmente, no Nordeste brasileiro. Chama a atenção para o fato de que nos planos político, econômico e religioso é preciso ter presente os efeitos do sistema do Padroado e da própria Revolução Francesa, desde o final do século XVIII até o início do século XX. Temos as grandes figuras religiosas contemporâneas do Pe. Cícero, como Antônio Conselheiro e Pe. Ibiapina, um leigo e um padre, que muito influenciaram a sua formação e a sua atuação como sacerdote e homem do povo. Destaca ainda o contato com beatas da Comunidade de Juazeiro, que moravam com o Padre, especialmente a Beata Maria de Araújo, a qual teve o fenômeno da hóstia consagrada que teria se transformado em sangue em sua boca. Aborda a ida do Pe. Cícero a Roma, sua obediência ao Bispo e à Igreja diante do suposto milagre e da suspensão do uso de ordens. Enfim, o autor nos ajuda a ver em Pe. Cícero um pastor que “buscou sempre o bem do povo e da Igreja, segundo seu entendimento e sua consciência”.

A segunda colaboração nós a temos a partir do texto de Carlos Alberto Steil, que nos oferece uma reflexão sobre a temática “Desafios da reconciliação entre tradição e modernidade na ação pastoral e política do Padre Cícero Romão Batista”, na qual ele apresenta uma análise de alguns eventos da vida do Pe. Cícero a partir da chave da reconciliação, do sacerdote e do político, que “mobilizou fortes paixões e conflitos no seu tempo, com repercussões até os dias de hoje”. O autor recorda que não se tratam de fatos isolados e sim pertencentes a todo um contexto histórico de então, que precisa ser levado em consideração para melhor se procurar entender a figura, os fatos e o legado do Pe. Cícero. Para tanto, o autor afirma que sua reflexão leva em consideração o trabalho realizado pela “Comissão de Reabilitação Histórica do Padre Cícero” e pelas ações do Vaticano, que culminaram na carta de “reconciliação histórica da Igreja com o Padre Cícero” (2015). Ele aborda a temática a partir de vários tópicos, a saber: a reconciliação à luz da Teologia Bíblica; a reconciliação à luz da Filosofia Política de Hannah Arendt; a modernização liberal e a romanização: dois projetos na contramão da reconciliação; a reconciliação com os pobres do sertão; os intelectuais e a reconciliação. Conclui afirmando que precisamos ver “a ação do Padre Cícero como mediador entre o sertão e o litoral, entre os pobres e as elites nacionais, entre a cultura popular e a modernidade adveniente, entre o catolicismo tradicional e o movimento reformador”.

Como terceira colaboração, temos o texto de Francilaide Queiroz Ronsi, que traz uma bela reflexão sobre o tema “Facetas de uma ‘santidade pecadora no sertão’ nordestino”. A autora, tendo em vista que não é tarefa fácil entrar na seara do Pe. Cícero, tira as sandálias, pois trata-se de caminhar por um solo santo. Mais ainda, reconhecendo que “são muitas, e controversas, as informações que se têm sobre a sua vida e o seu ministério”, ela prefere trilhar o caminho de um estudo a partir do ministério pastoral do Pe. Cícero, “como um caminho

para nos aproximarmos de quem ele foi e quem continua sendo para a devoção popular”. Seu ponto de partida é o local do nascimento do Pe. Cícero, o Vale do Cariri, região na qual temos as pessoas que, ao longo de sua vida, contribuíram para a formação humano-religiosa, que muito influenciou o modo de ser e de agir dele, como ser humano e como sacerdote. A autora recorda, especialmente, que desde a sua família com o carinho e a atenção de sua mãe, dona Quinô, seus professores, em especial o Pe. Inácio Rolim, o Pe. Ibiapina, São Francisco de Sales, o mestre do amor, seu mistagogo, até a sua entrada no Seminário da Prainha, onde se aproximou da rigidez da romanização da Igreja que estava acontecendo no Brasil, a figura do sacerdote foi sendo moldada aos poucos para se chegar à envergadura que atingiu no final de sua vida. Após sua introdução, ela trata de três temas: 1) Vale do Cariri, onde Cícero nasceu e viveu, com quatro subdivisões (as influências na vida de Pe. Cícero; Pe. Ibiapina; Francisco de Sales, o mestre do amor; no seminário, os lazaristas); 2) Pe. Cícero, de volta ao Crato, com duas subdivisões (o início da noite escura para o Pe. Cícero e um ministério dedicado aos pobres); 3) Santo, o padrinho dos pobres. Em suas conclusões, a autora afirma que “o testemunho de Pe. Cícero nos lembra que a vida deve ser uma missão, que no seu ordinário o desejo de Deus deve se realizar, que a ação da Igreja deve estar comprometida com a caridade e que a evangelização deve ser capaz de compreender o ser humano a partir de todas as suas dimensões: religiosa, física, emocional e sociopolítica”.

Como quarta colaboração, temos a reflexão apaixonada e apaixonante da Irmã Annette Dumolin, intitulada: “É inegável que Padre Cícero viveu uma fé simples em sintonia com o seu povo: olhar abrangente sobre a vida e a missão de Padre Cícero”. A autora é belga de nascimento, crescimento e formação. Migrou-se para o Ceará e se tornou uma apaixonada pela causa da *nação romeira*, do povo do Nordeste brasileiro, pelo Ceará e pelo Brasil. Sua fala e seu texto

nascem a partir de uma afirmação do Cardeal Pietro Parolin, atual Secretário de Estado do Vaticano, extraída de uma carta- mensagem que ele enviou a Dom Fernando Panico, então Bispo diocesano do Crato, em dezembro de 2015. Aliás, esta frase lhe foi tão marcante que ela a escolheu como título para sua fala e para seu texto, que agora publicamos nesta obra. Desde que chegou ao Juazeiro, há quase cinco décadas, ela afirma que tem aprendido cada vez mais a linguagem simples do povo, a partir da convivência e do diálogo cotidiano “em sintonia com o jeito do Padre Cícero se comunicar”. Contando seis “pérolas de quem conheceu o Padrinho Cícero”, ela apresenta seis pequenas histórias de testemunhos de amor e carinho por parte das pessoas acerca do *Padim*. Todas elas regadas de muita fé e confiança na figura do Padrinho Cícero e sua santidade de vida, de sacerdote que viveu seu ministério em coerência com o Evangelho, de uma vida vivida em prol do povo do Juazeiro e de todo o Nordeste brasileiro. Em seguida, a autora trata de dois temas: a importância do estudo de “Teologia Popular” e a Teologia Popular Nordestina e a romanização. Em suas palavras conclusivas, plenas de alegria e esperanças, recordando que somos simples “vasos de argila nas mãos de Deus”, ela afirma que o início do século XXI se apresenta com uma grande abertura ao diálogo e disponibilidade para rever algumas figuras do Nordeste brasileiro, entre os quais encontram-se: Pe. Ibiapina e Pe. Cícero.

Concluída esta parte das falas e conferências, temos o texto de João Paulo de Araujo Gomes, intitulado “Cícero: um caminho de reconciliação”, no qual o autor recorda que o conjunto dos episódios ocorridos no final do século XIX, que envolvem a pessoa do Pe. Cícero, “é um dos temas mais debatidos e delicados na historiografia eclesial brasileira”. Ele afirma que qualquer pesquisador que se aventure a mergulhar neste vasto oceano não conseguiria ficar indiferente e insensível aos fatos e acontecimentos que envolvem os

cenários social, político, econômico e religioso que o cercam. Pelo contrário, neste tema “paixões se digladiam, opiniões se contrapõem e posições divergem”, pois tudo é muito complexo. O autor nos recorda que este tema “constitui um verdadeiro desafio para a pesquisa histórica e para a memória da Igreja do Brasil”. Seu convite é para que todos se abram ao diálogo e à busca de possíveis saídas. Afirma que “reconciliação é transformar feridas em cicatrizes”. Aqui está o caminho a ser trilhado neste lindo processo de releitura histórico-eclesial em torno à figura do Pe. Cícero. Não se trata de buscar culpados e vítimas, de continuar aumentando ainda mais uma ferida que precisa ser estancada em prol do bem de todas as partes envolvidas e da Igreja como um todo. Enfim, convida-nos a realizar um mergulho no contexto histórico da época, sem a pretensão de “encontrar a verdade objetiva, infalível e inquestionável”, e sim com espírito de abertura e capacidade de dialogar com a história e seus protagonistas, buscando sempre a reconciliação. Para o autor, após este passo é que será possível entrar na seara de um dos debates que mais apaixona os seguidores e opositores do Pe. Cícero: averiguar se ele é ou não santo. Ou seja, este é o derradeiro passo e não o primeiro a ser dado no caminho de reconciliação a ser trilhado.

Como segunda série de colaborações, temos textos de comunicações realizadas em um dos três eixos: 1) Pe. Cícero e a espiritualidade; 2) Pe. Cícero e os pobres; 3) Pe. Cícero e a ecologia. Vale a pena registrar que o interesse maior foi pelo primeiro eixo: Pe. Cícero e a espiritualidade. Isso já indica que o povo o vê como um homem que alimenta a vida espiritual e a fé.

Artur Peregrino traz a temática “À sombra do Juazeiro: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)”, buscando identificar os romeiros como “protagonistas de uma liturgia própria”. Aborda a evolução nos meios de transporte que os romeiros vêm adotando, ao que ele chama de “a

modernização do transporte ‘caminhão pau de arara’ para ônibus”. Segundo o autor, “foi ‘como se perdesse uma entidade do Juazeiro’, porque ele promovia um ambiente de mística solidária e correspondia às condições financeiras dos mais pobres”. Para ele, o protagonismo dos romeiros também “foi atingido pelo processo de clericalização das romarias, que coincide com o movimento em torno da eventual reabilitação do Padre Cícero Romão, contrapondo a religião do Templo à religiosidade da Estrada”. O movimento ao redor do Juazeiro tem se demonstrado como parte de um grande movimento daquilo que o autor chama de o “Cristianismo Místico Beato”, com grandes figuras presentes no Nordeste brasileiro, que realizam um movimento de mudanças e transformações sociais, que tem como marca a inclusão do pobre e a comunhão solidária. Suas palavras-chave (religiosidade popular, romaria e sociabilidade, resistência cultural, análise do discurso) nos ajudam a entender o valor de seu texto, que aborda os temas: 1) Juazeiro, Pe. Cícero Romão e as romarias na Literatura; 2) do povo Cariri ao povo romeiro; 3) à sombra do Juazeiro: uma trama que não se fecha.

Francisco Airton Bastos Silva Filho apresenta o tema “Análise da corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte a partir de uma espontaneidade própria nos espaços e sua espacialidade”. As palavras-chave indicadas pelo autor (romeiro, corporalidade, espontaneidade, corpo, espacialidade) já indicam em que universo navegamos e a riqueza de sua contribuição. Ele apresenta os resultados de uma “análise etnográfica da corporalidade de um grupo de oito romeiros alagoanos, em ritual de peregrinação e visita ao túmulo de Pe. Cícero Romão Batista, em Juazeiro do Norte, Ceará”. Seu escopo foi fazer esta análise a partir de uma vasta bibliografia e da pesquisa de campo ao redor do “fenômeno da romaria de morte do sacerdote e ‘Padrinho’”, posto que isso revela “uma espontaneidade muito singular do romeiro”, analisando o comportamento do romeiro, a partir

do agir deste grupo. Embora seu foco tenha se dado no grupo dos oito romeiros, sua intenção foi a de compreender o comportamento do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte, visto ser um dos estados que mais tem romeiros do “Padrinho”. Ele quis entender a “corporeidade presente no andar, olhar, tocar e ser do romeiro, que se faz respeitar dentro de uma relação alterizada entre catolicismo popular e catolicismo oficial”. Segundo o autor, “é na espontaneidade dos corpos dos romeiros que se percebe a comunalidade, que se mantém e alimenta as romarias de Juazeiro do Norte”. Enfim, ele nos convida a olhar o fenômeno do Juazeiro do Norte a partir da “perspectiva romeira”, que tem no Juazeiro do Norte um centro de peregrinação diferente dos outros por vários motivos, o que tem alimentado, quantitativamente e qualitativamente, as romarias ao redor do “Padrinho”.

Girlene Florêncio de Souza e Maria Aletheia Stedile Belizário trabalham o tema “Padre Cícero: um legado de fé e devoção”. As palavras-chave apresentadas pelas autoras (Padre Cícero, fé, romeiros, Juazeiro) delineiam os rumos do texto que temos em mãos, o qual “busca analisar a espiritualidade do Padre Cícero Romão Batista ao longo de sua vida até as manifestações que surgiram em Juazeiro do Norte-CE, após sua morte (...) cidade que se destaca pelas várias manifestações de fé e espiritualidade”. Os tópicos trabalhados pelas autoras são: 1) a religião inserida nos estudos geográficos, com dois subtópicos: Pe. Cícero e os primórdios em Juazeiro, e o milagre da hóstia; 2) detalhando a pesquisa e conhecendo a área de estudo; 3) a capital da fé e vivenciando as romarias. A fim de se atingir seu objetivo, elas realizam levantamento bibliográfico e análise do comportamento dos romeiros. Como a temática envolve uma análise da pessoa do Padrinho, elas procuram trabalhar a questão da devoção e do legado deixado aos romeiros ao redor da pessoa e atuação do Pe. Cícero. Mas grande interesse também respousa sobre a Geografia da Religião, seja da cidade do Juazeiro do Norte, seja do Vale do Cariri.

João Everton da Cruz aborda a temática “Padre Cícero: uma referência de conselheiro no catolicismo popular sertanejo”, focando na atuação do Pe. Cícero “como conselheiro no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro”, com forte atuação no final do século XIX e início do XX, como o sacerdote que “superou a vida mística e espiritual e se plantou no chão das realidades sociopolíticas da região do Vale do Cariri, no Ceará”. Os itens trabalhados pelo autor revelam o valor da colaboração de seu texto, a saber: 1) o contexto em que viveu Pe. Cícero Romão Batista (1844-1934), quem ele é e o lugar onde surgiu a devoção; 2) a figura do conselheiro no catolicismo sertanejo popular e no catolicismo romanizado ou oficial; 3) Pe. Cícero como conselheiro e a memória dos ecologistas.

Segundo o autor, a questão do catolicismo popular, fortemente sertanejo, está muito marcada por “antigas tradições conselheiristas”, algo que faz parte da “história cultural do Nordeste”. A fim de auxiliar em sua análise, o autor se serve da Sociologia, para melhor entender a vida do povo sofrido e pobre do sertão nordestino, que sofre pela exclusão social, escassez de água, perda da terra, sobretudo com os efeitos da “Lei das Terras de 1850”. O autor afirma que a proibição (de 05/08/1892) imposta ao Pe. Cícero para que não exercesse suas atividades sacerdotais fez com que ele seguisse os passos do Pe. Ibiapina, “exercendo o papel de conselheiro”. Suspenso do uso de ordens, o Pe. Cícero permanece em Juazeiro do Norte, sua cidade, e é para lá que os romeiros se dirigem para serem aconselhados pelo Padrinho, com a mesma frequência de quando o padre exercia seu ministério presbiteral frente à paróquia. Para lá, os sertanejos levavam seus filhos e os entregavam ao Pe. Cícero como afilhados. Já que o sacerdote estava impedido de os batizar como padre, o povo os entregava para ser seu padrinho. O Padrinho incentivava o povo para que preservasse o meio ambiente em vista da sobrevivência de todos. Isso tudo nós percebemos nas palavras-chave indicadas pelo autor

(Padre Cícero, catolicismo popular, conselheiro, sertão).

José Carlos dos Santos trabalha o tema “Os caminhos dos romeiros do Padre Cícero nas estradas do Nordeste”. As palavras-chave para ler o texto do autor (romeiros, pastoral de romaria, subjetividade, meios de transporte) nos indicam a dimensão e os rumos de sua reflexão, voltada numa análise e apresentação da “experiência religiosa dos devotos do Padre Cícero no tocante a utilização dos meios de transporte para realizarem a sua peregrinação a Juazeiro do Norte”, tendo presente que os romeiros usavam “o tradicional caminhão pau de arara”. Tendo em vista o progresso, o avanço dos meios de transportes e, sobretudo, as novas legislações e os procedimentos de controle de transporte em geral, os veículos dos romeiros também foram atingidos. Segundo o autor, muitos problemas surgiram a partir de “determinados comportamentos dos agentes fiscalizadores que apontaram para atitudes de maus tratos, humilhações, perseguições e atos de intolerância religiosa, sofridos pelos romeiros”. Isso só tem sido minorado frente à atuação da Comissão de Pastoral de Romaria, que tem assumido cada vez mais um importante papel na “defesa e proteção aos peregrinos que visitam a terra do Pe. Cícero”, em conjunto com diversos atores sociais que têm trabalhado em parceria na defesa, “respeito e valorização da pessoa do romeiro e de as suas práticas religiosas coletivas”. Essa prática, no conjunto da defesa do romeiro, tem ajudado a compreender “o significado da multidimensionalidade da romaria e possibilitado a incursão nos domínios da subjetividade do próprio devoto que busca vivenciar a sua fé no espaço sagrado do Juazeiro”. Neste sentido, o autor foca alguns pontos importantes, como: os romeiros de Pe. Cícero e a luta pelos meios de transporte, a experiência romeira nas estradas do Nordeste e a romaria de finados 2015: tensão, conflitos e incertezas.

Rafael Dorgival Alves Fonsêca Neto traz um texto como tema “O profetismo na vida e no legado do Padre Cícero Romão”. Faz

uma abordagem acerca do tema do profetismo na vida do Pe. Cícero em consonância com o profetismo bíblico. Isso se verifica já nos tópicos por ele abordados: o profetismo na vida e no legado do Pe. Cícero Romão; o profetismo no Antigo Israel; Jesus, o modelo de profeta para os cristãos; Pe. Cícero: o profeta cearense. Mas também se evidencia nas palavras-chave (profetas, anúncio, testemunho, vocação profética) que nos orientam na leitura do texto. O autor parte da ideia de que o profeta é aquele que fala em nome de Deus, anuncia a mensagem divina, pratica-a em primeira pessoa e tem consciência de ser seu mensageiro. Dito isso e tendo a base do Antigo Testamento e do Novo Testamento, recorda que os batizados também são chamados a serem profetas nos tempos atuais, ajudando a transformar o mundo, para que o mesmo seja sinal e antecipação do Reino de Deus. Para tanto, como paradigma, ele trabalha a dimensão profética na vida e atuação do Pe. Cícero, como alguém que “viveu e marcou o espaço cearense com o seu testemunho de fé e vida (...) em comunhão com uma grande nação de pessoas que ainda hoje é detentora do seu legado, realizando aquilo que ele ensinou e pregou”.

Todos aqueles que entrarem em contato com esta obra não terão apenas um texto a mais sobre o Pe. Cícero e sua fé, sua história e seu legado, mas uma importante obra gestada num Simpósio Acadêmico, realizado na PUC-Rio, fruto da colaboração de várias cabeças, corações e mãos de acadêmicos e de devotos. Esta é uma obra que vem agregar ainda mais no intento de rever um pouco do fenômeno ao redor da pessoa e do legado desse sacerdote que marcou profundamente, social e eclesialmente, a história do Ceará, do Nordeste e do Brasil. Aliás, o estudo sobre o catolicismo brasileiro, a fé do sertanejo e do romeiro, é algo que tem atraído cada vez mais o interesse de estudiosos e pesquisadores. E se tem alguém que merece uma singular atenção neste sentido é o Pe. Cícero Romão Batista. Enfim, esta é uma obra que, a partir de cada texto, precisa ser lida com os olhos

de alguém que deseja ajudar em todo o processo de revisão histórica da pessoa e atuação do Pe. Cícero. Oxalá esta obra produza novas reflexões neste campo tão carinhoso que é o lugar do Pe. Cícero no coração do nordestino, do romeiro e de todo brasileiro. Ou seja, no coração de Deus, da Igreja e do mundo.

Acolhida

*Orani João Tempesta, O. Cist.**

É com alegria que me dirijo a todos os participantes deste Simpósio, promovido pelo Departamento de Teologia da PUC-Rio, juntamente com a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e a Diocese de Crato-CE. Com este evento, comemoramos o sesquicentenário (150 anos) de ordenação sacerdotal do Pe. Cícero Romão Batista.

Desejo cumprimentar aqueles que estão conosco nesta mesa de abertura:

– nosso estimado irmão no episcopado, D. Gilberto Pastana de Oliveira, Bispo de Crato, Diocese à qual pertence a terra de Pe. Cícero, Juazeiro do Norte;

– o pároco e reitor da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, Padre Cícero José da Silva;

– o diretor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, e coordenador deste Simpósio, Pe. Waldecir Gonzaga, a quem peço a gentileza de transmitir minhas saudações ao reitor magnífico Pe. Josafá.

Este evento, sem dúvida também comemora os 80 anos da fundação de nossa Pontifícia Universidade Católica pelo meu antecessor, o Cardeal Leme.

* Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro e Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Caríssimos decanos, professores, alunos, padres, seminaristas,
Recebam todos a nossa saudação de boas-vindas a esta sala virtual que, nestes dois dias, será o nosso ponto de encontro e de partilha deste Seminário.

O isolamento social determinado pela pandemia é uma situação nova e diferente, que um ano atrás não imaginávamos pudesse acontecer, mas que tornou ainda mais democrático este momento. Mesmo tendo mudada a data da realização anteriormente prevista, neste momento temos muito mais participantes e de tantas partes do Brasil justamente por estar ocorrendo via plataforma online. Esse novo jeito que não nos impede de compartilharmos o vivo interesse por esse personagem tão importante para a religiosidade popular, e consequentemente para a Igreja no Brasil, o “Patriarca do Nordeste”, título com o qual D. Gilberto Pastana se refere ao Pe. Cícero (site da Diocese de Crato).¹

Falar sobre a pessoa e a mensagem do Pe. Cícero tem um grande significado eclesial. A temática deste Simpósio é mais uma novidade que vivenciamos neste momento, que se configura muito positiva para nós aqui da PUC-Rio, como uma experiência cheia de criatividade.

Aqui em nossa cidade, temos uma grande parcela de povo nordestino e seus descendentes. Nesse sentido, lembro com muito carinho de um dos idealizadores deste momento, o Pe. Marcos Vinício Miranda, falecido neste ano, que inclusive fez em sua paróquia de Rio das Pedras um monumento ao Pe. Cícero, que estava prevista para ser inaugurada no evento. O seu entusiasmo pela cultura nordestina o fez colocar, na igreja, uma via sacra especial inspirada em temas do Nordeste. Inclusive, estava previsto para falar sobre isso neste simpósio. Ele recebe nossa homenagem e nossas orações. Tenho certeza de que também Mons. Devellard, grande entusiasta da cultura e que foi professor na Universidade, estaria comemorando este momento também. Por ele rezamos.

Jesus nos ensina no Evangelho que o Espírito sopra onde quer (Jo 3,8). Vemos na Igreja, mãe e mestra atenta a esse sopro, manifestar-se incessantemente o *sensus fidelium*, cumprindo-se entre nós aquilo que a Constituição *Lumen Gentium* afirma:

a totalidade dos fiéis, que possuem a unção que vem do Espírito Santo (1Jo 2,20.27), não pode enganar-se na fé e manifesta esta sua propriedade característica através do sentido sobrenatural da fé do povo todo, quando este, desde os Bispos até ao último dos fiéis leigos, exprime o seu consenso universal em matéria de fé e costumes. Graças a este sentido da fé, que tem a sua origem e o seu alimento no Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a orientação do sagrado magistério e na fiel obediência ao mesmo, recebe, não uma palavra humana, mas a palavra de Deus (1Ts 2,13), adere indefectivelmente à fé, transmitida aos santos duma vez para sempre (Jd 3), penetra-a mais profunda e convenientemente, e transpõe-na para a vida com maior intensidade.²

Nesse sentido, as multidões que acorrem a Juazeiro do Norte corroboram com este momento acadêmico que vivemos, aprofundando esse fenômeno do qual o povo de Deus não tem dúvida da grande missão do “Padim Ciço”.

O Cardeal Joseph Ratzinger, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, teve a sensibilidade de perceber esse sopro do Espírito, que anima os milhões de romeiros que vão anualmente a Juazeiro do Norte, em devoção ao Padre Cícero Romão Batista. Em 2001, Sua Eminência solicitou um estudo sobre o Pe. Cícero e coube a D. Fernando Panico, que era Bispo de Crato, apresentar o Processo de Reabilitação do Pe. Cícero à Congregação para a Doutrina da Fé, em 2006.

Finalmente, em 2015, por ocasião do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, a Carta da Reconciliação foi enviada pelo Papa Francisco à Diocese de Crato com as conclusões. D. Gilberto Pastana, ao

assumir a Diocese de Crato, logo se empenhou em continuar a missão de aprofundar o fenômeno de Juazeiro. O nosso irmão, que nos dá a honra de sua presença conosco, conhece muito melhor do que eu essa bela história, pois a vivenciou concretamente e poderá nos falar sobre ela com toda a emoção de um coração agradecido a Deus pela obra que realizou em sua Diocese, certamente por intercessão do próprio Pe. Cícero.

Acredito que este Simpósio, que agora se inicia, é uma ressonância desse sopro do Espírito, que agiu para que uma parcela tão grande do nosso povo, sobretudo no Nordeste, pudesse encontrar na Igreja a acolhida à sua devoção ao Pe. Cícero, na qual encontra forças para prosseguir na caminhada, frequentemente muito árdua. Espero que, além dos textos que foram elaborados, consigamos chegar a concretas conclusões e realizações.

Essa é a unidade que o Espírito promove pois, conforme afirma o Papa Francisco na sua recém-lançada Encíclica *Fratelli Tutti*, “a unidade dentro da Igreja se enriquece com diferenças que se reconciliam pela ação do Espírito Santo”.³ Acredito que o nosso Simpósio possa motivar esse dinamismo, vivido ao interno da Igreja para então levá-lo ao mundo, através de um testemunho autêntico e de uma atuação coerente no contexto em que vivemos, tão carente de unidade e de relações fraternas.

Trata-se de uma “progressiva abertura do amor”, da qual o Papa Francisco também nos fala na nova Encíclica:

o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8).⁴

Concluindo esta breve abertura convidando a todos para que, à luz da vida e da obra do Pe. Cícero, levem a experiência deste Simpósio mais adiante, multiplicando a “progressiva abertura do amor”, como consequência de uma fé professada em palavras e ações.

Agradeço pela atenção e desejo a todos uma proveitosa participação no evento.

Minha saudação ao Pe. Waldecir, diretor do Departamento de Teologia que esteve à frente deste evento ontem e hoje. Infelizmente não pude usufruir de tão profundos temas que foram desenvolvidos, mas escutei belas repercussões.

Minha saudação a toda a direção da PUC-Rio, aos professores e alunos assim como a todos os padres, seminaristas e interessados no assunto que participam via online de todos os recantos do Brasil.

D. Antônio Muniz, Arcebispo de Maceió, minha saudação! Agradeço sua belíssima apresentação a mim feita do Padre Ibiapina há tantos anos, quando estavas como bispo em Guarabira. Saudação ao Bispo de Crato, D. Gilberto, grande incentivador deste evento que desejo que tenha muitas e especiais repercussões. Ao Pe. Cícero José, reitor do Santuário em Juazeiro do Norte que por tantas vezes ali me recebeu, assim como tantas pessoas que fazem parte dessa experiência tão importante do Nordeste brasileiro.

Pe. Ibiapina, Pe. Cícero, Frei Damiano são sinais de um povo piedoso e corajoso muito bem descrito por Euclides da Cunha em seu livro *Os sertões*, grande parte escrito em minha cidade natal, São José do Rio Pardo.

A vida e obra do Pe. Cícero na questão civil do povo da região do Cariri é inegável, porém, a sua obediência à Igreja em momento de tantas dificuldades pelas quais passou é também comovente.

Estamos diante de um grande homem que viveu plenamente o seu tempo e soube servir ao povo com generosidade e disponibilidade ao mesmo tempo em que soube obedecer à Igreja, mesmo com suas convicções sobre o fato que tudo ocasionou.

Os meus votos que este simpósio produza muitos frutos concretos na caminhada da Diocese de Crato com relação ao trabalho que faz sobre o Pe. Cícero. O *sensus fidelium* já está claro. Cabe a nós academia aprofundar o assunto e colocar os embasamentos daquilo que o povo já vive. Tenho certeza de que isso será um grande ganho para a Igreja do Brasil. Que os escritos e reflexões deste simpósio produzam seus efeitos no decorrer dos tempos e aprofunde ainda mais esse fenômeno do Cariri.

Agradeço a todos os expositores e a todos os participantes. Deus os abençoe.

NOTAS

¹ <https://diocesedecrato.org/>

² PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. *Vatican*. Vaticano, 21 nov. 1964, n. 12. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 23 mar. 2021.

³ FRANCISCO, Papa. Encíclica *Fratelli Tutti*. *Vatican*. Vaticano, 3 de out. 2020, n. 280. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em 23 mar. 2021.

⁴ FRANCISCO, Papa. Encíclica *Fratelli Tutti*. *Vatican*. Vaticano, 3 de out. 2020, n. 95. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em 23 mar. 2021.

“Olha lá, no alto do Horto! Ele tá vivo, o Padre não tá morto”

*Gilberto Pastana**

Vossa Eminência, Cardeal Orani Tempesta, Reverendos Padres Josafá, Cícero e Waldecir, senhores e senhoras que participam, por esta plataforma digital, deste simpósio sobre o Pe. Cícero Romão Batista: “Um padre e sua fé: Cícero, história e legado”.

Na conhecida música cantada pelos romeiros, que enchem as ruas do Juazeiro do Norte, se diz que basta olhar para o alto do Horto para sentir que o Padre Cícero “*está vivo*” e ainda reforça: “*Padre não tá morto*”. Padre Cícero permanece vivo na memória, na devoção, no carinho dos romeiros; está vivo também quando se torna tema de importantes encontros e debates acadêmicos, como este que agora iniciamos.

Quero agradecer a todos que o tornaram possível, particularmente à equipe organizadora e à PUC do Rio de Janeiro, nas pessoas de Vossa Eminência, Cardeal Orani João Tempesta, e do Reverendo Padre Waldecir Gonzaga.

Na carta destinada à Diocese do Crato, por ocasião dos 100 anos de sua criação, datada de 20 de outubro de 2015, o Secretário de Estado de Sua Santidade, o Cardeal Pietro Parolin, ao mesmo tempo em que apresentava os desafios e luzes do ministério

* Bispo de Crato.

do Padre Cícero, recordava que “é sempre possível, com a distância do tempo e o evoluir das diversas circunstâncias, reavaliar e apreciar as várias dimensões que marcaram a ação do Padre Cícero como sacerdote”.

Essas duas palavras-chave podem iluminar e servir de balizas para nossos trabalhos nestes dois dias: *apreciar* e *reavaliar*. Por *apreciação*, não se entende somente montar um elenco dos eventos históricos em ordem cronológica ou recordar episódios já repetidamente apresentados na vasta bibliografia sobre Padre Cícero, pois isso já foi feito até exaustivamente. Apreciação é muito mais. Seguindo o sulco da legítima tradição cristã, a apreciação pressupõe o exercício da contemplação e, talvez, aqui encontramos o maior de todos os desafios: os eventos do Juazeiro envolvendo Padre Cícero podem ter sido muito estudados, analisados empiricamente e até dissecados por especialistas e estudiosos que deram, sem dúvida, grande contribuição, mas precisam, além de estudados, ser contemplados. Neste sentido, o refrão da música é verdadeiro: “olha lá, no alto do Horto”. É o olhar contemplativo de quem não só vê os fatos, mas eleva-o para ler os eventos com um jeito especial.

Da contemplação, nasce a *reavaliação*. O exercício de revisitar os acontecimentos que marcaram a região do Cariri, no sertão do Ceará, faz brotar sempre novos saberes e leituras. A pesquisa histórica possui uma dinâmica sempre renovadora a partir do momento em que traz novos dados, leituras e perspectivas que ajudam a compreender os fatos. Se os episódios são sempre os mesmos, nossa leitura é dinâmica e sempre pode reavaliá-los e enriquecê-los, fornecendo melhores interpretações.

Tudo isso recorda aquela passagem do Evangelho na qual Filipe fala ter conhecido o Messias quando se encontra com Natanael. Imediatamente, brotam da boca deste último palavras que revelam todo o seu preconceito: “de Nazaré pode sair algo de bom?”.

Nas expectativas messiânicas, seria impossível que o caminho de salvação, escolhido por Deus, passasse pelas estradas empoeiradas da Galileia, uma das regiões mais pobres do Império Romano. A resposta do apóstolo Filipe é uma síntese perfeita da postura que vence todo fechamento intelectual: “vem e vê!”.

A figura de Padre Cícero, sobre a qual nos debruçamos neste evento, leva-nos à outra Galileia, aquela brasileira, o Nordeste brasileiro, grandioso em suas potencialidades, mas marcado pela realidade de desigualdade social e pobreza. Foi nesse solo da periferia do então Império, não aquele romano, mas do Brasil, que viveu Padre Cícero.

Diante dos fatos do Juazeiro, alguns podem ter questionado como Natanael: “pode de uma região pobre, sofrida, marcada por tantos problemas, sair algo de bom?”.

A resposta de Felipe permanece atual: “vem e vê!”. É seguindo esse conselho que *vimos* de todas as partes do Brasil, numerosos e diversificados, graças à facilidade da internet. E *queremos ver*, com a ajuda de tantos assessores experientes e competentes, a pessoa e a missão do Padre Cícero Romão Batista. Sua figura é extremamente complexa e polêmica. Seus estudiosos o defendem e acusam-no de modo apaixonado. Durante anos, sua pessoa tem sido estudada e sobre ela se tem produzido verdadeiras bibliotecas de estudos, livros, artigos, análises e teses universitárias. Não seria exagero dizer que Padre Cícero é um dos sacerdotes mais estudados da história do Brasil.

Talvez, diante disso, algumas perguntas possam nos suscitar: teria sentido fazer mais um evento acadêmico ligado ao estudo da pessoa do Padre Cícero? Ainda é possível seguir novas estradas para conhecer a sua personalidade? Ou será somente mais um evento para repetir verdades já ditas?

Penso que três respostas podem ser dadas a essas questões. Em primeiro lugar, a pessoa do Padre Cícero é poliédrica e, por isso, não se reduz a um conceito e a uma definição. Em torno de sua

personalidade, abre-se um verdadeiro leque de perspectivas: eclesial, política, social, econômica e tantas outras. A compreensão de sua personalidade abandona dicotomias do sacro e do profano, eclesial e social, mundo e Igreja, e nos revela como esses universos se interpenetram numa só pessoa e se misturam fazendo com que possam ser feitas diversas leituras e observações. Por isso, cada estudo é importante porque traz à luz aspectos já conhecidos, porém com uma perspectiva nova.

Em segundo lugar, mais do que uma pessoa, Padre Cícero é um verdadeiro fenômeno que envolve um movimento ao mesmo tempo religioso, político e social no Nordeste e que tem reflexos em todo território nacional. Ele torna-se, assim, 1) uma chave interpretativa privilegiada da Igreja do período; 2) da sociedade brasileira recém-saída da monarquia e que entra no período republicano; 3) pedaço importante da colcha de retalhos de tantos movimentos socioreligiosos do final do século XIX e início do século XX. Desse conhecimento, brota nossa identidade própria. Então, quando a Igreja se debruça sobre o Padre Cícero, especialmente em nossa Diocese, está tentando também entender a sua própria identidade eclesial.

E, enfim, nosso olhar se dirige ao futuro, quando a Igreja constantemente se pergunta como anunciar o Evangelho ao mundo atual e às novas gerações. Conhecer as dinâmicas e os conceitos atrelados à figura do Padrinho podem oferecer pistas válidas para a ação pastoral em nosso tempo. Ele foi um grande ouvinte dos dramas humanos que, mesmo há anos de distância, continuam atormentando as pessoas.

Para todos, ele aplicava os remédios da reconciliação e da consolação. Não se trata de repetir os mesmos remédios e os mesmos métodos a situações totalmente diferentes, mas beber desta fonte de inspirações e indicações nos caminhos que a Igreja pode trilhar no terceiro milênio.

No início deste evento, que nos levará a revisitar alguns episódios envolvendo o “Padim”, poderemos, para além das polêmicas em torno de sua pessoa, perceber como Deus foi tecendo um caminho de cuidado com o seu povo: “e quanto a ti, Cícero, toma conta desta gente”. Foi essa a máxima e a fonte inspiradora vivida pelo grande Patriarca do Nordeste.

Como não associar a cena do sonho de Cícero àquela outra cena, depois do conclave que elegeu Francisco, quando o Cardeal Claudio Humes recordou ao recém-eleito “não se esqueça dos pobres!”?

Recuperar essa longa história de fé e devoção do povo simples é realizar a escuta do pequeno e do pobre, pois o fenômeno do Juazeiro não seria tão atual se não fossem os pobres que, em primeiro lugar, foram cuidados por Cícero; e, depois, cuidaram dele, de sua memória e mantiveram viva a devoção ao seu Padrinho. A Igreja e também o mundo acadêmico tentam entender e aprender aquilo que os pobres já sabem.

Quando o Papa Francisco acentua a estrada da misericórdia, quando as diretrizes pastorais da Igreja do Brasil indicam a vivência da fé na proximidade com o outro, podemos perceber a profunda sintonia de Cícero com os anseios e com os desafios de nossa Igreja de hoje, que podem muito bem ser sintetizados na expressão: “cuidado com a pessoa”.

“Ele tá vivo, o Padre não tá morto!”

“A minha defesa quem fará é a própria Igreja”

*Cícero José da Silva**

Vossa Eminência, Cardeal Orani João Tempesta, Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom Gilberto Pastana, Reverendos Padres Josafá e Waldecir, senhoras e senhores presentes neste simpósio “Um padre e sua fé: Cícero, história e legado”, saudações e gratidão pelo evento.

Quando, em março, o governo estadual do Ceará decretou o fechamento de estabelecimentos considerados não essenciais e a suspensão de eventos e outras atividades que gerassem aglomeração de pessoas, era véspera do dia 20, tradicional missa em sufrágio da alma do Padre Cícero Romão Batista.

Diante do pequeno oratório que tenho em meu quarto, olhando para a imagem do Sagrado Coração de Jesus e do Padrinho, pedi que me ajudassem, pastoralmente, sobretudo no que diz respeito às romarias e para que a mensagem do Reino de Deus continuasse chegando às famílias.

Enquanto o fazia, veio-me à lembrança aquela mesma noite, na qual o Padre Cícero, depois de horas a confessar os fiéis, caiu em sono profundo e viu Jesus se aproximar dele, com o coração flamejante. Ali, foi revelada qual deveria ser a sua missão aqui na terra. Disse Jesus: “e tu, Cícero, toma conta deles”.

* Pároco e reitor da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, Juazeiro do Norte – Ceará, Brasil.

Àquela época, Juazeiro do Norte ainda era um povoado de pouco mais de trinta casas de palhas, ameaçado pela seca e por constantes epidemias. Era a Vila Tabuleiro Grande.

Voltei, então, ao pedido do Coração de Jesus a Padre Cícero e nele encontrei o modo exato de como deveríamos agir, principalmente enquanto comunidade sacerdotal, em relação à missão que a Igreja nos confiou, ainda mais agora, em tempos incertos e desafiantes de pandemia: tomar conta do povo.

Neste caminho longo, cheio de pedra e areia, como cantam os romeiros, os mesmos desalentos de Padre Cícero rondam o nosso espírito sacerdotal. Mas a história e o legado dele permanecem como luzeiros.

Assim, o sentido de “tomar conta”, de “cuidar” é ressignificado. Consiste em dar respostas às realidades que se descortinam aos nossos olhos, em acolher com ombro de amigo e ter ouvido sempre atento às necessidades.

Embora estejamos ainda abatidos pelos estragos promovidos pelo novo coronavírus, diria o Padre Cícero: “Deus está sobre tudo e é providência até das folhas que caem das árvores, quanto mais de nós que somos os seus filhos”. É nessa certeza que seguimos, confiando-nos à Providência Divina e à poderosa intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria, a quem o Padrinho tanto nos ensinou a amar e a venerar como nossa Mãe das Dores.

Quis fazer este breve discurso retomando o sonho do Padre Cícero para mostrar que, principalmente no âmbito pastoral, a história e o legado dele exigem a constância na fé. Recorro ao sonho para entender que, tal e qual o Padre Cícero, é preciso vivê-la de forma simples, no meio do povo, por meio da acolhida, da partilha, da comunhão fraterna e de orientações acertadas para a convivência com as intempéries. É isso também que destaca o Secretário de Estado de Sua Santidade, o Papa Francisco, em carta enviada

à Diocese de Crato, datada de 20 de outubro de 2015. O Cardeal Parolin sublinha ainda que a ação pastoral de Padre Cícero sempre esteve em sintonia com o povo que o compreendeu e amou, perpassando tempos e épocas.

É verdade que o Padre Cícero é mais conhecido pelos famosos fatos de Juazeiro, sobre o milagre da hóstia, ocorrido em 1889. Estes fatos, escreve o Cardeal Parolin, continuarão em estudo, mas há outras ações que merecem destaque, como é o caso de sua atuação pastoral e testemunho de vida.

Além disso, tudo quanto ele promoveu e empreendeu em torno da pequena capela dedicada a Nossa Senhora das Dores elevou a Vila Tabuleiro Grande à condição de município, hoje Juazeiro do Norte, também chamado de “Capital da Fé”, para onde acorrem milhares de peregrinos não mais só do Nordeste, mas do Brasil e até do mundo. E tudo a partir de uma resposta para tomar conta do povo.

Padre Cícero, portanto, constitui um modelo daquilo que a Igreja nos pede, de estar em saída e em estado permanente de missão, na escuta da fé vivida pelos humildes e pelos pequeninos. E quem se detém a pesquisar a sua história e o seu legado verá o quanto são fascinantes e, ao mesmo tempo, complexos. Por isso, tenho este Simpósio como mais uma oportunidade para agradecer o trabalho incansável de pesquisadores, professores e alunos que, de alguma forma, reafirmam a importância do serviço eclesial e pastoral do Padrinho da nação romeira para a vida e a missão do povo de Deus, lançando luzes ao passado por meio de leituras, estudos e reflexões, pois a razão é sempre iluminada pela fé.

Certamente, as reflexões aqui apresentadas nos ajudarão a ir além da devoção, ampliando o acervo de relatos que buscam esclarecer pontos controversos e acentuar os aspectos positivos da vida do Patriarca do Nordeste, tal como é atualmente percebida pelos fiéis, como também escreveu o Cardeal Parolin.

Que este Simpósio seja para nós oportunidade de conhecimento e de aprendizado, mas também de experiência da fé em Jesus Cristo, para que possamos ser, cada vez mais, discípulos, romeiros e missionários, seguindo os exemplos e conselhos do “Padre e da sua fé”. E como ele mesmo dizia, a gratidão é uma virtude do Céu. Tenhamos todos bons e frutuossos debates.

Padre Cícero e o contexto histórico e eclesial de seu tempo

*Paulo Fernando Carneiro de Andrade**

Nascido em 1844, no Crato-CE, Cícero Romão Batista ingressou no Seminário de Fortaleza em 1865, quando tinha 21 anos, tendo completado seus estudos e sido ordenado padre em 1870, aos 26 anos. Cícero sentiu-se vocacionado desde jovem e estudou com dificuldades, tendo ficado órfão de pai cedo. Seu padrinho, homem de posses, pagou seus estudos, o que permitiu que Cícero pudesse seguir sua vocação sacerdotal. A Diocese do Ceará fora criada não muito tempo antes, em 1854, e seu primeiro Bispo, D. Luís Antônio dos Santos, nomeado apenas em 1861. D. Luís, natural da província do Rio de Janeiro, havia sido formado no célebre Seminário de Mariana, em Minas Gerais, dirigido pelos padres da *Congregação da Missão*, mais conhecidos como lazaristas.

Fundada na França por São Vicente de Paulo, em 1625, dentro do espírito tridentino, essa Congregação, tendo como carisma específico a realização de missões (missões populares, assim como missão entre pagãos) e, sobretudo, encarregar-se da formação do clero, chegou ao Brasil em 1820. São em grande número os padres e irmãos

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e professor desde 1982 do Departamento de Teologia da PUC-Rio, onde coordena a Cátedra Paulo VI de Fé e Política. É membro fundador do CEFEP da CNBB e atualmente (2020) é membro da Diretoria da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) e do INSeCT (Network of Societies for Catholic Theology).

lazaristas franceses que vieram ao Brasil ao longo do século XIX, encarregando-se da direção de Colégios e Seminários como os de Caraças, Mariana, Diamantina, Salvador, Fortaleza, Cuiabá e Rio de Janeiro. Marcados por um profundo amor e sensibilidade para com a realidade dos pobres e uma espiritualidade e teologia tridentina, antijansenista e, nesta época, fortemente ultramontana, os religiosos lazaristas tiveram grande influência na formação do clero brasileiro na segunda metade do século XIX, tendo contribuído decisivamente para a reforma eclesiástica brasileira.

No Brasil colonial e imperial, a Igreja encontrava-se unida ao Estado através do regime do Padroado. Por esse regime, cabia à Coroa portuguesa e, depois da independência, ao Imperador do Brasil, exercer uma função de proteção da Igreja Católica, reconhecendo o catolicismo como única religião verdadeira e, por isso, oficial e exclusiva da nação.¹ A instituição do Padroado em Portugal está estreitamente ligada à Ordem de Cristo, sucessora neste reino da extinta Ordem dos Templários. A Santa Sé havia concedido a esta Ordem, da qual o detentor da Coroa portuguesa possuía o título perpétuo de Grão-Mestre, a jurisdição eclesiástica sobre todas as terras que viessem a conquistar e que não estivessem ainda incorporadas a nenhuma Diocese. Deste modo, a Coroa portuguesa passou a exercer sobre o Brasil não apenas o governo civil, mas também eclesiástico, possuindo o direito de cobrança e administração do dízimo eclesiástico e de encaminhar a criação de dioceses e paróquias, assim como de apresentar os nomes dos escolhidos para o episcopado e para o exercício dos diversos governos diocesanos e paroquiais. Deveria também zelar pela construção e conservação dos edifícios de culto, bem como ser responsável pela manutenção do clero e aprovar a entrada de novas ordens religiosas e a criação de conventos. Note-se que o Padroado não deve ser compreendido como uma usurpação de poder, mas como uma concessão da Santa Sé, típica do contexto medieval, uma forma

específica de acordo entre a Igreja de Roma e alguns Estados. Cabia à Santa Sé confirmar as atividades do Rei, que na prática atuava como uma espécie de delegado Pontifício para o Brasil. Em 1532, a Coroa portuguesa cria, para uma melhor administração, a Mesa da Consciência e Ordens, que tinha por atribuição, entre outras coisas, dar o parecer jurídico para o provimento de todos os cargos eclesiásticos.²

Não obstante a relativa dependência, inclusive econômica, que o clero matinha em relação à Coroa portuguesa, encontram-se ao longo do período colonial não poucos sacerdotes que exerceram papel crítico e defenderam posições conflituosas como o apoio a movimentos de independência.³ Deve ser destacado também que alguns padres e bispos tinham mandato político, pertencendo a diversos Conselhos e Câmaras, nas esferas Municipal, Provincial ou Nacional, o que era corriqueiro em todas as partes, e não constituía um problema nem para a Igreja nem para o Estado.

A partir, sobretudo, da Revolução Francesa em 1789, abre-se uma nova forma de relação conflituosas entre muitos dos novos Estados Nacionais em formação e a Igreja. A influência de ideias liberais marcadas pelo iluminismo, ou mesmo pelo positivismo no caso latino-americano, com posições tantas vezes acompanhadas de um ateísmo militante e um forte anticlericalismo, opunha o Estado à Igreja, promovendo não só a separação das duas esferas, mas também, em muitos casos, chegando-se à tentativa de se exercer, unilateralmente, um forte controle do Estado laico sobre a Igreja. As correntes liberais e nacionalistas, quando não advogavam o ateísmo militante, constituíram movimentos teológicos particulares como o Galicanismo, o Richeísmo e o Febronianismo, que incentivam a formação de uma religião nacional, traduzida em formas de cristianismos autônomos, aos moldes das Igrejas Anglicana e Luterana Sueca. Em 1870, com a unificação italiana, a Igreja Católica perdia os Estados Pontifícios e o Papa se confinava no Vaticano, declarando-se prisioneiro.⁴

A reação romana se dá com o estabelecimento de um modelo de organização eclesiástica muito mais uniforme, fortemente centralizado e cada vez mais dependente administrativamente do papado. Nessa nova configuração do catolicismo, o eixo devocional inclina-se fortemente para os sacramentos, sobretudo o eucarístico. Consequentemente, cresce a importância da presença sacerdotal para a manutenção da vida espiritual cotidiana, o que se faz acompanhar de uma crescente clericalização. A eclesiologia do século XIX reflete essa situação. Em particular, a obra de J. De Maistre, escrita na passagem do século XVIII para o XIX, conquista a opinião eclesiástica romana entre os anos de 1820 e 1840, tendo recepção nos manuais usados para o ensino teológico da época. Nessa eclesiologia, a compreensão da Igreja enquanto *congregatio fidelium* é obscurecida em favor de uma interpretação jurídicista reducionista que identifica o catolicismo exclusivamente com uma forma de autoridade monárquica absolutista papal, que chega, no seu extremo, a enfraquecer até mesmo o conceito de Colegialidade Episcopal.⁵

O conflito entre Igreja e Estado, que ocorria neste momento na Europa, transfere-se para o Brasil, inclusive pela forte e crescente influência do positivismo entre os liberais, os maçônicos e grande parte da elite intelectual brasileira. Em meados do século XIX, a situação do catolicismo no Brasil começa a se alterar por ação do clero reformador. Em 1844, foi nomeado para a Diocese de Mariana D. Antonio Ferreira Viçoso. Sua atuação episcopal foi altamente significativa, convertendo-se em um dos primeiros e principais líderes do movimento reformista. Esse movimento consistia basicamente em substituir o antigo modelo de Igreja cristandade colonial pelo modelo Igreja hierárquica aos modos do Concílio Tridentino. A ação dos bispos reformadores, que se encontrava em perfeita sintonia com Roma, buscava, de um lado, uma maior independência da Igreja frente ao Estado, e, de outro, a substituição de todo um modo de

ser do catolicismo colonial pré-Tridentino. Dentro do processo de reforma do catolicismo brasileiro, surge, em 1873, um grave conflito entre o episcopado e o Estado, que se tornou conhecido como “Questão Religiosa”. A motivação jurídica mais imediata do conflito foi a suspensão, por parte de D. Vital, Bispo de Pernambuco, de várias irmandades e ordens terceiras que se haviam negado a obedecer às exigências de afastar de seus quadros membros maçons. Diante da suspensão e da consequente interdição de suas capelas, as irmandades e ordens terceiras atingidas apelam ao Imperador, enquanto tribunal superior ao Bispo, alegando, entre outras coisas, que as bulas Pontifícias que condenavam a maçonaria não tinham validade no Brasil por não terem obtido o beneplácito imperial, conforme previsto no estatuto do Padroado, que a Coroa brasileira havia herdado da portuguesa através da independência.⁶

O Imperador acolheu o recurso e determinou a cessação dos efeitos dos atos de D. Vital e também de D. Macedo Costa, Bispo do Pará, que havia emanado decretos semelhantes. Ambos os bispos rejeitam as ordens do Imperador afirmando que em matéria religiosa o poder civil não é autoridade, pois os príncipes e monarcas são ovelhas e não pastores, são súditos e não prelados, filhos da Igreja e não pais.⁷ Diante da recusa dos bispos de cumprirem a decisão imperial, que tinha valor legal, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça expediu mandato de prisão por considerar que ambos haviam infringido o artigo 96 do Código Criminal. Dentro dos princípios jurídicos da monarquia constitucional brasileira, ambos foram julgados pelo Supremo Tribunal e condenados a quatro anos de prisão com trabalhos forçados, tendo sido, no ano seguinte à condenação, anistiados.

A “Questão Religiosa” se insere dentro da lógica da reforma católica e das controvérsias anti-modernas e ultramontanas que agitavam a Igreja europeia neste mesmo momento. O conflito imediato

foi resultado da intensificação de um conflito maior, fruto das transformações que os bispos reformados lideravam no catolicismo brasileiro. O novo catolicismo afirmava a independência e o papel da hierarquia da Igreja de uma nova forma. A Igreja é mestra da Verdade e nesta nova vivência católica acentuam-se especialmente os aspectos doutrinários e disciplinares. Trata-se de um catolicismo mais uniforme e mais centralizado em Roma. A “Questão Religiosa” constitui-se em um importante marco na relação Igreja-Estado no Brasil; o conflito com os dois bispos se estendeu a todo o episcopado. Poucos anos depois, com a proclamação da República, de inspiração maçônica e positivista, ficava extinto o Padroado.

O catolicismo no Brasil colonial tem características bem diferentes daquele que se implantará no século XIX por ação dos bispos e do clero reformadores.⁸ Trata-se de um catolicismo lusitano de características medievais, que tem seu centro mais na devoção e culto aos santos do que na frequência dos sacramentos. É o catolicismo das capelinhas de beira de estrada, das irmandades e confrarias, dos santuários, das ladainhas e festas de santos. Em muitos lugares, o contato com o clero era esporádico, feito por ocasião das visitas de desobriga. Não que o papel do clero fosse secundário ou sem importância. Era o clero, mesmo que só através das visitas de desobriga, quem dava unidade e confirmava a fé, possibilitava o acesso aos sacramentos, batizava, casava. Deve-se destacar, também, a importância que teve o clero religioso para a evangelização do Brasil. Padres jesuítas, franciscanos e carmelitas, entre outros, tiveram um importante papel na constituição do catolicismo brasileiro.⁹

Acompanhando o movimento de reestruturação por que passa o catolicismo na Europa no século XIX, os esforços da Igreja, no Brasil, voltam-se para a organização interna da estrutura eclesial, criação de novas dioceses, seminários e fundações de novas associações de fiéis que concorrem com as antigas confrarias e muitas vezes

as substituem. Não apenas os lazaristas, mas também diversas outras congregações femininas e masculinas chegam ao país, incentivando novas devoções e criando uma nova identidade católica, apologética. No arco de poucas décadas, o catolicismo tradicional que fora implantado com a colônia foi substituído por outra forma de catolicismo centrado não mais nos santos e nas rezas, mas nos sacramentos e nas devoções que têm por base a prática sacramental frequente, tais como a devoção ao Sagrado Coração. As novas associações de fiéis são menos leigas e mais clericais; ocorre uma progressiva e rápida verticalização eclesiástica.¹⁰ Mesmo após a separação Igreja-Estado, porém, alguns membros da hierarquia continuam a participar da vida política, incentivados pela própria Igreja, candidatando-se a cargos eletivos com o objetivo de defender os interesses católicos e da Igreja.

O processo de substituição do catolicismo tradicional não se fez sem resistência. Fenômenos como o de Canudos e Contestado são exemplos de alguns conflitos agudos que resultaram desse processo. A formação de um catolicismo privado, centrado na devoção particular e não público-social aos santos também pode ser compreendida como uma forma de resistência e adaptação às abruptas mudanças por que passou o catolicismo nessas décadas. De outro lado, pode-se interpretar a ação pastoral de Pe. Ibiapina como a tecedura de outra alternativa possível ao catolicismo tradicional, em uma direção diversa daquela representada pela Restauração. Pe. Ibiapina oferecia a possibilidade de se estabelecer uma nova prática católica que, de um lado, colocava-se em linha de continuidade com as devoções tradicionais e, de outro, permitia superá-las na direção de um processo de modernização autóctone.

Retornemos ao Padre Cícero. Foi neste contexto eclesial que Pe. Cícero teve sua formação teológica e exerceu seu ministério sacerdotal. O forte amor que sente pelos pobres e deserdados é consoante com a formação espiritual e teológica que recebeu dos lazaristas.

Apesar de certo tom conservador, ele foi um homem aberto à tecnologia e à modernidade. Ao longo de sua vida, tornou-se detentor de vasta cultura geral que incluía conhecimentos de biologia e zoologia. Colocando-se em continuidade com a linha de Pe. Ibiapina e sua ação pastoral, pôde também representar a mesma techedura de uma outra alternativa de modernização do catolicismo tradicional.

Logo após a ordenação, o jovem Pe. Cícero retornou ao Crato, onde nasceu e onde viviam sua mãe e sua irmã. Em 8 de janeiro de 1871, celebra sua primeira missa no Crato e em dezembro do mesmo ano, atendendo a um convite, celebra a missa do galo em Juazeiro, um pequeno povoado, mal afamado, onde existia uma capela quase em ruínas dedicada à Nossa Senhora das Dores. Ao dormir acomodado na sala precária da escola do vilarejo, Cícero tem um sonho no qual Jesus pede para que ele cuide daquele povo. Com a licença do Bispo, em 11 de abril de 1871, Cícero passa a residir em Juazeiro, tendo sido, em 26 de setembro de 1872, nomeado capelão da pequena Capela de Nossa Senhora das Dores. Nos anos seguintes, dedica-se à construção de uma igreja no lugar da pequena capela e à organização da vida religiosa local, onde aos modos das irmandades de Padre Ibiapina surge uma comunidade de beatas. Construída em regime de mutirão, a Igreja de Nossa Senhora das Dores se torna uma Igreja de grande porte e beleza.

Em primeiro de março de 1889, ano no qual em novembro seria proclamada a República, quando Padre Cícero tinha 44 anos de idade e 18 de ordenado, ocorre pela primeira vez o chamado “milagre da hóstia”. Muitos testemunharam que, ao receber a comunhão, a hóstia consagrada se transformava em sangue na boca da Beata Maria de Araújo. Maria de Araújo era uma das beatas da Comunidade de Juazeiro e morava na casa do Padre Cícero. Espalha-se a notícia do fato extraordinário, tido como milagre, e testemunhado por diversos padres. Em julho, Monsenhor Monteiro, reitor do Seminário do

Crato, testemunha dos fatos, convencido de que se trata de um milagre eucarístico, promove uma romaria a Juazeiro. A notícia dos supostos milagres chega aos jornais e D. Joaquim, Bispo do Ceará, solicita informações sobre o fato. Em 1891, é instalada a primeira Comissão de Inquérito presidida pelos doutos e probos Padres Clycério da Costa Lobo e Francisco Ferreira Antero. A conclusão do inquérito é a de que não existe uma explicação natural para os fatos de Juazeiro. Os dois padres, que inicialmente estavam convencidos de se tratar ou de um embuste ou de um fato natural, como o de uma hemorragia, estão agora convencidos de que se trata de um milagre. Esta conclusão causa grande desconforto no Bispo. Em 1892, Padre Alexandrino toma posse como vigário de Crato e a ele é entregue a urna com os panos ensanguentados. No mesmo ano é instituída uma segunda Comissão de Inquérito; a nova Comissão não presencia os fatos extraordinários.

Em agosto de 1892, Padre Cícero é suspenso de ordens, acusado de propagar superstições e por ser considerado culpado pelo desaparecimento da urna com os panos ensanguentados que estava colocada em custódia no sacrário da Igreja do Crato, sob os cuidados de Padre Alexandrino. Em 1893, D. Joaquim escreve a primeira de quatro Cartas Pastorais sobre os fatos de Juazeiro. Nela, proíbe qualquer culto aos panos ensanguentados e exige a retratação pública de Padre Cícero e de todos os padres que afirmavam terem presenciado os fatos de Juazeiro e que tais fatos constituíam algo extraordinário, não devido a causas naturais, sendo, portanto, milagrosos. D. Joaquim afirma que tais fatos são meramente fantasiosos e supersticiosos. Em 1894, a Congregação do Santo Ofício, por solicitação do bispado do Ceará, pronuncia-se sobre os fatos de Juazeiro reprovando-os e condenando-os, e em 1896 uma nova portaria proíbe o Padre Cícero de celebrar missas em todo o bispado do Ceará.

Com permissão eclesiástica, Padre Cícero vai a Roma em 1898, com o propósito de solicitar ao Santo Ofício um novo estudo do

caso e, se possível, encontrar o Papa. Permanece em Roma de finais de junho a outubro. Foi interrogado pelo Santo Ofício, tendo recebido deste a autorização para celebrar a Eucaristia na Igreja de São Carlo al Corso, vizinha do lugar onde estava hospedado. Em seu último dia em Roma, teve um brevíssimo encontro com o Papa Leão XIII. Diante do Santo Ofício, solicitado por este, Padre Cícero prometeu observar tudo o que lhe foi imposto, o que significava a proibição de falar ou escrever sobre os fatos de Juazeiro. O uso de ordens ficava também condicionado a uma especial licença do Santo Ofício. Cícero retorna ao Crato e o Bispo mantém as proibições anteriores, inclusive a suspensão do uso de ordens. Cícero obedeceu até o fim de sua vida a imposição de não mais falar ou se manifestar sobre os fatos de Juazeiro, embora nunca os tenha renegado “pois não podia negar o que tinha visto e presenciado”, como afirmou em certa ocasião anterior a seu compromisso diante do Santo Ofício.

É na moldura do contexto do final do século XIX que deve ser interpretada a polêmica em torno aos “fatos extraordinários de Juazeiro”. De um modo geral, a população e o clero que compreendiam esses fatos como miraculosos, acreditavam que se tratava de uma intervenção divina em favor da salvação do povo. Em um momento de incredulidade, de avanço das forças liberais positivistas no Brasil e no mundo, Deus operava um milagre que, por sua força e evidência, era como que uma segunda oportunidade de salvação; para aqueles que haviam sido batizados e crido, mas tinham perdido sua fé, era como “uma nova redenção”. Assim interpretado, o chamado milagre encontrava-se em consonância com a ambiência mística católica do fim do século XIX. Historiadores eclesiásticos relatam a expectativa mística que perpassava o Pontificado de Pio IX; na cúria romana, esperava-se que a Providência Divina colocaria bom termo às agressões que a Igreja vinha sofrendo por parte do emergente Estado laico.¹¹

As acirradas posições favoreciam interpretações dualistas sugerindo tratar-se de um momento extremo da luta entre o bem e o mal, tudo isso em um contexto de fim de milênio.

A primeira controvérsia teológico-pastoral em torno da possibilidade de o sangue que surgia ser “sangue de Cristo” prestou-se a um grande equívoco. A afirmação de Dom Joaquim, que negava essa possibilidade, baseava-se em S. Tomás (ST III, q76, a8). Segundo o Aquinate, o corpo ou sangue que aparecem nos milagres eucarísticos, embora sejam verdadeira carne ou verdadeiro sangue, não são, em sentido físico, o sangue ou a carne próprios de Jesus. Sua argumentação baseia-se no fato de que encontrando-se o corpo de Cristo no Céu, em estado glorioso, só pode aparecer na história em forma fugaz, isto é, fazendo-se ver e desaparecendo em seguida (S. Tomás cita Lc 24,31). Não obstante, S. Tomás afirma que esses fatos não significam nenhum engano ou ilusão, pois nesses casos ocorre uma transformação miraculosa dos acidentes da espécie. Pão e vinho encontram-se não só transubstanciados, mas transformados de tal modo que, de um lado, continua a presença real nas espécies cujos acidentes foram milagrosamente transformados (*immutatio*) e, de outro, essa transformação é feita de forma a expressar (representar, figurar) a verdade dessa presença real (*in figuram cuiusdam veritatis*).

Pode-se admitir, portanto, que, em sentido não físico, mas também distinto do modo como nos referimos à presença real sob espécie de vinho e pão, cabe afirmar, sem contrariar S. Tomás, que nesse caso o corpo e o sangue miraculosos são o corpo e sangue de Cristo enquanto são acidentes das espécies que, miraculosamente transformadas, figuram (tornam visíveis) a realidade do corpo e sangue do Cristo presentes nas espécies do pão e do vinho. Foi nesse sentido e com expressões semelhantes que a mística e a espiritualidade católica sempre se referiram e deram extraordinária importância à aparição do sangue ou da carne nos milagres eucarísticos reconhecidos pela

Igreja. Por isso, os que acreditavam na origem milagrosa dos acontecimentos extraordinários de Juazeiro compreendiam a afirmação pe-reemptória de que “esse sangue não é nem pode ser sangue de Cristo” não como uma precisão teológico-dogmática que não buscava negar o milagre, mas sim como uma negação dele. De fato, as posições se acirraram e o que inicialmente era uma afirmação que buscava colocar balizas doutrinárias para evitar possíveis interpretações errôneas sobre os acontecimentos extraordinários, transformou-se em uma negação do milagre.

A teologia tomista reforça a questão do sentido do milagre eucarístico. Ao tornar visível a presença real, o milagre eucarístico sempre foi interpretado como tendo por objetivo despertar e confirmar a fé cristã. Nesse sentido, sempre foi compreendido, também, como extraordinária ocasião de conversão, tendo sido um instrumento poderoso de salvação para muitos que, ao presenciar ou reconhecer o milagre, recobram a fé. Entretanto, a afirmação de alguns dos partidários do milagre – de que os fatos extraordinários de Juazeiro representavam “uma segunda redenção” para o povo do Cariri – não foi entendida pelos que se opunham ao reconhecimento do milagre em sentido místico (e, portanto, analógico, isto é, como evento miraculoso ocorrido para confirmar a fé e converter o povo, livrando-o do perigo do ateísmo crescente e, assim, de cair em pecado mortal), mas sim em sentido próprio, sendo por isso considerada herética.

Além disso, muitos dos que se opunham ao reconhecimento do milagre tinham dificuldade de aceitar a realização de um milagre dessa natureza fora do território europeu (conforme a frase atribuída ao lazarista francês Pe. Chevalier: “nosso Senhor não deixa a França para obrar milagre no Brasil”). Observe-se que todos os 26 milagres eucarísticos, com aparição de sangue ou carne, listados por J. Ladame e R. Duvin¹² acontecidos entre os séculos VIII e XX, ocorreram na Europa: 10 na Itália, 7 na Espanha (1 em 1710, Tartanedo), 3 na

França, 2 na Bélgica, 2 na Holanda, 1 na Alemanha e 1 em Portugal (Santarém, 1247). Na lógica de uma estrutura eclesiástica que sofria uma profunda e rápida transformação uniformizadora e extremamente centralizadora, tornava-se difícil reconhecer um milagre na periferia, que poderia ser interpretado a favor dos que se opunham a essa transformação.

Para os que reconheciam os fatos como milagre, esse era compreendido como uma ação salvadora de Deus em favor de sua Igreja ameaçada, tanto no Brasil como na Europa, pelo ateísmo e liberalismo, uma afirmação da fé eucarística feita em favor de toda a Igreja. Para seus adversários, estes eram uma perigosa superstição obscurantista, uma fraude que visava reforçar a ideia de um catolicismo nacional autônomo e atentava contra a hierarquia e o movimento de Reforma Católica liderada por Roma. Esta era a posição dos bispos brasileiros envolvidos e também foi a posição de Roma.

Depois de seu retorno de Roma, sem o uso de ordens, Cícero vai morar no Crato e visita sua mãe, moradora de Juazeiro e já bastante enferma, com regularidade. Impedido de batizar, aceita o convite para ser padrinho de inúmeras crianças levadas até lá para serem batizadas na Igreja de Nossa Senhora das Dores e se tornarem suas afilhadas. Sua fama de pregador e conselheiro é cada vez maior. É enorme o reconhecimento popular. Ele acaba por fixar residência em Juazeiro, que cresce e se desenvolve extraordinariamente. Não só a fertilidade do vale do Cariri, mas também, e principalmente, a liderança moral e espiritual de Padre Cícero e seu sentido de organização social e conhecimentos botânicos e técnicos foram responsáveis por tal desenvolvimento.

Em 1908, chega a Juazeiro o médico e empreendedor Floro Bartolomeu, ali fixando residência e tornando-se muito próximo de Padre Cícero. Floro passa a desenvolver intensa atividade política. Deve-se ter presente que praticamente todos os homens de projeção

econômica ou social, inclusive membros do clero, exerciam, em grau maior ou menor, no contexto da época e da região, algum tipo de ação política, o que incluía a defesa de seus interesses, de suas propriedades, de sua família ou de sua cidade e também assumiam encargos administrativos e funções explicitamente políticas como a de deputados e prefeitos. Padre Cícero, associado a Dr. Floro, defendia Juazeiro e, tendo enorme prestígio moral, exerceu muitas vezes função pacificadora em um ambiente de extrema violência, seja produzida por milícias ligadas aos grandes proprietários, seja por grupos ou indivíduos autônomos que praticavam o roubo e a rapina sistemática, seja pelas forças oficiais, quase sempre colocadas a serviço de um ou outro proprietário que conquistava, por vezes com o uso das milícias, o poder municipal ou colocadas a serviço de quem era aliado ao chefe momentâneo do poder estadual.

Em 1910, Hermes da Fonseca assume a presidência do Brasil, tendo como plataforma a renovação dos costumes políticos no país e o fim do poder das oligarquias regionais. Padre Cícero apoia moral e politicamente a Hermes da Fonseca. Em 1911, Padre Cícero filia-se ao Partido Republicano Conservador, liderado nacionalmente pelo senador gaúcho Pinheiro Machado, e ao qual também pertencia Hermes da Fonseca. No mesmo ano, Juazeiro, que até então era um distrito de Crato, depois de intensos esforços políticos e forte campanha midiática, foi elevado a vila, e Padre Cícero foi nomeado seu prefeito pelo comendador Acioly, presidente (governador) do estado do Ceará. Assumindo a prefeitura, promoveu o chamado Pacto dos Coronéis, um grande acordo de pacificação da conflagrada região. Em 1912, Padre Cícero foi eleito para o cargo de terceiro vice-presidente do Ceará. Este é um período de intensas lutas políticas, no qual ocorrem intensos conflitos internos no seio da oligarquia tradicional regional e entre estas e os setores urbanos modernos. Tais conflitos levarão à deposição do governador Acioly e à tomada de poder por

parte do coronel Franco Rebelo, eleito ilegitimamente governador pela Assembleia Legislativa Estadual. Rebelo passa a perseguir Padre Cícero e o grupo oligárquico que o apoiava. Padre Cícero é deposto do cargo de prefeito em 1913. São nomeados para os postos-chave pessoas ligadas a Rebelo. A elite do Crato procura aniquilar Juazeiro.

Uma ampla defesa de Juazeiro é organizada, preparando-se para rechaçar uma anunciada invasão da cidade. Por outro lado, Dr. Floro obteve apoio do governo federal contra Rebelo. Em 1914, ocorre o Movimento Sedicioso de Juazeiro. Diante do movimento de invasão de Juazeiro, que se rebelara ao poder de Rebelo, a defesa da cidade é dramática e vitoriosa. Rechaçada a invasão, derrotadas as forças organizadas para o assalto a Juazeiro, as forças de defesa partem para o ataque às cidades e aos chefes políticos que haviam formado uma coalizão contra Juazeiro. O ataque prossegue até Fortaleza e até a deposição de Rebelo.

Em 1914, durante o cerco de Juazeiro pelas forças de Rebelo, morreu a Beata Maria de Araújo. No mesmo ano, foi criada a Diocese de Crato. Entre 1915 e 1919, temos anos de extrema seca, tendo sido grande a contribuição de Padre Cícero para minorar o sofrimento do povo. No ano de 1916, o Bispo de Crato, D. Quintino, permite que Padre Cícero volte a celebrar missas. No dia primeiro de janeiro de 1917, Padre Cícero celebra a missa na Igreja (ainda Capela) de Nossa Senhora das Dores. No dia 20 do mesmo mês, é criada a Paróquia de Nossa Senhora das Dores.

Quando as principais questões pareciam ter se pacificado, em abril de 1917, o Santo Ofício publicou um novo decreto declarando que Padre Cícero havia incorrido em pena de excomunhão por desobediência. Conforme o Direito Canônico, tal pena, entretanto, só teria validade a partir do momento que fosse comunicada a Padre Cícero. O decreto demorou nove meses para chegar a Nunciatura, em Petrópolis, e mais algum tempo para chegar ao conhecimento e

às mãos de D. Quintino. D. Quintino reluta em aplicar a pena e, diante da debilidade física de Padre Cícero e do receio que a aplicação da pena tivesse consequências dramáticas, tenta obter de Roma a revogação da mesma. Roma exige, para tanto, que Padre Cícero abandone definitivamente Juazeiro. Em 1921, Roma aceita suspender a excomunhão, mas não permite o uso das ordens. D. Quintino, então, suspende novamente o uso de ordens de Padre Cícero.

Em 1926, morre Dr. Floro, e Padre Cícero é eleito deputado em seu lugar, sem nunca ter tomado posse. Pouco antes havia ocorrido o célebre encontro de Padre Cícero com Lampião, convocado a combater do lado das forças oficiais a Coluna Prestes. Foi por causa desta convocação, da qual Padre Cícero foi fiador, que Virgulino recebeu a patente de capitão. Nos anos seguintes (1927), organiza-se no Crato a Comunidade do Caldeirão, que teve como líder o Beato José Lourenço e que foi depois perseguida e destruída em 1936, após a morte de Padre Cícero. Padre Cícero, embora quase cego, sem o uso de ordens, morre aos 90 anos, em 1934, cercado de grande respeito, prestígio e reconhecimento moral e espiritual por parte do povo.

Os estudos atuais sobre Padre Cícero, sobretudo aqueles feitos a partir dos trabalhos iniciados pela Comissão de Estudos do Processo de Reabilitação Histórica e Eclesiástica do Padre Cícero, criada pela Diocese de Crato em 2000, permitem hoje termos um quadro mais completo do Padre Cícero. Os estudos de sua correspondência e de outros documentos, até então inéditos, nos levam a concluir que Padre Cícero manteve até o fim da vida um intenso amor e fidelidade à Igreja. Sua consciência não lhe permitia negar o milagre, nem deixar a Beata Maria de Araújo entregue à própria sorte. Mas, obediência, a partir da proibição da Igreja, cala-se sobre os supostos milagres. Os supostos milagres nunca foram por ele explorados. Sua fama, pode-se dizer com segurança, não decorre deles, mas de sua autoridade moral e espiritual. Buscou sempre o bem do povo e da

Igreja, segundo seu entendimento e sua consciência. Em seu testamento deixa seus bens para a Igreja. Embora administrasse um grande patrimônio fruto de doações, sempre teve vida simples, hábitos pobres. Nunca usou tal patrimônio em proveito próprio. Suportou muitas provações, manteve sempre a coragem, a paciência e a resignação. Não se pode dizer dele, em nenhuma hipótese, que tenha sido um rebelde. Dentro do contexto de violência de sua época, buscou sempre que possível a pacificação. Manteve até o fim de sua vida a esperança e a confiança, uma intensa devoção mariana e ao Sagrado Coração de Jesus, o amor e a assistência aos pobres.

As romarias a Juazeiro nunca cessaram após a sua morte e mantêm-se forte até os dias de hoje. O povo continua a peregrinar até a terra da Mãe de Deus, venerando Nossa Senhora das Dores, visitando sua Igreja e a terra onde viveu Padre Cícero, padrinho de tantos homens e mulheres que nele encontram alguém que aponta para o caminho da retidão e da vivência religiosa autêntica. Um traço forte das romarias são o da devoção mariana e ao Sagrado Coração de Jesus. Mesmo após sua morte, Padre Cícero continua a apontar não para si, mas para o Sagrado Coração de Jesus e para Maria, para Nossa Senhora das Dores, a quem cada romeiro venera em sua peregrinação.

NOTAS

¹HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil: primeira época, Tomo II*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979, p.162.

²HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil: primeira época, Tomo II*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 163-164.

³SILVA, Duarte Leopoldo e. *O clero e a independência*. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 187. Observe-se, nesta obra, a referência à presença ativa de membros do clero em movimentos como “A revolta do Maranhão” (1865), “A guerra dos Mascates” (1710), “A guerra dos Emboabas” (1709) e a “Inconfidência Mineira” (1792), em que “nove eram os Padres inconfidentes”.

⁴ MARTINA, Giacomo. *La Iglesia de Lutero a nuestros días, Tomo III*. Madrid: Cristianidad, 1974, p.173-201.

⁵ CONGAR, Yves. *Eclesiología: de San Agustín hasta nuestros días*. Madrid: BAC, 1976, p. 258-260.

⁶ HAUCK, João Fagundes et al. *História da Igreja no Brasil: segunda época, Tomo II*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 186-192.

⁷ HAUCK, João Fagundes et al. *História da Igreja no Brasil: segunda época, Tomo II*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 145.

⁸ AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

⁹ VVAA. *A religião do povo*. São Paulo: Paulinas, 1978

¹⁰ OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹¹ MARTINA, Giacomo. *La Iglesia de Lutero a nuestros días, Tomo III*. Madrid: Cristianidad, 1974, p. 177-178.

¹² LADAME, Jean; DUVIN, Ricard. *I Miracoli Eucaristici*. Roma: Dehoniane, 1995, p. 245-246.

Desafios da reconciliação entre tradição e modernidade na ação pastoral e política do Padre Cícero Romão Batista

*Carlos Alberto Steil**

Pretendemos apresentar, aqui, uma interpretação de alguns eventos da vida de Padre Cícero Romão Batista na chave da reconciliação.¹ Como sabemos, a sua vida como sacerdote e como político mobilizou fortes paixões e conflitos no seu tempo, com repercussões até os dias de hoje. O que mostra que, vistos numa perspectiva histórica, os acontecimentos do Juazeiro estão distantes de qualquer intento de localizá-los num espaço ou num tempo isolados. Ao contrário, como bem mostrou Ralph Della Cava,

este movimento religioso-popular originou-se e desenvolveu-se dentro de um contexto social de âmbito mundial e nacional, afetando e sendo afetado tanto a Igreja Católica, como instituição internacional, quanto a política nacional do Brasil imperial e republicano.²

Repensar este movimento no contexto do século XXI é o desafio a que nos propomos, tendo como ponto de ancoragem o trabalho realizado na “Comissão de Reabilitação Histórica do Padre Cícero”

* Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional/UFRJ, com pós-doutorado pela Universidade da Califórnia. Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Visitante na Universidade Federal de São Paulo. Pesquisador 1 do CNPq. Temas de interesse: catolicismo, peregrinação, turismo, Nova Era.

e as ações do Vaticano que culminaram na carta de “reconciliação histórica da Igreja com o Padre Cícero”, publicada em 2015. Fato que nos permite afirmar que o movimento de Juazeiro não foi interrompido pelas sucessivas sanções que foram impostas pela hierarquia católica a Padre Cícero desde 1889, quando ele testemunha o milagre eucarístico, em que a hóstia verteu sangue na boca da Beata Maria de Araújo.

Nossa reflexão inicia com algumas breves considerações sobre o sentido da reconciliação no pensamento bíblico-teológico, seguidas da interpretação filosófico-política de Hannah Arendt sobre o perdão. Feito isto, passamos a discorrer sobre a relação que os eventos de Juazeiro tiveram com o movimento da romanização e com o projeto de modernização na política nacional.³ No passo seguinte, analisamos os desdobramentos da prática de reconciliação na vida do Padre Cícero, que se expressa em sua luta por incluir os pobres na vida eclesial e na narrativa da nação.

A reconciliação à luz da Teologia Bíblica

Tomando como referência o verbete sobre reconciliação do *Dicionário bíblico-teológico*, editado por Joahannes Bauer,⁴ podemos afirmar que reconciliação pertence fundamentalmente à tradição neotestamentária. O Antigo Testamento não desenvolveu uma Teologia da Reconciliação. Seu solo de origem, portanto, é a vivência das primeiras comunidades cristãs (Rm 5,10s; 11,5; 2Cor 5,18-20; Ef 2,16; Cl 1,20-21),⁵ onde a reconciliação assume um caráter eminentemente escatológico. Os outros dois sentidos, o eclesiológico e o antropológico, estão subordinados ao primeiro e podem ser depreendidos da experiência dos primeiros cristãos. Disto decorre que a reconciliação, em qualquer nível em que ela aconteça, traz consigo a ideia de um fim iminente do mundo, ao mesmo tempo em que reitera o dogma da nova vinda de Cristo.

Este sentido escatológico impregna a vida e a prática dosromeiros do Padre Cícero, para os quais o Juízo Final e a Nova Jerusalém deveriam se realizar em Juazeiro. E, extrapolando o contexto do Juazeiro, podemos afirmar que a reconciliação é o fio mestre na tessitura da cultura bíblico-católica que conforma o modo de habitar e o estilo de vida dos peregrinos do sertão.⁶ Observa-se, assim, uma linha de continuidade entre a escatologia bíblica e a visão de mundo dos sertanejos. Para ambas, a reconciliação se apresenta como um caminho aberto, que engloba a vida e a morte num processo contínuo, que envolve a pessoa em sua relação com os outros seres humanos – vivos e mortos – e com o universo. A escatologia apresenta-se, assim, como uma linha de fuga que permite experimentar a vida como um processo sem fim. À luz da escatologia, aqueles que dizemos que morreram, que já não estão mais aqui – Jesus, Nossa Senhora, os santos e o próprio Padre Cícero –, continuam vivos e presentes, estabelecendo uma conexão entre vivos e mortos.

A reconciliação à luz da Filosofia Política de Hannah Arendt

Passamos, agora, a considerar a reconciliação tomando como referência a reflexão de Hannah Arendt sobre o perdão, em seu livro *A condição humana* (1989 [1958]). Em consonância com o argumento teológico que desenvolvemos acima, ela afirma que “o descobridor do papel do perdão na esfera dos negócios humanos foi Jesus de Nazaré”.⁷ Partindo da premissa de que existimos atados numa teia de relações que produzem atritos e conflitos constantes, Hannah Arendt afirma que o perdão é indispensável para libertar e desobrigar o ser humano das consequências desagregadoras de suas ações. Ou seja, o perdão é condição para a liberdade. Ela cita a palavra de Jesus, segundo a qual, a iniciativa do perdão é sempre do ser humano. O Evangelho afirma que se deve perdoar não porque Deus perdoa, mas

sim, que Deus perdoará “se cada um de vós, no íntimo dos vossos corações, perdoar o outro” (Mt 18,35 e Mc 11,25).

Outro aspecto a resgatar do pensamento de Arendt diz respeito à relação da reconciliação com o amor. Aqui, segundo a autora, o Evangelho é claro: “perdoados lhe serão os seus muitos pecados, porque amou muito; mas ao que menos se perdoa, menos ama” (Lc 7,47). Embora esteja referido, sobretudo, ao universo das relações pessoais, o amor se traduz, no âmbito político, por respeito. O problema dos tempos modernos, prossegue Arendt, é que “o respeito está restrito ao que se admira ou se preza”.⁸ No entanto, diz a autora, na vida política e social, o respeito pelo outro, enquanto tradução do amor, é condição indispensável para que possa haver reconciliação. Enfim, a existência de um ambiente amoroso torna-se indispensável para o exercício do perdão e para a prática da reconciliação na vida cotidiana. Sem este ambiente, ao invés da reconciliação, teremos a intolerância e a desconsideração pelo outro.

A modernização liberal e a romanização: dois projetos na contramão da reconciliação

Ao lançar um olhar sobre o período em que viveu Padre Cícero, vamos perceber uma profunda ruptura cultural no Brasil, produzida pelo projeto de modernização que se impôs, de fora para dentro, no âmbito da sociedade brasileira. Deslumbradas pela crença no progresso, as elites econômicas e políticas do país reinterpretaram as relações sociais de complementariedade que estruturavam a sociedade agrária e tradicional do Brasil – fundadas sobre os estatutos do compadrio, do arrendamento de terras e do faccionalismo político – na chave da ideologia moderna, estabelecendo, assim, uma divisão irreconciliável entre as elites nacionais escolarizadas e o povo pobre e iletrado dos sertões.

A concepção de nação que se forja a partir deste ideário enseja uma prática social e política que internaliza e institui a divisão entre

uma minoria ilustrada, que se vê como a vanguarda, e uma maioria não escolarizada, que precisa ser erradicada da vida social e política do país. Este dualismo permanece, até os dias de hoje, como base para a discriminação e o desprezo das elites pelos pobres e por suas tradições, reiterando o sentimento de que tudo que é brasileiro é ruim.

No âmbito eclesial, o dualismo instituiu a divisão entre o catolicismo popular tradicional e o emergente catolicismo romanizado clerical. À luz da romanização, as práticas devocionais populares com suas rezas, festas e folias, passam a ser vistas como supersticiosas e interpretadas como um legado histórico negativo a ser superado pela catequese e a disciplina moral. Para além dos conflitos que marcaram as relações entre a Igreja Católica e o Estado no período, observa-se uma convergência de interesses, que se expressa no apoio das elites modernas laicas e do clero romanizador no combate à cultura e à religiosidade populares.

Na contramão do consenso em torno de um projeto modernizador, permitam-me citar a voz dissonante de Lévi-Strauss que escreveu uma resenha de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, na qual ele conclama os intelectuais brasileiros a não recusarem, em nome da modernidade, aquilo que seria autêntico e estruturante da sua cultura. O grande mérito de Euclides da Cunha, segundo Lévi-Strauss, teria sido o de “trazer a elite brasileira de volta à realidade” em vez de “tentar escapar do seu próprio destino nacional e simular sofisticação”. Na sua avaliação, Euclides da Cunha teria “se recusado a ser um aprendiz infantil dos mestres europeus” e demonstrado que, “para o Brasil existir, seus aspectos primitivos, seus pontos mais feios deveriam ser aceitos; não para deles se envergonhar, mas para deles se cuidar e amar com a maior paciência e compreensão”. Segundo Lévi-Strauss, Euclides fez o que era preciso: “lembrar o povo brasileiro que as conquistas da modernização não são tão formidáveis e incontestáveis ao ponto que ele devesse tentar esquecer, em vez de

se orgulhar, daquelas fontes virgens da natureza e da humanidade, nas quais, entre todas as nações, ele pode se fiar para a construção de um futuro melhor”.⁹

A reconciliação com os pobres do sertão

O argumento que quero desenvolver aqui é que Padre Cícero jamais se envergonhou da cultura popular dos pobres do sertão, mas, ao contrário, nela esteve inserido de uma forma plena para “cuidar e amar” aqueles que eram desprezados pelos intelectuais e pelo clero reformador. O que o distinguiu dos intelectuais liberais e do clero romanizador era sua incontestável convicção de que tanto o projeto político quanto o eclesial deveriam incluir a participação dos pobres. Ou seja, qualquer projeto de modernização ou reforma religiosa deveria partir da realidade do povo e ser tecido com os fios da sua cultura e religiosidade. Sua atitude diante da modernidade e da reforma do catolicismo não era de uma recusa aos benefícios que elas trariam para o país e para a Igreja Católica, mas sim, de crítica aos projetos que estavam sendo forçados de nação e de Igreja, os quais excluía o povo com sua cultura e seu catolicismo popular.¹⁰

Embora tenha sido formado no rigor de um seminário ultramontano, Padre Cícero recusa-se a assumir uma posição de externalidade em relação ao catolicismo popular. O efeito da romanização sobre sua formação foi nuançado pela profunda admiração que ele nutria pela figura do Padre Ibiapina (1806-1883). Foi a inspiração de Ibiapina e sua empatia para com os pobres dos sertões que determinou a escolha de decisão pessoal, ancorada numa experiência onírica.

O relato do sonho que respaldou sua escolha, narrado e repedido muitas vezes pelo próprio Padre Cícero, é uma peça fundamental para se entender sua posição como mediador entre o catolicismo tradicional do povo do sertão, ao qual ele se sente ligado por suas raízes

e origem familiar, e o catolicismo institucional e clerical, no qual foi formado.¹¹ Vamos ao relato:

Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, [Padre Cícero] atravessou, pesadamente, o pátio da capela, em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado. Aí, no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono e a visão fatal se revelou: 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a Última Ceia, de Leonardo da Vinci. O Padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. (...) No momento em que o Cristo imaginário se levanta para dirigir a palavra a seus apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou na escola. Davam a impressão de serem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. (...) Naquele momento, Cristo apontou para os pobres e voltando-se inesperadamente para o jovem sacerdote estarrecido, ordenou: “e você, Padre Cícero, tome conta deles”. “Com essa ordem”, contou Padre Cícero, anos depois, “acordei e não vi mais nada; mas pensei um pouco e decidi, mesmo errado, a obedecer”. Meses depois, naquele mesmo ano, Padre Cícero juntou os poucos bens que tinha no Crato e mudou-se para Juazeiro, trazendo sua mãe e suas duas irmãs solteironas. Instalou-se numa pequena casa coberta de palha, defronte à Capela de Nossa Senhora das Dores, e começou sua vida de sacerdócio entre os pobres que lhe haviam sido confiados no sonho predestinado.¹²

Padre Cícero expressa, neste sonho, sob forma alegórica, como é próprio da linguagem onírica, sua decisão de trilhar o seu próprio caminho pastoral, de inserção junto aos pobres do sertão. Esta decisão, no entanto, não é repentina, como ele mesmo relata noutros

testemunhos sobre sua missão em Juazeiro, mas havia sido amadurecida ao longo de sua formação presbiteral.

O recurso à linguagem onírica para legitimar decisões não é estranho à experiência da vida cotidiana.¹³ Poderíamos mesmo dizer que é normal para qualquer pessoa, crente ou não, ter uma visão em sonhos que tornam inteligíveis questões com que se debate ou que aclaram situações em que é preciso tomar uma decisão conflitante. A linguagem onírica, portanto, não deve ser tomada como uma fuga do mundo real, mas antes, como um impulso para a ação. É neste horizonte que interpretamos a decisão do Padre Cícero em seguir a missão evangélica que lhe fora atribuída por Jesus de “amar e cuidar dos pobres”.

O sonho introduz Padre Cícero num cosmos em que o Evangelho e o contexto social se entrelaçam e tecem a trama do mundo vivido, inscrevendo e ambientando a narrativa bíblica no sertão. Ou seja, como vemos no relato acima transcrito, o quadro da Última Ceia é redesenhado pela presença dos retirantes que, com a crueza de sua miséria, adentram a cena onírica e misturam-se com os personagens bíblicos, legitimando a escolha do Padre Cícero por Juazeiro, a partir de uma decisão pessoal, assumida como vocação e chamado de Deus.

As controvérsias em torno do milagre

O recurso ao sonho será acionado novamente na controvérsia que implica o milagre da transformação da hóstia em sangue, envolvendo a Beata Maria de Araújo. Sem entrar nas disputas teológicas e eclesiais do longo processo que o milagre desencadeou – detalhadamente analisado por Ralph Della Cava –, nosso intuito aqui é apenas o de assinalar a atitude de reconciliação do Padre Cícero diante da intransigência do Bispo em exigir a retratação do clero em relação ao milagre. Em carta a Dom Joaquim José Vieira, em julho de 1891, Padre Cícero, mais uma vez, recorre ao sonho para justificar sua recusa à retratação. Sobre este episódio, escreve Della Cava:

Padre Cícero justificou sua posição recorrendo a uma fonte de autoridade mais alta do que a de Dom Joaquim. Explicou solenemente que, durante três dias consecutivos, Cristo apareceu-lhe [em sonho] numa série de visões, revelando-lhe o significado dos acontecimentos de Juazeiro. “A vista de testemunhos desta ordem”, perguntava Padre Cícero, “poderia eu deixar de crer e de afirmar que o sangue manifesto aqui nas sagradas formas é o sangue de Jesus Cristo?”¹⁴

Um olhar retrospectivo para os conflitos que ocorreram no Juazeiro, no período, permite-nos perceber que a intransigência da hierarquia eclesiástica em relação ao Padre Cícero era, na verdade, a outra face da sua intransigência em relação à cultura católica popular. Os reformadores viam-se, neste momento, como portadores de uma verdade, elaborada nos círculos hierárquicos do poder, para os quais a experiência e a prática de quatrocentos anos do catolicismo no Novo Mundo não tinham a menor relevância. A reforma que eles propuseram desconsiderava qualquer valor eclesial às crenças, devoções e práticas do catolicismo popular. Ou seja, não havia lugar para mediadores entre a instituição, vista como única depositária da verdade evangélica, e o catolicismo que era vivido nos sertões brasileiros. O sentimento de cruzada, que impregnava o movimento romanizador, transformou as práticas, os rituais e as devoções dos pobres dos sertões numa heresia a ser erradicada.

Os intelectuais e a reconciliação

A mesma externalidade que observamos no clero romanizador em relação ao catolicismo popular, vamos encontrar nos intelectuais liberais em relação à cultura popular. Estes também se situam do lado de fora da cultura popular, como observadores, demarcando os limites entre um sistema tradicional e outro moderno adveniente. Este modo de proceder, assumido em nome da ciência, está na origem da

(di)visão dualista do país. A ideia de “dois brasis”, que se confrontam, torna-se recorrente no discurso dos intelectuais liberais.

Para demonstrar esta premissa, sigo a sugestão de Antônio Braga de revisitar o texto do educador paulista Manoel Lourenço Filho, no livro *Joaseiro do Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no Nordeste*.¹⁵ A referência a este texto permite-nos estabelecer um paralelo entre dois personagens centrais da primeira metade do século XX, que foram posicionados, de uma forma emblemática, em campos de forças opostos.¹⁶ Como Braga nos mostra, Lourenço Filho representava o principal grupo de intelectuais da época, que escrevia em jornais e difundia, na opinião pública, o projeto moderno liberal de reformas na educação e na cultura, vistas como indispensáveis para a superação do atraso histórico do país e a modernização da sociedade. Nestes mesmos artigos e textos, Padre Cícero era retratado como mais um líder de fanáticos e incultos que resistia ao projeto modernizador.

Lourenço Filho visita o Juazeiro entre abril de 1922 e dezembro de 1923, período em que morou no Ceará. A visita foi motivada pela “resistência de Padre Cícero ao recenseamento das crianças de seis a doze anos que a Diretoria de Instrução Pública do Governo do Ceará pretendia realizar”.¹⁷ Ainda que, aos olhos de Lourenço Filho, esta recusa do Padre Cícero venha a compor mais uma “cena do fanatismo nordestino”, é possível fazer outra leitura deste fato, consoante com a lógica e a perspectiva da cultura popular. Ou seja, acreditamos que essa recusa do Padre Cícero possa ser interpretada como uma atitude de resistência à dominação e ao controle do Estado sobre a vida da população local. Afinal, no contexto da cultura bíblico-católica dos sertões, qualquer recenseamento remete tanto ao decreto do imperador romano, que obrigou José e Maria a deslocar-se para Belém, onde Jesus nasceria numa manjedoura, quanto à subsequente matança de crianças, decretada por Herodes.¹⁸ Este pré-texto, subjacente ao ato político de recusa ao recenseamento, poderia indicar, ao

invés de uma atitude obscurantista do Padre Cícero, como foi vista por Lourenço Filho, uma sintonia fina com a cultura dos sertanejos.

Os romeiros aparecem, no livro de Lourenço Filho, como tipos degradados, doentes e degenerados que oscilam entre a submissão e a violência latente, que ameaçam a ordem. O seu estilo produz o sertanejo como um “outro”, cujo destino é o de ser absorvido numa nova ordem social e política que deverá emergir da purificação cultural. O tom dramático do seu relato apresenta o romeiro como outro incômodo, do qual devemos nos envergonhar. Talvez, pudéssemos aplicar a Lourenço Filho a crítica que Lévi-Strauss faz aos intelectuais brasileiros que, deslumbrados com “as conquistas da civilização industrial”, estariam apenas “simulando sofisticação para escapar do seu próprio destino nacional.”¹⁹

É importante reter aqui que, embora se posicione a favor da laicidade e da liberdade religiosa, o discurso moral que os intelectuais acionam, em nome do Estado, torna-se um instrumento de regulação do religioso, que acaba por negar o direito de expressão às formas tradicionais de religiosidade. Neste sentido, a atitude de acolhida e respeito de Padre Cícero para com os pobres do sertão torna-se altamente perturbadora, na medida em que evidencia um dissenso inoportuno na elite escolarizada. Afinal, o esperado da parte de um sacerdote católico com uma formação escolar, era que olhasse para os sertanejos como objetos da ação civilizadora do Estado e da Igreja.

É, ainda, importante observar que outros intelectuais e cientistas que visitaram Padre Cícero neste mesmo período produziram relatos inteiramente discordantes e opostos aos de Lourenço Filho. Ou seja, longe da imagem grotesca que Lourenço Filho apresenta do Padre Cícero, aqueles que dele se aproximaram, sem a ideologia da divisão entre o Brasil atrasado dos sertões e o país do futuro que se anunciava, puderam testemunhar que, embora tenha vivido no sertão, a visão do mundo e o conhecimento do Padre Cícero tornavam-no um

interlocutor capaz de dialogar com inteligência e propriedade sobre questões e temas científicos e políticos da época.

Ao longo deste texto, procuramos seguir a linha da reconciliação para compreender a ação do Padre Cícero como mediador entre o sertão e o litoral, entre os pobres e as elites nacionais, entre a cultura popular e a modernidade adveniente, entre o catolicismo tradicional e o movimento reformador. Uma ação que se torna particularmente agonística, visto que acontece num momento histórico em que estas divisões eram explicitadas e aprofundadas pelo projeto de modernização hegemônico que se afirmava com a proclamação da República e com o avanço do catolicismo ultramontano no país. E, neste percurso, partimos de uma breve referência às raízes bíblicas do conceito de reconciliação, num esforço por estabelecer um diálogo das Ciências Sociais com a Teologia.

Em seguida, incursionamos pela inesperada reflexão da filósofa judia Hannah Arendt sobre o perdão como uma prática inaugurada por Jesus de Nazaré. Na esteira do que ela propõe, procuramos transpor os conceitos da reconciliação e do perdão do contexto religioso para a cena política, numa aposta de que eles nos dariam pistas preciosas para uma compreensão mais aprofundada dos fatos sociais. Ao puxar este fio, foi possível perceber que a reconciliação não começa nem termina num decreto ou documento emitido por uma autoridade, mas permeia a totalidade da vida social e política, indo muito além dos cânones jurídicos e eclesiásticos.

Ao voltarmos-nos mais especificamente para a prática pastoral e política do Padre Cícero, demo-nos conta de que a reconciliação era o impulso vital que efetivamente o mobilizava. Então, discorreremos sobre algumas controvérsias públicas em que ele esteve envolvido. E, ao

analisar o sentido de sua mediação nestes conflitos, percebemos que ela foi exercida sempre em favor dos pobres e dos romeiros dos sertões. Ou seja, Padre Cícero não foi um mediador neutro. Sua posição como sacerdote e intelectual conferiu-lhe um lugar de reconhecimento e legitimidade, o qual ele ocupou para falar em nome daqueles com os quais partilhava sua vida, morando e atuando como um pároco de aldeia, num rincão perdido do Nordeste, onde sua presença fez diferença, projetando-o no cenário nacional e internacional.

Padre Cícero não se posiciona contra as promessas dos avanços tecnológicos, sociais, morais e políticos da modernidade. Ao contrário, ele foi um agente de modernização em Juazeiro. Sua crítica, na verdade, se direciona ao projeto de modernização, posto em curso pelas elites políticas e pelos intelectuais liberais, na medida em que estes excluíaam os pobres do sertão e os apresentavam como um entrave a ser removido no caminho do progresso que o país deveria trilhar, tendo os países desenvolvidos como modelo.

Por fim, entendemos que a crítica do Padre Cícero ao projeto hegemônico de modernização da sociedade brasileira e de reforma do catolicismo romano tem como foco o fato de eles excluíaem os pobres e negarem a cultura e a religiosidade como dimensões a serem incorporadas na narrativa da nação. Fato que fica evidente, como procuramos mostrar recorrendo a Lévi-Strauss, na *vergonha* que os intelectuais liberais e o clero ultramontano deixam transparecer em relação aos “aspectos primitivos, os pontos mais feios” da cultura popular. Incapazes de reconhecer que “*o sertanejo é, antes de tudo, um forte*”, como o fez Euclides da Cunha, na frase que se tornou um ícone da literatura brasileira. Ao contrário, Padre Cícero nunca se envergonhou de seu povo e, em fina sintonia com os valores e as crenças que teciam a sua cultura e religiosidade, olhava com profunda desconfiança para os projetos de modernização e de reforma eclesial que tinham como horizonte o desencantamento do mundo e a erradicação da cultura e da religiosidade popular.

NOTAS

¹ A questão da reconciliação coloca-se, como mostra Pierre Sanchis, como central nos acontecimentos de Juazeiro. Como afirma o autor, “desde o início, o drama encenado em Juazeiro foi tripolar: Cícero, a Igreja, o povo. E se este último polo foi sempre mantido na ambivalência, por causa da tensão entre os dois primeiros, parece despontar hoje uma inesperada resolução: no intuito, não de reabilitar o Pe. Cícero, mas de operar a reconciliação da Igreja com ele, o Bispo diocesano nomeou uma Comissão cujo trabalho histórico-ecclesial chegou a conclusões positivas” (SANCHIS, Pierre. Desperta novo ator no campo religioso brasileiro? O Padre Cícero Romão Batista. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, nº 2, p. 11-29, dez. 2007, p. 12).

² DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 20.

³ A noção de romanização do catolicismo brasileiro foi sugerida por Roger Bastide e desenvolvida por DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, e por OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁴ BAUER, Johannes.(Ed.). *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 357-358.

⁵ *BÍBLIA de Jerusalém*. Nova ed. rev. e ampl. 2 impr. São Paulo: Paulus, 2003.

⁶ STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 151.

⁷ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 250.

⁸ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 255.

⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. South America: Rebellion in the Backlands. *American Anthropologist*, v. 46, nº 3, p. 394-396, jul./set. 1944, p. 396.

¹⁰ No capítulo “Da religião à política”, em seu livro *Milagre em Joazeiro*, Ralph Della Cava faz um balanço do progresso econômico e social que Juazeiro alcançou no período do Padre Cícero, graças à introdução de novas técnicas agrícolas no campo e à promoção do artesanato e de pequenas indústrias na cidade (DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 135-157). Juazeiro distingue-se, das demais localidades do Ceará e do Nordeste, mesmo num período de seca e crise que assolou a região nordestina.

¹¹ A narrativa que transcrevemos aqui tem como base o relato do sonho apresentado por Ralph Della Cava, que, por sua vez, como o autor explicita em nota, trata-se de uma paráfrase do que se encontra em Macedo (1955) e que tem, como referência, uma versão anterior de Manuel Dinis, publicada em 1935 (DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 47).

¹² DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 26-27.

¹³ É preciso lembrar aqui que, tanto nos relatos bíblicos, como na vida dos santos, há inúmeras recorrências à comunicação de Deus e dos mortos por meio de sonhos. Neste

sentido, recorrer a um sonho como referência para uma decisão não deveria ser estranho à cultura bíblico-católica predominante na época.

¹⁴ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 64.

¹⁵ A primeira edição do livro de Lourenço Filho foi publicada em 1926 e, em 1927, foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. A edição mais recente do livro foi publicada em 2002 pelo MEC/Inep, sem o subtítulo.

¹⁶ BRAGA, Antônio M. C. *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um santo*. Bauru: EDUSC, 2008, p. 236

¹⁷ BRAGA, Antônio M. C. *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um santo*. Bauru: EDUSC, 2008, p. 235.

¹⁸ A correspondência entre eventos históricos e mitos bíblicos, na tradição popular católica, foi referida por Victor e Edith Turner no livro *Image and Pilgrimage*. Para os autores, esta correspondência remete a uma “raiz paradigmática” do mito bíblico, que opera como um meio pelo qual “os pobres e iletrados” conservam em sua memória as doutrinas e os dogmas católicos (TURNER, Victor W.; TURNER, Edith. *Image and Pilgrimage in Christian Culture: Anthropological Perspectives*. New York: Columbia University Press, 1978, p. 48). No livro *O sertão das romarias*, tomo esta referência como um elemento a favor do argumento da existência de uma *cultura bíblico-católica* no sertão nordestino (STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 155-158). Este conceito tem sua origem na ideia de pré-texto, que foi proposta por Otávio Velho, no seu artigo sobre a Besta-fera, onde ele elaborou a ideia de uma *cultura bíblica* (VELHO, Otávio. *Besta-fera recriação do mundo: ensaios de crítica antropológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995).

¹⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. South America: Rebellion in the Backlands. *American Anthropologist*, v. 46, nº 3, p. 394-396, jul./set. 1944, p. 396.

Facetas de uma "santidade pecadora no sertão" nordestino

*Francilaide de Queiroz Ronsi**

Nem tudo o que um santo diz é plenamente fiel ao Evangelho, nem tudo o que faz é autêntico ou perfeito.

(Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, n. 22)

Adentrar na vida de Pe. Cícero não é uma tarefa fácil. São muitas e controversas as informações que se têm sobre a sua vida e o seu ministério; para muitos, surge a questão: afinal, ele foi realmente um santo? E, dos muitos caminhos que existem para chegar a um melhor entendimento de sua tão questionada personalidade, ousamos o estudo a partir do seu ministério pastoral como um caminho para nos aproximarmos de quem ele foi e quem continua sendo para a devoção popular.

Para tanto, tomaremos como ponto de partida o lugar onde ele nasceu, o Vale do Cariri e, nessa região, conheceremos as pessoas que, ao longo de sua vida, contribuíram para a sua formação humana e religiosa que muito influenciou o seu modo de ser e de agir como sacerdote. Desde a sua família, com o carinho e atenção de sua

* Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Docente do Departamento de Teologia da mesma Universidade. E-mail: francilaide@puc-rio.br.

mãe, dona Quinô; seus professores, em especial o Pe. Inácio Rolim, considerado o “Anchieta do Nordeste”; o Pe. Ibiapina, o Apóstolo do Nordeste; São Francisco de Sales, o mestre do amor, seu mistagogo, até a sua entrada no Seminário da Prainha, onde se aproximou da rigidez da romanização da Igreja que estava acontecendo no Brasil.

Depois de sua ordenação, quando retorna ao Crato, sua cidade natal, e é convidado a celebrar em um pequeno povoado, o jovem Padre tem um sonho que norteará a sua vida. Nele, Jesus lhe disse: “e você, Pe. Cícero, tome conta deles”.¹ Em seguida, outro importante momento, que poderia ter proporcionado uma alegria para sua pastoral, desencadeou a sua mais profunda noite escura: o milagre que ocorreu com a Beata Maria de Araújo, mudou por completo a sua vida.

Como veremos, Pe. Cícero, mesmo tendo sido afastado de suas ordens ministeriais, não se afastou do povo. Obediente à Igreja, ele reinventa a sua pastoral e esta se transforma em um ministério dedicado aos pobres e sofredores do sertão. Logo, a práxis pastoral de Pe. Cícero nos ajudará a entender a relação de apadrinhamento que ele viveu com as pessoas e, o fato de ter sido, já em vida, chamado de santo. Dentre tantas facetas que podem ser destacadas na vida desse padre do sertão nordestino, ficaremos com aquela que os seus afilhados continuam a vislumbrar, como veremos no presente texto.

Vale do Cariri, onde Cícero nasceu e viveu

Antes da chegada dos portugueses e dos missionários, a região conhecida como Vale do Cariri era bastante visitada pelos índios e por estes protegida. Para eles, o Vale era sagrado, era o lugar onde os seus rituais eram realizados e suas forças, revigoradas. Essa região, localizada no meio de um sertão inóspito, assim como era para os índios, ainda é, para muitos nordestinos, um lugar privilegiado, cercado por montanhas (a Chapada do Araripe) em cujas entranhas encontra-se água em

abundância, com aproximadamente 348 fontes naturais.² É um oásis, localizado no meio do sertão nordestino, que acolhe muitas pessoas durante os períodos de seca. O que não significa que essa região não seja atingida pelas severas secas e que esse oásis se transforme apenas em um sinal de esperança, um símbolo de fertilidade e abundância.

Aqui nasceu Cícero Romão Batista e, para o povo dessa região, entregou toda a sua vida. Os romeiros que visitam a cidade de Juazeiro, impregnados pela memória popular, também marcada pela cultura indígena, confessam:

meu padrinho sempre dizia: vocês podem percorrer o mundo inteiro, como uma mãe carregando o filho nos braços, sem encontrar uma colheira de farinha para alimentá-lo. Venham a Juazeiro e aqui encontrarão o que comer. Vocês podem percorrer o mundo inteiro, tendo-se evaporado as águas do mundo, sem encontrar um copo d'água para matar a sede. Venham a Juazeiro e aqui encontrarão o que beber.³

Se assim foi dito pelo Pe. Cícero, não podemos afirmar, mas o fato é que até hoje os romeiros carregam essa certeza. A população da cidade de Juazeiro, em sua grande maioria, é constituída por romeiros que, por acreditarem nos ensinamentos de Pe. Cícero, decidiram nela morar, e não é difícil encontrar quem deseja passar seus últimos dias nessa terra, considerada sagrada. Uma terra que não está isenta de sofrer com as consequências das secas, mas que encontra, na esperança da Providência Divina, aquela teimosia que os sertanejos conhecem e cujas raízes estão fincadas na fé.

O desenvolvimento geográfico, socioeconômico e cultural que a cidade de Juazeiro vai adquirindo tem sua origem na mudança que acontece primeiro dentro das pessoas; é de dentro para fora. As pessoas buscam essa cidade porque foram antes tocadas por sua força espiritual e mística, onde oração e trabalho são indissociáveis, herança

dos conselhos de Pe. Cícero, que pedia para que em cada casa tivesse um oratório e uma oficina.

É, então, no Vale do Cariri, recôndito sagrado no sertão nordestino, o lugar onde foram construídas as facetas sobre quem foi o Pe. Cícero. Ele teve a sua história lida, relida, contada e investigada por vários ângulos, mas, aos poucos, os olhares vão mudando a direção para começarem a admirar e a contemplar quem de fato foi o Padriinho do sertão nordestino. Destarte, o nosso percurso será orientado por seus escritos, pelas influências que recebeu ao longo do tempo e pelos testemunhos dos seus inúmeros afilhados.

As influências na vida de Pe. Cícero

Cícero, aos seis anos de idade, tem a ajuda do prof. Rufino de Alcântara com os seus estudos iniciais. Depois, aos doze, começa a ter aulas na escola de um parente seu, João Marrocos, um padre casado, que lhe inicia no latim. O jovem Cícero, sem perceber, vai sendo conduzido a um percurso interior desde o que aprendera com a sua mãe, dona Quinô, mulher de grande fervor religioso, que sempre o incentivou em suas inclinações religiosas, até às prédicas do Pe. João Marrocos, experiências profundas que vão marcando a sua formação.

Quando completa 16 anos, o jovem Cícero começa a estudar na escola do prof. Pe. Inácio de Souza Rolim. Foram dois anos de um aprendizado para além dos bancos da sala de aula. Pe. Inácio Rolim é conhecido como o “fundador” da cidade de Cajazeiras-PB, que cresceu ao redor da capelinha construída por sua família, onde mais tarde viria a ser o seu capelão. O Pe. Inácio Rolim se destacou como um grande educador. Ele criou uma “fazenda/escola” utilizando métodos inovadores e foi considerado, por D. Pedro II, o “Anchieta do Nordeste”.⁴

A imaginação material de Padre Rolim remete ao ideário do *homo faber*, da casa oficina, da casa escola como lugar do construtor, da escola como o

sonho do projetista, do arquiteto, a escola das mãos. (...) A velha oficina (da fazenda dos pais) remete à marca inspiradora da educação do fazer, da educação da mão na massa, no lápis da história, no martelo. Padre Rolim é o homem destemido dos trânsitos de informação prática, dos negócios de vidas (levar as crianças, convencer os pais a educá-las, tirá-las de suas casas para a casa/oficina, para a escola rodeada de ferramentas, de lembranças do suor do artesão, do labor das mãos). (...) A fazenda/escola agrega toda a vida, é o centro do mundo do sertanejo – desde as fontes e poços, os animais, as plantas, até a casa, o pai, a mãe. O cosmos é o sonho educacional de Rolim – a fazenda/escola, um artífice de almas. (...) Enfim, imaginar é criar o mundo, é criar o universo, seja pelas artes, pelas ciências, ou pelos pequenos atos, profundamente significativos. Ele imaginou e criou uma escola, uma casa/saber, um candeeiro aceso pela luz do conhecimento.⁵

É inegável que o período que o jovem Cícero passou estudando com o Pe. Inácio Rolim iria marcá-lo para sempre. Como veremos, de um lado encontramos o Pe. Inácio Rolim, que impulsionou e inspirou a construção de uma cidade ao redor de uma árvore, Cajazeiras, a partir do método fazer, do construir; do outro lado teremos o Pe. Cícero, seu ex-aluno, que, à sombra de outra frondosa árvore, o Juazeiro, colaborou com a fundação de mais uma cidade, partindo do desenvolvimento sustentável, “uma cidade do saber fazer”. Os dois acreditavam, confiavam na juventude e no povo nordestino e não mediram esforços para que a aprendizagem acontecesse na prática, no concreto da vida.

Padre Ibiapina, o apóstolo do Nordeste

Outra importante influência na vida de Cícero, marcada pelo saber e pela religiosidade popular, vem das missões e pregações de José Antônio Pereira Ibiapina, um ex-advogado que foi ordenado aos 47 anos

de idade, no dia 3 de julho de 1853, no seminário de Olinda-PE. Na sua ordenação, trocou o sobrenome Pereira pelo de Maria, em homenagem àquela que seria a inspiração do seu apostolado. O seu destino seria as terras nordestinas, as mais inóspitas. Seu desejo era ser missionário, atender os clamores do povo sofrido e abandonado daquela região, por meio da pregação do Evangelho e do incentivo à educação.

Com o intuito de mudar o sertão não apenas por fora, mas por dentro, aos 48 anos de idade, o Pe. Ibiapina deixa Olinda e inicia a sua missão com todo o seu zelo apostólico, nas terras mais pobres do sertão nordestino. Tudo começava a partir da identificação das carências das pessoas e de suas comunidades e, sempre em mutirão, fundava capelas, abria poços, construía açudes, orfanatos, cemitérios, casas de caridade e ensinava novas técnicas agrícolas aos moradores da região.

Por conseguinte, o seu apostolado se realizava a partir dos problemas humanos, estava encarnado na realidade de povo, era mais do que uma ação assistencialista; o que ele realizava era a promoção das pessoas daquela região. Pe. Ibiapina fundou uma nova ordem religiosa, a dos beatos e beatas, que logo cresceu em todo o Nordeste. Eram homens e mulheres que o auxiliavam em sua missão tanto nos aspectos religiosos quanto sociais, iniciativa que antecipava o que mais tarde, no século XX, o Concílio Vaticano II afirmava sobre o papel dos leigos e das leigas na Igreja e na sociedade.

Ele possuía a habilidade de aproveitar as tradições populares, incorporando a realidade do povo em suas ações. Todas as suas fundações contribuíram para o desenvolvimento humano, social e econômico do Nordeste, desde a sua inserção no social até o econômico colaborando na capacitação das pessoas para a realidade do trabalho formal. Logo, ele não se destacou no fortalecimento das paróquias a partir da doutrinação ou pela ministração dos sacramentos, mas pela

formação de comunidades, promovendo as pessoas. Agindo dessa forma, ele foi o primeiro a realizar um trabalho de transformação social nas terras nordestinas, desde as diversas realidades presentes nessa região brasileira.

Alicerçado na união entre fé e vida, o apostolado de Pe. Ibiapina tornava realidade o que um século depois será chamado pela Igreja de opção preferencial pelos pobres, cunhada pelo Concílio Vaticano II, uma das marcas mais singulares da Igreja latino-americana e que teve seu ápice, especialmente, na Conferência Episcopal realizada em Medellín. O Pe. Ibiapina, em suas pregações, chamava o povo à conversão pessoal e social quando pedia também o fim das atitudes individualistas e egoístas.

Desta maneira, atuando como um missionário itinerante no serviço aos mais pobres, não seguindo padrões preestabelecidos, foi perseguido pela estrutura eclesial de sua época, até que, em 1872, foi expulso do Crato, deixando suas obras sociais aos cuidados da Diocese.

Mas antes, em fevereiro de 1865, na inauguração de uma casa de caridade, na cidade de Missão Velha, o jovem Cícero, que já conhecia o trabalho do Padre, o conheceu pessoalmente.⁶ As missões e as pregações de Pe. Ibiapina eram admiradas por todos os sertanejos, e o jovem Cícero foi profundamente atingido pelo lema oração e trabalho / fé e vida que permeava o apostolado do padre e educador Ibiapina, e, não poderia ser diferente, toda essa experiência o inspiraria no futuro como padre, em sua futura prática pastoral.

Francisco de Sales, o mestre do amor

A vida do Pe. Ibiapina terá uma importante influência na vocação religiosa de Cícero, que já havia sido despertada em sua adolescência, quando, com 12 anos de idade, leu o livro de São Francisco de Sales, *Filoteia ou introdução à vida devota*.⁷ Ele disse que sua vida mudou

depois da leitura desse livro. Foi o momento de sua hierofania, o instante em que o Sagrado, pela primeira vez, se manifestou ao jovem Cícero, que confessou: “pela leitura que nesse tempo fiz da vida imaculada de São Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e castidade”,⁸ nele manifesta-se o desejo de entregar toda a sua vida a Deus.

Nesse livro, escrito no começo do século XVII, dedicado a *Filoteia*, que significa a pessoa amante ou enamorada de Deus, São Francisco de Sales conduz, passo a passo, o batizado até a plenitude da vida cristã, apresentando os meios para consegui-lo, como a oração, os sacramentos, a prática das virtudes. Segundo São Francisco Sales:

*a verdadeira devoção pressupõe o amor de Deus, ou melhor, ela mesma é o mais perfeito amor a Deus. Esse amor chama-se graça, porque adereça a nossa alma e a torna bela aos olhos de Deus. Se nos dá força e vigor para praticar o bem, assume o nome de caridade. E, se nos faz praticar o bem frequente, pronta e cuidadosamente, chama-se devoção e atinge então o maior grau de perfeição.*⁹

Nessa obra encontramos conselhos simples e práticos, aplicáveis a todas as épocas, como por exemplo:

as grandes ocasiões de servir a Deus se apresentam raramente, mas as pequenas são constantes; pois bem, quem for fiel no pouco, disse o Senhor, será constituído sobre o muito. Faze, então, todas as coisas em nome de Deus e tudo estará bem feito. Quer comas, quer bebas, quer durmas, quer te recreies, quer cuide de panelas, enquanto cumprires bem teus deveres, ganharás muito diante de Deus. Fazendo todas as coisas porque Deus assim o quer.¹⁰

Essa leitura vai marcar profundamente a vida do jovem Cícero. Podemos dizer que São Francisco de Sales foi o seu grande mistagogo. O seu testemunho de vida, a forma como conduzia as pessoas ao

encontro de Deus, por meio de conselhos aplicáveis à vida cotidiana, revelavam a possibilidade de que todos podem viver e cultivar uma profunda vida interior. Ele colocava a santidade ao alcance de todos, conceito original de santidade para sua época, que foi confirmada três séculos mais tarde no Vaticano II e, recentemente, reafirmada pelo Papa Francisco com a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*.

A pesquisadora Annette destaca, em seu livro, a comparação que faz o Pe. Azarias Sobreira entre o Pe. Cícero e São Francisco de Sales:

de São Francisco de Sales (Pe. Cícero) teve, até a morte, duas das principais características: a mansidão e a pureza. Não era somente essa mansidão vulgar, que reflete apenas um temperamento fleumático e acomodaticio. Pelo contrário. Era uma mansidão doçura, a mansidão-conquista da vontade. Mansidão obtida à custa de indizíveis esforços para domar o arrebatamento natural. Mansidão amorosa, indulgente (...) O que mais surpreendia era a espontaneidade de suas maneiras, por mais que variassem, de sexo e idade, em redor dele, as figuras humanas. Todos o encontravam à altura dos grandes confesores da fé. Havia ainda dois traços importantes que o identificavam com São Francisco de Sales: eram os dons de consolar, no exercício do amor ao próximo. (...) e as suas palavras, nascidas do coração e embebidas de genuíno Evangelho, iam diretamente ao coração alheio, de cujas amarguras partilhava porque sabia compreendê-las.¹¹

Cícero descobriu uma espiritualidade que marcará a sua vida. Vale lembrar que esse santo também inspirou outra pessoa, São João Bosco que, na vigília de sua ordenação, disse “a caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiarão em tudo”.¹² Talvez aqui encontremos a razão da admiração que o Pe. Cícero nutrirá pela Congregação Salesiana, que se tornou explícita quando, em seu testamento, deixou sob a responsabilidade dos salesianos a continuidade de sua obra, em especial com a formação profissional dos jovens.

Deste modo, foi em um contexto religioso marcado pela tentativa de romanização do Nordeste, por meio de uma espiritualidade exigente, moralista e rigidamente acética, influenciada pelo “terror do pecado, da morte iminente e do fogo do inferno”,¹³ que o Pe. Cícero se manteve inspirado e movido pela espiritualidade que lhe marcara em São Francisco de Sales. No entanto, como homem do seu tempo, não deixou de ser influenciado pela pedagogia do “medo”, mas, por sua presença acolhedora e amiga, por sua escuta atenta e sempre prestativa, soube manter a fé do povo sustentada pela misericórdia divina.

Todas essas experiências e testemunhos de vida foram forjando o jovem Cícero por dentro: o “apostolado se realizava a partir dos problemas humanos” do Pe. Ibiapina, a “caridade e a doçura” em São Francisco de Sales e a “pedagogia do ensinar fazendo” do Pe. Inácio Rolim.

No seminário, os lazaristas

Depois de algumas tribulações, Cícero ingressa no recém-aberto Seminário da Prainha, em Fortaleza, em 1865. Era a segunda turma de seminaristas. Quando entrou, o jovem Cícero estava certo de que existia uma vontade maior sobre ele, era algo que já não era somente seu, mas era uma vontade do próprio Deus.

Antes de sua entrada no seminário, ele teve uma visão sobrenatural em que seu pai Joaquim, que já havia falecido, lhe disse que “Deus cuidaria de sua ordenação”. Ou seja, para o jovem Cícero, a sua vocação sacerdotal não era apenas uma vontade ou uma certeza humana, era a vontade de Deus.

Sua experiência no seminário não foi fácil, mas estavam presentes nele todas as experiências vividas anteriormente, tudo lhe impulsionava por dentro. Ele estava cada vez mais convicto de que queria oferecer a sua vida a Deus para a salvação do mundo. E assim, acostumado com a religiosidade popular dos beatos, do missionário

Pe. Ibiapina, foi surpreendido com a rigidez do seminário que era dirigido pelos padres lazaristas franceses que tinham a incumbência da romanização da Igreja no Brasil. Para esses, o conteúdo europeu era considerado o verdadeiro catolicismo romano em oposição ao catolicismo dito “colonial” ou “luso-brasileiro”.

Nesse contexto, Cícero procura manter-se fiel à sua origem e, ao mesmo tempo, corresponder à realidade do seminário. Ele chegou ao fim de sua formação e, por decisão direta de Dom Luiz, Bispo de Fortaleza, em 30 de novembro de 1870, foi ordenado sacerdote, aos 26 anos de idade.

Considerado um aluno “mediocre” pelos professores do seminário, como padre se destacou, além das pregações, orientações e conselhos, por sua curiosidade pelo que acontecia no mundo, e em que poderia ajudar a solucionar problemas concretos do povo nordestino.

Era uma das características de Pe. Cícero saber ouvir, estar atento às pessoas, não lhe importava a origem social, ele acreditava que poderia sempre aprender alguma coisa. Antes de Paulo Freire nascer e de escrever o livro *Pedagogia do oprimido*, encontramos nas ações do Padre do sertão uma escuta atenta e acolhedora, a valorização do diálogo construtivo, o reconhecimento do valor e da dignidade do “oprimido”, das pessoas que não tinham a quem recorrer. Influência da pedagogia de seu professor Pe. Inácio Rolim.¹⁴

Pe. Cícero, de volta ao Crato

Logo após a sua ordenação, o mais novo padre parte com destino ao Crato para celebrar a sua primeira missa. Era madrugada quando ele chegou, no dia primeiro de janeiro de 1871, na casa de sua mãe dona Quinô. No dia 8 de janeiro de 1871, ele celebrou a sua primeira missa na matriz Nossa Senhora da Penha, a mesma onde fora batizado. Ele fica no Crato, aguardando a sua nomeação para alguma

comunidade. Enquanto espera, leciona latim no Colégio Cratense, do amigo José Marrocos. Próximo ao natal de 1871, Pe. Cícero recebeu o convite para celebrar a missa do galo na capelinha de Nossa Senhora das Dores, localizada em um povoado muito pequeno, perto de Crato; nele havia três pés de juazeiro e algumas casinhas.

Chegado o dia de sua ida ao povoado para celebrar a missa, ele fica encantado com a acolhida do povo e, a partir daquele dia, passa a confessar e a celebrar regularmente na capelinha em ruínas. Até que:

numa tarde, depois de ouvir as confissões, ele vai descansar em uma escolinha perto da igreja. Foi quando teve um sonho que lhe guiará a vida. Ele viu o Sagrado Coração de Jesus rodeado pelos 12 apóstolos entrando na sala onde ele mesmo, Pe. Cícero, estava dormindo. Quando Jesus ia começar a falar aos apóstolos, entra de repente na sala uma multidão de retirantes. Então, Jesus dirigiu a palavra àqueles pobres e, depois, voltou-se para Pe. Cícero e ordenou: “e você, Pe. Cícero, tome conta deles”.¹⁵

Ele acordou assustado, mas convicto de que era mesmo uma ordem do Sagrado Coração de Jesus para ele, era-lhe revelada a sua missão como sacerdote. O Pe. Cícero que antes de entrar para o seminário teve, por meio sobrenatural, a confirmação de que a sua vocação era desejo de Deus, agora tem a certeza de qual era a sua missão.

Em seguida, muda-se com a sua mãe e suas irmãs para o povoado e pede ao Bispo a sua nomeação como capelão da Capela de Nossa Senhora das Dores. Depois de sua nomeação, o seu ideal pastoral era se colocar a serviço dos pobres que chegavam de muitos lugares do Nordeste brasileiro, assumindo com seriedade o pedido que recebera em sonho do Sagrado Coração de Jesus. E assim, enquanto o Pe. Ibiapina realizava a sua missão como um peregrino de Deus, sem residência, o Pe. Cícero se assenta à sombra do pé de juazeiro para

innovar o pastoreio, por meio da escuta atenta e acolhedora de todas as pessoas, ovelhas de seu rebanho.

Seu ministério se manteve voltado às necessidades do povo. Não media esforços para conduzir as pessoas ao encontro com Deus, procurando alimentar a fé e animar a prática religiosa. Em seu trabalho pastoral, ele se organizou a partir de três pilares: profunda vida de oração; a convivência com o povo, por meio de visitas domiciliares nos sítios; e as pregações, não importava o lugar, se era no púlpito da igreja, embaixo de uma árvore ou na janela de sua casa.¹⁶

Em seus métodos pastorais, destaca-se a influência da espiritualidade que encontrou em São Francisco de Sales. O Pe. Azarias confirma, dizendo “com que prudência, com que recato e solicitude, verdadeiramente, apostólicas, o Pe. Cícero exercia o sagrado ministério na direção das consciências! (...) Pe. Cícero tinha um amor apaixonado da pobreza, que foi, por dilatados anos, a dama eleita de seu coração”.¹⁷ E, inspirado na ação de Pe. Ibiapina, não demorou muito tempo para que o Pe. Cícero desse início à organização de grupos de beatas, pessoas que se consagravam ao serviço de Deus, no amor aos pobres.

A casa de Pe. Cícero se tornou a casa de todos, não importava de onde vinham, se eram pobres ou ricos, todos encontravam a doce acolhida do padre. Ele nutria um vínculo paternal com aquele povo, com aquela terra de uma forma muito intensa, era como um pastor com as suas ovelhas, como um agricultor com a sua terra. Sim, ele amava o cheiro de suas ovelhas, ele estava impregnado em sua pele. O sofrimento do povo era seu, como podemos ver em uma carta, ao Bispo de Fortaleza, Dom Joaquim, escrita em 4 de julho de 1889, em um ano de grande seca.

Angustiado com tanta aflição nem sei dizer o que sinto. O tremendo flagelo da fome apresenta-se diante dos meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar (...) Lembrei-me de pedir a Vossa

Excelência, que sabe chorar com os que choram, para se interessar por nós nos alcançando algum recurso do governo, por meio de algum trabalho e que seria de garantia para prevenir outros anos. Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo tendo trabalho possa escapar. Em Constantina, na Argélia, os poços artesanais têm remediado o mesmo mal que nós sofremos, e me parece que se é verdade o resultado que dão, será um remédio mais pronto e mais eficaz. (...) Nos alcance um destes poços para o nosso pobre Juazeiro de proporções largas que dê para regar as terras que eram regadas pelo rio Batateiras nos anos precedentes (...) Vossa Excelência Reverendíssima por caridade e por Nossa Senhora das Dores, que é dona deste lugarzinho tão caro ao seu Sagrado Coração, seja um instrumento de que ela se sirva para nos salvar.¹⁸

A atitude de Pe. Cícero antecipou as palavras do Papa Francisco direcionadas aos missionários e pastores, quando disse:

com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz.¹⁹

Todos o tinham como um pai, por terem com ele uma relação paternal para além de um confessor, de um conselheiro; era mesmo um pai. Daí a origem de o considerarem como “meu padrinho” (pequeno pai), ternura de pai que lhe rendeu o título de “padrinho dos pobres”. Com o seu zelo paternal, exortava para que deixassem os vícios, que se arrependessem do pecado. É conhecida a sua recomendação: “quem matou, não mate mais, quem roubou, não roube mais”.

Foram 17 anos de convívio com as pessoas do povoado, rezando e ensinando a rezar, aconselhando, orientando, criando laços e atento às necessidades de quem o procurava. Com os seus conselhos, as suas

orientações, o seu zelo religioso e a disponibilidade em atender todas as pessoas, surgia um novo modelo de pastoral.

Consequentemente, a atuação de Pe. Cícero, mesmo ainda marcada pela pastoral que era realizada pelos missionários estrangeiros, muito conhecida no Vale do Cariri por sua rigidez, pelo medo da ira de Deus e pela perdição iminente do homem por causa do pecado, vai se tornando, com o novo modo de pastoreio, um referencial para a igreja dos pobres, para toda a região. Essa experiência não permitiu que seu trabalho pastoral perdesse a sua intensidade mesmo quando foi atingido por uma profunda e longa noite escura.

O início da noite escura para o Pe. Cícero

O que deveria ter sido considerado uma bênção para todos, curiosamente foi a causa de muito sofrimento, o início de um longo período de noite escura para o Pe. Cícero. Em 1889, algo de surpreendente aconteceu naquele pequeno vilarejo. A jovem Beata Maria de Araújo, ao receber a comunhão das mãos de Pe. Cícero, entra em um estado de êxtase e de sua boca sai sangue. Fato que se repetiu várias vezes. Ela tinha 28 anos de idade, mas segundo narra a pesquisadora Annette, desde os 26 a Beata Maria de Araújo havia apresentado em suas mãos, pés e coração, chagas enquanto meditava a Paixão de Cristo.²⁰ Sobre esses sinais, o Pe. Cícero comunicou ao Bispo que lhe aconselhou prudência e discrição, ao que foi obedecido prontamente pelo sacerdote e pela Beata.

Com relação ao que ocorrera com a eucaristia, não havia dúvida para o Pe. Cícero, para as pessoas que presenciaram o ocorrido e para o clero da região que se tratava de um milagre. Tendo em vista que esse não era o primeiro, pois já eram bem conhecidos os milagres que ocorreram com Lanciano, na Itália, no século VIII, com Ricciarella Stasio, no século XIII, dentre outros. No entanto, não foi esse o entendimento de Dom Joaquim.

Aqui se inicia um novo capítulo na história de Pe. Cícero e do pequeno povoado. Com a ajuda das correspondências entre o sacerdote e o Bispo, é possível entender um pouco melhor o que ocorreu. A notícia do que aconteceu com a Beata Maria de Araújo se espalhou pela região antes de o Pe. Cícero falar com Dom Joaquim, que ficou sabendo pelo jornal e, imediatamente, lhe escreveu:²¹

determino a Vossa Reverendíssima o seguinte: faça-se com a maior urgência uma exposição minuciosa de todas as circunstâncias que precederam, que acompanharam e subseguiram o fato, para que eu possa tomar as providências atinentes ao caso. Enquanto se espera por esse juízo final, proíbo expressamente a Vossa Reverendíssima de qualquer manifestação a este respeito. Estou persuadido que Vossa Reverendíssima, ilustrado e piedoso como o é, não se escandalizará com esta minha determinação.

A resposta de Pe. Cícero veio logo em seguida. Ele confirmou o que viu, que tentou evitar que a notícia se espalhasse e explicou que havia pedido para que o Monsenhor Monteiro, que esteve no povoado, lhe entregasse uma carta comunicando o ocorrido:

Eu sou obrigado a dizer a Vossa Excelência Reverendíssima que é verdade porque eu fui testemunha muitas vezes. Ainda que exceda a pouca fé minha e de outros, que não sabemos os excessos de amor do Sagrado Coração de Jesus fazendo esforço para salvar os homens, não posso duvidar, porque vi muitas vezes. Alguma pessoa sempre viu alguma coisa e não soube calar-se, mas eu fiz quanto pude para abafar disfarçando o negócio; (...) Eu me conservei sempre no firme propósito de ocultar tomando toda cautela para que não se visse fazendo comungar (a Beata Maria de Araújo) separada das outras.

Pe. Cícero tentou manter a discrição, assim como já estava fazendo, sobre o surgimento das chagas no corpo da Beata, mas não

conseguiu, pois a notícia se espalhou rapidamente por toda a região e de vários lugares começaram a chegar grupos e mais grupos de penitentes e curiosos. Dom Joaquim não esteve no Juazeiro para ver de perto o que estava acontecendo. Ele só recebia as notícias por outras pessoas e, na maioria das vezes, eram contraditórias. Só depois de dois anos, sem que ninguém impedisse o movimento popular com romarias cada vez mais frequentes, ele nomeou uma comissão de inquérito para investigar o que havia ocorrido naquela região do Cariri.

Enquanto isso, narra o Pe. Cícero ao Bispo, Dom Joaquim:

Acredite Vossa Excelência que os fatos extraordinários que aqui se têm dado e têm sido vistos e observados por milhares de pessoas, as mais competentes, têm produzido imensas conversões em todas as classes, e de pecadores os mais obstinados, e feito reviver a fé no coração de todos como uma crença espontânea e intuitiva. A vista de tudo isto (...) tomei a resolução sem a menor intenção de ofender a Vossa Excelência Reverendíssima levemente, e sim, forçado por minha consciência, e com todo respeito e acatamento, apelar da sentença de Vossa Excelência Reverendíssima à Santa Sé, usando do direito que nos concede a Santa Igreja, protestando desde já obedecer de todo o meu coração como a Deus mesmo a qualquer decisão (...). Peço a Vossa Excelência humildemente, como a um pai compassivo e bondoso, que na complicação em que me vejo me dê conveniente orientação, a fim de que a religião, a fé e a salvação de tantas almas não venham a ser prejudicadas.²²

Nada iria impedir o Bispo de nomear uma comissão de inquérito, e a investigação durou um mês. A comissão concluiu que se tratava de fatos que não tinham explicações naturais, e afirmou que não era um embuste. Essa conclusão não foi aceita pelo Bispo que tinha duas certezas: a de que não era o sangue de Jesus e de que tudo não passava de uma manipulação provocada pela Beata. Foram tempos duros para o Pe. Cícero e para a Beata Maria de Araújo, também

foi muito difícil para os romeiros, esses passaram a ser vistos como fanáticos e ignorantes.

Cientificamente, nunca foi provado que se tratava de um em-buste. Os romeiros nunca deixaram de acreditar e as romarias não deixaram de acontecer. Até que, de Roma, foram solicitados esclarecimentos ao Bispo, e este tomou a decisão, em 5 de agosto de 1892, de suspender o Pe. Cícero de suas ordens e, depois de muitas reviravoltas e envolto por muito sofrimento,²³ o Padre foi obrigado a deixar o povoado. Ele, no entanto, escolheu ficar, pois não lhe seria possível ser infiel ao pedido do Sagrado Coração de Jesus quando, em sonho, disse: “e você, Pe. Cícero, tome conta deles”.

Um ministério dedicado aos pobres

A Capela de Nossa Senhora das Dores ficou sem capelão residente durante 25 anos (1892-1917), mas nunca sem os cuidados de Pe. Cícero, que permaneceu como leigo ao lado dos romeiros.

Ele guardou o silêncio obsequioso sobre os milagres e proibia que se falasse mal de bispos ou padres, pois eram “a menina dos olhos de Deus”. (...) Da janela de sua casa, ele rezava o terço e orientava cada um a nunca deixar a Igreja Católica Apostólica Romana, a ter paciência e guardar a fé.²⁴

Quanto mais o Padre sofria com as perseguições, mais ele recebia o apoio dos nordestinos. Silenciado do púlpito e afastado do altar, consagrou-se no coração do povo. Não podendo mais confessar, celebrar e pregar, ele se tornou padrinho de todos; assumiu a vida do povo. Pe. Cícero tinha uma especial atenção na formação profissional dos jovens e, por isso, os incentivava para que estudassem, chegando a colaborar para que alguns jovens fossem estudar fora da região.

O seu sacerdócio sempre foi para o pobre. Trabalhou muito para retirar as pessoas da miséria. Ele estimulava a agricultura, ensinava

e orientava os agricultores até que conseguissem a autonomia na produção de produtos básicos, como arroz, feijão, milho, cana para rapadura, mandioca etc., e o povoado ficou conhecido como celeiro do Ceará.²⁵ Ensinou o povo a ganhar o seu sustento, possibilitando os ofícios como padeiro, carpinteiro, ferreiro, marceneiro e os mais diversos tipos de artesanatos. Dava instruções sobre saúde, remédios medicinais, abriu várias escolas particulares e públicas. Foi dele a iniciativa para a abertura do primeiro orfanato e, além do investimento e incentivo para a agricultura, ajudou a construir a primeira escola normal rural do país.

Pe. Cícero sempre dizia: “cada casa deve ser um santuário, uma oficina e cada quintal, uma horta”. O povoado cresceu sob os pilares do trabalho e da oração e se constituiu um refúgio para o pobre nordestino, um oásis de uma multidão de romeiros. Nada foi estranho à sua missão de padre, desde que pudesse oportunizar melhores dias para os mais pobres; padre e político foi para o seu povo. Como mestre e conselheiro, soube ensinar as pessoas a viverem com sabedoria em sua terra. Foi homem de paz, desarmou os cangaceiros, tornou-se respeitado por todos, pois era considerado um homem de Deus.²⁶

O seu ministério se realizou envolto por duas tradições missionárias. Primeiro, como um filho do Cariri, gerado dentro de uma religiosidade católica, aquela ligada às santas missões que passaram pelo Cariri nos séculos XVIII e XIX que marcaram sua infância e juventude com destaque para o Pe. Ibiapina e, depois, o contato com o projeto de romanização na sua formação com os lazaristas, no seminário.

Vimos, anteriormente, o quanto o Pe. Ibiapina influenciou o seu ministério. No entanto, vale destacar que, mesmo que tenha sido conturbada a sua relação com os lazaristas no período do seminário, a sua ação também foi marcada por eles. Segundo Paulo Fernando, em Pe. Cícero “o forte amor que sente pelos pobres e deserdados é consoante com a formação espiritual que recebeu dos lazaristas”.²⁷

No entanto, é importante destacar que, nesse período, estabelecia-se o que Jean Delumeau denomina de “pastoral do medo”, cuja marca foi “um discurso culpabilizante frequentemente ligado ao medo”.²⁸ Logo, essa forma de pastoral perpassou a ação de Pe. Cícero e a convivência com os professores lazaristas reafirmou nele a necessidade de “salvar as almas”.

No entanto, a ação pastoral de Pe. Cícero, mesmo marcada por essa compreensão e tendo nela sua origem, conseguiu avançar para além da necessidade religiosa e se manteve atento às urgências impostas pela miséria, pela fome, pela ausência de uma educação formal e pela falta de dignidade que aquelas pessoas estavam tão acostumadas a viver.

Esse salto que o Pe. Cícero realiza em sua práxis pastoral nos ajuda a entender a relação de apadrinhamento tão intensa que ele viveu com as pessoas e por ter sido, já em vida, chamado de santo. Também é possível identificar algo de muito específico em sua ação pastoral no que diz respeito à contribuição dos leigos e das leigas na Igreja. Segundo afirma Annette, o Pe. Cícero

acreditava e valorizava a ação dos leigos na Igreja e, mesmo que os movimentos tivessem de ter como presidente um sacerdote, segundo as exigências da “romanização”, Cícero não retirava das “rezadoras” e “rezadores”, beatos e beatas, seus papéis de animação nas comunidades. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é o exemplo típico dessa maneira inteligente de o Padre juntar “romanização” e “devoções populares” em Juazeiro do Norte e nas famílias dos romeiros: a entronização do Coração de Jesus (devoção importada da França, fruto da romanização) na casa de um recém casal está sempre sob a responsabilidade de um padre, que só pode benzer a imagem, mas a renovação anual dessa consagração é confiada às “rezadoras”, conhecidas no bairro como responsáveis dessa sagrada missão.²⁹

Desse modo, a cidade, sagrada para os romeiros, se desenvolveu a partir da intensa relação que existia e que até hoje se mantém entre o Pe. Cícero e todas as pessoas que o buscam em cada romaria. Os romeiros não apenas encontram um padre, um padrinho, eles encontram alguém que compartilha das suas dores e esperanças, que sofre com eles, que não os abandona. Em seu último suspiro, uma promessa: “no Céu, pedirei a Deus por vocês todos”.

Por essa razão, ao redor da presença de Pe. Cícero, os romeiros vão se constituindo como comunidade, desenvolve-se o “nós” do compartilhamento do mesmo cuidado e da mesma atenção do Padre, pois são todos seus afilhados. E assim, as romarias, que se iniciaram por causa do milagre que ocorreu com a Beata Maria de Araújo, passaram a ter o Pe. Cícero como o responsável por sua permanência e crescimento.

Logo, não é difícil escutarmos dos romeiros a afirmativa de que “Juazeiro é a casa de meu padrinho Cícero”. Ele, desde o início, foi tanto um agente social que se destacava como uma grande liderança religiosa, quanto alguém que começava a externar sinais de santidade no cuidado com todas as pessoas e com o lugar.

Considerado santo sem querer, parece que o caminho percorrido, tudo que fez o Pe. Cícero, não foi apenas por sua vontade, mas o desejo de Deus sobre ele. Assim sendo, a sua vida nos conduz ao encontro de uma pessoa, marcada por seu tempo, por tantas experiências, mas aberto à ação de Deus. O cuidado, a escuta e a solidariedade com o sofrimento dos mais pobres transformaram o modesto padre no Padrinho Cícero, pessoa tão bem conhecida e amada em cada canto do Nordeste.

Santo, o padrinho dos pobres

O Pe. Cícero viveu a dura experiência de ser colocado à margem pela estrutura eclesiástica, por meio dos vários decretos. No entanto, com

a mesma intensidade, o seu sofrimento foi assumido pelo povo que o acompanhava. Ele, aos poucos, tornou-se um grande líder social e político, sua atuação, antes restrita ao espaço religioso, começou a assumir contornos políticos e socioeconômicos.

Dessa forma, em meio a muitos conflitos, sempre em volta da liderança de Pe. Cícero, o povoado adquire o status de cidade e o tem como o seu primeiro prefeito. Aquele povoado que recebeu o jovem sacerdote, agora cidade de Juazeiro do Norte, torna-se o principal centro político do Cariri e, ao mesmo tempo, um centro de romaria.

O envolvimento de Pe. Cícero na política permitiu que associassem a sua liderança à de um coronel. Como um grande líder político e religioso, foi compreendido a partir de várias facetas, desde a de manipulador, como os cruéis coronéis da região, até ser considerado santo pela sua bondade e pela vida irrepreensível que levava.

É inegável o quanto ele foi influente na política e até como ele se relacionou com os conhecidos coronéis de seu tempo. No entanto, ele era um homem aberto ao diálogo, um promotor da paz e, no contexto social e político no qual viveu, foi capaz de romper com um paradigma de violência e de manipulações que exerciam os coronéis. Mesmo que não almejasse ser um político, aceitou a dura missão pensando no bem do povo, como ele mesmo narra:

Nunca desejei ser político, mas em 1911, quando foi elevado Juazeiro (...) para evitar que outro cidadão, na direção deste povo, por não saber ou não poder manter o equilíbrio de ordem, até esse tempo, por mim mantido, comprometesse a boa marcha desta terra, vi-me forçado a colaborar na política.³⁰

Sem poder exercer o seu ministério, como sacerdote, assumir um cargo público lhe possibilitou continuar realizando o seu trabalho em atenção às necessidades das pessoas e da cidade. Em consequência, protagonizou uma forma diferente de relacionamento social,

político e econômico, baseada na solidariedade e no bem comum, fortemente marcada por aspectos religiosos. Ele possuía a habilidade de agir como sacerdote na conjuntura sociopolítica e econômica, sem se afastar do viés religioso.³¹

Será que a dificuldade em reconhecer o Pe. Cícero como santo, por parte de algumas pessoas, está no fato de partirem da pressuposição de que a santidade é um predicado de certos indivíduos dotados de qualidades especiais e sobrenaturais? Como vimos, na vida de Pe. Cícero não se destacam dons sobrenaturais, ele não era dotado de certas qualidades especiais, o que se acentua é o reconhecimento, por parte de seus inúmeros afilhados, de uma vida totalmente dedicada aos mais pobres e vulneráveis.

Diante dessa questão, podemos nos perguntar: o que é ser santo? Em resposta a essa pergunta, afirma o Papa Francisco que “o Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus, porque aprouve a Deus salvar e santificar os homens”.³² Em seguida, o Papa nos lembra que “munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho”.³³

Podemos destacar que a santidade é um dom, que é o Espírito Santo que derrama sobre as pessoas, que é desejo de Deus que todos sejam santificados e que cada um tem o seu caminho, pois a vida divina comunica-se de várias maneiras. É a realização do projeto que Deus tem para cada um, e deixar-se conduzir pelo Espírito Santo é tornar possível o desejo de Deus em sua vida, que se desenvolve em pequenos gestos concretos de forma dinâmica a partir de sua realidade histórica; é viver o momento presente com amor, no amor. E, assim, “cada santo é uma missão: é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, em um momento determinado da história, um aspecto do Evangelho”.³⁴

Pe. Cícero pautava suas decisões e escolhas a partir do que considerava a vontade de Deus para ele, desde o momento da confirmação de sua vocação, quando, por meio de uma visão, dialoga com seu pai, até a clareza sobre qual seria a sua missão, no conhecido sonho de 1872.

Como pudemos acompanhar no que foi exposto anteriormente, como um homem do seu tempo, marcado por várias influências, Pe. Cícero sofreu as consequências por manter-se firme no que, para ele, era a vontade de Deus. Deixou-se transformar e ser renovado pelo Espírito para que a sua missão pudesse ser realizada, e a sua vida foi se configurando à missão, até que ela se tornou a própria missão.

A realização do projeto de Deus não deixaria de ser cumprida por causa de seus erros e de toda a sua fragilidade humana, mas se cumpre porque ele não se afastou do amor que emana do coração de Deus. Aqui nos solidarizamos com o mar de romeiros que já têm o Pe. Cícero como santo. Eles souberam enxergar para além dos detalhes, puderam reconhecer uma vida entregue a Deus e capaz de Deus, pois, segundo o Papa Francisco,

para identificar qual seja essa palavra que o Senhor quer dizer através de um santo, não convém deter-se nos detalhes, porque nisso também pode haver erros e quedas. Nem tudo o que um santo diz é plenamente fiel ao Evangelho, nem tudo o que faz é autêntico ou perfeito. *O que devemos contemplar é o conjunto da sua vida, o seu caminho inteiro de santificação, aquela figura que reflete algo de Jesus Cristo e que sobressai quando se consegue compor o sentido da totalidade da sua pessoa.*³⁵

As ações de Pe. Cícero dão testemunho de quem ele foi e de como viveu. Por isso, ainda em vida foi chamado de santo, uma prerrogativa dos próprios romeiros. Como nos diz o Papa “o que devemos contemplar é o conjunto da sua vida” e, como vimos, a sua vida foi uma

missão. Na maneira como Pe. Cícero realizou a sua pastoral, percebemos que temos uma vida em missão. O sonho que teve em 1872, quando ouviu do Sagrado Coração de Jesus o pedido para que ele cuidasse de uma “multidão de retirantes”, ecoou em todas as suas escolhas e decisões. Ele assumiu com a sua vida a responsabilidade por ter acolhido esse chamado e, por causa de sua decisão, o Pe. Cícero chegou à dura consequência de perder o exercício de seu ministério sacerdotal.

Não são poucas as dificuldades para compreender quem foi Pe. Cícero. São várias as interpretações sobre a sua vida e muitas as facetas que lhe foram dadas ao longo da história. No entanto, além das importantes influências que marcaram a sua vida e que determinaram sua ação como pastor, temos os testemunhos dos romeiros e as inúmeras cartas por ele escritas que nos ajudam na aproximação, um pouco mais fiel, de quem foi o Padrinho do sertão.

Frente aos desafios enfrentados pelo Padre, nem mesmo o maior de todos – a proibição de exercer o seu ministério sacerdotal – o impediu de assumir o compromisso diante do pedido do Sagrado Coração de Jesus de cuidar dos pobres retirantes. Foi essa missão que o manteve atento ao clamor dos mais pobres e por eles dedicou todos os seus dias na construção de uma cidade solidária, justa e religiosa.

Por esse motivo, a sua ação pastoral foi permeada pelo pedido que fazia a todos: “Juazeiro, em cada casa uma oficina, em cada oficina, um oratório”.³⁶ E assim, preocupado com a subsistência das pessoas que ao seu redor iam se estabelecendo, ele ampliou a sua atuação religiosa, passou a orientar em relação aos cuidados com o meio ambiente, que iam desde a atenção com a terra para a agricultura, na proteção das encostas, até a atenção com a reserva da água. Também se manteve atento, diante da necessidade da capacitação

profissional, à construção de escolas e à valorização do artesanato para que as pessoas pudessem prover o seu sustento e promover o desenvolvimento da cidade; e, mesmo sem desejar, assumiu, para o maior bem da cidade, o compromisso com a política.

Toda essa dedicação não estava desvinculada de sua forma de evangelizar, que também acontecia enquanto corrigia vícios e abusos morais e, aos poucos, a cidade se tornou um modelo de ordem e de virtude para toda a região. Como nos disse Comblin, o “Pe. Cícero era no Juazeiro o equivalente do santo Cura d’Ars”.³⁷

Como pudemos ver, o seu compromisso com a construção do Reino foi muito bem compreendido por seus afilhados, pois eram esses que tinham acesso ao que ele estava realizando. Tal experiência de proximidade, solidariedade e compaixão permitiu que fossem eles os primeiros a chamá-lo de santo.

Foram 62 anos de sua vida dedicados aos pobres dessa região. Segundo Comblin, “o povo consagrou Pe. Cícero porque ele antes entregara a sua vida aos pobres. Amou sinceramente os pobres. Foi incansável defensor dos pobres, que o procuravam para solucionar todo tipo de problemas e questões”.³⁸

Ousadia, coragem e criatividade faziam parte da vida de Pe. Cícero, eram as características de sua ação pastoral, assim como a compaixão e a sua fé. Tudo contribuía para uma vida em missão. Assim confirma um romeiro:

Pe. Cícero era tão unido a Jesus, como a lâmpada e a energia: a lâmpada sem energia não vale nada! Mas, com a energia, a gente nem percebe mais nem a lâmpada, era assim com o meu Padrinho Cícero: quando ele falava, quando ele agia, parecia o próprio Jesus que agia nele.³⁹

O testemunho de Pe. Cícero nos recorda que a vida deve ser uma missão, que, no seu ordinário, o desejo de Deus deve se realizar,

que a ação da Igreja deve estar comprometida com a caridade e que a evangelização deve ser capaz de compreender o ser humano a partir de todas as suas dimensões: religiosa, física, emocional e sociopolítica. A sua vida nos ajuda a entender que a santidade consiste em assumir a sua própria efemeridade, que ser santo não significa deixar de ser humano, mas em permitir o encontro de sua fragilidade com a força da graça.⁴⁰

Sim, no sertão nordestino, um padre entregou a sua vida a Deus no serviço aos sofredores, aos mais pobres; foi um sinal de esperança, de escuta responsável e amiga; foi pai e foi padrinho. Antes mesmo de ser reconhecido como santo pela Igreja, já é proclamado, por todos os que de alguma forma são tocados por seu testemunho de vida, por sua intercessão, santo, o padrinho dos pobres. Por fim, estamos diante de uma vida que esteve voltada sempre para Deus, por Ele esperou e Nele confiou; como pastor e padrinho seus últimos gestos foram traçar três cruzeiros no ar, dizendo: “no Céu, eu rogarei a Deus por todos vocês”.⁴¹

NOTAS

¹ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 87-88.

² DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 43-44.

³ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 44.

⁴ GOMES, Eunice Simões Lins. Padre Rolim: o “Anchieta” do Nordeste. *Estudos de Religião*, v. 26, nº 42, p. 151-168, jan./jun. 2012, p. 157.

- ⁵ GOMES, Eunice Simões Lins. Padre Rolim: o “Anchieta” do Nordeste. *Estudos de Religião*, v. 26, nº 42, p. 151-168, jan./jun. 2012, p. 165-166.
- ⁶ NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 27-28.
- ⁷ Em 1609, vemos surgir um clássico da espiritualidade cristã. Para alguns, poderia ter sido intitulado “Introdução à espiritualidade cristã secular”.
- ⁸ SOBREIRA, Azarias. *O patriarca de Juazeiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 399.
- ⁹ SALES, São Francisco de. *Filoteia ou introdução à vida devota*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 21-24.
- ¹⁰ SALES, São Francisco de. *Filoteia ou introdução à vida devota*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 28-30.
- ¹¹ SOBREIRA, Azarias. *O patriarca de Juazeiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2011,, p. 55.
- ¹² AUBRY, Joseph. *Francisco de Sales: um mestre de espiritualidade*. Brasília: Salesiana, 2002, p. 39.
- ¹³ COSTA, Alberto Osório de. *A “missão abreviada” do Padre Manuel Couto*. Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002, p. 111-118.
- ¹⁴ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 78.
- ¹⁵ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 87-88.
- ¹⁶ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 91.
- ¹⁷ SOBREIRA, Azarias. *O patriarca de Juazeiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 62.
- ¹⁸ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 75.
- ¹⁹ FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 24.
- ²⁰ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 107.
- ²¹ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 109-110.
- ²² DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 115-116.
- ²³ Sugiro a leitura do livro de Annette Dumoulin, *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*, para um maior aprofundamento sobre esse tema.
- ²⁴ DUMOULIN, Annette *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 133.
- ²⁵ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 42.
- ²⁶ BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *Padre Cícero*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 8.
- ²⁷ ANDRADE, Paulo F. C. Padre Cícero e o contexto eclesial do seu tempo. In: DUMOULIN, Annette; GUIMARÃES, A. T.; FORTI, M.C.P. (Orgs.). *Anais do III Sim-*

pósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: E... Quem é ele? Juazeiro do Norte, jul. 2004, p. 49.

²⁸ DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. Vol. 2. Bauru: EDUSC, 2003, p. 289.

²⁹ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 85.

³⁰ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 180.

³¹ AZZI, Riolando. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 125-149, maio. 1977.

³² FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2018, n. 6.

³³ FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2018, n. 10.

³⁴ FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2018, n. 19.

³⁵ FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2018, n. 22. Grifo nosso.

³⁶ BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *Padre Cícero*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 33.

³⁷ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 13.

³⁸ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 41.

³⁹ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 201.

⁴⁰ FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2018, n. 34.

⁴¹ NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 505.

“É inegável que o Padre Cícero viveu uma fé
simples em sintonia com seu povo”:
olhar abrangente sobre a vida e a missão de
Padre Cícero

*Annette Dumoulin**

O título de nossa conversa, retirado da carta do Cardeal Parolin,¹ me convida a utilizar também uma linguagem simples e não acadêmica em sintonia com o jeito do Padre Cícero se comunicar. Aliás, é esse jeito que os romeiros me ensinaram a falar durante esses 45 anos de convivência e diálogo com eles.

Mas não cheguei só em Juazeiro, vinda da Bélgica, minha terra natal! Fizemos equipe, com Irmã Therezinha Stella Guimarães (Ana Teresa), até seu falecimento, em 2013. Devo muito a esta minha irmã, doutora em Psicologia da Religião (UCL), que me ajudou tanto nos meus esforços de enculturação. Trabalhamos juntas na linha do grande pedagogo Paulo Freire,² que nos inspirou, sobretudo, em nossa aproximação e diálogo com os “oprimidos”, que são os romeiros, tanto por uma boa parte da hierarquia e do clero daquela época como pelos opositores do Padre Cícero.

Quando chegamos ao Juazeiro do Norte, em 1975, para colocar-nos a serviço da acolhida aos romeiros, continuando nossas

* Doutora em Ciências da Educação (UCL), membro da Pastoral de Romaria e do Centro de Psicologia da Religião (Basilica de Nossa Senhora das Dores, Juazeiro do Norte, Ceará).

pesquisas sobre a pessoa do Padre Cícero, fizemos dezenas de entrevistas, especialmente com pessoas que tinham conhecido o Padrinho. Algumas respostas nos chamaram mais atenção. No começo dessa reflexão, quero oferecer-lhes algumas das inúmeras pérolas da “sabedoria popular” que revelam bem como o povo vê o Padre Cícero. Ouvindo os romeiros e devotos do Padrinho, nos aproximamos muito mais de sua personalidade do que lendo certos livros de autores que escrevem sobre ele.

As pérolas de quem conheceu o Padrinho Cícero

Primeira pérola

Mestre Noza era um dos artistas esculptores de madeira incentivados pelo Padre Cícero a escolher esta profissão. Quando o encontramos, era já bem conhecido e tinha feito exposições de suas obras até na França. Perguntamos: “Mestre: para o Senhor, quem é o Padre Cícero?” Após um momento de silêncio, ele respondeu: “Irmãs! Quando Jesus nasceu, o Brasil ainda não tinha sido descoberto, e Jesus não falava nossa língua! Então Ele pediu ao Padre Cícero para falar em nome d’Ele, para a gente entender!” Essa resposta é muito reveladora e atinge o centro do tema que estamos abordando. Padre Cícero falava não somente em português, mas usava “nossa” língua, afirma Mestre Noza, a língua do povo; o que muitos padres ou missionários não sabiam e ainda não sabem falar!

O Cardeal Parolin, escrevendo a carta de reconciliação da Igreja em nome do Papa Francisco, acrescenta à frase que serviu de título a este capítulo, outra afirmação ainda mais convincente quanto ao sucesso da missão pastoral e sacerdotal do Padre Cícero: “por isso mesmo, desde o início, foi compreendido e amado por este mesmo povo”.³

Segunda pérola

Fizemos a mesma pergunta a uma romeira. Ela nos deu outra resposta muito rica, sempre numa linguagem popular, cheia de imagens, cores e sensações: “Padre Cícero? É o santo do sol! Porque os outros santos têm direito de entrar na Igreja, e ficam numa bem boa, na sombra! Mas, nosso Padrinho fica com a gente, no sol, sofrendo do calor como a gente! Meu Padrinho comia nosso feijão, nosso arroz, vivia do jeito da gente, falava do jeito da gente! Hoje ainda, ele continua do nosso lado, no sol, com a gente!”.

Penso que o Papa Francisco, numa linguagem bem parecida, acrescentaria que esse Padre Cícero era um bom pastor com cheiro das ovelhas!

Terceira pérola

Hoje, o monumento do Padre Cícero erguido na serra do Horto tornou-se um ponto turístico conhecido e admirado nacionalmente. Ele foi construído em 1969. Mas em nossas entrevistas, realizadas em 1974, ficamos impressionadas com a rejeição de muitos idosos que conheceram o Padrinho. Vejam, por exemplo, a resposta dessa senhora, vendo a foto da estátua do Horto:⁴ “aqui, é a estátua. Não damos muita fé à estátua porque ele não é estátua. Porque, quem fez a estátua? É o homem. Ele mesmo dizia: não sou estátua! Mas os homens fizeram assim: é um trabalho de homem.”

Um senhor explicou porque não gostava do monumento:

Padre Cícero é diferente. Em 1932, ele já falava dessa estátua porque dizia que ia chegar um tempo em que os homens iam destruir o que Deus havia feito. Falou dessa estátua: iam fazer o que Deus não queria. Deus queria o “natural”, como ele era: as árvores, as plantas medicinais, tudo perfeito... Eram remédios para todas as doenças que a pessoa sentia...E o Padre Cícero já dizia que os homens iam destruir o que Deus havia feito.

Essas justificativas são muito reveladoras: de um lado, apresentam um Padre Cícero ainda “vivo”, preocupado, antes de tudo, com a saúde do povo e a preservação da natureza, presente “perfeito” de Deus; e de outro lado, um Padrinho decepcionado e contrário à construção de seu monumento que “destruiu”, no Horto, o que Deus havia feito para o bem e a saúde de todos. Na realidade, foi necessário cortar árvores, especialmente o chamado “pé do tambor“, plantado pelo Padrinho, porque este impedia o bom funcionamento da imensa torre de televisão. Mas o romeiro interpretou esse corte como sendo uma devastação criminosa da natureza. É bom saber que Padre Cícero é reconhecido, hoje, como precursor do movimento ecologista.

Tais respostas mostram o quanto Padre Cícero ensinava e vivia sua fé, numa caridade incarnada, em sintonia com seu povo que precisava de saúde, de remédio e da comida encontrada na natureza. Ele não era um pastor procurando seu prestígio, sua promoção nem sua própria “glória”! É o que nos afirmam os romeiros que o conheceram ainda em vida.

Penso que o Papa Francisco acrescentaria que Padre Cícero não tinha essa doença, essa peste, como ele mesmo chama o “clericalismo”. De fato, na entrevista que ele deu voltando de Fátima, no dia 15 de maio de 2017, o Papa não hesitou em afirmar: “fujam do clericalismo: é uma peste na Igreja”.

Quarta pérola

Um dia, perguntamos a um romeiro se, para ele, existia uma diferença entre Deus e o Padre Cícero. Ele nos olhou, sorrindo e respondeu: “meu Padrinho Cícero é como uma lâmpada e Deus é a energia. Quando não tem energia, a gente só vê a lâmpada, mas quando a gente “bota” a energia para funcionar, a gente só vê a luz! Assim meu Padrinho Cícero: quando ele falava, aconselhava e recebia os romeiros, quando ele fazia qualquer coisa para ajudar o pobre, o doente, era como se fosse Deus

que agia! A união do Padre Cícero com Deus era tão forte, mas tão forte! Ele era como a roupa do corpo, a roupa de Deus!”

Ouvindo essas comparações, admiramos a profunda teologia desse romeiro: como não nos lembrar das palavras de São Paulo: “não sou mais eu que vivo, é o Cristo que vive em mim!”

Assim, observando o Padre Cícero, o romeiro descobria o rosto amoroso de Deus, revelado pelo próprio Cristo: acolhedor, misericordioso, bondoso, pobre ao ponto que tudo o que recebia de uma mão, ele dava a quem precisava com a outra, sem nem olhar o que tinha acabado de receber. Não fazia distinção de pessoas, acolhia o pecador arrependido, o criminoso que queria mudar de vida, ensinava a viver e bem viver no semiárido, na caatinga, queria que cada casa fosse, ao mesmo tempo, um oratório e uma oficina, unindo oração e trabalho...

Acho que o Papa Francisco diria: “parece que esse Padre Cícero é um modelo de sacerdote. Ele falava pela sua própria vida de modo simples, como falava e vivia Jesus, o que enriquecia o coração. O Padrinho era a alegria e o sustento dos romeiros que descobriam nele a presença e a luz de Cristo”.

Na sua carta escrita em nome do Papa Francisco, o Cardeal Parolin aponta:

no momento em que a Igreja inteira é convidada pelo Papa Francisco a uma atitude em saída, ao encontro das periferias existenciais, a atitude do Padre Cícero em acolher a todos, especialmente aos pobres e sofredores, aconselhando-os e abençoando-os, constitui, sem dúvida, um sinal importante e atual.⁵

Quinta pérola

A sabedoria popular é concreta como eram concretos os ensinamentos e conselhos do Padre Cícero. Dona Zefinha André, amiga de

longa data, nos contou por que ela, tão pobre e idosa, sabia ler e escrever. Quando sua mãe faleceu, o pai quis casar de novo e foi, com a pretendente, pedir licença e conselho ao Padre Cícero, como era de costume. O Padrinho aprovou, mas com uma condição: que a futura madrasta colocasse as duas meninas, nascidas do primeiro casamento, numa boa escola. O que foi obedecido! Em vez de fazer um longo sermão moral para que a mulher não fizesse das crianças suas empregadas, Padre Cícero passou logo ao concreto e exigiu uma ação, e não apenas a promessa de uma “boa resolução”!

Mais de uma vez, constatamos, nas atitudes e conselhos, assim como nas cartas do Padre Cícero, sua preocupação pela educação das meninas e mulheres. Ele construiu o orfanato “Jesus, Maria, José” para acolher as jovens, instruí-las e preservá-las da prostituição, do abandono e da miséria. A segunda parte da pérola seguinte será mais um exemplo da defesa do Padre Cícero em relação a uma mulher abandonada pelo marido durante cinco anos!

Sexta pérola

Temos muitos exemplos que revelam o jeito simples e concreto do Padre Cícero, educador. Não resisto ao desejo de lhes contar o que o próprio Dom Helder Câmara nos relatou, na ocasião de uma de suas visitas a Juazeiro, quando ele já era Arcebispo Emérito.⁶

O seminarista cearense Helder tinha 18 anos e recebeu por missão, durante suas férias, conseguir, em Juazeiro do Norte, assinaturas do jornal “O Nordeste” que costumava atacar o Padre Cícero. O jovem não teve sucesso junto à população da cidade. Ninguém queria assinar esse jornal. Então resolveu pedir ajuda ao Padrinho. Foi muito bem recebido e o velhinho de 83 anos fez, ele mesmo, a assinatura do jornal. “Você viu o que fez?”, perguntou ao jovem Helder; e prosseguiu: “este jornal tem me atacado constantemente e nunca me concedeu o sagrado direito da defesa. Mas

agora estou assinando esse jornal. Isto para que você aprenda que no coração de um cristão, e muito mais ainda de um padre, não pode caber nenhuma gota de ódio”.

Dom Helder nos confiou que, durante o golpe militar, quando ele mesmo foi proibido de falar, lembrou-se, mais de uma vez, do exemplo concreto e das poucas palavras do Padrinho quando assinou o jornal que não lhe deixava o direito de defender-se.

O Papa Francisco proclamou, no último Dia Mundial das Comunicações Sociais, que um coração amigo rejeita o ódio e constrói a paz. As histórias contadas por Dom Helder confirmam que o Padre Cícero procurava construir a paz e rejeitar o ódio em relação a quem falava mal dele. Penso que nosso Papa diria que o Padrinho tinha um coração amigo! Como não lembrar também o hino à Caridade de São Paulo (1 Cor 13,1-13) “a caridade não se irrita, não guarda rancor”.

O encontro do seminarista Helder com Padre Cícero se prolongou. Ele ficou na sala, a convite do velho sacerdote, observando seu jeito de aconselhar. A cada um dos romeiros que vinha lhe pedir orientações e trabalho, Dom Helder nos diz que o Padre agia como um verdadeiro orientador profissional e psicólogo, procurando descobrir os dons, as limitações, mas também as aptidões do romeiro a fim de orientá-lo a ter uma profissão e sustentar sua família. O Padre tinha uma visão muito realista e concreta da necessidade de desenvolvimento sustentável e equilibrado para o crescimento de uma cidade, na indústria, no comércio, na agricultura, no artesanato, nas profissões liberais etc. O “milagre” do desenvolvimento de Juazeiro do Norte, em pleno sertão nordestino, é fruto dessa visão futurista do Padre Cícero.

Quando se tratava de aconselhar o romeiro no plano moral, Padre Cícero juntava firmeza e compaixão. Dom Helder nos contou uma cena até engraçada: um romeiro entrou na sala com uma faca na mão e se plantou muito excitado, frente ao Padre! “Meu Padrinho, venho lhe pedir perdão porque eu vou ter que matar Rosa!” “Que

história é essa?”, exclamou o Padre Cícero assustado. “Meu Padrinho, cheguei do Piauí e Rosa está com um menino que não é meu! O jeito é matar Rosa”, justificou o homem. Padre Cícero mandou o sertanejo se aproximar e perguntou: “me diga: quanto tempo eu disse que você podia ficar no Piauí? Não foram cinco meses?” “Sim, meu Padrinho!”, respondeu o marido. “E você passou cinco anos! Você deixou Rosa com três filhos e nunca mandou um tostão para ela! Se não fosse a minha ajuda, ela teria morrido de fome com seus filhos!” Houve um silêncio e Padre Cícero chamou o homem mais perto dele; “olhe bem nos meus olhos e me diga: você, no Piauí, foi fiel à Rosa?” “Ah! meu Padrinho, o senhor sabe: homem é homem!” “Não, meu filho! Homem é quem domina a si mesmo! Me passe sua faca!”, ordenou o Padrinho! “Não, pelo amor de Deus, não, meu Padrinho! Um homem sem faca é um homem nu!”, respondeu o romeiro assustado. Padre Cícero passou a mão no ombro do sertanejo e falou com muita firmeza: “meu filho, se você levantar o dedo contra Rosa, seu braço vai secar na mesma hora! Dê-me a sua faca, meu filho!” E o homem, chorando, entregou a faca ao Padre Cícero, que sorrindo falou: “eu sabia! Você tem um coração bom! Volta com sua Rosa. Daqui um ano, passe aqui pra gente batizar mais uma criança!”

Penso que o Papa Francisco afirmaria: “eis um exemplo da firmeza aliada à compaixão e ao amor de um pastor para com sua ovelha perdida!”

Dom Helder terminou essa boa conversa afirmando: “sim, Irmãs! Padre Cícero é um homem de Deus, não importa se um dia for canonizado pela Igreja ou não. Ele é santo pela *vox populi*, a voz do povo!”

Importância do estudo de “Teologia Popular”

“Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11, 25-27).⁷

Quantas vezes partilhamos essa alegria de Jesus, ouvindo as palavras dos romeiros, descrevendo sua fé com imagens e falando do Padre Cícero. Basta reler as “pérolas” que acabei de lhes oferecer.

Mas eu me preocupo com a ausência de estudos de “Teologia Popular”, entre outros, nos seminários formando os futuros padres.

Durante alguns anos, dei aulas para os alunos dos Seminários São José, no Crato, e da Prainha, em Fortaleza.

Na primeira aula, eu deixava os seminaristas de Teologia expressar-se sobre a religião e as devoções populares. A maioria mostrava certo desprezo quanto à “religiosidade dos pobres, dos ignorantes”.

Na aula seguinte, eu convidava a turma a expressar como e em que circunstâncias tinha nascido a vocação ao sacerdócio de cada um. Dessa vez choviam histórias encarnadas em situações bem populares, tais como a reza do terço em família, a bênção dos pais antes de se deitar, as festas de São João, uma romaria, a dança de São Gonçalo etc. Depois dessa partilha tão rica entre nós, eu lançava a pergunta: “Deus falou ao coração de vocês num ambiente de devoção popular! Será que não é tempo de revisar nossa opinião sobre essas práticas e nos lembrar que o Espírito Santo sopra onde quer, de preferência aos humildes e aos pobres?”

Se, como afirma o Cardeal Parolin, “o Padre Cícero viveu uma fé simples em sintonia com seu povo e que, por isso mesmo, desde o início, foi compreendido e amado por este mesmo povo”, é certo que não perdeu, no seminário, a riqueza da “Teologia Popular” do Nordeste do Brasil, mesmo estudando os Doutores da Igreja, como Santo Tomás de Aquino! A erudição não o distanciou da fé dos pequenos!

Mas Padre Cícero não tinha apenas uma linguagem simples, uma ação pastoral entendida pelo povo. Ele tinha também comportamentos de religiosidade popular, gestos simbólicos utilizados pelos pobres. Padre Cícero era também humilde romeiro.

Há pouco tempo, descobri no diário do jovem Padre Cícero, conservado pelos padres salesianos de Juazeiro do Norte, as seguintes resoluções:⁸

- 1) Ir, em romaria, até a cidade de Icó, na Igreja do Senhor do Bomfim, *celebrar a missa de pés descalços*, em sinal de humildade, e pedir a Jesus as graças seguintes: *ter mais atenção, assiduidade, constância e gosto tanto na oração como na penitência. Pedir, ainda, exatidão no cumprimento de meus deveres, a completa castidade e, enfim, todos os bens que se pedem na oração universal, durante a missa.*
- 2) Ir a Canindé, Ceará, para celebrar três missas em honra e glória de *São Francisco de Chagas. Ir caminhando até quando puder e, depois, continuar a cavalo! Lá, em Canindé, pedir aos frades para varrer a Igreja durante esses três dias e fazer outros serviços que precisasse.*

Será preciso comentar? Basta fechar os olhos e ver o jovem Cícero, de batina, lavar o Santuário de Canindé! Ou nosso Padrinho, de pés descalços, celebrar a missa frente à imagem do Senhor do Bomfim, pedindo as graças para se tornar um bom Padre! Gestos simples e humildes dos romeiros. Reconheço minha emoção abrindo o diário pessoal do Padre Cícero.

Deus ajude nossos seminaristas, padres e agentes de pastoral a aprofundar e viver a beleza da Teologia do povo à imitação de nosso Padrinho Cícero.

Teologia Popular Nordestina e romanização

Como o seminarista Cícero não perdeu essa capacidade concreta e simples, essa linguagem popular, durante sua formação no Seminário da Prainha, em Fortaleza, quando muitos de seus colegas se “europeizaram”? É bom lembrar que, no ano 1864, Dom Luiz Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará, colocou o Seminário sob a

responsabilidade dos padres lazaristas franceses para introduzir novos métodos de formação dentro do processo de romanização. Quando a Diocese do Ceará foi criada, havia uma população de 720.000 habitantes e apenas 33 padres, a maioria deles “amancebados”. A Igreja julgou que precisava formar novas vocações sacerdotais virtuosas e exemplares com métodos da Europa, considerados naquela época como o verdadeiro catolicismo romano em oposição ao catolicismo dito “colonial” ou “luso-brasileiro”. A falta de “enculturação” dos professores franceses criou, às vezes, rebelião dos seminaristas.⁹ Mas, fora alguns fatos desse tipo, a maioria, pelo menos aparentemente, se submeteu às autoridades clericais francesas!

Não foi o caso de Cícero Romão Batista que, se não fosse a decisão positiva de Dom Luiz, não teria sido aceito ao sacerdócio.¹⁰

No caderno da Prainha, onde se escrevia a avaliação de cada seminarista em francês, podemos ler (tradução nossa):

Conselho de 8 de outubro de 1867: Cícero Batista Romão. Foi dito que não merecia a ordenação, porque faz tempo que ele não se confessa nem comunga, e que ele é pouco regular, que ele tem muitas ideias confusas, que ele tem muita fé na sua própria razão: o primeiro motivo é bem mais grave, pois ele é empregado no seminário. Por esta razão, foi dito que, se ele continuar assim, não poderá mais exercer este ofício em razão do escândalo que ele dava, e que, entretanto, a gente o deixaria livre para as duas ordens para não desacreditar os professores escolhidos.

Importante é lembrar que o Padre Cícero tinha escolhido seu Bispo, Dom Luiz, como confessor e não um dos padres lazaristas franceses, como era aconselhado pela disciplina do Seminário. Além disso, enquanto, na Europa, a comunhão frequente e mesmo diária já era valorizada, no Brasil, os padres não a recomendavam, e orientavam o fiel a comungar apenas logo depois de se confessar. Estranho

também a razão que justificou a aceitação para receber o seminarista Cícero nas duas primeiras ordens!

Na ocasião do aniversário do centenário da ordenação sacerdotal do Padre Cícero, o então Arcebispo de Fortaleza escreveu um pequeno livro cujo título é surpreendente: *Padre Cícero, mártir da disciplina*.¹¹

O primeiro ponto abordado por Dom Delgado trata justamente do que ele chama de “martírio moral” do jovem seminarista Cícero, vivido no seminário. Ele escreve:

Padre Cícero, destinado por Deus para desempenhar um papel de evangelizador dos pobres sertanejos nordestinos, atravessou atordoantes reveses no seminário, sem perder a própria personalidade, sem se desajustar, sem quebrar sua fibra de apóstolo sertanejo.¹²

Como Padre Ibiapina,¹³ outro sacerdote missionário que percorreu o Nordeste construindo casas de caridade, açudes, pregando a Boa Nova na linguagem popular e que também viveu uma fé simples e incarnada, Padre Cícero não foi sempre bem visto e interpretado pelo seu Bispo, Dom Joaquim Vieira. Esses dois sacerdotes não foram influenciados pela romanização. Basta apresentar um trecho de carta escrito em 1893 por Dom Joaquim ao núncio apostólico para perceber a visão que o Bispo tinha sobre esses dois padres que, hoje, são reconhecidos pela própria Igreja como modelos de sacerdote, próximos ao povo, compreendidos por ele, pastores numa Igreja em saída, vivendo uma fé simples em sintonia, especialmente com os pobres:

cumpre-me cientificar a Vossa Excelência. Reverendíssima que, nesta Diocese, os casos de desequilíbrios das faculdades mentais são frequentes e ocasionais, e quase todos se manifestam por tendências para o maravilhoso, não sendo estranha a essa tendência uma boa parte do clero; isto devido ao Dr. Ibiapina, homem ilustrado em ciências jurídicas, mas supersticioso

que, resolvendo ordenar-se, conseguiu essa graça sem estudar Teologia, e depois saiu a pregar pelos sertões de Pernambuco e do Ceará, demorando-se mais nesta Diocese, onde muito contrariou o meu antecessor, de saudosa memória, o senhor Dom Luís: o Padre Cícero, o senhor José de Marrocos e outros foram discípulos deste Doutor Pe. Ibiapina. Daí vem em parte a história do Juazeiro. (27/03/1893).¹⁴

Em um de seus artigos,¹⁵ Eduardo Diatahy escreve, comparando Padre Ibiapina e Padre Cícero:

estranho destino este que acompanha a posteridade das personalidades que se destacam por sua atuação junto ao povo. (...) Os líderes são assim, dividem opiniões e sentimentos, arrastando uns e provocando repulsa noutros. São figuras humanas nascidas do e para o conflito, especialmente no campo religioso.

Queria voltar ao título do livro de Dom Delgado: *Padre Cícero, mártir da disciplina*. Podemos reconhecer no Padrinho virtudes heroicas próprias dos santos canonizados pela Igreja? O espaço de nosso capítulo não nos permite desenvolver esse tema por tanto essencial. Queria apenas identificar três focos deste martírio:

- 1) a sua obediência a todas as punições recebidas de seu Bispo e do Santo Ofício sem nunca expressar revolta, ensinando ao povo a continuar fiel à Igreja Católica Apostólica Romana. Guardou o silêncio obsequioso quanto ao fenômeno da transformação da hóstia na boca da Beata Maria de Araújo;
- 2) a obediência à sua consciência, custe o que custar. Nesse ponto, queria enfatizar o seu recuso formal a reconhecer que aquela Beata o tinha enganado, que ela era mesma uma farsante. De fato, Dom Joaquim tinha apresentado ao Padre uma carta para que assinasse e publicasse em jornais, confirmando essa versão! A Beata seria, assim, única responsável

e o Padre perdoado dessa “credulidade” e podendo voltar a exercer seu ministério. Vejam o que ele escreve ao seu amigo, Padre Constantino Augusto, numa carta datada em 23 de outubro de 1914:¹⁶

o Sr. Bispo exigiu (...) que caluniasse a pobre inocente Maria de Araújo, que tinha me enganado. (...) Isso seria um absurdo que eu nunca nem sequer pensei que o Sr. Bispo se lembrasse de exigir um tão grande crime de mim a ponto de mandar, como mandou, um escrito com tais dizeres para eu assinar. (...) Não fiz como ele queria – começou a propagar-me como desobediente e mil perseguições, como ainda continua.

A “obediência” à sua consciência custou muito caro ao Padre Cícero! Outros padres envolvidos na “questão de Juazeiro” não tiveram essa retidão e condenaram a Beata que sabiam ser inocente para “salvarem-se” de mais perseguições!

3) A obediência à missão que Jesus lhe tinha confiado no “sono-visão”: “Cícero! Tome conta deles”!

Padre Cícero tomou a sério esse chamado do Sagrado Coração de Jesus no começo de sua vida sacerdotal. Quando voltou de Roma, em 1898, onde tinha ido confirmar sua obediência às decisões do Santo Ofício, Dom Joaquim lhe proibiu de voltar a morar no Juazeiro até receber confirmação de Roma que ele tinha sido perdoado.

Nosso Padrinho ficou, então, esperando na cidade do Crato. Mas a situação do povo de Juazeiro era gritante de fome e miséria em razão da seca. Monsenhor Alexandrino, então pároco da Igreja do Crato, escreveu ao Bispo a seguinte mensagem:¹⁷

o povo faminto daquele povoado (Juazeiro), durante a crise atual, que muitas vítimas tem feito por inanição, com a presença do Padre Cícero ali, é em grande parte aliviada em suas mais rigorosas necessidades. Na confiança de que Vossa Excelência atenderá ao meu pedido (...).

Dom Joaquim não atendeu ao pedido do pároco de Crato! Foi então que Padre Cícero decidiu obedecer a Jesus e desobedecer ao seu Bispo! A salvação de vidas famintas tinha muito mais importância, na consciência do Padrinho dos pobres, do que a cega obediência ao seu superior na terra e que não tinha consciência do drama que se vivia no interior do Ceará! Por isso, o Padre Cícero foi, de novo, considerado desobediente e de “cabeça dura”!

Esses exemplos revelam, para mim, virtudes heroicas do Padre que fez, com antecedência, opção pelos pobres e cuja consciência era tão reta que recusou a qualquer preço condenar quem ele considerava inocente: a Beata Maria de Araújo.

Hoje, é fácil constatar que a Igreja do século XXI mudou sua visão e avalia positivamente tanto o Padre Mestre Ibiapina, já em processo de canonização, como o Padre Cícero, com a carta de “reconciliação” vinda de Roma! Triste seria se essa dupla reaproximação da Igreja com esses dois pastores eliminasse suas personalidades fortes, suas ações pastorais inovadoras e proféticas, encarnadas nas culturas populares nordestinas que a romanização queria eliminar. A Igreja precisa tirar as lições da História e os motivos da rejeição desses dois sacerdotes tão próximos e amados pelo povo, especialmente os pobres.

“Deus não chama os capacitados, mas capacita os chamados”. Como afirma o Cardeal Parolin, em sua carta de reconciliação:

não podemos ignorar, no entanto, que outros aspectos da pessoa do Padre Cícero podem suscitar perplexidades. Deus, com efeito, na sua genial criatividade, serve-se muitas vezes de “vasos de argila” para realizar a sua obra de salvação, “para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4,7) e, dessa forma, nós, seres humanos, nunca possamos nos orgulhar. Porque “aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é;

mas importa somente Deus, que dá o crescimento” (1Co 3,7), *Deus servet-se sempre de pobres instrumentos*. Padre Cícero, na sua complexa história humana, não privada de fraquezas e de erros, é um claro exemplo disso. Sem dúvida alguma, foi movido por um intenso amor pelos mais pobres e por uma inquebrantável confiança em Deus. Ele teve, porém, que viver em um contexto histórico e social pouco favorável, empregando todas as suas forças e procurando agir segundo os ditames da sua consciência, em momentos e circunstâncias bastante difíceis. Se nem sempre soube encontrar as justas decisões a tomar ou adequar-se às diretrizes que lhe foram dirigidas pela legítima autoridade, não há dúvida, entretanto, de que ele foi movido por um desejo sincero de estender o Reino de Deus.

É com essas palavras realistas que podem ser aplicadas a todos nós, “vasos de argila nas mãos de Deus”, que termino minhas reflexões sobre o tema que me foi proposto.

Como “sobremesa”, lhes ofereço umas palavras do Papa Francisco numa de suas homilias na Capela Santa Marta:

ser um pastor pela metade do caminho é uma derrota. Um pastor deve ter o coração de Deus, ir até o final, porque não quer que ninguém se perca. O verdadeiro pastor tem este zelo dentro de si: que ninguém se perca. E por isso não teme sujar as mãos. Não tem medo. O verdadeiro pastor vai onde deve ir. Arrisca sua vida, arrisca sua fama, arrisca perder sua comodidade, seu status, *inclusive perder sua carreira eclesialística*, mas é um bom pastor.

NOTAS

¹ PAROLIN, Pietro Cardeal. Mensagem do Papa Francisco, enviada pelo seu Secretário de Estado, a Dom Fernando Panico, Bispo de Crato. Dez. 2015.

- ² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. (Leitura digital). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- ³ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 237-244.
- ⁴ GUIMARÃES, Therezinha Stella. *Padre Cícero e a nação romeira: estudo psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular*. Coleção centenária. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 378.
- ⁵ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 241.
- ⁶ FILHO, Felix. *Além das ideias: histórias de vida de Dom Helder Câmara*. Recife: CEPE (Instituto Dom Helder), 2012. O autor relatou o mesmo encontro que tanto marcou o Arcebispo de Olinda-Recife.
- ⁷ *BÍBLIA Sagrada*. Trad. CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2002.
- ⁸ O Padre estava ainda em plena função de sua missão sacerdotal, sem nenhuma restrição canônica.
- ⁹ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p. 58-59.
- ¹⁰ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 77-80, (mais comentários sobre essa avaliação).
- ¹¹ DELGADO, José de Medeiros. *Padre Cícero, mártir da disciplina*. Gráfica do jornal A Fortaleza, 1970.
- ¹² DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 79.
- ¹³ COMBLIN, José. *O Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulus, 1993.
- ¹⁴ PEREIRA, Francisco de Assis. *Padre Cícero e o Santo Ofício*, p. 12: carta de Dom Joaquim a Mons. Guidi, 27 mar. 1893. Arquivo Secreto Vaticano (ASV), Mat 015. Esta obra não foi publicada, mas está conservada na Diocese de Crato e no Centro de Psicologia da Religião.
- ¹⁵ MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Pe. Ibiapina: figural matricial do catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX. *Revista do Instituto do Ceará*, p. 73-98, 1998.
- ¹⁶ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 227-245.
- ¹⁷ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 159.

Cícero: um caminho de reconciliação

*João Paulo de Araujo Gomes**

Os fatos do Juazeiro, como vem definido o conjunto de episódios ocorridos no final do século XIX envolvendo a pessoa do padre Cícero Romão Batista (1844-1934), é um dos temas mais debatidos e delicados na historiografia eclesiástica brasileira. Mergulhar nos meandros dos acontecimentos não deixa o pesquisador indiferente, os episódios apaixonam e acaloram. Paixões se digladiam, opiniões se contrapõem, posições divergem. Tudo isso revela a complexidade e diversidade do fenômeno que, antes de ser visto como problema, constitui um verdadeiro desafio para a pesquisa histórica e para a memória da Igreja do Brasil.

Depois de anos de silêncio, a carta do Secretário de Estado Pietro Parolin, enviada em 2015 em comemoração dos cem anos de criação da Diocese de Crato (CE), foi muito significativa, pois não deixa de ser provavelmente o primeiro pronunciamento oficial de uma das mais importantes autoridades da Santa Sé analisando o conjunto da vida e da obra do Padre Cícero,¹ mas, ao mesmo tempo, pode representar um ponto de inflexão. Muito provavelmente esta carta queria ser, se não a resposta, pelo menos uma reflexão diante

* Doutor e mestre em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2011). Atualmente é docente no curso de Teologia da disciplina História da Igreja na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) (<http://lattes.cnpq.br/7293353474431212>).

do trabalho de pesquisa feito pela Comissão Histórica da Diocese de Crato que acompanhou um pedido de reabilitação canônica e histórica do Padre Cícero.

O texto da Santa Sé foi importantíssimo, porém, como alertava acima, não deixava de ser um ponto de inflexão, pois dizia coisas válidas, mas não respondia a questão principal: Padre Cícero estava ou não reabilitado? O texto procura olhar de modo geral para a vida e a missão, colhendo aspectos positivos e edificantes. Não deixa de ser um documento sincero porque reconhece que existem problemas e impasses no estudo dos fatos, de modo que mesmo tendo Padre Cícero feito tanto bem, permanecem questões delicadas não resolvidas ou respondidas. Usando de acurada diplomacia e com palavras selecionadas, evita entrar no âmago da questão, não elenca quais seriam especificamente os problemas e nem aponta para uma meta que pudesse ser seguida. Não se poderia esperar algo diferente de um texto comemorativo alusivo ao aniversário da Diocese.

Talvez a grande inovação não dita, mas que se pode colher na mensagem, seja aquela de abandonar o confronto de posições e de conclusões histórico-jurídicas: certo/errado, inocente/culpado, santo/pecador, propondo um salto qualitativo representado na expressão: reconciliação histórica. Quando o texto silencia sobre os confrontos, revela-se plenamente consciente que pela distância dos fatos, morte dos protagonistas e que por mais que se encontrem e publiquem documentos, ao invés de se concentrar no passado é necessário olhar o futuro. Trata-se de mudar o prisma do trabalho histórico, que no passado poderia parecer a elaboração de uma peça muito mais jurídica, adaptada a um tribunal, do que histórica e encontrar o espaço do diálogo e do entendimento desse particular período. O que seria então essa reconciliação histórica?

Fazendo uma rápida pesquisa nos sites de busca disponíveis, podemos ver que a expressão reconciliação histórica é muito usada:

como trabalho de sarar feridas de conflitos entre povos e culturas, como recuperação da memória daqueles que as tiveram canceladas pelos mais diferentes motivos, e ainda como reconstrução de fatos da história que precisam ser exumados para se fazer justiça. Em certo sentido, o caminho da reconciliação histórica no caso do Padre Cícero toca essas dimensões todas, mas quer ir além porque é dita por uma autoridade da Igreja e a palavra reconciliação no ambiente religioso tem um alcance muito maior do que podemos imaginar. Reconciliação é transformar feridas em cicatrizes. Durante anos, talvez alguns estudos podem ter se baseado na velha tendência de condenar uma parte para inocentar a outra (assim posso santificar Padre Cícero condenando os Bispos ou fazer o caminho contrário, condenar Cícero mostrando somente a bondade e prudência dos pastores diocesanos da época).

Reconciliação significa abandonar esse jogo de busca de culpados e vítimas e conhecer os nossos limites diante de nossas incapacidades científicas, pois podemos estudar e analisar todos os fatos, podemos descobrir documentos e textos e produzir estudos amplos, mas nenhum estudo pode adentrar no espaço mais íntimo que é aquele da consciência que explica e orienta as motivações dos atos. Quem de nós pode julgar inequivocamente, mesmo baseado na documentação, a consciência dos personagens? Podemos é verdade tentar descobrir sentimentos, motivos e pontos de vista, mas não deixam de ser impressões, aproximações e tentativas.

Creio que o ponto de partida para começar a falar de reconciliação seja aquele de individualizar o âmago da problemática do Padre Cícero e as autoridades religiosas do seu tempo. E este é muito mais pontual do que possa parecer. É necessário entender, logo de início, o óbvio: Padre Cícero, foi um sacerdote concreto numa Igreja do final do século XIX e início do século XX que cometeu, segundo as autoridades eclesásticas da época, uma série de indisciplinas e por sua

pertinácia, ainda segundo os acusadores, em não cumprir o que foi ordenado, foi punido diversas vezes. Só que o primeiro erro é que se misturam muitos elementos (os aspectos políticos partidários, as romarias, o movimento das beatas, o mercado religioso, superstições e credences, virtudes e santidades) e se tem a impressão, lendo algumas obras, que a Santa Sé estava punindo toda a obra do Padre Cícero e sua ação missionária e pastoral. Atendo-nos ao aspecto puramente jurídico e canônico dos fatos e das punições, não é bem assim.

É claro que não se pode logicamente seccionar uma pessoa de modo a dividi-la em partes, não podemos separar a relação com as beatas e beatos do movimento místico criado no Juazeiro, nem se pode entender o envolvimento político do Padre do seu desejo de servir os mais pobres, só para trazer dois exemplos. Usando, porém, o olhar canônico e jurídico, as punições – que são o ponto de discórdia entre o Padre e os Bispos – não dizem diretamente respeito a estas situações.

Todas as punições têm como base a questão do “milagre”, e não a ação do Padre Cícero em si. Para as autoridades de Fortaleza, do Crato e de Roma, o Padre não agiu segundo as decisões emanadas, na administração do fenômeno de hóstias consagradas, colocadas na boca da Beata Maria de Araújo, ao terem apresentado coloração sanguínea. Teria, entre outras coisas, estimulado o culto e a divulgação dos fatos e lucrado com as romarias que eram realizadas e com as doações recebidas. Nunca é demais lembrar que o Padre Cícero era muito estimado pelo Bispo, sua ação era elogiada e o seu zelo reconhecido, mas a reação diante dos chamados milagres mudou completamente a avaliação da Igreja sobre o sacerdote.

O segundo ponto é que todas as punições infligidas ao Padre Cícero se deveram ao fato de que as autoridades consideravam que ele não teria obedecido as ordens disciplinares dadas pelo Bispo e depois pelo Santo Ofício, sobretudo a questão de se afastar do Juazeiro. Foi exatamente este fato que criou uma tensão constante, instituição de

processos, idas e vindas de orientações de Roma e dos Bispos com a Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro. Foram diversos processos, escuta de testemunhas e troca de documentos. E tudo isso produziu várias punições que se sucediam entre confirmações e anulações das mesmas: não celebrar missa, não falar com a Beata Maria de Araújo, não atender confissões, não ser diretor espiritual, entre outras; e as duas mais fortes punições: a suspensão do uso das ordens sacerdotais e a pior de todas que foi a excomunhão.

O Padre Cícero não morreu excomungado, ele o foi em 1916 (publicada em documento do Santo Ofício, mesmo que ele não tenha sido comunicado)² e esta foi retirada juntamente com todas as outras censuras em 1921, permanecendo apenas a suspensão do uso de ordens. No dia de sua morte, por exemplo, às duas horas da madrugada recebeu os sacramentos e morreu com o Padre Juvenal em sua cabeceira que repetia: estou aqui, Pe. Cícero, lhe absolvendo constantemente.³ Não haveria, então, porque imaginar que não tenha recebido na hora derradeira todos os sacramentos. É importante recordar que o pedido de anulação de todas as penas foi feito pelo próprio Bispo de Crato, Dom Quintino, em 9 de novembro de 1920.⁴ Ou seja, o Bispo que estava mais próximo do Padre sentiu que era importante suspender as penas. E a Santa Sé concede essa anulação das penas, exceto daquela de suspensão do uso das ordens. Então, em certo sentido, houve uma reabilitação de Cícero, mesmo que parcial. Ainda houve uma última tentativa de cancelar a única punição que permanecia (aquela do uso de ordens) feita pelo Pe. Pietro Rota, S.D.B., inspetor salesiano no Brasil, em 1925. Encontramos, então, uma resposta fundamental do Santo Ofício em 1926 que era a disposição de retirar essa última punição desde que Cícero deixasse o Juazeiro.⁵ Creio que esta disponibilidade da Santa Sé é fundamental porque significa que mesmo tendo inúmeras reservas ao que acontecia no Juazeiro, é reconhecido

implicitamente que os problemas causadores se não foram cancelados, pelo menos estavam atenuados. Logo, existia um desejo da Santa Sé de reabilitar totalmente Cícero. Alegando que não podia deixar o Juazeiro por causa dos pobres, Cícero morre no dia 20 de julho de 1934 suspenso de ordens.

É claro que não se pode simplificar o que é complexo, o Padre Cícero tinha vários outros cenários de conflitos com as autoridades eclesásticas: as romarias (vistas por alguns como superstições e crenças), o envolvimento político partidário, a questão dos bens que possuía e aqueles que eram doados pelos romeiros, o próprio movimento das beatas e dos beatos para citar somente alguns. Objetivamente, porém, no final de sua vida, mesmo a questão do chamado “milagre” não consistia mais em uma causa a justificar as punições infligidas. Então, se quisermos observar o problema do Padre Cícero no Santo Ofício, estamos diante de um sacerdote que morreu punido com a suspensão do uso de ordens, mas que a Santa Sé reconhecia e se disponibilizava a anular esta penalidade exigindo, para isso, apenas a sua saída do “teatro” dos fatos. Mesmo sabendo que a história não trabalha com cenários hipotéticos, mas se Padre Cícero tivesse se mudado para outra cidade no final de sua vida, teria o uso de suas ordens restituído e nenhum problema jurídico com o Santo Ofício.

Creio que, neste sentido, podemos encontrar um caminho de reconciliação possível. Este não deve ser ainda descoberto porque já tinha sido atuado pelos próprios protagonistas no momento em que a Santa Sé demonstra que não tinha mais sentido renovar condenações de fatos que faziam parte do passado, mesmo mantendo as reservas da época, e que não se justificava punir um sacerdote doente e idoso. A questão deixava de ser teológica (a questão dos milagres) e passava a ser puramente disciplinar (o local da residência do sacerdote).

Essa consciência ajuda a superar as fortes contraposições nos estudos e análises dos fatos. Naturalmente, foram confrontadas visões,

personalidades e perspectivas. Como em todo fenômeno humano, não faltaram exaltações e decisões tempestivas, resistências e lutas. Os estudos muito bem feitos e produzidos podem, mesmo sem intenção, criar essa oposição entre os que defendem Cícero como santo, bom, justo e inocente e outros que o definem culpado, aproveitador e enganador da fé dos mais simples. Ou ainda, que colocam de um lado os Bispos como defensores da disciplina eclesiástica e mártires de um grupo de fanáticos e de outro lado os que pensam que as autoridades eclesiásticas agiram por ignorância, violência e agressividade contra a fé popular e um sacerdote santo. Será que só existem essas duas alternativas?

Talvez fosse muito útil mergulhar no contexto da época para beber as dificuldades e desafios que envolviam os protagonistas dessa história e daí nos perguntarmos: por que não seria possível pensar que estamos diante de pessoas que tentaram, cada um do seu modo, administrar uma situação nova, difícil, inusitada, numa terra cheia de fé, devoção, mas também superstições e exageros? O Brasil, na época, passava de Império à República, a Igreja desejava ser mais romana e menos portuguesa e aspirava, pela primeira vez, os ares da liberdade depois de 389 anos de controle do Estado sobre as dioceses. Será que nossas sentenças de santidade ou pecado, justo ou errado não podem estar envenenadas da presunção de objetividade? O Juazeiro de objetividade não tem nada, porque são situações complexas e difíceis, e, mais ainda pela distância histórica dos fenômenos, não temos como avaliá-los total e inequivocamente.

Talvez queiramos chegar a um ponto fixo condenando um lado e absolvendo o outro. Não pretendo menosprezar a gravidade dos fatos, a complexidade da situação ou a profundidade do problema, mas creio que a questão do Juazeiro não foi se houve um milagre eucarístico ou um engano orquestrado, mas a contraposição de duas sensibilidades e convicções diferentes: Cícero que acreditava

no milagre, sentia-se imbuído de uma missão divina e realizava essa missão amando os pobres e necessitados; Dom Vieira não acreditava nos milagres e sentia-se imbuído da missão de salvar seu rebanho e evitar perder o controle da disciplina eclesiástica. Eram homens apaixonados por aquilo que acreditavam e, no ardor de defender suas ideias, cometeram erros, imperícias e exageros. Em certo sentido, a mensagem do Cardeal Parolin ressalta isso quando afirma:

Padre Cícero, na sua complexa história humana, não privada de fraquezas e de erros, é um claro exemplo disso. Sem dúvida alguma, foi movido por um intenso amor pelos mais pobres e por uma inquebrantável confiança em Deus. Ele teve, porém, que viver num contexto histórico e social pouco favorável, empregando todas as suas forças e procurando agir segundo os ditames da sua consciência, em momentos e circunstâncias bastante difíceis.⁶

Uma carta de Dom Antônio Macedo Costa a Padre Cícero que revela essa relação complexa entre os envolvidos:

almocei ontem na Nunciatura com o Cardeal e o Bispo do Ceará, que achei duro e inflexível quanto aos negócios de Juazeiro fazendo, no entanto, as melhores ausências de Vossa Reverendíssima (...) Está me parecendo que há entre Vossa Reverendíssima e o seu Bispo, investigáveis desígnios ou intrigas ocultas, das quais nem um nem outro descobriu ainda a fonte perversa. Qual o motivo de tão profundos desacordos? Como explicar a falta de confiança do Bispo para com Vossa Reverendíssima, a quem, no entanto, ele faz tantos elogios e a quem reputa como excelente padre? Mistério! Mistério! Quem será culpado?⁷

Alguns estudos podem cometer equívocos por ter a presunção de encontrar a verdade objetiva, infalível e inquestionável. O Juazeiro é a mistura de luzes e trevas, erros e acertos, como em todas as

realidades do mundo. Neste sentido, seria possível fazer um grande passo: olhar com amorosidade e reconciliação esses dois mundos de Cícero e das autoridades religiosas do seu tempo, reconhecendo se não o acerto de suas decisões, pelo menos a sinceridade de seus desejos e intenções. Neste sentido, Cícero e Dom Vieira ou Dom Quintino podem nos ensinar muito: nunca Cícero falou publicamente contra o Bispo⁸ ou colocou o povo contra ele e também nunca Dom Vieira e nem Dom Quintino, por mais que criticassem as decisões de Cícero, deixaram de acreditar na bondade e retidão do seu coração. E se os dois mais diretamente envolvidos souberam conviver, não sem tensões, dentro da diversidade de perspectivas, por que deveríamos ser diferentes ou colocar um contra o outro?

Não se pretende, desse modo, criar uma verdade que agrade a todos, mas trabalhar com a presunção senão de inocência, pelo menos de bondade dos indivíduos. Isto não seria cair no relativismo, mas fazer uma leitura mais ampla da realidade e perceber que erros e acertos fazem parte do conjunto da vida e da história de todos os seres humanos. Talvez a verdadeira reconciliação histórica não seja entre os envolvidos, mas entre os pesquisadores reconciliando os admiradores de Cícero com Dom Vieira e aqueles que defendem o Bispo com o Padre Cícero. Neste sentido, a palavra reconciliação é mais do que apropriada, pois pode reconhecer espaços de entendimento e misericórdia entre os principais envolvidos na questão.

Reconciliando os principais envolvidos, podemos rapidamente entrar em outra seara: um dos debates que mais apaixona os seguidores e opositores do Padre Cícero é se ele foi ou não santo. Muitas pesquisas históricas tentam responder a esta pergunta seja para canonizá-lo, como também para condená-lo. Vários estudos, por mais científicos que sejam, têm o objetivo remoto ou de abrir as portas dos altares ou fechá-las definitivamente. Só que esse esforço parece esconder uma visão de santidade já superada. Para responder

à pergunta sobre o que é ser santo, usamos a visão do século XVIII que confunde santidade com ausência total de faltas ou, se estas existirem, deveriam ser eliminadas totalmente depois de um processo de conversão. É claro que todo batizado é chamado a evitar o mal e fazer o bem, mas a própria Palavra de Deus vai nos dizer que o justo peca sete vezes ao dia (Pv 24,16), “não há homem que não peque” (Ecl 7,21) e quando Jesus ouve o jovem que o chama de bom, imediatamente interrompe e lembra: “por que me chamas de bom? Só Deus é bom!” (Mt 10,18). A própria liturgia, no milenar hino de louvor, vai celebrar Deus dizendo: “só vós sois santo, só vós o Senhor”. Em vários relatos da Sagrada Escritura, vamos encontrar a sinceridade do autor que não teme atribuir aos santos personagens bíblicos defeitos e quedas.

O Papa João Paulo II, na beatificação do Papa Pio IX, João XXIII e outros afirma: “a santidade vive na história e nenhum santo é subtraído aos limites e condicionamentos próprios da nossa humanidade. Ao beatificar um filho seu, a Igreja não celebra particulares opções históricas por ele realizadas, mas indica-o para que seja imitado e venerado pelas suas virtudes, em louvor da graça divina que nele resplandece”.⁹ E será o próprio Papa Pio IX que dirá: “nas coisas humanas é necessário contentar-se em fazer o melhor que se pode e no resto abandonar-se à Providência, que curará os defeitos e as insuficiências do homem”.¹⁰

O Papa Francisco vai além, e na encíclica dedicada à santidade afirma: “nem tudo o que um santo diz é plenamente fiel ao Evangelho, nem tudo o que faz é autêntico e perfeito”.¹¹ Neste sentido, talvez não fosse necessário estar detidos como numa sala de tribunal, discutindo se Padre Cícero agiu certo ou errado, comportou-se adequadamente nesta ou naquela situação, mas lançar uma pergunta fundamental: mesmo tendo sido um Padre que teve sérios problemas com as autoridades eclesíásticas, mesmo tendo recebido punições

canônicas severas e mesmo tendo suas qualidades e defeitos como todos nós temos, não poderia ser ele santo? Seria possível uma “santidade pecadora”? Não faltam, na longa história da Igreja, santos e santas rebeldes que fugiam de padrões e que receberam punições das autoridades eclesiásticas, mesmo mantendo a diversidade do caso de Padre Cícero que morreu punido, esses conseguiram se reconciliar a tempo, mas sem perder o seu caráter profético.

São, pois, esses dois olhares diferentes que podem abrir um efetivo caminho de reconciliação na história do Juazeiro: o primeiro que lança um olhar de conciliação entre os protagonistas, abandonando a linguagem beligerante para ver pessoas que, do seu jeito e modo, procuravam ser fiéis à sua missão; o segundo recorda o mistério da santidade não como ausência de faltas, mas como participação no mistério da santidade de Deus. Tanto os Bispos como o Padre Cícero buscavam essa santidade, aqueles pela vigilância e pelo receio de serem introduzidos costumes que colocavam em risco a fé dos mais simples, e este pelo seu serviço voltado aos mais pobres e esquecidos da sociedade.

Numa visita histórica às cidades italianas de Bozzolo e Barbiana, no dia 20 de junho de 2017, para visitar os túmulos de Padre Primo Mazzolari e Padre Lorenzo Milani, que tiveram graves problemas com seus Bispos e sofreram até ameaças de punições canônicas, Papa Francisco afirmou:

seguindo os passos de dois párocos que deixaram um rastro luminoso, embora “incômodo”, no seu serviço a Deus e ao povo de Deus. Eu disse muitas vezes que os párocos são a força da Igreja na Itália. Quando são o rosto de um clero não-clerical, eles dão vida a um verdadeiro e próprio “magistério dos párocos”, que faz muito bem a todos.¹²

Neste sentido, Padre Cícero deixou esse “rastro incômodo” de um clero “não clerical” e pode fazer muito bem a todos.

NOTAS

¹ Podem também ser considerados pronunciamentos da Santa Sé todas as normas disciplinares sobre a questão, mas a carta do Secretário de Estado é o primeiro documento que analisa os fatos de modo mais amplo e com profundo olhar pastoral e missionário.

² SOUZA N. de. *Padre Cícero e a questão religiosa de Juazeiro: reconciliação e agora?* São Paulo: Loyola, 2020, p. 100.

³ OLIVEIRA, A. X. de. *O Padre Cícero que eu conheci (verdadeira história de Juazeiro)*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1974, p. 328.

⁴ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 199.

⁵ NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 458.

⁶ PAROLIN, Pietro Cardeal. Mensagem do Papa Francisco, enviada pelo seu Secretário de Estado, a Dom Fernando Panico, Bispo de Crato. Dez. 2015, n. 7.

⁷ GUIMARÃES, T. S.; DUMOULIN, A. (Orgs.). *O Padre Cícero por ele mesmo*. Fortaleza: INESP, 2015, p. 237.

⁸ No seu testamento, o Padre Cícero afirma: “insistindo peço, como sempre aconselhei, que sejam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores das leis e autoridades civis e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, no seio da qual, tão somente, pode haver felicidade e salvação” (GUIMARÃES, T. S.; DUMOULIN, A. (Orgs.). *O Padre Cícero por ele mesmo*. Fortaleza: INESP, 2015, p. 100).

⁹ Citado por João Paulo II na homilia de beatificação do Papa Pio IX, no dia 3 de setembro de 2000. (JOÃO PAULO II, Papa. Homilia do Papa João Paulo II: rito de beatificação solene de 5 servos de Deus. *Vatican*. Vaticano, 3 set. 2000. Disponível em http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000903_beatification.html. Acesso em 7 nov. 2020).

¹⁰ Citado na mesma cerimônia acima.

¹¹ FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2020, n. 22.

¹² FRANCISCO, Papa. Discurso comemorativo do Papa Francisco: visita ao túmulo do Padre Primo Mazzolari. *Vatican*. Vaticano, 20 de jun. 2017. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170620_don-primo-mazzolari.html. Acesso em 6 nov. 2020.

À sombra do Juazeiro: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)

*Artur Peregrino**

Juazeiro é uma terra de pouca geografia e muita história.

(Murilo de Sá Barreto)

Primeiro de tudo, é importante ter presente que as romarias se apresentam como um campo rico em possibilidades de pesquisa. Seu potencial de estabelecer identidades culturais, a imbricação com o fenômeno das peregrinações – que tomou dimensão alargada na contemporaneidade –, as possibilidades de continuidade e mudança que surgem a partir de tensões e contradições na concepção do fenômeno, os hibridismos presentes que suscitam maior aprofundamento, as persistências culturais relacionadas à dimensão ritual, proporcionando o revisitar de tradições e as apropriações do fenômeno por diversos agentes situados fora do campo religioso, são aspectos que garantem discussões promissoras para este trabalho.

* Doutor em Ciências da Religião pela UNICAP e mestre em Antropologia pela UFPE; licenciado em Filosofia pela UNICAP; bacharelado em Filosofia pela UNICAP e bacharelado em Teologia pelo Instituto de Teologia do Recife – ITER. Especialista (SENAC) e docente (UNICAP) em EaD; prof. do Curso de Teologia na UNICAP e membro do Instituto Humanitas - IHU UNICAP; pesquisador do Grupo de pesquisa UNICAP/CNPq Religiões, identidades e diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos; membro do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN. E-mail: artur.peregrino@unicap.br.

Estudar o fenômeno das romarias possibilita uma análise que incorpora, além do lazer e consumo, que fazem parte da experiência, as tensões e contradições vivenciadas no intuito de ressignificação do sagrado. A trajetória em si, desde a saída de casa até Juazeiro do Norte, delineia um eclético roteiro de visitação, como uma espécie de remissão daquilo que falta ao romeiro e   romeira. É nesse aspecto que me inspiro na afirma o de Geertz de que “o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas”.¹ Embora essa distin o entre a racionalidade pragmática da versão científica da realidade e a escatologia vivenciada na religião seja exaustivamente procurada, percebe Geertz que “não há uma luminosa linha divisória entre as preocupa es com o eterno e as do cotidiano, aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma”.²

O antropólogo americano Marshall Sahlins, em diálogo com o estruturalismo, nos anos de 1970, cunhou a frase: “quanto mais uma coisa permanece, mais ela se transforma”.³ Esta frase viria a se tornar um dos axiomas fundamentais da Antropologia da História. A romaria de Juazeiro do Norte é um desses eventos de longa dura o que, embora possa ser analisada em sua continuidade, vem se transformando desde seu início até os dias de hoje.

Juazeiro, Padre Cícero Romão e as romarias na Literatura

Depois que o Padre Cícero Romão morreu (1934), a cidade que ele fundou não para de crescer. Parte desse crescimento deve ser creditado aos romeiros que continuaram visitando Juazeiro, atendendo assim ao seu pedido, expresso no testamento.

(Daniel Walker)

O ano de 1889 foi crucial e problemático. Precisamente, o dia primeiro de março, quando os fiéis de Juazeiro e o próprio Padre Cícero testemunharam o “milagre da hóstia” que se transformou em sangue na boca da Beata Maria de Araújo. Será também uma data marcante na vida sacerdotal do Padre Cícero: um dia divisor na sua história. “É importante frisar que não foi o Padre Cícero protagonista do acontecimento, mas foi uma mulher, negra e pobre. Era uma mística ou uma doente?”⁴ Foi deste acontecimento, com duas versões, que brotaram, em sua duplicidade, as chamadas escolas do pró e do contra, do milagre e do embuste supostamente desmascarado.

No acontecimento do “milagre da hóstia”, percebemos claramente que aí está a origem das romarias do Juazeiro do Norte. Nas próprias palavras do Padre Cícero, há um reconhecimento tácito de pessoas que rumam para o Juazeiro de forma sempre crescente:

chove de toda parte uma aluvião de gente, que tudo quer se confessar, e contritos deveras, verdadeiros romeiros, dos quinhentos, dos mil, dos dois mil, uma coisa extraordinária, famílias e mais famílias, uns a cavalo, outros a pé, com verdadeiro espírito de penitência quanta gente ruim se convertendo, outro milagre.⁵

O Juazeiro do Norte e a figura do Padre Cícero Romão Batista, desde o início, foram matéria de estudos e interpretações. Por isso, em uma breve revisão bibliográfica, convém distinguir ao menos quatro momentos ou etapas das publicações e estudos sobre o Padre Cícero e o Juazeiro, marcados por determinadas ênfases e preocupações. Trata-se de recortes não estanques e fechados no tempo, uma vez que o importante é perceber as tramas dominantes em cada época.

Primeiro surgiram os escritos dos que conviveram com o Padre Cícero Romão Batista, no período 1910-1940, e testemunharam, em primeira mão, os acontecimentos que deram origem à romaria. Esses

foram os cronistas da época. Esse momento ou etapa desenvolve uma produção tecida nos meandros da controvérsia e da apologia. Tanto o “milagre da hóstia” como a guerra de 1914 despertaram seguidores. Havia uma grande disputa de quem estava a favor ou contra.

No segundo momento, das décadas de 1940 a 1970, veio o período polêmico, protagonizado por figuras do clero e por intelectuais iluministas, que se posicionaram em trincheiras cerradas a favor e contra o Padre Cícero e a romaria. O que já acontecia se exacerbou nesse segundo período. Um fato que agitou o clima foi quando o historiador Padre Antônio Gomes de Araújo publicou em 1956, no número 2 da *Revista Itaytera*, no Crato, o artigo “Apostolado do embuste”.⁶ No final dos anos de 1960, temos duas obras de juazeirenses que estiveram intimamente ligados ao Padre Cícero. A professora Amália Xavier de Oliveira, filha de um grande amigo do Padre Cícero, José Xavier de Oliveira, publicou o livro *O Padre Cícero que conheci: verdadeira história do Juazeiro do Norte* (1969). E O Padre Azarias Sobreira, afilhado de batismo do Padre Cícero, publicou *O Patriarca do Juazeiro* (1969). São obras que revelam um carinho especial pelo biografado e tentam apresentar uma linha alternativa de interpretação dos fatos do Juazeiro.

No terceiro período, nos anos de 1970 a 2000, apareceram os primeiros intérpretes acadêmicos. Entrou um olhar pluridimensional para interpretar um amplo e complexo fenômeno. Nesse processo despontaram novas abordagens e a necessidade de reorganização dos conceitos, teorias e metodologias de análise. Surgiram outros olhares, sobretudo da Sociologia, História, Antropologia, que buscaram dar conta da origem, dos desdobramentos e do significado deste evento no âmbito de uma teoria secular e moderna do país e da religião. Percebe-se a passagem entre um primeiro momento, com os marcos biográficos, para um segundo momento, em que a marca será uma análise sociopolítica e histórica. Nesse sentido, o historiador Ralph

Della Cava, na obra *Milagre em Joazeiro* (1970), empreende talvez a mais completa e bem articulada narrativa e interpretação dos fatos do Juazeiro. Outra importante obra foi a da doutora em Psicologia da Religião, Therezinha Estela Guimarães, *Padre Cícero e a nação romeira* (1985). A pesquisa concluída em 1983 por Ana Teresa, como era chamada, escrita em francês e defendida em Louvain, Bélgica, foi publicada na Coleção do Centenário do Juazeiro. Segundo a autora, o estudo dos arquivos e da correspondência do Padre Cícero ajudou a revelar o verdadeiro rosto e a personalidade do Padre. É inegável que a pesquisa serviu de alicerce para construir e realizar, durante mais de 30 anos, um trabalho de pastoral de romaria no Juazeiro do Norte. Da antropóloga Luitgard Oliveira Barros, *A terra da Mãe de Deus* (1988) é uma obra prima. Trabalha fontes inéditas, além de esgotar a bibliografia pertinente. Utilizando o conceito gramsciano de religião como concepção de mundo, a autora se aproxima das romeias e romeiros para descobrir as categorias do catolicismo popular e como isso deixa transparecer a santidade do Padre Cícero. É uma obra transdisciplinar por abordar aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e religiosos.

Nos anos de 2000 até os nossos dias, se desenvolveu um período intenso de acontecimentos. O mais relevante foi a nova postura do bispado da Diocese de Crato em relação ao Padre Cícero e às romarias. Esse fato se deu com a chegada do novo Bispo, Dom Fernando Panico, em 2001, e também com a comemoração dos 100 anos de emancipação política do Juazeiro do Norte (1911 – 2011). Na ocasião, foi lançada a Coleção Centenário com 22 livros sobre o Padre Cícero e o Juazeiro. A academia também se expressou, sediando o Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero, sempre promovido pela Universidade Regional do Cariri – URCA, atualmente na sua quinta edição. Fato marcante mais recente foi a carta de reconciliação da Igreja com o Padre Cícero, no ano de 2015.

Nesse quarto período, na primeira década do século XXI, veio à luz uma série de novas pesquisas sobre Juazeiro no Norte, no âmbito da Antropologia e da crônica jornalística. Vejamos: em 2007, o antropólogo Francisco Salatiel de Alencar Barbosa lançou o livro *Juazeiro Celeste: tempo e passagem na devoção ao Padre Cícero*; em 2008, Antônio Mendes da Costa Braga publicou *Padre Cícero: Sociologia de um padre, Antropologia de um santo*; em 2009, o jornalista Lira Neto publicou *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. Esse último, uma obra densa. Um grande livro de História, de cunho jornalístico, onde se pode compreender as tramas religiosas e políticas da época.

Seguindo a mesma tendência de estudos etnográficos, no início da segunda década do ano 2000, Renata Marinho Paz publica *Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte*; Maria Paula Jacinto Cordeiro publica *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*. A mais recente publicação é a obra de Annette Dumoulin (2017), *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. É um estudo inédito que apresenta a vida do Padre Cícero Romão por meio de documentos históricos pouco conhecidos.

Do povo cariri ao povo romeiro

*Depois que o Padre Cícero Romão morreu (1934)
a cidade que ele fundou não para de crescer. Parte
desse crescimento deve ser creditado aos romeiros que
continuaram visitando Juazeiro, atendendo assim
ao seu pedido, expresso no testamento.*

(Daniel Walker)

Quando os europeus chegaram ao Ceará no século XVI, a terra era povoada por milhares de seres humanos, os quais chamamos de índios, que falavam diferentes línguas e dialetos. Sabemos que o

contato entre essas duas culturas foi de conflito permanente. Muitos jesuítas, naquela época, denunciaram as arbitrariedades praticadas por aqueles que viviam da caça de índios; além de escravizá-los, esbulhavam o que possuíam sob qualquer pretexto. Como a resistência indígena no sertão era intensa, os conflitos com os colonizadores resultaram não só na escravização de diferentes povos, mas, principalmente, em muitas guerras de extermínio.

Os povos indígenas resistiram e se espalharam pelo sertão do Nordeste. Em torno das serras, criaram-se habitações indígenas. Eram povos acuados pelo avanço do gado e das fazendas, prontos a subirem pelas serras, lugares de refúgio. Interessante observar que Juazeiro é um lugar alto, perto de altas serras, como aquela que faz a divisa com o Piauí. Essa história de “pé da serra” merece uma atenção especial porque é dela que surgem romeiros.

No meio de um sertão árido, que eternamente põe à prova a coragem, a resistência e a fé, Juazeiro do Norte mergulha num vale privilegiado, cercado de montanhas cujas entranhas regurgitam de água pura em abundância. Evoca-se essa região como um oásis no sertão, onde a natureza simboliza valores humanos e espirituais.

As romarias a Juazeiro do Norte começaram a acontecer em fins do século XIX, em torno da questão religiosa decorrente dos milagres da hóstia, envolvendo o Padre Cícero e a hierarquia eclesiástica.

A figura de Padre Cícero Romão tem impactos diretos na realidade cultural, política, social e econômica na região do Cariri cearense. A sociedade brasileira, na segunda metade do século XIX, passava por progressivas e rápidas mudanças.

Acabou-se a escravidão (1888) e veio a República (1889). No entanto, continuava a estrutura fundiária excludente, através do latifúndio. “O que interessava era manter o latifúndio, os privilégios odiosos do latifundiário”.⁷ O governo da monarquia não tomava providência para solucionar os graves problemas do Nordeste.

A mudança da monarquia para a República agravava ainda mais a situação do trabalhador e trabalhadora do campo. A República não se dispôs a tocar na distribuição das terras. Não se dispôs a mexer na estrutura fundiária existente no sertão brasileiro. E, para os nordestinos, restavam duas coisas a fazer: ficar na terra como agregados ou se tornar retirantes do destino, sem rumo algum.

É dentro desse contexto que surge a comunidade do Belo Monte (Canudos, 1893 – 1897), na Bahia. Surge por causa da ineficácia do governo republicano no que se refere a dar condições para os sertanejos viverem. É nesse ambiente que vai emergir influentes lideranças populares.

Podemos dizer que o Padre Ibiapina (1806-1883) foi o inspirador de Conselheiro (1830-1897) e de Padre Cícero (1834-1934). Antônio Conselheiro escutou pregações do Padre Ibiapina e Padre Cícero. Como era bem informado, conheceu de perto os efeitos da missão do Padre e Mestre Ibiapina. A experiência vivida no Caldeirão do Beato Jose Lourenço (1872-1946) é um retrato da influência e do trabalho em mutirão, método missionário do Padre Ibiapina.

O segredo da exitosa experiência vivida pelos beatos e beatas é “se organizar de maneira bastante eficiente e produtiva, tendo sentimentos morais como referência para a criação de sua socia(bi)lidade”.⁸ Essa sociabilidade se reflete na disposição de acolhimento dos que chegam, como também da solidariedade permanente aos necessitados. Temos aí um campo fértil para a vivência do catolicismo popular, de modo que a participação na romaria e peregrinação pode significar a afirmação do novo, através de uma volta criativa à tradição.

Padre Cícero Romão e Juazeiro encontram-se nesse turbilhão, onde a religião faz parte de uma construção social, necessária à sobrevivência dos seres humanos. As devoções populares situam-se em uma teia simbólica. As devoções devem ser entendidas a partir de uma conjugação de áreas. Na maioria dos dicionários, encontramos

o significado de devoção como afeição intensa a Deus e aos santos, demonstrada por práticas religiosas. Expressa-se como cumprimento de práticas religiosas, como acontece com as romarias do Juazeiro, em que há um forte sentimento de dedicação, de devoção.

Os povos antigos viam todos os elementos da vida a partir da fé. As sociedades se organizavam de forma religiosa. Tudo fazia parte do culto: o nascimento, as relações humanas, a caça, a medicina e a vida familiar. Esses elementos, de certa forma, continuam presentes nos dias atuais como descreve Gilbraz Aragão:

no cotidiano do pobre, confundem-se a vida do corpo e a vida do grupo, o trabalho manual e as crenças religiosas. O que caracteriza a cultura popular é o fato de ser muito grupal, mas resguardar um espaço privatizado para a fé, de valorizar tanto materialismo como animismo, possuindo uma visão cíclica da existência que remonta à vida rural e interpreta tudo pelos ciclos da natureza. De forma que o homem pobre, no interior ou no subúrbio, conhece o uso da matéria, mexe com a terra ou com instrumentos mecânicos que são seu meio de sobrevivência. Por isso ele é realista, prático, sabe até onde pode agir, mas, ao mesmo tempo, recorre a uma força superior que se desdobra em entidades carregadas de energia (os santos e espíritos).⁹

As romeiras e romeiros têm tanta devoção que canonizaram Padre Cícero Romão em seu coração, contra a vontade das autoridades da hierarquia da Igreja. Isso porque ele adotou amorosamente os pobres e advogou a causa dos sertanejos sofridos e oprimidos, dedicando-lhes, incansavelmente, 62 anos de sua vida. E o povo pobre o reconheceu, o defendeu de muitas maneiras e o consagrou, continuando a expressar-lhe a sua devoção através das contínuas e ininterruptas romarias ao Juazeiro do Norte.

Os acontecimentos em torno do Padre Cícero Romão e do Juazeiro ocorrem dentro de um momento histórico favorável e muito

mais amplo. A luta e a resistência do povo romeiro caracterizam um grande movimento de afirmação cultural e sinalizam a possibilidade de uma alternativa de organização e mobilização em vista da afirmação de uma sociabilidade própria. Uma sociabilidade construída pelos mais pobres, ignorando as estruturas da Igreja e do Estado, afirmando uma maneira de ser apoiando-se na solidariedade para superar os grandes desafios que apareciam. A comunhão humana e a solidariedade social presentes nas romarias para o Juazeiro do Norte, como elementos estruturantes, constituem uma referência importante para a afirmação de uma identidade própria. É dentro de um contexto que os romeiros e romeiras do Juazeiro do Norte santificam um padre destituído de suas ordens sacerdotais.

Bem antes do Papa Francisco e do Concílio Vaticano II, antecedem as opções da Igreja pelos pobres elegendo Padre Cícero Romão como Padrinho, intercessor junto a Deus de todos os problemas da vida. Antecipou em muitos anos as opções da Igreja porque os próprios pobres se encarregaram de fazer valer seu direito, mantendo a opção de afirmar seu jeito de crer, resistindo em continuar as romarias.

Os acontecimentos históricos existem porque aparecem pessoas concretas e dialogam com a História. Tem sido assim também no Juazeiro do Padrinho. As romarias surgiram, mas foram mantidas pelos romeiros e romeiras com ajuda e apoio, sobretudo em momentos difíceis. Chamamos de esteios da romaria as pessoas que, desde o Padre Cícero Romão até os dias de hoje, dão continuidade e apoiam os romeiros e romeiras em seu desejo de continuar as romarias. Destacamos três figuras que trabalharam muitas décadas em parceria: Murilo de Sá Barreto (1930-2005), Annette Dumoulin (1935-) e Ana Teresa (1935-2013). As duas últimas tinham um desafio, como estudiosas da religião, quando chegaram no Juazeiro, em meados da década de 1970, de abrir dois centros complementares: um de Psicologia da Religião e outro de acolhida para as romeiras e romeiros. O empenho dessas

pessoas convergiria plenamente com os anseios do Papa Francisco, que prega uma Igreja Católica em saída ao encontro dos mais pobres.

A romaria torna-se uma verdadeira Páscoa para a romeira e romeiro. É um deleite para a alma. Isso explica o ritual de voltar a cada ano ao mesmo lugar. Nesse sentido, a experiência ritual realizada com autenticidade resgata a integridade do ser humano. E a romaria passa a ser um grande ritual de passagem.¹⁰ A própria vida é um grande ritual de passagem e, nesse caso, a romaria é uma materialização da passagem. A romaria se impõe como um ritual dentro de um processo vivido.¹¹ Na experiência de uma romaria ou peregrinação, acontece a união entre corpo, mente, alma, espírito. Por princípio, cada rito supõe uma ação. A ação corporal é, portanto, central para sua realização. O espírito expressa-se no corpo. Tal como ressaltado por Gaiarsa, quando diz que “nossas atitudes psicológicas e espirituais têm tudo a ver com nossa postura corporal”.¹² E isso forma uma unidade e é por essa unidade que o ser humano pode ter acesso ao divino, ao transcendente. Aqui acontece a “inteireza do ser”¹³ que possibilita uma forte vivência mística.

À sombra do juazeiro: uma trama que não se fecha

Eu tenho certeza de que o movimento de Juazeiro a nível popular é uma resistência passiva e, ao mesmo tempo, um pouco ativa em relação à Igreja oficial, hierárquica, porque muitos romeiros que chegam, por exemplo, aqui no Juazeiro, chegam contra a vontade de seus vigários. Primeira coisa: eles vão em romaria e muitas vezes o próprio vigário da região é contra, desvaloriza, mas eles nem ligam. Eles vêm, não brigam com o vigário, não brigam com ninguém, mas eles fazem a sua romaria.

(Annette Dumoulin)

A análise do tecido que constitui o movimento sociorreligioso de Juazeiro, seus nós, suas tramas, sobretudo aquelas urdidas nas três últimas décadas, permitiu a construção de uma perspectiva compreensiva referente à ação dos diferentes atores sociais envolvidos, com o objetivo de contribuir para a reflexão crítica acerca da trajetória do movimento de Juazeiro e para além dele.

Conversas, narrações e causos funcionam como reflexo da cultura, uma forma rica de chegar aos sentidos mais importantes, numa construção metafórica da verdade que importa. Os romeiros e romeiras, assim como outras experiências sociais, não foram passivos aos obstáculos encontrados no caminho. O testemunho dos mais velhos serviu sempre de referência e foi sempre um respaldo ético e moral, tem força de verdade na definição dos comportamentos que devem ser praticados e daqueles que devem ser evitados. Percebemos a tenacidade para continuar existindo enquanto povo romeiro, cujo elemento muito importante foi a luta para a preservação da tradição.

Percebemos que há um sentimento de pertença à tradição dos antigos, e isso foi demonstrado nos depoimentos colhidos das romeiras e romeiros. Vimos que no passado recente predominou um catolicismo tradicional, marcado pela espontaneidade, pela diversidade de expressões e pelo seu caráter penitencial e festivo.

Manter a tradição dos antigos é fundamental para o povo romeiro, e a perda ocorrida do transporte em caminhão “pau de arara” foi como se se perdesse uma entidade do Juazeiro do Norte, porque o referido transporte promovia um ambiente orante de mística solidária, enquanto correspondia às condições financeiras dos romeiros e romeiras mais pobres. Com essa mudança nos transportes, houve uma readaptação que nem sempre é aceita pela maioria do povo romeiro. O que transborda no discurso dos romeiros e romeiras do Padre Cícero Romão é que o transporte pau de arara possibilitava uma

dimensão de “*communitas*”,¹⁴ ou seja, uma vivência e sentimento de união fraterna coletiva e rejeição ao individualismo.

Constatamos que as diversas expressões da fé do povo romeiro constituem também, nesta região nordestina, o somatório de inúmeras práticas devocionais advindas dos colonizadores, das irmandades religiosas e de pregadores leigos (beatos, benzedoras populares e outros). A figura do Padre Ibiapina influenciou profundamente o agir do Padre Cícero Romão.

A resistência do movimento religioso popular de Juazeiro revela um potencial “subversivo” escondido sob as aparências de passividade alienada, e a sua persistência acontece na devoção a um santo quase excomungado e num forte movimento religioso popular. Percebemos que os romeiros e romeiras mantiveram secularmente uma postura que mesclava obediência e resistência.

A autoprodução e a resistência foram impulsionadoras de um processo religioso popular que transformou a região do Cariri cearense num importante centro de peregrinação no Nordeste do Brasil, e essa resistência cultural é um dos temas fundamentais para compreender o fenômeno das romarias ao Juazeiro do Norte.

O fenômeno do catolicismo brasileiro tem sido analisado de inúmeras formas.¹⁵ Sua importância inscreve-se nos estudos de temas contemporâneos. No caso concreto do Juazeiro, essa construção envolve o reconhecimento do laço de pertencimento ao tempo da romaria, como fonte de identidade cultural. Foi exatamente esse movimento popular devocional que obrigou a Igreja hierárquica a se posicionar em favor das romarias, mostrando, assim, uma forte dimensão identitária.

Corroborando com os depoimentos dos sujeitos da romaria, os pesquisadores do local confirmam essa resistência cultural, sobretudo uma resistência que vem da identificação com a história do Padre Cícero Romão, que também foi perseguido. A resistência,

para esses romeiros e romeiras, é acompanhada com paciência a toda prova, a paciência histórica. Os romeiros e romeiras foram historicamente excluídos e marginalizados em relação à prática de suas devoções.

A resistência cultural tem uma dimensão libertária importante. As romarias desenvolveram essa dimensão a partir de uma espiritualidade relacional conflitiva com a hierarquia. A romaria desenvolveu uma espiritualidade do conflito em relação à hierarquia, mas sem conflitar, ou seja, na sabedoria popular, sempre arrumou um jeito de pacificar a relação com certa inteligência para manter a realização da romaria.

Constatamos que o protagonismo dos romeiros e romeiras é atingido pelo acelerado processo de clericalização das romarias que coincide com o movimento em torno da eventual canonização do Padre Cícero Romão, em que a ameaça maior não é representada pelo turismo religioso, mas pelo próprio clericalismo.

Nas últimas três décadas, aconteceram muitas transformações no campo religioso a nível mais amplo, e também constatamos que há um movimento lento e paulatino de reposicionamento da Igreja, especialmente da Diocese de Crato face às romarias, ao Padre Cícero e à religiosidade popular num sentido mais amplo. De forma metafórica apropriada, Maria da Conceição Campina, em seu livro *A voz do Padre Cícero e outras memórias*, afirmou que “há de chegar o tempo em que vai ter mais padre no Juazeiro que urubu nos ares”.¹⁶ Maneira irônica para falar de um tempo que já estamos presenciando. Novos tempos!

Atestamos que a romeira e o romeiro do Padre Cícero Romão são protagonistas de uma liturgia própria, isto é, têm um jeito próprio de celebrar. A espiritualidade, como dimensão fundamental e inerente ao ser humano, está presente na liturgia romeira porque corpo, mente, alma, espírito formam uma unidade. Percebemos que a romaria carrega muito fortemente a harmonia entre o gesto corporal e sua correspondente atitude interior.

Esse estilo foi sendo mudado e a liturgia a serviço de uma prática ritual litúrgica envolvente, participativa, mística, ao estilo da tradição nordestina romeira, foi dando espaço a outro estilo que prima pela ortodoxia. A morte do Padre Murilo (2005), antigo vigário, e a chegada de novos padres tiveram por consequência diversas mudanças inevitáveis, e uma delas foi a liturgia. Isso porque o povo romeiro tem um profundo simbolismo e ritualidade genuína.

Neste sentido, entrevemos que a questão da reabilitação de Padre Cícero é um tema completamente aberto e que continua provocando a nossa reflexão crítica na busca de compreensão dos bastidores da política eclesial atual, dentro de um contexto bastante vasto.

Chamamos de cristianismo místico beato a esse movimento em torno das romarias do Padre Cícero Romão, que faz parte de um universo religioso e simbólico mais amplo, para além de Juazeiro do Norte, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária.

O estudo mostrou uma realidade histórica que só pode ser assimilada a partir de uma compreensão que leva em conta a complexidade de então, onde também estão inseridos os acontecimentos históricos no campo político, econômico e social, somados ao trabalho missionário do Padre Ibiapina, os quais nos oferecem uma base consistente para a compreensão do fenômeno em questão. Canudos com o Beato Antônio Conselheiro, Juazeiro com o Padre Cícero, e Caldeirão com o Beato José Lourenço podem ser compreendidos a partir de um mesmo cenário.

Em uma linha histórica do tempo, percebemos que, por causa das severas perseguições dos últimos séculos, esse movimento popular de expressão religiosa foi se escondendo sob a imagem de uma inocente religiosidade popular, no cultivo devocional aos santos que se manifestou no sincretismo. Sendo assim, a dinâmica místico-popular foi se tornando de difícil identificação.

Em muitos aspectos, deduzimos que há pontos em comum entre o cristianismo místico beato e a tradição judaico-cristã. Primeiro de tudo, trata-se de um cristianismo extremamente simples, que pode ser praticado a qualquer momento e em qualquer lugar, já que sua Teologia é mais colada à vida. Passa a ser primordial viver a aproximação ao pobre concreto, na vida cotidiana, de forma prática, gratuita e criativa. Este cristianismo popular foi quase sempre menosprezado, submetendo seus praticantes às doutrinas e aos ritos do corpo clerical.

O cristianismo místico beato tem uma alma que se chama hospitalidade. Isso porque a centralidade é a boa convivência das virtudes pessoais e familiares, do seguimento de Jesus, geralmente do Crucificado, no qual os fiéis veem sua própria situação crucificada, por serem gente trabalhadora e sofrida. Esse cristianismo não deixa de ser festeiro, acompanhado de santos e santas protetores, cheios de cores, danças, comidas e bebidas.

Importante é continuar a reflexão sobre o devocionalismo como forma de resistência e criatividade. Abre-se um campo imenso de reflexão, investigação, exame em torno da possível sintonia entre nós (os “estudiosos”) e a força oculta do povo.

NOTAS

¹ GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.155.

² GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.153.

³ SAHLINS, Marshall. *Historical Metaphors and Mythical Realities*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1986, p. 72

⁴ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 106.

- ⁵ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *A terra da Mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988, p. 193.
- ⁶ ARAÚJO, Antônio Gomes de. Apostolado do embuste. *Revista Itaytera*, Crato, ano 2, nº 2, p. 5-63, 1956.
- ⁷ FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 6.ed. Fortaleza: UFC; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1980, p. 76.
- ⁸ CAMPOS, Roberta Bivar. *Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade ente os Ave de Jesus, Juazeiro do Norte – CE*. Recife: Editora da UFPE, 2013, p. 124.
- ⁹ ARAGÃO, Gilbraz. Inculturação da fé cristã na religiosidade popular. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 54, nº 289, abr. 2013, p. 21. Disponível em <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/inculturacao-da-fe-crista-na-religiosidade-popular/>. Acesso em 12 out. 2019.
- ¹⁰ GENNER, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ¹¹ TURNER, Vitor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ¹² GAIARSA, José Ângelo. *O que é o corpo?* 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 18.
- ¹³ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. *Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo: Salesiana, 2000, p. 19.
- ¹⁴ TURNER, Vitor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ¹⁵ HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1978; AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ¹⁶ CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. *Voz do Padre Cícero*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 182.

Análise da corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte a partir de uma espontaneidade própria nos espaços e sua espacialidade

*Francisco Airton Bastos Silva Filho**

Antes de adentrar no foco central desse capítulo, vale lembrar a importância que tem o romeiro e sua corporalidade¹ no contexto das romarias e dos movimentos religiosos, motriz do “fenômeno Juazeiro do Norte”, onde sempre acolhido, protegido e agradecido, o romeiro encontra-se e se coloca perante o mundo a partir do seu entendimento como sujeito formador de um processo a partir de seu corpo como agente – e não como objeto – do seu meio através de sua corporalidade. Essa ação no Juazeiro do Norte, no âmbito das romarias e em uma perspectiva religiosa/simbólica, torna-se coletiva.

O pensamento maussiano, o qual sugere que “todos os humanos possuem uma noção de individualidade espiritual e corporal”, esse paradigma que indica uma espontaneidade própria, verifica-se entre os protagonistas das romarias, os romeiros que alimentam e usufruem, ao mesmo tempo, do fluxo coletivo.

As raízes do estudo do corpo datam do texto sempre seminal de Marcel Mauss,² que traz na sua íntegra que as “técnicas do corpo”

* Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Alagoas, pós-graduado em docência para o ensino superior, bacharel em Turismo, pregador. Maceió – Alagoas – Brasil.

não se exprimem em explicação apenas a partir de uma natureza dada, mas por um processo de aprendizagem e dinâmica cultural. A Antropologia, assim como outras escolas e paradigmas, leva esse legado epistemológico ao pensar o corpo como agente que representa as constantes trocas de significados entre o que até então se tinha por mundo natural ou individual e o sociológico.

Portanto, os romeiros, entre eles havia oito alagoanos, são pessoas que integram os movimentos religiosos desde 1889 nas dimensões religiosa/mística/popular. Trata-se de todo o processo e aprendizagem que, sendo dinâmico, vem-se adaptando e ressignificando as romarias, seus espaços e espacialidades. Várias interpretações circulam nos meios sociológicos e antropológicos para os fluxos religiosos e, de uma forma geral, são elaboradas sistematicamente por meio de explicações que atendem ao caráter polissêmico dessas práticas.³

Embora alguns tenham interpretado o fenômeno dos movimentos religiosos como escatológicos fanáticos e, para tanto, especula-se uma natureza inerte ou contemplativa desses movimentos em Juazeiro do Norte, percebe-se o que está sendo revelado como um protagonismo, em que a espontaneidade aplicada esteja voltada para fortalecer o fenômeno das romarias que ocorrem todos os anos, em um ciclo que se inicia com a romaria de candeias, em janeiro, e encerra-se com a de finados, em novembro, que é a cultura desses movimentos.

Essas inúmeras interpretações como sendo uma única podem render uma discussão profícua, já que a realização de peregrinações tem sido uma prática recorrente nas religiões do mundo, desde tempos remotos. Por sua dimensão diversificada, oferece um amplo lastro de possibilidades de inferência em relação a contextos semelhantes de fluxos religiosos.

O empenho, aqui, é explorar o ritual de peregrinação ao túmulo do Pe. Cícero a partir do que me fala e é observado no romeiro

alagoano e sua prática, reconhecendo que o campo se abre, de fato, para várias possibilidades.

É no diálogo com a Antropologia do Corpo e as Teorias da Religião Popular que encontro os fundamentos epistemológicos para escrever de forma mais clarificada sobre minha análise e o universo das romarias.

Aqui, é importante pontuar as ideias que afirmam que o paradigma da corporalidade pode ser elaborado para o estudo da cultura e do sujeito a partir da premissa metodológica de que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura.

Alguns pesquisadores vão chamar, a partir da teoria social contemporânea, o retorno da fenomenologia, em que o termo “corporalidade” se estabelece na teoria para enfatizar uma espécie de reencarnação corporificada da cultura e das práticas sociais. Eu prefiro chamar corporalidade, em que o romeiro é o agente mantenedor e alimentador das romarias.

O romeiro é agente de sua própria espontaneidade, que não segue necessariamente uma sistematização ou linearidade, embora tenha muito clara a consciência de que ocupa os espaços de Juazeiro do Norte, espaços que ele mesmo sacraliza e o preenche com sua dualidade corporal e espiritual/mística/cultural.

O “*embodiment*” pode ser entendido no contexto romeiro como sendo a “incorporação”, o empoderamento do corpo como agente social, moral e religioso.

É o romeiro com seu corpo e corporalidade que alimenta os movimentos religiosos e as romarias, sendo ele mesmo criador e criatura, que programa sua viagem muito mais como extensão e mantimento de sua vida social, iniciando-a ainda em seu núcleo familiar, em sua casa, nas suas comunidades locais, que são extra-conexões ligadas à Juazeiro do Norte. Ele é o agente principal da

cultura religiosa do Juazeiro, e suas atitudes mantêm o Pe. Cícero mais vivo que nunca.

O romeiro busca a romaria nos “passos tão longos de pedra e areia”, movido por essa corporalidade que é uma fusão entre corpo e espírito, materialidade e imaterialidade, saber repassado e fazer do romeiro. Esse fazer começa em seu andar e no sentido de que, como apresentei nas páginas anteriores, é por demais relevante. Ele é o “eu” como culturalmente constituído.

Analiso esse paradigma da corporalidade do romeiro das Alagoas na perspectiva de sua espontaneidade dentro do processo ritual de peregrinação e visita ao túmulo do Pe. Cícero.

Como forma de dimensionar essa espontaneidade, no meu último retorno ao Juazeiro com Maria Regina e Carminha, em 19 de julho de 2019, fomos à missa de sétimo dia do professor Daniel Walker, onde uma cerimônia ocorreu na Basílica das Dores. Pela natureza da cerimônia, por toda comoção do momento – pois o professor Daniel Walker era muito querido, defensor do romeiro – a atmosfera era de solenidade fúnebre, profundo silêncio e sobriedade.

As laterais da Basílica foram fechadas, coisa muito rara, de modo que se conservou ainda mais o silêncio, só o pórtico principal permaneceu aberto, presentes a família, amigos, autoridades, pesquisadores, professores e pessoas da sociedade. A cerimônia tem início e não demora muito para aparecer o primeiro grupo de romeiros, uns 12, todos de joelhos, entram aplaudindo, chorando, gritando “viva meu Padrinho Cícero, viva a Mãe das Dores”, mãos para o alto. Durante toda a cerimônia, isso se repetiu inúmeras vezes. Em qualquer lugar do mundo, isso seria visto como falta de respeito. No Juazeiro, é a marca registrada dessa espontaneidade romeira que há entre ele, Pe. Cícero e o Sagrado, todo o restante se abstrai.

Ainda sobre a corporalidade, não é muito difícil perceber a centralidade do corpo nesses contextos rituais. Entretanto, a ênfase na

questão da corporalidade não é apenas um reconhecimento de que as pessoas são sujeitos encarnados e de que os rituais agem sobre seus corpos para produzir emoções e reorientar o entendimento. Aqui nesse caso, o corpo está consciente, não há possessão, e sim uma iluminação dele que, chegando à terra do Pe. Cícero, ele pode simplesmente entrar. Seus gestos, movimentos, comportamento estão voltados para legitimar esse encontro e retroalimentar os espaços que se preenchem desse encontro, dessa relação semiótica.

*A guerra do fim do mundo*⁴ retrata uma das formas mais tradicionais dessa espontaneidade que ultrapassa, por exemplo, alguns limites da condição humana. Isso fica evidente quando o autor descreve a figura da personagem Maria Quadrado em peregrinação pelos sertões da Bahia, em que traduz em linguagem clara que, embora seja muito pessoal, ressoa em tantos romeiros que vão ao Juazeiro do Norte. Outro fator que também se pode perceber é que seu ponto de partida é o corpo e sua corporalidade, em uma espontaneidade alimentada pela vontade de estar em Juazeiro, visitar o túmulo do Padrinho, tocá-lo e se tocar em seguida, ajoelhar-se como José Ezídio de Coqueiro Seco, deitar-se como Antônio Ferreira de Lima de Marimbondo por horas na mesma posição em que se acredita estarem os restos mortais de Pe. Cícero mostrando as pernas curadas de uma paralisia, Maria das Graças de Lagoa Salgada, do Rio Grande do Norte, que faz o percurso a pé trazendo sua filha também curada; Dalva, que deixa ser fotografada vestida de preto e senta por horas perto do túmulo como alguém que se aconselha.

Até certo tempo, era comum o uso de animais e os famosos paus de arara⁵ equipados com bancos de tábuas e cobertas de lona, como meios de transporte. Hoje, não mais permitidos, e deram lugar a ônibus nada confortáveis.

Sua alimentação é o que traz na viagem e poucas vezes a faz em pequenos estabelecimentos da cidade. Esse romeiro, muitas

vezes desprovido de qualquer sorte, coloca como satisfação pessoal e, principalmente, espiritual o que, para muitos, é visto como sacrifício, mas para ele é um compromisso com a sua fé em Deus por meio de seu filho Jesus, de sua mãe Maria, que tem como ponte para essa aproximação, o homem muito mais santo para ele que para qualquer outro, o Padre Cícero Romão Batista, vivendo, assim, sua vida em graça e comunhão com o Divino, passando essa herança a toda uma geração.

A importância das romarias no contexto religioso é vista como a ligação mais pura e direta entre os homens e mulheres denominados romeiros e sua crença em seus vultos e mitos. É algo em que a disciplina antropológica, como mais humana e a vislumbrar a simbologia “etérea”, se aprofunda mais que outras disciplinas exatas e até que sociais, visto que elas ainda não conseguem totalmente chegar a esse ponto, pois, para estas, não se pode crer no que não se vê. Fato que ocorre de maneira inversa no campo da Antropologia, em que a oralidade, imagens e lembranças possuem seu valor.

Como foi dito, essas peregrinações ou romarias no Cariri cearense têm seu motivo primordial ainda no século XIX. Desde então, os movimentos religiosos só se intensificaram, atraindo uma leva de romeiros para o Juazeiro do Norte.

Nesse universo, campo de símbolos e signos, considero, ainda, os aspectos da corporalidade do romeiro no caminhar, no falar de Maria Regina equilibrando uma garrafa em sua cabeça, na sensibilidade de Carminha e Rosângela ao falarem do Juazeiro, na reza, nos benditos de Dalva, Luzinete, Zeze e Fau da Paripueira em que identifico também nos grupos de romeiros devotos ou tradicionais, considerando o olhar antropológico sobre essa espontaneidade corporal que levam esses grupos a Juazeiro do Norte por meio de peregrinações e romarias.

Pressupõe-se que nesses movimentos, alimentados pelas romarias, atraídos pelo Pe. Cícero, que, para os romeiros, o “padrinho” está mais vivo que nunca no núcleo das romarias e no saber e fazer do romeiro.

Chama a atenção que a cultura dos movimentos religiosos, alimentada pela leva de devotos diversificados, atualmente cresce e se desenvolve, revelando aspectos antropológicos/culturais observados por meio da ação de cada protagonista envolvido.

Toda devoção, cultura religiosa, grupos religiosos (romeiros devotos de tradição, peregrinos), por meio de sua corporalidade como agente primordial nessa centralidade do corpo e em sua espontaneidade, alimentam contemporaneamente o Juazeiro do Norte. Nos últimos tempos, a Igreja Católica Apostólica Romana, a igreja romanizada, vem dando sinais de uma inversão dos fatos totais do Juazeiro, reconhecendo a espontaneidade desses corpos, que entende que qualquer forma de uma sistematização não se aplica em seu contexto ritual e simbólico, como é o caso de outros centros religiosos e de peregrinação, pois neles, quanto às regras e sistematização de visitação desses centros de peregrinação, a docilidade dos corpos é notória.

Estando dentro da Capela do Socorro, tendo a missa iniciado, adentra uma comitiva de romeiros com uma banda de pífanos. O dirigente da missa espera que eles se apresentem e se sentem para dar continuidade aos ritos, sem que isso atrapalhe a missa, pois (se está em Juazeiro) nem havendo repressão, tal comportamento cessa.

Durante todo o percurso da peregrinação, observo elementos dessa corporalidade. O romeiro se comunica com seu corpo, é o seu olhar, é o seu caminhar, nos passos tão longos de pedra e areia. Mas nada se compara ao seu toque, tudo que o romeiro toca se personifica dentro da comunalidade, isso não quer dizer que todos os elementos existentes no Juazeiro sejam reconhecidos e tocados por esse romeiro.

Exploro com maior profundidade esse expediente. Apenas lembro que se trata de uma construção a partir da relação romeiros,

beatos e Pe. Cícero. Constatamos que a ancestralidade cultural explicada, ela sempre é diacrônica e necessária para entender essa questão do toque e da corporalidade dentro a comunalidade do romeiro.

Dentro do processo ritual, alguns elementos dessa construção são perpétuos. O caminho feito pelos Beatos João e Palmeira, que hoje é percorrido pelo romeiro alagoano, a pedra do joelho, a pedra das costas, as pedras do pecado, são alguns desses elementos e todos estão diretamente relacionados ao corpo e expressão do romeiro.

Escrevo ainda sobre a corporalidade do romeiro alagoano sem deixar de pontuar a cosmologia que é a relação entre esse romeiro e o Pe. Cícero Romão Batista para o entendimento dessa corporalidade e posição que esse corpo ocupa no fenômeno Juazeiro do Norte.

A corporalidade do romeiro em sua *performance* ritual na ideia de Turner,⁶ onde observo rituais, processos e ritos a partir do conceito devolvido como a comunalidade a partir da espontaneidade baseada em outro conceito, o do espaço – espacialidade.⁷ Na peregrinação, encontro e fusão dessa relação que, mesmo passados mais de oitenta anos da morte do Padrinho Cícero, o que permanece mais vinculada do que nunca é a ideia da complementariedade entre “imaterialidade e materialidade”, mas a compreensão que se produz aqui é menos captação de significado do que prática corporal: o estabelecimento de uma sintonia entre corpo e entorno pelo qual o primeiro integra a si uma situação, “respondendo e ajustando-se a ela”.

Esse “entorno” no caso de Juazeiro do Norte, na espacialidade do romeiro, pode ser entendido pelos espaços, elementos, objetos criados, construídos por uma ancestralidade cultural, alicerçada pelo catolicismo popular, alimentado e mantido pelo próprio romeiro.

Etnograficamente, nota-se esses espaços, por exemplo, no caminho ao Horto e ao Santo Sepulcro, pela importância que os “passos” têm na parada obrigatória na pedra do joelho, na Capela do Santo

Sepulcro e de Sant’Ana, no túmulo do Pe. Cícero principalmente, como descrevemos.

No revés dessa perspectiva, há lugares que não pertencem a essa espacialidade do romeiro, mesmo estando no contexto das romarias, como o Memorial Pe. Cícero, a Praça Padre Cícero, as demais dependências da Casa Museu, entre outros lugares.

Buscando no lugar de recomeço e paz, que vai se constituindo no fenômeno da dádiva alcançada, e, logo após, numa sacralidade a partir de uma “espontaneidade” do corpo do romeiro, como constituído de seu papel, de seu lugar nesse espaço e de sua corporeidade ativa, por meio da memória, imagem e oralidade, que retroalimentam o Pe. Cícero, é vai se construindo o que se chama “espacialidade” romeira, conceito criado a partir desses espaços.

Após a morte de Pe. Cícero, em 1934, essa espontaneidade corporizada do romeiro intensifica-se, uma vez que era perene essa presença romeira no Juazeiro do Norte, principalmente de alagoanos.

Metodologicamente, entender a corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte, na romaria de morte do Pe. Cícero a partir de uma espontaneidade do romeiro nos espaços e sua espacialidade merece uma análise fenomenológica mais sensível e não apenas descritiva.

Tratar do papel da sensibilidade no aprendizado e na prática religiosa, entretanto, requer mais que uma simples descrição das experiências sensíveis produzidas nos rituais – é preciso traçar os fios que conectam essas experiências a outras arenas da vida social, encontrar os caminhos pelos quais elas desembocam, com maior ou menor força, na vida cotidiana.⁸

Sugiro um método analítico para o entendimento mais profundo, específico e menos estrutural e generalizado das descrições existentes. Com a Antropologia simbólica, esse método analítico se apoia em três análises:

- 1) a interpretação nativa/romeira, a exposição do fenômeno em seu aspecto mais puro, a partir do entendimento do protagonista que está inserido no ritual, nos espaços etc. Nesse primeiro aspecto, aciona-se um dispositivo que alerta, para quem o utiliza, o cuidado de não se deixar mistificar pelo relato do “senso comum” a partir de romeiros/viajantes aleatórios ao processo ritual, dando a esse tipo de relato a importância, preocupação e suficiente distanciamento para melhor discernir sobre o que pode ser uma explicação que represente o que realmente acontece e não uma opinião pessoal ou leiga sobre aquilo que se está vivenciando;
- 2) o significado operacional, que consiste na análise da ação *versus* a utilização ou para quê os romeiros fazem disso espontaneidade a partir de uma corporalidade;
- 3) principalmente, o significado posicional, em que se pode entender qual posição esse elemento observado ocupa no panteão simbólico das sociedades e aqui, na sociedade romeira de Juazeiro do Norte.

O que se evidencia é que nessa espontaneidade do romeiro alagoano, sua corporalidade manifesta-se nos processos rituais autônomos observados nas romarias que seguem na contramão de qualquer tentativa de uma docilidade na perspectiva foucaultiana. A ideia do homem-máquina, reduzido materialmente a uma tábula rasa. Um corpo, assim, é dócil e se submete. Desses corpos, quando, do contrário, tudo que se observa em Juazeiro do Norte dentro dos espaços, ritos e processos rituais do catolicismo popular em sua religiosidade popular, é resultado de uma construção oriunda da relação do romeiro e o Padre Cícero em que não está ligada diretamente à estrutura normativa representada na Igreja Católica romanizada até fins da década 1970 e que hoje apresenta sinais do reconhecimento dessa espontaneidade.

Como escrevi, no Ceará do século XIX e XX, havia uma preocupação eminente por parte da Igreja Católica romanizada em extinguir qualquer sinal de catolicismo popular ou qualquer insurgência dessa cultura tida como “atrasada e selvagem”.

Foucault⁹ considerou que, em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Em Juazeiro do Norte de 1889 até início da década de 60 do século XXI, bispos não pisavam em solo juazeirense, era nítida uma disciplina dentro dos seminários que Foucault vai chamar de “ascetismo” e das “disciplinas” de tipo monástico, que têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que, se implicam em obediência a outrem, têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu “próprio corpo”, mas a partir de uma doutrina que criava “padres soldados” que deveriam se sujeitar ao “rebanho” uma disciplina do tipo da “domesticidade, que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão, seu “capricho”.

O romeiro alagoano, dentro da análise de campo, é o mais espontâneo, o mais numeroso, que traz nesse conjunto uma resistência a essa tentativa de docilidade bem menos incisiva e bem menos presente hoje no Juazeiro.

Existe um entendimento sobre um investimento por parte dos fiéis que implica medidas sobre o corpo que o torna dócil para ser vetor da ação divina. Seria uma espécie de advento que, segundo os fiéis, se faz sentir por todas as dimensões da vida, que é fonte de saúde, prosperidade, harmonia nas relações familiares, sucesso, e bem-estar no trabalho etc.

O que ocorre principalmente nos modelos dogmáticos, doutrinários e tradicionais católicos institucionais é que essa docilidade vem precedida de uma imposição doutrinária e normativa, onde a

sistematização de um modelo de uma estrutura universal é compreendida e seguida.

No entendimento de uma Antropologia do corpo, nas romarias e na *performance* ritual do romeiro alagoano, observam-se as mesmas dimensões da vida que são fonte de saúde, prosperidade, harmonia nas relações familiares, sucesso e bem-estar no trabalho, a partir de uma espontaneidade que nunca seguiu uma normatização institucional, antes, que resistiu duramente, conservando uma relação de respeito à instituição Igreja, mas que a ressignifica em parte. Em tudo isso, o que sobra é a relação da construção entre o romeiro e o Pe. Cícero sem que necessite, necessariamente, da influência canônica/dogmática/normativa da Santa Sé. Tanto que Pe. Cícero há muito é santo, canonizado pelo seu maior campo de ressonância social que é o romeiro das Alagoas.

Entender essa relação entre o catolicismo popular e o catolicismo romanizado, hierárquico, chega a ser até dicotômico, ao passo que hoje se pode dizer que coexistem “harmonicamente”, que se percebe o movimento de uma maior espontaneidade da corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte, na romaria de morte do Pe. Cícero a partir dessa espontaneidade nos espaços e sua espacialidade ou comunalidade.

Essa espontaneidade em nada pode ser associada a uma obrigação. O romeiro não está obrigado a fazer o ritual, por exemplo. Ele não está obrigado a passar na Capela do Socorro, onde está o túmulo de Pe. Cícero. Entende-se melhor essa espontaneidade a partir de uma Antropologia do encontro.

O romeiro faz e refaz o ritual, primeiro pelo encontro com seu amigo e padrinho, segundo porque ele se encontra com ele mesmo. Não é um sacrifício, é depuração, graça, dádiva alcançada e retribuída.

O que leva mais ainda a essa compreensão de uma espontaneidade corporal do romeiro alagoano, que alimenta e mantém a romaria

em Juazeiro do Norte, é considerar que, ao contrário dessa visão ocidental, que tem o corpo como um objeto, como uma “tábula rasa”, a ser controlado e dominado por meio da institucionalização dessa vontade, as manifestações de cura e, aqui, no caso, os processos rituais das romarias que incluem também processos de curas, a libertação das pressões e limitações impostas ao corpo para ser reproduzido como um instrumento de produção de papéis sociais determinados e sistematizados, produzem um efeito contrário, em que prevalece a vontade do romeiro dentro do que ele mesmo reconhece como sacralizado e construído por ele e por seu Padrinho.

Ainda sobre a *performance* ritual do romeiro alagoano, existem os elementos e objetos que, na ideia maussiana, são apenas objetos até serem manuseados por seus donos por meio de seus corpos. Esses elementos e objetos traduzem-se como o terço, imagens, rosários, roupas, chapéu de palha, pedras, cruzes de madeiras.

Embora exista ainda um entendimento um tanto racionalista de que esses objetos e elementos “valem apenas como intermediários, ou meios, segundo os quais o significado (religioso, social, ou sociopolítico) transita, mas que não fazem nenhuma diferença em termos do próprio significado – nenhum deslocamento ou transformação advém do fato de que o significado circula ou é encarnado em determinados objetos”¹⁰ quando se entende que um objeto, por si só, não representa nenhum significado, até ser manuseado pelos corpos.

Contudo, concordo mais com a ideia de complementariedade, quando trata dos objetos e elementos, como extensões desses corpos, o chapéu de palha do romeiro é um exemplo clássico e muito presente daquilo que estou escrevendo.

Quando o romeiro chega à Capela do Socorro, local do “encontro” com o Padrinho, um gesto é emblemático a todos os romeiros: ele retira seu chapéu da cabeça e coloca demoradamente no túmulo de Pe. Cícero. Nesse instante, o romeiro se estabelece de forma mais

liminar e dessa forma há o que Mauss vai chamar de dádiva.

Nesse gesto, onde o chapéu do romeiro é uma extensão de seu corpo e de sua corporalidade, esse chapéu, na ótica do romeiro, é abençoado, remagnetizado e passa a ter um espírito que se coloca como uma centelha que se une à “grande força” na perspectiva de Mauss que lança mão para fundamentar a importância desses objetos para o romeiro e para as romarias.

No Juazeiro, existe um costume singular nas relações comerciais nas casas de santos, explicado por vários romeiros que é “trocar o santo”.¹¹ Essa imagem, esse terço, esses objetos que são adquiridos pelo romeiro são colocados no túmulo, na cama do Pe. Cícero. Eles tocam esses locais com a ação do romeiro e passam a receber um “espírito”. Quando, por exemplo, esse objeto se quebra, a imagem é depositada em uma Igreja onde existem locais próprios para isso, em cruzeiros, capelas e até cemitérios.

O santo se quebra, o “espírito” se esvai. Segundo o romeiro, faz até mal manter a guarda desse objeto. Do contrário, esse objeto perdura até após a morte de seu primeiro detentor, pois passará a ser elemento da ancestralidade cultural, da comunalidade do universo romeiro.

Não se imagina o romeiro sem seu chapéu, não se pensa Candeias sem as lamparinas, não se é romeiro se dia 20 não se usa o preto em suas vestimentas.

Concluo que os corpos romeiros são inquietos e nada dóceis, são espontâneos, o que não implica dizer que sejam transgressores ou infiéis. Eles são autores de sua *performance*, dos elementos que identificam ou não em sua comunalidade, que se mantém e alimenta as romarias de Juazeiro do Norte.

A partir de elementos construídos de sua perspectiva romeira, que garante uma autenticidade muito particular que diferencia Juazeiro do Norte de outros centros de peregrinação, coloca de forma

muito particular a espontaneidade, principalmente do romeiro alagoano, que quantitativamente e qualitativamente alimenta as romarias, como característica cultural vital para a existência e subsistência das romarias.

NOTAS

¹ Corporalidade remete à relação fundamental e inseparável que se estabelece entre o corpo e o mundo sócio-histórico-cultural (...) na medida em que a pessoa é associada ao seu corpo e ao mundo que vivencia.

² MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: COSAC NAIFY, 2003.

³ CORDEIRO, M. P. J. *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

⁴ LLOSA, M. V. *A guerra do fim do mundo*. 5.ed. Barcelona: Seix Barral; R.B.A Projetos Editoriais S.A; Summa Literária 5, 1983.

⁵ Veículos utilitários adaptados para acomodação de passageiros em sua carroceria.

⁶ TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

⁷ DUMOULIN, A. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2017.

⁸ RABELO, M. C. Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas. *Caderno CRH*. v. 24, nº 61, p. 15-28, 2011.

⁹ FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987 [1975].

¹⁰ DUMOULIN, A. *Padre Cícero – Santo dos Pobres, Santo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 260.

¹¹ Relação comercial onde o romeiro compra uma imagem, mas não trata como uma compra meramente, pois a “imagem” é do Pe. Cícero, de outros santos de sua devoção e que essa imagem receberá uma força, um “espírito”.

Padre Cícero: um legado de fé e devoção

Girlene Florêncio de Souza e
Maria Aletheia Stedile Belizário***

Cada vez mais, estudos sobre as questões que envolvem a fé e religiosidade das pessoas vêm ganhando espaço no meio acadêmico. Diferentes autores costumam abordar a religião em suas pesquisas por meio de diferentes temáticas, articulando o simbolismo religioso e as suas práticas com relação à paisagem.

O presente capítulo busca fazer uma análise da espiritualidade que envolve a figura do Padre Cícero Romão Batista ao longo de sua vida até as manifestações de fé que continuaram na cidade de Juazeiro do Norte, localizada no estado do Ceará, após a sua morte. A referida cidade é um lugar sagrado para muitos, onde é possível identificar diversas manifestações de fé e espiritualidade, em função da grande devoção ao Padre Cícero.

Deste modo, discutir-se-á, inicialmente, sobre os estudos que envolvem a Geografia da Religião e as diversas maneiras como ela busca entender de que maneira sua prática se expressa e influencia os grupos. Em seguida, será abordado um pouco da vida do Padre Cícero, desde seu nascimento, sua chegada como capelão

* Graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Aluna de Turismo pela Universidade Federal da Paraíba João Pessoa. E-mail: girleneflorencio17@gmail.com.

** Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Professora de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba Guarabira. E-mail: geostedile@hotmail.com.

de Juazeiro e os eventos em que havia a transformação da hóstia consagrada em sangue, que ficaram conhecidos como “milagres de Juazeiro”.

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram: levantamento bibliográfico, por meio de pesquisas em livros e artigos que envolvem o tema abordado. Além das leituras, serão inseridas experiências de estudo de campo, em função das muitas viagens realizadas ao local de análise, juntamente com a observação participante.

Para um melhor embasamento da pesquisa foram levados em consideração autores como: Araújo,¹ Della Cava,² Rosendahl,³ Souza.⁴

Dando continuidade, será abordada a influência do Padre Cícero sobre a dinâmica de Juazeiro, juntamente a um pequeno relato sobre as principais romarias e o sentimento dos romeiros ao expressarem sua fé e devoção. Essas práticas das romarias são fundamentais para o desenvolvimento de Juazeiro e o fortalecimento da fé dos peregrinos, e mostram como o Padre Cícero ainda está presente na cidade que ajudou a construir.

O objetivo principal desse estudo é contribuir para o conhecimento sobre a perpetuação da imagem do Padre Cícero no imaginário popular, criando conexões simbólicas que fortalecem o seu legado de fé e devoção que, até os dias de hoje, estão se fazendo presentes nas romarias de Juazeiro do Norte. Onde seus romeiros fazem questão de sempre expressarem essa devoção.

A religião inserida nos estudos geográficos

A Geografia possui diversos campos de análise, dentro dela está o campo que se dedica aos estudos acerca das questões sobre religiosidade. A religião, nas últimas décadas, vem ganhando cada vez mais destaque em diferentes áreas de pesquisa. “A Geografia da Religião não é um ‘modismo contemporâneo’, mas sim, um vigoroso meio

por onde podemos construir conhecimento acerca do fenômeno religioso e da dinâmica espacial humana”.⁵ Esse viés possui grande significado dentro das áreas que a Geografia estuda. Sabendo-se que as pessoas manifestam sua fé através de diferentes religiões, é fundamental analisar todas essas manifestações.

Os estudos sobre a religião já são realizados há certo tempo. Acerca desse tema, Rosendahl aborda que “muitos estudiosos acreditam que o termo Geografia da Religião foi usado pela primeira vez por Gottlieb Kasche, no ano de 1975, em um livro publicado na Alemanha”.⁶ Os estudos de cunho religioso se espalharam para outros lugares, inclusive aqui no Brasil, onde muitos brasileiros já se interessam pelo tema citado e encontram uma importante base nas análises geográficas.

Sobre as análises referentes à Geografia da Religião, Taveros et al trazem em seus estudos que:

a Geografia da Religião surge como o estudo da parte desempenhada pelo motivo religioso na transformação humana da paisagem, ela pressupõe a existência de um impulso religioso no homem, o qual o conduz a atuar sobre o seu ambiente. Esse impulso é determinado pelo simbolismo existente nas paisagens.⁷

As paisagens estão ligadas de maneira direta às ações humanas. Gomes traz que “a cultura é a principal fonte para a compreensão de comportamentos e hábitos espaciais, da organização espacial das coisas e das divisões simbólicas do espaço”.⁸ Os grupos possuem diferentes culturas, mesmo se comparados aos seus vizinhos, cada qual traz em sua cultura algo que se difere dos demais. Esses costumes tendem a influenciar a maneira como as paisagens são vistas.

As pessoas costumam cultivar o hábito de se deslocarem até os locais onde a religiosidade está presente, misturando-se com a paisagem, compondo a experiência do sagrado. Esses fiéis, em muitas das

vezes, não medem esforços nem distâncias para conseguirem expressar sua fé e devoção, como é o caso dos romeiros do Padre Cícero Romão Batista, na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

Esse capítulo procura analisar e entender como as práticas simbólicas permanecem ligadas à figura do Padre Cícero Romão Batista ao longo de sua vida e as diversas manifestações de fé que continuaram ocorrendo após a sua morte na cidade de Juazeiro do Norte. A referida cidade é um lugar sagrado para muitos, onde é possível identificar diversas manifestações de fé e espiritualidade, em função da grande devoção ao Padre Cícero.

Padre Cícero e os primórdios em Juazeiro

Em 24 de março de 1844, na cidade de Crato-CE, nascia Cícero Romão Batista. Filho de um pequeno comerciante chamado Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como dona Quinô. Tinha mais duas irmãs, que se chamavam Angélica Vicência Romana e Maria Angélica Romana.⁹ Nascido em uma família tradicional, do Cariri cearense, Cícero seguiu caminhos que ninguém imaginaria que aquele menino simples do interior iria chegar.

Padre Cícero visitou pela primeira a pequena vila no ano de 1871, depois de ter sido convidado para celebrar a missa de Natal, pelo professor Semeão Correa, já que, há alguns anos, a pequena vila se encontrava sem capelão.¹⁰ “Após outros contatos, em 11 de abril de 1872, fixou morada em Juazeiro”.¹¹ A partir de então, Padre Cícero iniciava seus laços com o lugarejo, que mais tarde viria a ser a cidade de Juazeiro do Norte e essa ligação marcaria a vida do Padre e da cidade para sempre. De maneira que, até os dias atuais, ao se pensar na cidade de Juazeiro, não tem como não fazer referência ao seu maior benfeitor, o Padre Cícero.

Com base nas pesquisas levantadas por Della Cava,¹² na época que o Padre Cícero chegou ao Juazeiro, a localidade não passava de

um simples lugarejo, conhecido ainda por Tabuleiro Grande, pertencente ao município do Crato. No povoado existia uma capela (dedicada à Nossa Senhora das Dores), uma escola, duas ruas e 32 residências com tetos de palha. Local modesto e seus habitantes, em sua maioria, eram de trabalhadores, desanimados e descrentes de dias melhores. E caberia ao Padre Cícero lutar por dias melhores para seu povo e para a futura cidade de Juazeiro do Norte.

E as manifestações do legado de fé e devoção ao Padrinho Cícero já iniciariam ali mesmo. Della Cava aponta que o Padre Cícero conseguiu trazer de volta à Igreja pessoas que causavam desordem no meio da população de Juazeiro. Alguns criminosos e elementos libidinosos que tinham o hábito da bebida e do samba – que era considerado sensual e degenerado na época – eram moradores da localidade. Padre Cícero proibiu as danças, fez com que a bebedeira entre os homens parasse e obrigou as prostitutas a confessarem seus pecados.¹³

Através de seus esforços, o Padre Cícero foi mudando o pensamento dos habitantes, procurando a conversão deles, para que juntos tentassem lutar por melhorias. E aos poucos, o Padre foi ganhando espaço e confiança entre os moradores. Pinheiro nos mostra que:

o jovem sacerdote conquistou a atenção e apreço do povo, a partir da sua vida simples e de oração. Como homem religioso do seu tempo, Pe. Cícero pedia o arrependimento dos pecados do povo. Visitava os doentes, que se multiplicavam em consequência da seca, ministrando-lhes o sacramento da Unção dos Enfermos. Era procurado, inclusive por outros sacerdotes, como conselheiro espiritual e confessor.¹⁴

Um padre cheio de virtudes, que trabalhava pelo bem das pessoas e de sua comunidade. Através da sua presença e seus esforços, o jovem sacerdote conseguiu que em pouco tempo o Juazeiro

conseguisse retornar à ordem.¹⁵ Com uma vida simples e baseada em oração, o Padre foi conquistando a estima dos seus fiéis, sempre procurando beneficiar aquelas terras.

Um fato muito importante aconteceu entre o Padre Cícero e uma de suas devotas, a Beata Maria de Araújo, em quem a hóstia consagrada se transformou em sangue.

O milagre da hóstia

Seguindo os exemplos do Padre Ibiapina, Padre Cícero também recrutou mulheres solteiras do lugarejo para fazerem parte de uma irmandade da qual tomaria conta. As mulheres eram chamadas de beatas, e se dedicavam a uma vida de oração e de obediência. Entre elas estava Maria de Araújo, uma moça solteira, natural de Juazeiro e que morava com a família de Padre Cícero.¹⁶ Um episódio ligaria para sempre Padre Cícero, a Beata Maria de Araújo e a cidade de Juazeiro do Norte. Sobre a primeira vez que aconteceu o fato tido como milagroso, Della Cava descreve que:

no dia primeiro de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Joazeiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia de festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer diariamente.¹⁷

O fato da transformação das hóstias em sangue na boca da Beata Maria de Araújo, através das mãos do Padre Cícero, ficou conhecido como “milagre da hóstia”. Foram vários os episódios tidos por muitos

como milagrosos, através do Padre Cícero e a Beata, mas a Igreja procurava por provas que confirmassem que esses acontecimentos eram realmente milagres.

Para o Padre Cícero, a Baeta Maria de Araújo – que estavam envolvidos diretamente –, e outros crentes, havia sim acontecido um milagre. Mas seriam necessárias provas para a que a Igreja confirmasse os fatos como tal. Esses episódios ganharam grande proporção.

Muitas ainda são as dúvidas sobre a veracidade dos fatos. Mas os fiéis sempre acreditaram que, naquelas terras, existiu um milagre através das mãos do Padre Cícero, que é cultuado como um santo pelos romeiros.

A partir dos acontecimentos que ficaram conhecidos como “milagre da hóstia”, curiosos passaram a ir para Juazeiro, atraídos pelo suposto milagre. Foi assim que surgiram as primeiras peregrinações, e hoje temos as romarias de Juazeiro do Norte. A cada ano que passa, são atraídos mais devotos do Padre Cícero, que vão em busca de expressarem sua religiosidade.

Detalhando a pesquisa

Foi adotado o levantamento bibliográfico através de pesquisas em livros e artigos que envolvem o tema abordado. Além das leituras, serão inseridas experiências de estudo de campo, em função das muitas viagens realizadas ao local de análise, juntamente com a observação participante.

Para melhor embasamento da pesquisa, foram levados em consideração autores como: Araújo,¹⁸ Belizário,¹⁹ Della Cava,²⁰ Rosendahl²¹ e Souza.²²

Conhecendo a área de estudo

A cidade de Juazeiro do Norte está localizada no estado do Ceará, na região Nordeste do Brasil, ocupando uma área de cerca de 148.000 km². Limita-se com os municípios de Caririçu, Missão

Velha, Barbalha e Crato. Segundo a CPMR, o município está localizado na carta topográfica Crato, compreendendo uma área de 219 km².²³ O município de Juazeiro está situado no extremo sul cearense.

Juazeiro possui uma posição geográfica privilegiada, estando situado a uma distância intermediária em relação às principais capitais nordestinas, contribuindo para a construção de um posicionamento estratégico. Influencia religiosa e economicamente outras cidades do Ceará e de estados vizinhos como: Paraíba, Pernambuco e Alagoas, que emitem grande de número de romeiros à cidade.²⁴ Os romeiros do Padre Cícero não medem distância nem esforços para visitar a terra que ele tanto ajudou.

A capital da fé

A cidade de Juazeiro do Norte é considerada como a “capital da fé”. É um centro de adoração religiosa pela Igreja Católica e sagrada para romeiros e devotos do Padre Cícero, sendo campo de importantes práticas religiosas ajustadas no catolicismo popular.²⁵ Para Araújo, “o Juazeiro do Padre Cícero é conhecido em todo o Brasil por suas romarias e apresenta maior dinamismo econômico e contingente populacional que os registrados pela cidade da qual se emancipou”.²⁶ A dinâmica do local está diretamente ligada à figura do Padre Cícero, proporcionando grande visibilidade ao lugar.

Juazeiro atrai devotos durante o ano todo, sendo considerada uma cidade santuário. Sobre esse tema, Rosendahl traz que: “o santuário pode ser um foco de convergência permanente ou periódica de peregrinos”.²⁷ Ainda sobre os santuários, Rosendahl coloca que “no catolicismo os santuários têm significado religioso porque são lugares onde narrativas tradicionais afirmam que certa vez ocorreu um evento sobrenatural que deixou marcas na paisagem”.²⁸ A ocorrência de um fato que ficou conhecido como “milagre da hóstia” mudaram

completamente a vida do Padre Cícero, juntamente com os rumos que a cidade de Juazeiro do Norte tomaria.

É possível enxergar manifestações de fé dos romeiros em Juazeiro do Norte em diversos pontos da cidade. Souza traz que:

os romeiros sentem um carinho muito grande pela cidade do Padre Cícero e, na grande maioria das vezes, realizam muitos esforços para chegar ao destino tão esperado. Visitar Juazeiro é motivo de fé e alegria para os romeiros. É a prova que as adversidades da vida ficaram para trás, podendo assim, celebrar a visita ao “santo Juazeiro”, que é como os devotos também costumam se referir à cidade.²⁹

A cidade de Juazeiro é muito importante e cheia de significados para os romeiros do Padre Cícero. Os devotos falam com alegria sobre o lugar e sobre o Padre, juntamente com todos os ensinamentos deixados por ele. Sem dúvidas, um grande legado de fé e devoção.

Por vários pontos da cidade é possível visualizar as demonstrações da adoração que os romeiros têm ao Padrinho Cícero, como carinhosamente costumam se dirigir ao Padre Cícero. Os devotos costumam tocar as peças e objetos que pertenceram ao Padre. É muito bonito ver a expressão de alegria e emoção no rosto de cada fiel.

O desenvolvimento de Juazeiro do Norte liga-se diretamente ao Padre Cícero, as romarias se tornaram fonte de migração de fiéis oriundos de vários estados nordestinos e de outras partes do Brasil e também do mundo, atraindo diversos saberes, fazeres e valores, que refletem diretamente na cultura e economia da cidade.³⁰ Os romeiros chegam durante todos os meses do ano, podendo aumentar significativamente em alguns períodos, que são conhecidos como as grandes romarias, influenciando de maneira direta a rotina da cidade.

Sobre o consumo relacionado ao grande fluxo de pessoas, Souza traz que:

o grande fluxo de romeiros influencia o comércio local, ao consumir de diferentes maneiras, desde hospedagem e alimentação, que são básicos, durante a estadia na cidade. Existindo também o consumo de diferentes objetos, desde os de cunho religioso até outros tipos. Os visitantes sempre procuram levar uma lembrancinha, para aqueles que não puderam visitar o Juazeiro. Por mais simples que seja o romeiro, ele não sai da cidade sem algo de recordação.³¹

O crescimento de Juazeiro está diretamente ligado à figura do Padre Cícero. E muitas são as expressões de agradecimento e devoção por toda a cidade. Na maioria dos estabelecimentos e pontos da cidade, existem imagens fazendo referência ao grande benfeitor da cidade, que é o Padre Cícero, pelo qual os devotos se deslocam para vivenciarem diferentes experiências de fé.

Vivenciando as romarias

As romarias acontecem durante o ano todo, aumentando significativamente em números de devotos nas grandes romarias de fevereiro, setembro e novembro. Para Rosendahl, “a variação no espaço-tempo do fluxo de peregrinos e a maior ou menor intensidade dos fluxos qualificam a força propulsora do sagrado no lugar. O fenômeno da peregrinação fornece uma variedade de escalas”.³² O principal emissor de romeiros é o Nordeste, mas o local também recebe fiéis de várias partes do Brasil e de estrangeiros em quantidade reduzida.

Em algumas datas, ocorrem as maiores concentrações de devotos, conhecido como ciclo das romarias, que são intercalados com a visitação de romeiros ao longo de todos os meses do ano. De acordo com Rosendahl, “o tempo sagrado é fortemente marcado pelo calendário litúrgico eclesiástico da religião”.³³ Esse calendário litúrgico no Juazeiro é marcado por grandes concentrações de devotos do Padre Cícero.

Em fevereiro ocorre a romaria dedicada à Nossa Senhora das Candeias, delimitando o fim do ciclo das grandes romarias em Juazeiro do Norte, que tem início em setembro. Essa romaria possui ampla importância para os acontecimentos religiosos da cidade e tem a peculiaridade de ter sido criada pelo próprio Padre Cícero. A história oral conta que a cidade passava por uma grande crise, e o Padre Cícero teve a ideia de ajudar os comerciantes locais, criando uma romaria em que luzes seriam utilizadas, impulsionando o comércio local através da venda das lamparinas. Esse fato mostrou, mais uma vez, como Padre Cícero era visionário e fortaleceu seu legado.

Em março é comemorado o aniversário natalício do Padre Cícero Romão Batista. Os seus fiéis costumam comemorar com um bolo gigante, em que, para cada ano que o Padre completaria, é produzido um metro de bolo, que no fim é repartido entre aqueles que se encontram no local.

No dia 20 de julho de 1934, Padre Cícero morreu aos 94 anos de idade. Nessa data, o número de fiéis aumenta consideravelmente. Osromeiros consideram importante visitar o Juazeiro e fazem questão de participar da missa de aniversário de morte do Padre Cícero, e assim, homenagear o patriarca.

A devoção ao Padre é tão grande que no dia 20 de cada mês é celebrada uma missa no pátio da Capela do Socorro, onde o Padre foi sepultado. Os devotos usam a cor preta (luto) ou branca (resignação), para demonstrarem seus sentimentos.³⁴ Mais uma grande prova de que o Padre Cícero continua vivo na memória e no coração dos seusromeiros.

Em setembro é realizada a romaria e festa dedicadas à Nossa Senhora das Dores, padroeira de Juazeiro, que marcam a abertura do ciclo das grandes romarias, data muito importante para o calendário religioso de Juazeiro do Norte.

Em novembro, acontece a romaria de finados, quando muitosromeiros costumam se deslocar para Juazeiro a fim de visitar o

túmulo do Padre Cícero e outras partes da cidade. Buscam participar dos eventos religiosos, visitas e vivenciam sua fé, a exemplo do que ocorre nas outras romarias. Essa data costuma ser de tristeza e saudade em outros lugares, mas os romeiros vão para celebrar a felicidade.

A romaria de finados tem outro papel importante, que é comemorar a inauguração da estátua do Padre Cícero, realizada no dia primeiro de novembro de 1969, com 27 metros de altura, no alto da Colina do Horto. A estátua é um dos locais mais visitados pelos romeiros, onde eles costumam rezar e pagar suas promessas, sentindo-se mais próximos do Padre Cícero e lembrado todos os ensinamentos deixados pelo Padrinho.

A ação de se deslocar e misturar-se com a paisagem compõe a experiência do sagrado. Os peregrinos possuem o hábito de frequentar igrejas, museus e monumentos.³⁵ Em Juazeiro, os fiéis costumam visitar locais específicos durante a romaria.

São muitos os locais onde os romeiros conseguem expressar sua fé e estarem mais próximos do querido Padrinho Cícero. Vivenciar essas sensações é muito importante para esses devotos, por isso eles saem em busca das romarias. Sobre as visitas ao Juazeiro, Souza traz que:

as excursões a Juazeiro, ou seja, as romarias são muito importantes para a vida dos devotos. Muitas vezes, essas idas funcionam como “divisor de águas”, na vida dos romeiros, que na maioria dos casos, passa o ano todo trabalhando e juntando dinheiro para visitar a terra do Padre Cícero. Quando o período de visitas acaba, e os fiéis têm que retornar aos seus locais de origem, já voltam na esperança de iniciar um novo ciclo, até que a próxima romaria aconteça.³⁶

As romarias remetem a acontecimentos bons, em que os romeiros guardam boas lembranças, mantendo a chama da fé acessa e onde

buscam forças para esperar pela próxima visita ao Juazeiro do Padre Cícero. São muitos os relatos dos romeiros que, ao concluírem as visitas, já começam a se programar para retornar.

Sobre o que os romeiros sentem ao visitar Juazeiro, Araújo traz que:

um dos sentimentos que contribuem para o afluxo de multidão ao Juazeiro é a confiança do romeiro depositada no Padre Cícero. No imaginário do romeiro, se a viagem é para a terra santa, a terra do Padre Cícero, a proteção contra toda e qualquer adversidade está garantida (...). Outro aspecto que contribui para o afluxo de romeiros a Juazeiro é a afinidade dos devotos com os signos e símbolos do lugar sagrado.³⁷

Os romeiros sentem orgulho em preservar essa tradição de sair em peregrinação. Um legado de fé e devoção ao Padre Cícero, que vem se mantendo vivo ao longo dos anos, ganhando força, através das gerações, pois muitos são os exemplos de famílias que conservam essa religiosidade.

A cultura e as expressões de fé se combinam, compondo assim, uma grande riqueza imaterial, atraindo um grande número de devotos a visitarem a cidade conhecida como Juazeiro do Padre Cícero, por ter a figura Padre Cícero como seu benfeitor e patriarca.

As pesquisas que envolvem questões acerca das religiões estão ganhando cada vez mais espaço, e os estudos geográficos oferecem grandes contribuições para os pesquisadores desse viés. Dentro desse tema, está o fenômeno das romarias em Juazeiro do Norte. O Padre Cícero, desde que chegou ao Juazeiro, começou a transformar a realidade dos habitantes locais e também daquele lugar que tanto necessitava de alguém que lutasse por dias melhores. Os fatos conhecidos como

“milagre da hóstia” foram os grandes impulsionadores para o início das romarias, através da curiosidade do povo, acerca desses acontecimentos. A partir de então, a cidade foi ganhando visibilidade e atraindo devotos, que cada vez mais, procuram visitar o Juazeiro.

Nas paisagens, estão contidos muitos sentidos, que estão ligados, de maneira direta, às ações humanas e à cultura de cada grupo envolvido. Os estudos dos locais culturais são de suma importância para se conhecer a história de cada ambiente, já que muitas vezes pode passar despercebida pelos frequentadores, e até mesmo pelos moradores. Na cidade Juazeiro do Norte, existe uma forte ligação dos romeiros com o Padre Cícero através de diversas manifestações de fé e devoção.

A transformação das hóstias consagradas em sangue foi um grande propulsor das peregrinações à cidade de Juazeiro do Norte, juntamente com a fé e devoção dos romeiros ao Padre Cícero. Os fiéis acreditam que esses acontecimentos foram exemplos claros de milagre e que, atualmente, ainda estão presentes. É possível perceber que a maioria dos devotos conhecem algo sobre o “milagre da hóstia”, quando questionados.

A importância do Padre Cícero para os romeiros e para o crescimento da cidade de Juazeiro do Norte é notória. Os comerciantes da cidade são gratos ao Padre Cícero por sua contribuição para o desenvolvimento e progresso da cidade. Os romeiros vão ao Juazeiro em busca de se aproximarem do “Padrinho Cícero”, como a maioria costuma se referir ao Padre, e sentem uma ligação muito forte com o lugar em que o Padre viveu e ajudou a desenvolver. Juazeiro do Norte é uma cidade muito amada pelos visitantes, que costumam fazer muitos elogios e carregarem muitas lembranças boas do lugar enquanto a próxima romaria não chega.

Ao longo da pesquisa, notou-se que o legado de fé e devoção, deixado pelo Padre Cícero, só aumenta entre seus romeiros. As

romarias cada dia crescem mais e ocorrem durante todos os meses do ano, expandindo consideravelmente o número de devotos em determinados períodos ou datas do ano. Juazeiro do Norte é uma importante cidade, centro de peregrinações que contribuem para o seu crescimento, materializando a profecia do Padre Cícero, de que o Juazeiro seria um lugar de desenvolvimento. Os romeiros são exemplos da devoção, e preservam as tradições culturais, da fé no Padre Cícero Romão Batista, patriarca de Juazeiro. Essa tradição é conservada entre as famílias e repassada por suas gerações, sendo possível enxergar romeiros de todas as idades, consolidando a crença de que as romarias estão cada vez maiores e se manterão preservadas.

Foi possível observar o grande valor que o Padre Cícero e a cidade de Juazeiro do Norte possuem para os romeiros, e assim, ter uma maior aproximação com as pessoas que estão diretamente ligadas ao fenômeno estudado. Obtendo, também, o objetivo principal de fornecer conhecimento sobre a importância da figura de Padre Cícero, juntamente com o seu legado de fé e devoção, que foram preservados e seguidos por seus devotos em suas vidas e nas romarias de Juazeiro do Norte.

NOTAS

¹ ARAÚJO, M. L. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. 1.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.

² DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

³ ROSENDAHL, Z. Espaço, política e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol.2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando

as relações entre espaço e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

⁴ SOUZA, G. F. *Do milagre às romarias: uma cultura de fé e devoção ao Padre Cícero do Juazeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.

⁵ PEREIRA, C. J. Geografia da Religião: um olhar panorâmico. *Raega*, Curitiba, Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, v. 27, jan. 2013, p. 11.

⁶ ROSENDAHL, Z. Espaço, política e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol.2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 104.

⁷ TAVEROS, T. S.; NASCIMENTO, P. R. S.; SANTOS, R. F. P.; SOUZA, G. F.; BELIZÁRIO, M. A. S. *Análise do fenômeno religioso em Guarabira/PB: um estudo sobre a festa de Nossa Senhora da Luz em 2017*. Vol. 1. Anais COPRECIS. Campina Grande: Realize Editora, 2017, p. 2-3.

⁸ GOMES, P. C. C. Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 20.

⁹ WALKER, D. *Pequena bibliografia de Padre Cícero*. Juazeiro do Norte: Fonte digital; RocketEdition; eBooksBrasil, 2016, p. 2.

¹⁰ BELIZÁRIO, M. A. S. *Interações culturais, simbolismo e transformações urbanas decorrentes do fenômeno religioso em Juazeiro do Norte – Ceará*. São Luís, 2016, p. 4.

¹¹ PINHEIRO, I. S. *O fenômeno da romaria de Juazeiro do Norte: implicações sociais e religiosas*. São Paulo: Lins, 2009, p. 4.

¹² DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

¹³ DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 42.

¹⁴ PINHEIRO, I. S. *O fenômeno da romaria de Juazeiro do Norte: implicações sociais e religiosas*. São Paulo: Lins, 2009, p. 4.

¹⁵ DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 42.

¹⁶ DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 43-45.

¹⁷ DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 45.

¹⁸ ARAÚJO, M. L. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. 1.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.

¹⁹ BELIZÁRIO, M. A. S. *Interações culturais, simbolismo e transformações urbanas decorrentes do fenômeno religioso em Juazeiro do Norte – Ceará*. São Luís, 2016

²⁰ DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

²¹ ROSENDAHL, Z. Espaço, política e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol.2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013;

- ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- ²² SOUZA, G. F. *Do milagre às romarias: uma cultura de fé e devoção ao Padre Cícero do Juazeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.
- ²³ FEITOSA, A. C. F.; BENVENUTI, S. M. P. (Orgs.). *Diagnóstico do município de Juazeiro do Norte*. Programa de Recenseamento de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea no Estado do Ceará, Fortaleza, 1998, p. 4-5.
- ²⁴ ALVES, A. C. E.; OLIVEIRA, C. D. M. Irradiação territorial e turismo religioso: a devoção de Juazeiro do Norte (Ceará-BR) constituindo novas polaridades regionais. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, Número Especial EGAL, p. 1-16, 2º semestre, 2011, p. 4.
- ²⁵ ARAÚJO, M. L. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. 1.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 87.
- ²⁶ ARAÚJO, M. L. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. 1.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 93.
- ²⁷ ROSENDAHL, Z. O espaço, o sagrado e o profano. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 241.
- ²⁸ ROSENDAHL, Z. O espaço, o sagrado e o profano. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 242-243.
- ²⁹ SOUZA, G. F. *Do milagre às romarias: uma cultura de fé e devoção ao Padre Cícero do Juazeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019, p. 28.
- ³⁰ ARAÚJO, M. L. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. 1.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 96.
- ³¹ SOUZA, G. F. *Do milagre às romarias: uma cultura de fé e devoção ao Padre Cícero do Juazeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019, p. 30.
- ³² ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- ³³ ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- ³⁴ ARAÚJO, M. L. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. 1.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 115.
- ³⁵ CARNEIRO, S. S. Espaço, política e religião. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 141.

³⁶ SOUZA, G. F. *Do milagre às romarias: uma cultura de fé e devoção ao Padre Cícero do Juazeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019, p. 38.

³⁷ ARAÚJO, M. L. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. 1.ed. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 143.

Padre Cícero: uma referência de conselheiro no catolicismo popular sertanejo

*João Everton da Cruz**

Escrever um texto acerca do fenômeno religioso em torno do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) como conselheiro inserido no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro é como percorrer pelos caminhos dos “movimentos religiosos de protesto social”¹ e das origens da alma sertaneja, observando os seus traços e entrando na sua intimidade. É extraordinário apreciar o capricho com que a população do Nordeste recorre ao seu santo protetor, às orações, aos ritos, isto é, como a cultura popular sertaneja se orienta na caminhada dentro das tradições do catolicismo popular, cujas expressões se distanciam do catolicismo romanizado.

O Nordeste do Brasil abrange os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. A região Nordeste tem a sua riqueza geográfica, dividida em três sub-regiões bem distintas, com diversas condições climáticas: o sertão semiárido, o agreste com chuvas normais e a região da mata com chuvas abundantes.

* Doutorando em Ciências da Religião pela PUC Minas (2019-2022). Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas (2008-2010). Especialização em docência no ensino superior: novas linguagens e novas abordagens pela PUC Minas (2005). Licenciatura Plena em Filosofia pela PUC Minas (2000). Professor de Educação Básica da Secretaria do Estado da Educação de Sergipe. Membro da SOTER. <http://lattes.cnpq.br/0579361563513488>. <https://orcid.org/0000-0002-3613-4866>. E-mail: jooevertoncruz@yahoo.com.br.

O Padre Cícero Romão Batista foi um conselheiro que superou a vida mística e espiritual e se plantou no chão das realidades sociopolíticas da região do Vale do Cariri, no Ceará. Destaca-se pela importância da função do conselheiro que é decisiva na memória do catolicismo popular, que tem como forma peculiar o catolicismo sertanejo. O conceito de catolicismo popular pode ser entendido conforme cada autor, como veremos mais adiante. O romeiro elege Padre Cícero como defensor e guia, tendo-o como principal referência de suas tradições religiosas, porque ele conhecia os problemas da região e tornou-se cúmplice dos romeiros sertanejos, que sentem ser ele o seu conselheiro.

Os sertanejos, mergulhados no catolicismo popular, recebiam uma mediação pela figura paterna do conselheiro e experimentavam a liberdade de suas crenças religiosas, fugindo do esquema político-social dominante e vivenciando a esperança. Padre Cícero foi um conselheiro respeitado no catolicismo popular do Nordeste brasileiro, representando a figura paterna e afetuosa do conselheiro na cultura popular nordestina; conseguiu muito bem alimentar a fé do romeiro dentro de uma realidade muito específica. Assim diz o sertanejo em situações de dificuldades e perigos: “valei-me, Nossa Senhora!”, “valei-me, Padim Cícero!”. Essa manifestação devocional foi sendo cristalizada por meio dos conselheiros presentes na vida dos nordestinos, possibilitando o encaminhamento de muitas e muitas pessoas para uma vida mais decente. Segundo os romeiros, ainda hoje o santo conselheiro, como o consideram, ajuda as pessoas que a ele recorrem para resolver seus problemas na vida cotidiana. São os símbolos religiosos que conectam os romeiros à devoção ao Padrinho – qualificação pela qual é designado –, como o rosário, o cajado, o chapéu de palha. A Casa Museu do Padrinho e o seu mausoléu, na Capela do Socorro, são lugares de visita dos inúmeros romeiros. O lugar da penitência dos romeiros se encontra na Serra do Horto,

passando por estreitos caminhos, pois é um ritual que exige cuidado e paciência.

Este texto é parte da dissertação *Frei Damião: a figura do conselheiro no catolicismo popular do Nordeste brasileiro*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências da Religião, em 2010.

Para situar melhor esse fenômeno, na primeira parte, abre-se com o contexto social em que viveu o Padre Cícero Romão Batista e quem é ele. Na parte seguinte, a figura do conselheiro no catolicismo popular sertanejo. Apresenta-se os grandes conselheiros da memória nordestina. Na última parte, Padre Cícero como conselheiro e a memória dos ecologistas. Fica evidenciado que os conselhos de Padre Cícero estão colados na memória dos romeiros como agentes do movimento religioso. Com os fatos extraordinários de Juazeiro e o ambiente religioso que se formou em torno do Pe. Cícero, era perceptível que ele ocupasse a função de santo conselheiro deixada pelo exemplo de trabalho do Pe. Ibiapina. Embora tenha se distanciado de outros conselheiros missionário do sertão nordestino na medida em que intervinha não só na formação religiosa e moral dos sertanejos, mas também agira para melhorar as condições do povo do Nordeste, era um conselheiro reformador de costumes e agregava uma prática de intervenção socioeconômica nas realidades onde ocorriam suas missões. Não se trata de uma peculiaridade regional, porque também em outras regiões existiram pessoas que desempenharam função semelhante, como Nhá Chica em Baependi (MG) e o Monge João Maria na região do Contestado (hoje Santa Catarina). Igualmente, não se pode falar de uma característica do catolicismo, porque outras tradições religiosas também têm grande afeição por guias espirituais como o guru, o pajé, o xamã e outras

peças que fazem alguma forma de direção espiritual. Nesse sentido, convido você, homens e mulheres, crentes e descrentes, religiosos e materialistas, independentes de sua situação de fé, a caminhar conosco no tema deste ensaio.

O contexto em que viveu Padre Cícero Romão Batista (1844-1934)

O contexto social em que acontece o movimento religioso em torno da pessoa do Padre Cícero Romão é o sertão do Nordeste, empobrecido pela decadência da produção algodoeira e, somado a isso, pela exploração dos trabalhadores rurais pelos grandes fazendeiros. Juazeiro está localizado no Cariri ou Cariri Novos, sul do Ceará, um oásis no sertão cearense, por conta da fertilidade de seu solo e da existência de fontes de água. A região é rica relativamente ao sertão nordestino, onde a oligarquia local previra formar um estado autônomo, desligado do Ceará. Portanto, o Vale do Cariri, palco da vida do Padre Cícero Romão Batista, foi ocupado, nas primeiras décadas do século XVIII, por proprietários de bovinos procedentes da Bahia e de Pernambuco. Posteriormente, a situação foi agravada pela grande seca de 1877-1879.

Anteriormente, no período colonial, no interior do Nordeste brasileiro a economia era agropastoril e era a responsável pelo abastecimento dos grandes engenhos de cana-de-açúcar na região do Vale do Cotinguiba e na região do agreste. Os engenhos forneciam açúcar mascavo e refinado para o mercado europeu. As terras desses engenhos do Nordeste eram utilizadas para a agricultura de exportação. Toda a economia girava em torno da monocultura do grande “latifúndio”. Esse foi o contexto e a base da colonização do Brasil. Poucos homens concentrando grandes extensões de terras cultivadas com o uso de técnicas rudimentares e com baixa produtividade. Na interpretação de Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, desenvolvida no livro

Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil,

o capitalismo agrário traz consigo a dissolução da dominação pessoal, exercida pela classe senhorial sobre a massa camponesa. Tendo perdido a força do trabalho escravo, a classe senhorial transforma-se, em parte, em burguesia agrária, e, em parte, em classe de latifúndios que obtêm a renda da terra explorando, por diversos meios, os camponeses que nela trabalham. Esse processo de dissolução da dominação senhorial, que se prolonga desde meados do século XIX até os nossos dias, não é uniforme: sua intensidade depende do grau de penetração das relações sociais de produção capitalistas na grande lavoura. Ele é, portanto, um processo diferenciado conforme as condições de cada traço estrutural que é a substituição da dominação pessoal pelas relações impessoais entre compradores e vendedores da força de trabalho.²

Com o objetivo de esclarecer a natureza dessa relação, é indispensável recordar ligeiramente em que consiste a dominação senhorial. A dominação pessoal é exercida pelo grande proprietário de terra, porque cede aos trabalhadores rurais uma área para cultivo e/ou proteção política em troca de diversos serviços. Nasce daí a dominação pessoal, estabelecida nos vínculos de lealdade entre dominante e dominado e formando uma hierarquia social cimentada pela troca de proteção. A natureza desta relação entre dominantes e dominados é idealizada como relações de aliança que se manifestam pelo código familiar, consolidada pelas relações de compadrio. O catolicismo popular, concebendo a dominação pessoal como uma representação terrena das relações que vinculam o ser humano aos seus protetores divinos, desempenha uma função social fundamental para a dominação senhorial, porque ele se identifica como a cosmovisão do mundo desejada por Deus. É notório que o analfabetismo, a fome, a seca, a miséria e a pobreza seriam então transfiguradas como resultado

de leis celestiais e, portanto, imutáveis. Pierre Bourdieu evidencia o caráter dominante da religião quando diz que:

neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados”. E ademais, Weber nos fornece os meios de escapar à alternativa simplista de que são produto suas análises mais duvidosas, ou seja, à oposição entre a ilusão da autonomia absoluta do discurso mítico ou religioso e a teoria reducionista, que torna esse discurso o reflexo direto das estruturas sociais. Procura esclarecer ao máximo o elemento comum ausente no discurso das duas posições opostas e complementares: o trabalho religioso realizado pelos produtores e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder por meio de um tipo determinado de prática ou discurso a uma categoria particular de necessidades próprias a certos grupos sociais.³

A experiência religiosa não esgota a experiência do transcendente, que pode se dar também fora da própria religião enquanto instituição. A evangelização da sociedade brasileira foi fortemente marcada por duas tendências que perpassam séculos de história: a “pastoral da convivência” e a “pastoral da visita”, como indica o historiador Eduardo Hoornaert.

Na realidade brasileira, esta pedagogia evangelizadora realizou-se de diversas maneiras no decorrer dos três primeiros séculos de sua história, e pensamos que houve, desde o início, duas tendências: uma mais baseada na *convivência*, outra baseada na *visita*. O projeto missionário dos aldeamentos, que procurou distanciar o mundo indígena do mundo colonial, levou, aos poucos, a uma experiência de convivência que teve grandes consequências. Já o das “missões populares”, que prolongava no Brasil numa linha pastoral muito desenvolvida na Europa

após o Concílio de Trento, levou a experiências de visitas esporádicas que igualmente tiveram consequências típicas e significativas.

As santas missões, baseadas na visita de um missionário a uma determinada comunidade humana (lugarejo, vila, fazenda, engenho), foram a forma que provou ser a mais realista e mais adaptada às condições concretas da evangelização no Brasil. (...) Do outro lado, os indígenas brasileiros pareciam aceitar bem estas visitas regulares, já que estas correspondiam a uma tradição ameríndia: a da chegada dos feiticeiros ou pajés “para fazer santidade”. (...) A estrutura básica destas “visitas” de “feiticeiros” é descrita por Nóbrega, é estranhamente parecida com a das “santas missões” tipo Padre Ibiapina, no século XIX, no interior nordestino.⁴

Na pastoral da visita, apresentamos duas práticas, a saber: a desobriga e as missões populares. A desobriga é a visita feita pelos padres esporadicamente às comunidades, consistindo em pregações e em administrações dos sacramentos. Já as missões populares consistiam em visitas dos missionários a diversas comunidades para reacender as expressões religiosas. A ausência de padres no Nordeste é datada da época colonial. Mesmo sendo escassa, essa convivência servia para manter e/ou garantir o laço de pertencimento do catolicismo popular ao catolicismo oficial por meio de um consentimento religioso que fazia com que os diferentes grupos sociais que viviam espalhados pelo sertão admitissem como pertencentes à única e mesma Igreja da hierarquia eclesiástica. Em outras palavras, não estabeleciam dois catolicismos oponentes, embora o catolicismo popular mantivesse um profundo respeito para com a figura do padre missionário, a quem interpretava como portador de poderes espirituais, revestidos de um poder diferente que era evidenciado nas visitas.

Com essa atividade pastoral, logo, há pouca compreensão ou nada acerca dos problemas essenciais das comunidades, e as visitas

servem apenas para abreviar, na mentalidade do devoto, a sua dignidade diante de Deus, que só poderá ser recuperada novamente pelas práticas penitenciais cotidianas, dada a escassez de sacerdotes para administração dos sacramentos. Há uma enorme distância que marca a crença religiosa e a vivência concreta do dia a dia do romeiro; sendo que essa vivência religiosa pouco auxilia para a libertação dos seus problemas, desencadeando numa fonte de mistificação, alienação e até mesmo opressão. O Padre Cícero procurou, por meio da utilização da piedade popular, levar uma melhoria de vida e saúde aos habitantes empobrecidos do sertão árido do Nordeste brasileiro.

Quem é ele?

Romão Batista nasceu na cidade do Crato, interior do Ceará, perto do Juazeiro do Norte, em 24 de março de 1844, filho de Joaquim Romão Batista, um pequeno comerciante de tecidos e ferragens. Sua mãe, Joaquina Vicência Romana, conhecida como dona Quinô, era dona de casa. O núcleo familiar incluía duas irmãs. Cícero foi o primogênito e único filho homem desta família de poucas posses. Cícero Romão Batista foi ordenado subdiácono no dia 20 de novembro, e no dia 27 de novembro foi ordenado diácono, sagrando-se sacerdote no dia 30 de novembro de 1870, em Fortaleza, e retorna ao Crato, sua terra natal, no dia 8 de janeiro de 1871; celebra sua primeira missa no altar de Nossa Senhora da Penha. Nessa época, recebe um convite para celebrar e atender os fiéis da Capela de Nossa Senhora das Dores, no Juazeiro do Norte, lugarejo distante três horas a cavalo do Crato. Padre Cícero pretendia voltar a Fortaleza-CE atendendo o convite para ser professor no seminário onde havia realizado seus estudos eclesiásticos. Diante das necessidades humanas e pastorais que encontra em Juazeiro, decide ali permanecer, onde passa a residir com seus familiares. A seu pedido, em setembro de 1872, o Bispo o nomeia capelão de Nossa Senhora das Dores. Após

estar estabelecido há dezessete anos em Juazeiro, Pe. Cícero, no dia primeiro de março de 1889 (foi também um ano de seca), depois de uma longa vigília noturna de oração, ao dar a comunhão para Maria de Araújo, presencia o fenômeno extraordinário do sangramento da hóstia, fato que se repete em diversas ocasiões. Sobre o episódio do milagre protagonizado pela Beata Maria de Araújo, Antônio Carlos Ferreira Lima sugere:

quatro hipóteses para o fenômeno da “comunhão ensanguentada”. A primeira é apoiada pelo “Padrim” e pelos médicos que fizeram o primeiro exame, concluindo como evento de natureza miraculosa. A segunda é defendida pela Igreja oficial que aponta o acontecido como fruto de superstição, fanatismo e abuso à “Santa Eucaristia”. A terceira foi apresentada pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo, e classifica o fato como um embuste patrocinado pelo prof. José Marrocos em conivência com a Beata; e finalmente levantada pelo Dr. Júlio César da Fonseca, qualificando o caso como fruto da influência do psiquismo sobre o organismo e, posteriormente, pela parapsicologia como caso de “aporte”.⁵

Depois disso, a sua atividade pastoral concentra-se sobretudo no aconselhamento daqueles que o procuravam. Sua palavra e ensinamentos penetram tanto nas casas senhoriais quanto nos casebres. Empenha-se para capacitar os sertanejos. Sua permanente busca pela readmissão no uso das sagradas ordens o leva, em 1898, a Roma, onde é autorizado a celebrar e é absolvido das sanções eclesiásticas. Não obstante, seu Bispo ordinário mantém a proibição de administrar os sacramentos no âmbito de Juazeiro e adjacências. Com Plácido Cidade Nunes, temos a seguinte observação:

Padre Cícero, impedido de exercer uma ação pastoral meramente sacramentária, uma vez que estava suspenso do uso das suas ordens sacras, teve que desempenhar um trabalho que identificou com

a ação de Ibiapina, realizando um papel de conselheiro e padrinho lá onde se estrangulavam os angustiantes problemas da população. Há necessidade de solucionar os conflitos, de apaziguar os ânimos, de acolher tantos retirantes, de colocar jovens e adultos no campo do trabalho. Tudo isto é problema do cotidiano e as soluções devem começar aqui, e não apenas na eternidade ditosa. E a estratégia de fazer de Juazeiro um lugar de oração e trabalho, fez de Juazeiro um lugar sagrado, onde se manifesta o poder de Deus não apenas nos fatos miraculosos, então proibidos e censurados. Mas através de uma ação de aconselhamento que vê no trabalho a possibilidade de encaminhamento de muitas e muitas pessoas para uma vida mais decente, base futura de uma realidade mais abrangente. A palavra do Padre Cícero era a palavra da misericórdia de Deus: “quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais, quem pecou não pegue mais”.⁶

Padre Cícero passou a maior parte da sua vida dando conselhos às pessoas que o procuravam em Juazeiro. Há um depoimento, em Eduardo Hoornaert, que evidencia seu papel de conselheiro no seguinte diálogo entre um devoto e o Padre:

quando cheguei a Juazeiro com toda família, fui ao Padrinho e disse: “meu Padrinho, cheguei aqui para pedir um meio de vivência aqui”. O Padrinho disse: “escolha um dos dois: ou trabalho ou negócio; tem que ficar com trabalho ou com negócio”. Eu achava ótimo o negócio. E pronto fui para o negócio. E fiquei no negócio e me dei bem.⁷

O jornalista Lira Neto diz que “a exemplo dos pajés das antigas nações cariris, cujo sangue lhe corria nas veias misturado aos dos ancestrais portugueses, Cícero passara a acumular as funções de conselheiro, benzedor e curandeiro”.⁸ Padre Cícero exerceu uma autoridade paternal-religiosa. O Padrinho, como é chamado pelos devotos,

se insere dentro do contexto do compadrio, estreitamente ligado às tradições populares, impossibilitando uma tomada de consciência de grupo por parte dos afilhados, que aprendem a esperar tudo do Padrinho. A relação do Pe. Cícero com a população do sertão não se constitui pelo mandonismo e sujeição, como era uma prática dos coronéis diante dos seus agregados. Tendo superado a lógica das facções, que regia as relações sociais naquele contexto, Pe. Cícero se torna o padrinho conselheiro de todos os órfãos deserddados.

O lugar onde surgiu a devoção

Padre Cícero Romão Batista, aos 11 de abril de 1872, chega ao povoado denominado “Taboleiro Grande” com sua família e pouca bagagem. Os relatos conhecidos são de que Pe. Cícero foi morar no Juazeiro em decorrência de um sonho. Este sonho marcou a vida do Padre Cícero, porque assumiu a função de conselheiro das massas nordestinas. Em 1872, o pequeno arraial era um aglomerado de casas de taipa, convergindo para uma capela dedicada à Nossa Senhora das Dores, dona do lugar; erigida pelo primeiro capelão, Padre Pedro Ribeiro de Carvalho. Paulatinamente, Juazeiro passou a ser um modelo de ordem social e de virtude. Durante muito tempo, Padre Cícero permaneceu na pobreza. Não quis receber nada pelos sacramentos que administrava. Adquiriu fama de um sacerdote dedicado inteiramente ao povo do sertão, sempre disponível, atento, um excelente conselheiro do povo, aceitando trabalhar na capelinha mais empobrecida da Diocese. Bem antes de acontecer o milagre da hóstia consagrada, que teria vertido sangue na boca da Beata Maria de Araújo, Padre Cícero já tinha fama de santo, de profeta e de milagreiro pelo povo do sertão nordestino. No período da seca de 1888, Pe. Cícero fez a promessa de levantar uma grande igreja, em honra do Sagrado Coração, no alto da serra do Catolé. Com as chuvas, as obras tiveram início, cumprindo, assim, a promessa recebida do retorno das chuvas

nos sertões. Juazeiro era, de fato, uma “cidade santa” presidida por um santo patriarca, que era padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos criminosos e pecadores. Tachados de fanáticos pela sociedade culta do litoral, tais romeiros, pelo contrário, consideravam-se apenas afilhados do Padre Cícero.⁹

A figura do conselheiro no catolicismo sertanejo

Nesta parte do capítulo, aborda-se sobre “essa matriz geradora de uma estirpe de conselheiros do povo do Nordeste”.¹⁰ Dentro do catolicismo popular sertanejo, deparamos com os grandes conselheiros: Padre Ibiapina (1806-1883), Beato Antônio Conselheiro (1830-1897), Padre Cícero (1844-1934) e Frei Damião de Bozzano (1898-1997), sendo o primeiro uma figura matricial. O conselheiro Pe. Ibiapina foi uma referência religiosa para o Beato Antônio Conselheiro e para o Pe. Cícero, na medida em que não se diferenciava muito desses missionários que o sucederam no sertão nordestino. O Antônio Vicente é conselheiro consagrado pelo povo e adquiriu popularidade no Nordeste devido aos seus conselhos e pregações moralizantes. O Pe. Cícero foi um conselheiro que superou a vida mística e espiritual e se plantou no chão das realidades sociopolíticas da região do Vale do Cariri, no Ceará.

O catolicismo popular tem como forma peculiar o catolicismo sertanejo. Já o catolicismo romanizado, em que prevalece a hierarquia eclesiástica, diferencia-se do primeiro por não se adaptar à cultura do povo, mas por reproduzir um catolicismo europeu. Faustino Teixeira fala sobre “as malhas do catolicismo”, dizendo que “são malhas diversificadas de um catolicismo, ou poder-se-ia mesmo falar em catolicismos”,¹¹ no plural, como segue abaixo.

Catolicismo popular

A expressão mais adequada para descrever as características do catolicismo popular brasileiro, sobretudo entre o período colonial dos

séculos XVI e XIX, é, como declarou Gilberto Freyre, “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”,¹² pois não havia um clero nativo. As expressões religiosas foram vivenciadas e disseminadas por figuras locais, a exemplo dos místicos beatos, grandes pregadores de uma devoção aos santos e santas que marcam o catolicismo brasileiro. Seguiremos aqui o conceito de catolicismo popular que pode ser definido como “religião do popular”, “catolicismo rural” ou “piedade popular”. Isto significa que o conceito de catolicismo popular pode ser entendido conforme cada autor. O catolicismo popular não é um fato coisificado nem um “sistema religioso”, mas um processo histórico, onde se desenvolvem expressões de fé e de organização, agregando as características específicas e elementos universais do catolicismo.

Com relação à expressão popular, ela não tem o significado de vulgar ou de uma produção de caráter subalterno. O termo popular tem o sentido de distinção cultural e social de um povo e de um comportamento religioso que se diferencia do oficial ou erudito. No Nordeste do Brasil, o catolicismo popular manifesta-se por atos concretos ligados ao cotidiano, como rezar para pedir chuva, benzer uma pessoa doente e, além disso, o culto aos santos e santas, novenas e romarias, procissões e promessas, buscando uma resposta positiva para os seus problemas e reinterpretando as doutrinas do catolicismo oficial. Usando uma definição sociológica de catolicismo popular, Pedro Ribeiro de Oliveira, ressalta que:

a autoprodução religiosa popular não fica, portanto, separada da produção oficial, mas guarda com ela uma relação dialética: ela exprime as condições de existência das classes dominadas e subalternas, fazendo uso dos códigos religiosos oficiais. Podemos então definir o catolicismo popular como um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial. Isso significa que o catolicismo popular incorpora elementos do catolicismo

oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas. O resultado é que o mesmo código religioso é diferentemente interpretado pelas classes sociais de maneira que, sob uma unidade formal, escondem-se, de fato, diversas representações e práticas religiosas.¹³

Isto significa que o catolicismo popular se define pela autoprodução religiosa – uma comunidade se une pelos seus atos religiosos numa ação comum e autônoma; porém, numa sociedade de classes, os rituais populares católicos estão vinculados aos símbolos religiosos do catolicismo oficial ou romanizado. Vale ressaltar que as crenças e práticas religiosas, ao longo da tradição do cristianismo, foram socialmente incorporadas como “católicas”. Não se pode dizer que seja um catolicismo independente do catolicismo da hierarquia eclesial, mas se trata de uma retradução do mesmo.

Catolicismo popular sertanejo

O catolicismo popular sertanejo é uma forma nordestina do catolicismo popular que é típica do sertão e tem como núcleo a figura do conselheiro. O catolicismo popular sertanejo é marcado pela tradição dos beatos e beatas, segundo o costume dos sertanejos com suas cantorias, rezas populares; além do medo do diabo e do hábito de rezarem o terço e o ofício de Nossa Senhora. O catolicismo popular sertanejo seguiu uma matriz de um catolicismo familiar. Esse foi o catolicismo difundido no sertão do Nordeste pelos missionários por meio das santas missões, com destaque para os capuchinhos italianos, porque foram eles que aperfeiçoaram o método da vivência da fé e da vida cristã, católica.

O sertanejo nordestino vive imerso num mundo referencial bíblico e cristão, reconhece os símbolos, sabe interpretar as figuras. É herdeiro de uma longa e bonita tradição teológica, sendo ele mesmo

teólogo. Teólogo sofrido, de mãos calejadas, mas teólogo. Embora não acostumado ao mundo das letras, produz versos, poesias e textos que não são, de forma nenhuma, simplórios, mas carregados daquela sabedoria sofrida típica do povo da terra, feita de desencanto, mas também de uma esperança indestrutível. Sertanejo-teólogo, cioso em descobrir o sentido mais profundo das coisas, concentrado em encontrar uma leitura teológica dos fatos que presencia. Não cartesiano no sentido de se operar uma rígida separação entre a racionalidade e a emotividade, entre os conceitos claros e as imagens, entre o experimentado e o sonhado. Mas um curioso das coisas de Deus, atrás do sentido último. Sua Teologia é mística e escatológica, espera um tempo bom após tanto sofrimento. Com o dizia Câmara Cascudo: o sertanejo é teólogo “antes, durante e depois dos Concílios Ecumênicos e dos Santos Padres”.¹⁴

Pe. Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro e Pe. Cícero, na concepção de E. Hoornaert, “são três figuras religiosas nordestinas que por assim dizer caracterizam a religião do sertão na segunda parte do século XIX e primeira do século XX”.¹⁵ Em decorrência da renovação estabelecida pelo episcopado por meio do Concílio Vaticano I, o catolicismo popular sertanejo baseado na pessoa do beato é interpretado como uma negação à prática do catolicismo romanizado e não como uma forma popular de fazer o catolicismo. Há uma fragmentação do catolicismo popular sertanejo quando recebe uma ação repressiva e utilizante face ao catolicismo oficial, que, por sua vez, é uma modalidade de catolicismo dominante, institucionalizado, e que é comum no círculo da hierarquia eclesiástica. Essa repressão por parte da cultura oficial ocorre em não pretender compreender os diferentes elementos significativos que constituem esse catolicismo, estabelecendo uma dicotomia cultural que se exprime na existência de uma cultura oficial dominante e uma outra meramente popular e muitas vezes considerada como algo periférico e supersticioso. Muitos dos beatos e beatas são analfabetos e analfabetas, mas dominam

com sabedoria a sua tradição. O beato é aquele que, aos olhos de seu povo, domina melhor a arte de aconselhar.

Catolicismo romanizado ou oficial

O catolicismo romanizado pode ser datado a partir de 1858, pois é o movimento de reestruturação interna da hierarquia eclesiástica com o objetivo de reforçar seu poder espiritual, reafirmando os cânones de fé e moral, uma vez que perdeu seu poder secular devido à separação entre Igreja e Estado. A ideia era modelar o catolicismo brasileiro conforme o esquema “romano”, implicando num rigor doutrinal, moral e hierárquico. Esse catolicismo teve como principais divulgadores os religiosos missionários. Os efeitos da romanização face ao catolicismo popular foram importantes, como sinaliza Pedro Ribeiro de Oliveira, “a romanização aparece, pois, como um processo de repressão clerical do catolicismo do povo. Porém, este último nem por isso desapareceu (...), sobreviveu à imagem do controle clerical”.¹⁶ A inquietação do catolicismo romanizado era afugentar os fiéis do catolicismo popular e orientá-los para a prática do catolicismo romano, com enfoque na vida sacramental. Os agentes romanizados têm o catolicismo romano como única forma legítima de cristianismo, pois para eles o catolicismo popular é um desvio. O catolicismo romanizado tem como meta combater o catolicismo popular, conforme afirma Oliveira em seu clássico ensaio *Religião e dominação de classe: o caso da “romanização”*:

para a burguesia agrária, como para os bispos e clérigos, a luta contra o catolicismo popular apresentava-se como uma luta contra a ignorância, o fanatismo, as superstições, as crenças atrasadas, as práticas imorais. O combate aparecia, portanto, como uma missão educativa a ser desempenhada pelo aparelho religioso, para elevar o nível cultural e religioso das grandes massas populares.¹⁷

Como vimos, a prioridade do processo de romanização tem o seu estatuto na medida em que elimina a produção religiosa popular. A hierarquia eclesiástica é investida de uma visão preconceituosa quando se propõe a elevar o nível cultural e religioso do povo; combate principalmente o tradicional caráter lusitano leigo do mundo devocional e junta-se a isso a desarticulação das funções dos leigos, como os beatos e rezadores. A permanência dos beatos no meio dos sertanejos se dá pelo domínio de seu universo cultural das manifestações religiosas. Eles são os principais responsáveis pela sedimentação dos comportamentos sociais da época. O fato é que quando não eram os beatos e beatas, eram os heróis desafiando os poderosos e as forças policiais. Daí que “as beatas, com seu poder até miraculoso, eram consideradas perigosas, maldizentes e intransigentes”.¹⁸ Mesmo quando os presbíteros eram desacreditados como pessoas, nunca deixaram de ser considerados os produtores mais legítimos dos serviços do Sagrado. O saber religioso do leigo era, sob muitos aspectos, uma retradução ao alcance da cultura, do saber do presbítero erudito. Ouvindo e aprendendo com os padres e missionários nas cidades de romarias, o capelão, o rezador, o beato acumulava um saber doutrinário e um repertório de rituais que traziam o catolicismo romano para dentro da fazenda, da comunidade. Para José Comblin, os motivos pelos quais o povo não compreende o catolicismo da hierarquia eclesiástica acabam afastando qualquer noção de pretensa ignorância do povo ou fanatismo:

o povo não se interessa pela catequese porque não sente falta de conhecimentos religiosos. Nós achamos que eles estão precisando de catequese. Mas eles não se acham ignorantes em matéria religiosa. Ao invés, eles acham que em assuntos religiosos, sabem todas as coisas necessárias para a vida... Na realidade, o povo não é ignorante de sua religião, desse catolicismo popular que se transmite por tradição oral de geração em geração desde os primeiros portugueses que o trouxeram há quatro séculos. O povo não conhece o

catolicismo oficial da Igreja Católica, nem se preocupa por conhecê-lo (...)

O povo não é ignorante da sua religião: é ignorante da nossa.¹⁹

O contexto sociológico onde acontece o fenômeno religioso em torno do Pe. Cícero como conselheiro é o Juazeiro do Norte-CE em contato com o povo romeiro, pois privado do exercício do ministério presbiteral, torna-se o “*Padim Ciço*” o conselheiro e romeiro por antonomásia, em que os romeiros se espelham, tornando-o seu protetor e guia.

Padre Cícero como conselheiro e a memória dos ecologistas

Não resta dúvida de que o Padre José Antônio de Maria Ibiapina (1806-1883) fixou a imagem do “grande conselheiro e mediador do povo” do Nordeste. Isto porque o catolicismo do Nordeste brasileiro foi marcado por uma linhagem de conselheiros introduzida pelo Padre Ibiapina e seguida por Antônio Conselheiro, Padre Cícero e, por derradeiro, Frei Damião de Bozzano (1898-1997). Por volta de 1850, Padre Ibiapina já era conhecido por circular pelo sertão nordestino montado no lombo de burro, formando um método missionário próprio. Quando chegava a algum lugar, tratava de observar as necessidades do povo e, com a participação de todos, construía o que era necessário.

Houve momentos em que ocorreram encontros de Pe. Ibiapina com o Beato Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897) e também com Pe. Cícero. Com Antônio, ocorreu quando foi Juiz de Direito em Quixeramobim-CE. Ali, observou por várias vezes, o conflito entre família dos Maciéis e a dos Araújo; inclusive, Maciel chegou a acompanhar Pe. Ibiapina em missão. Fica, portanto, evidenciado que a figura do conselheiro ou da conselheira parece ser típica do catolicismo sertanejo. O Padre Ibiapina era chamado de Frei Ibiapina porque jamais poderá ser esquecido pelo trabalho missionário,

humanitário, social e político, voltado para o bem e amparo da mulher sertaneja, e do homem nordestino abandonado e desprezado. Padre Cícero Romão Batista continua sua atuação, porém como conselheiro junto aos romeiros, em sua residência. Dentre seus inúmeros conselhos, destacamos alguns que fazem eco com a atualidade:

não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau. Não toque fogo no roçado nem na caatinga. Não cace mais e deixe os bichos viverem. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá, ou outra árvore qualquer, até que o sertão seja uma mata só. Não plante serra acima, nem faça roçado em ladeira; deixe o mato protegendo a terra para que a água não arraste e não se perca sua riqueza.²⁰

Seus conselhos não perderam a validade com a distância no tempo. No final do século XIX e início do século XX, Padre Cícero já aconselhava o povo no sentido de se preservar o meio ambiente para a sobrevivência de todos. Também em suas cartas, ele aconselha os fiéis: “não vá morar em terra de senhor de engenho. Não venda suas terras. Não queiram morar em terra alheia. Compre sua terra”.²¹ Seus conselhos estão presentes no substrato religioso que foram passando de geração em geração; tanto isso é verdade que alguns dos conselhos dados pelo Frei Damião já haviam sido ditos por Padre Cícero. Assim, Padre Cícero é o grande conselheiro da memória nordestina, que se envolve com todos os aspectos do cotidiano dessa sociedade, tais como métodos de higiene, noções de agricultura, conselhos matrimoniais, conciliação de conflitos familiares e de vizinhança. Um aspecto central na figura do conselheiro é o próprio aconselhamento. Fica a pergunta: por que, seguindo uma tradição ancestral, os romeiros procuram aconselhar-se com o Pe. Cícero Romão Batista? O zelo pastoral de Pe. Cícero o leva a uma ação que visava orientar, organizar e moralizar com energia e rigor não apenas a vida religiosa, mas

também social do lugar. Abraça a causa e começa a se impor como pregador, conselheiro e moralizador dos costumes da época, fundando, em Juazeiro do Norte, as Conferências Vicentinas e o Apostolado da Oração. Dedicando-se a corrigir os vícios do povo e também os abusos morais, chegando a proibir as danças, conseguiu que os homens parassem de bater nas mulheres e obrigou as prostitutas a confessar seus pecados.

Por isso, o Frei tornou-se conselheiro dando aos sertanejos uma resposta sobrenatural aos seus problemas e aflições. Frei Damião começou suas atividades no meio do povo três anos antes da morte do Padre Cícero, e muitas pessoas pensam, ainda hoje, que ele é o continuador do padrinho do Juazeiro do Norte. Um ponto comum dos dois é a sensibilidade para com os pobres, além do uso de uma linguagem simples. Combatendo os vícios, os jogos, resolvendo contenda de terras dos fazendeiros e outros problemas da comunidade, a função dos dois conselheiros converge.

No contexto de pobreza do Nordeste e do desalento dos seguidores e devotos, o Padre Cícero aconselha aos seus conterrâneos a reclamar e reivindicar, fazendo valer seus direitos para fortalecer sua terra e sua identidade como povo. Nesse ponto, diverge frontalmente Frei Damião, que ignorava os movimentos sociais do Nordeste. Uma particularidade da missão de Padre Cícero é que ele não viajava, os devotos é que iam até ele. Já o frade capuchinho era peregrino, andante, perambulante, viajava para realizar suas missões pelos estados nordestinos. No caso dos sertanejos nordestinos, existe um patrimônio cultural que foi ensinado pelos antigos e passado de pai para filho, por meio da oralidade.

Na linha de argumentação de Ildefonso Silveira, no resumo do Testamento do Padre Cícero de 1923, há um trecho em que ele declara que: “esses conselhos que sempre dei em minha vida não me canso de repeti-los aqui para que, depois da minha morte, fiquem

bem gravados na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre foram o objeto da minha maior preocupação”.²²

Morreu no dia 20 de julho de 1934, com 90 anos de idade, depois de ter recebido os últimos sacramentos. Foi um acontecimento de grande comoção popular no Nordeste brasileiro. O prestígio de Pe. Cícero como conselheiro e como santo não diminuiu em nada com o passar dos tempos, e sua memória permanece viva no catolicismo popular sertanejo. O movimento de romeiros de Pe. Cícero atrai, a cada ano, milhares de devotos ao Juazeiro do Norte-CE, em busca de renovação da fé e enfrentamento das dificuldades da vida, embora não tenha sido canonizado pela hierarquia eclesiástica. Em 2014, porém, por ocasião da festa do Centenário da Diocese do Crato-CE, o Cardeal João Braz de Aviz participou das festividades em nome do Papa Francisco e comunicou acerca da missiva da Santa Sé, assinada pelo Secretário de Estado, Cardeal Pietro Parolini, que reconhece a grandeza e originalidade dessas manifestações do catolicismo popular sertanejo, das romarias e da devoção ao Padre Cícero, possibilitando um maior estreitamento dos romeiros com a hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana.

Ao encerrar este capítulo, convém apontar algumas considerações e modo de conclusão. Ao referir-se ao catolicismo sertanejo, este estudo tem em mente aquela forma religiosa predominante na região semiárida, sobretudo no norte do Rio São Francisco, do Nordeste brasileiro. Pode-se questionar, porém, em que medida a figura do conselheiro está presente – ainda que sob outras denominações – em outras formas regionais do catolicismo popular brasileiro. Padre Cícero passou a maior parte da sua vida dando conselhos às pessoas que o procuravam em Juazeiro do Norte-CE. O estudo da figura do conselheiro, que tem grande significação para uma larga camada do povo

nordestino, os conselhos de Padre Cícero ainda valem como referencial de vida, aparecendo em forma de provérbios e ditos. Assim, os sertanejos, ao longo do tempo, tiveram no conselheiro um aliado que os auxiliam a explicar as calamidades, as secas que são próprias da sua região, e a combater os homicídios, os roubos, os vícios etc. Aplica-se ao caso estudado que o mal, os horrores da seca, são questões ligadas ao sobrenatural, daí que não se duvida em consultar o conselheiro.

NOTAS

¹ OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

² OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 239.

³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 32-33.

⁴ HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 125-133.

⁵ LIMA, Antônio Carlos Ferreira. *Permanência do ciclo místico-religioso na Literatura de cordel e sua correção com os níveis de construção textual*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008, p.138.

⁶ NUVENS, Plácido Cidade. Tentativas de caracterização da romaria de Juazeiro do Norte. In: *Anais do Seminário de 150 anos de Padre Cícero*. Fortaleza; Juazeiro do Norte: Editora RCV, 1994, p. 29-30.

⁷ HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 592-593.

⁸ NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 281.

⁹ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 141.

¹⁰ MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Pe. Ibiapina: figura matricial do catolicismo rústico do Nordeste do século XIX. In: *Anais do Encontro anual da ANPOCS*, 20. Ca-xambu, 1996, p. 2.

¹¹ TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 19.

¹² FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Círculo do Livro, 2006, p.150.

- ¹³ OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 135.
- ¹⁴ HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 63-64.
- ¹⁵ HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 95.
- ¹⁶ OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, nº 141, p.131-143, mar. 1976, p. 132.
- ¹⁷ OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Religião e dominação de classe: o caso da “romanização”. *Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais*, Rio de Janeiro, 1980, p. 181.
- ¹⁸ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 137.
- ¹⁹ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 848.
- ²⁰ BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *Padre Cícero*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 44.
- ²¹ BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *Padre Cícero*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 43.
- ²² SILVEIRA, Ildefonso. Estado atual da pesquisa sobre Padre Cícero. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 36, nº 141, p. 226-260, mar. 1976, p.234.

Os caminhos dos romeiros do Padre Cícero nas estradas do Nordeste

*José Carlos dos Santos**

A romaria constitui um elemento essencial na formação da identidade da cidade de Juazeiro do Norte: a fisionomia desse lugar marcado por características próprias de uma territorialidade sagrada através de vivências de fé e religiosidade dos que peregrinam para a “terra da Mãe de Deus”. É a experiência de deixar sua terra em busca do “lugar santo”. Essa cidade constitui o rol das experiências do território religioso no Nordeste brasileiro, construída sob a égide da pessoa e da visão multidimensional do Padre Cícero Romão Batista. A história do Padre Cícero está marcada por acontecimentos que se fizeram presentes no imaginário do sertanejo como o Padre virtuoso, o homem honesto, caridoso, trabalhador, promotor da paz e do desenvolvimento social, econômico, cultural e religioso de Juazeiro.

A rigor, a romaria de Juazeiro é uma peregrinação nascida e consolidada pelas massas populares nordestinas. São os sertanejos que vivenciam o fardo pesado dos problemas sociais, mas encontram o alimento da esperança e a fortaleza para superar as dificuldades da vida.

* Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2002). Professor Adjunto da Universidade Regional do Cariri (URCA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643547013261487>. E-mail: josecarlos@ifce.edu.br.

Assim, a romaria mantém viva a expressão do povo que independe da institucionalização da Igreja ou mesmo de alguma tutela do poder público. É o povo simples e sofrido deste sertão do Nordeste que caminha para o lugar santo, que para ele é o Juazeiro do Padre Cícero. Vale destacar que são as expressões religiosas, os rituais simbólicos e místicos que os romeiros inventam e reinventam nas estradas que os conduzem a Juazeiro, atravessando o tempo numa longa tradição, e desenvolvem uma originalidade no comportamento e nos gestos da experiência vivencial do território sagrado.

Na complexidade do fenômeno da experiência religiosa dos peregrinos nordestinos, o nosso olhar analítico concentra na utilização dos meios de transporte pelos romeiros, conhecidos tradicionalmente como caminhão pau de arara. Neste sentido, pretendemos socializar a experiência dos romeiros e da Comissão de Pastoral de Romaria no período de cinco anos (2013-2018), na luta pelo respeito à dignidade dos peregrinos violentada nas estradas do Nordeste e na defesa da liberdade do direito dos romeiros do Padre Cícero escolherem o meio seguro para realizar a sua peregrinação. Essa abordagem exige a capacidade de compreender o movimento da romaria de Juazeiro do Norte no esforço de incursão nos domínios da subjetividade dos romeiros do Padre Cícero.

De fato, a experiência dos romeiros de realizar a sua viagem no caminhão de pau de arara é marcada pela tradição histórica, pelas condições econômicas e pela falta de meios de transporte como ônibus, topic ou veículos menores nos municípios dos estados nordestinos. As circunstâncias que permearam as relações entre os agentes de fiscalização na execução da legislação vigente, associada a atos de intolerância religiosa e intransigência em confronto com as atitudes dos fretantes, coordenadores de romaria e os romeiros de manterem as suas viagens no meio de transporte de carga foram extremamente explosivos e estamparam uma relação de conflitos e tensão. Por outro

lado, participar desse processo como membro da Comissão de Pastoral de Romaria foi valioso, relevante e enriquecedor para construir um novo olhar e demarcar novas compreensões sobre as romarias de Juazeiro. Neste percurso, entendemos os vários personagens que estão inseridos e os complexos e diversos interesses que constituem esse fenômeno da romaria do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte.

Adentrando nesta experiência da luta em defesa dos meios de transporte dos romeiros, destacaremos o papel fundamental da Igreja Católica através da Comissão de Pastoral de Romaria que assumiu a defesa dos romeiros, denunciando os maus tratos, as humilhações, as perseguições e os atos de intolerância religiosa sofridos pelos peregrinos na estrada do Nordeste. Essa luta foi marcada pela defesa dos direitos humanos, a preservação da tradição religiosa popular, salvaguardar o patrimônio histórico-cultural e o respeito ao devoto do Padre Cícero na singularidade e originalidade da sua expressão religiosa.

Neste capítulo, queremos então tratar da experiência dos romeiros e de seus meios de transporte vivenciada neste momento histórico que configuraram conflitos, tensões, sofrimento, perseguição, e ao mesmo tempo, constitui uma rede de solidariedade, participação e compromisso ético na defesa da liberdade e do respeito aos direitos humanos e na preservação do bem histórico, cultural e religioso da nação romeira. No percurso investigativo, utilizamos documentos, relatórios, depoimentos e todo esse material empírico, articulado com as referências teóricas básicas que desvendam o fenômeno do Padre Cícero e das romarias de Juazeiro do Norte.

Os romeiros de Padre Cícero e a luta pelos meios de transporte

Juazeiro do Norte é reconhecida como a cidade santuário dos nordestinos do Brasil. Aproximadamente 2,5 milhões de romeiros e turistas anualmente que, motivados pela fé no seu santo protetor, o Padre

Cícero Romão Batista, transformam essa cidade no maior centro de religiosidade popular da América Latina. Essa cidade criada sob a visão multidimensional do Padre Cícero, configurada pelo binômio “oração e trabalho”, assume uma feição da realidade do Nordeste brasileiro. Neste sentido, muitos afirmam e reconhecem que “Juazeiro é a síntese do Nordeste”.

Historicamente, a cidade foi sendo construída por milhares de nordestinos atraídos pela figura do Padre Cícero e por um fenômeno extraordinário que aconteceu há pouco mais de 130 anos, que modificou essencialmente os destinos daquele lugarejo. A hóstia consagrada, dada pelo Padre Cícero, transforma-se em sangue na boca da Beata Maria de Araújo. A notícia se espalhou por todo o sertão nordestino.

A primeira experiência de romaria de Juazeiro registra o dia 7 de julho de 1889, constituindo o início de um novo tempo na vila que começa a receber centenas de pessoas, tornando o lugar mais populoso dos sertões. A casa do Padre Cícero era o abrigo dos pobres necessitados que ali iam em busca de alimento, ajuda financeira e trabalho, para fixar moradia em Juazeiro. A figura do Padre Cícero com o espírito de acolhimento, atitude de conselheiro e guia espiritual vai arrebanhando uma legião de nordestinos que recorre ao Juazeiro, projetando o valor tão esperado de redenção de suas condições injustas e desumanas de vida e o sonho da salvação eterna. Com isso, a história de Juazeiro do Norte será protagonizada por muitos homens e mulheres que com sua teimosia, resistência, utopia e sonhos, escolheram Juazeiro como o espaço sagrado e o Padre Cícero como seu padrinho e conselheiro do sertão.

Adentrando no universo de vida dos romeiros que caminham pelas estradas do Nordeste, encontramos homens, mulheres, crianças, jovens e idosos que deixaram suas terras e se deslocam ao Juazeiro, realizando uma profunda experiência de fé. Esses devotos

identificaram, na pessoa e obra de Padre Cícero, os valores humanos para vivenciarem a experiência do Sagrado. Eles estão preocupados em viver a intensidade de uma manifestação autêntica que se caracteriza pelo sentido de andar pelos lugares da cidade e tocar nos elementos sagrados num gesto simbólico de devoção e admiração ao seu santo protetor. Em cada gesto e bendito do devoto, há a invocação ao Sagrado como expressão do valor sublinhe de uma vida de caminhante à terra prometida. Aqui, insere a dimensão escatológica de um desejo do romeiro de celebrar, participar e ser agente de um ritual espontâneo de viver a vida e projetar a vontade de alcançar a salvação eterna. Segundo Pe. Murilo de Sá Barreto:¹

*a fé romeira é mais afeto que intelectualização, é mais leiga que clerical. Sua celebração quer o padre, mas é o leigo que é romeiro. E quando um padre se larga a caminho, pode atropelar os passos do peregrino, a não ser, quando se faz um deles.*²

A rigor, a experiência religiosa dos devotos do Padre Cícero é constituída de uma riqueza peculiar em que os romeiros são protagonistas da sua peregrinação e realizam a sua própria liturgia. Segundo Pe. Murilo, “o romeiro sai para o Juazeiro. Quer celebrar, participar, ser agente de um ritual que se iniciou bem longe e tem seu momento especial aqui”.³ Essa simbologia de fé do povo simples e humilde do Nordeste revela-se, entre outras, nas seguintes expressões: nas suas vestes, no chapéu de palha na cabeça, no rosário no pescoço, nos seus meios preferidos de transporte, nas suas acomodações nos ranchos, pousadas e hospedarias domiciliares e nos seus rostos de homens e mulheres trabalhadores sertanejos e, por isso, na sua grande maioria, proveniente das camadas pobres deste sertão nordestino.

Deste modo, é possível desenvolver análises dos múltiplos sentidos e compreensões do Sagrado e as nuances, diferenças e disputas

material e espiritual dos grupos sociais e culturais nas romarias. Segundo Steil, nos diversos santuários que congregam diversos atores religiosos, desencadeiam uma diversidade de discursos que marcam uma intensa disputa de sentidos atribuídos ao culto, como ele afirma:

as peregrinações, de um modo geral, são um importante instrumento para que as pessoas e grupos geograficamente dispersos estabeleçam, entre si, laços identitários que transcendem as questões e preocupações locais. Embora se apresentem como uma prática social que se processa em lugares específicos, as peregrinações têm complementado e incorporado atividades trans-locais com comércio e o turismo.⁴

Concretamente, a romaria a Juazeiro do Padre Cícero é a vivência de um ato de penitência e oração espontânea e voluntária, vinculada ao pagamento de promessas, à prática do espírito de sacrifício e momento de encontro com Deus, e partilha com os outros, formando uma verdadeira comunidade. Segundo Gonçalves, o romeiro é profeta e caminhante que se faz mover na história. Ele realiza a sua experiência numa marcha que abre novas veredas e novos horizontes, que não poupa o sofrimento, mas reforça a fé.

O peregrino, quanto mais caminha, mais depura a mala e depura a alma. Purifica a existência daquilo que é inútil ou superficial. Atém-se ao essencial. Focaliza o foco de suas andanças num horizonte bem determinado. Caminhar é relativizar tudo que é secundário, apegando-se ao absoluto. Torna-se evidente a transitoriedade da existência e das coisas, ao mesmo tempo que se reforça a relação com as pessoas e com Deus. Pe. Cícero faz a ponte entre a terra que pisamos e a terra que buscamos.⁵

A história mostra que a experiência do romeiro do Padre Cícero é marcada por encontros e desencontros, tensões e conflitos, resistências e superação, intolerância e consentimento, sofrimento e

resignação que possibilitaram o povo romeiro, com muita teimosia e ousadia, a persistir em sua fé e fidelidade ao Padre Cícero na realização da sua peregrinação ao espaço sagrado do Juazeiro.

Neste processo histórico da relação da Igreja Católica com os romeiros, um novo fato transcorreu em 2015.⁶ O Papa Francisco envia uma carta através do Secretário do Vaticano, Cardeal Pietro Parolin, que faz a reconciliação histórica e eclesial do Padre Cícero Romão Batista. Ao mesmo tempo, faz uma convocação à Igreja a uma atitude de reconciliação com os afilhados do Padre Cícero, os romeiros da Mãe de Deus. Portanto, a mensagem do Papa Francisco abriu novos horizontes da relação entre a Igreja e o Padre Cícero. Atualmente, percebe-se que a Igreja do Brasil vem despertando um novo olhar para o Padrinho Cícero e seus devotos. Muitos bispos, padres e religiosas estão participando ou mesmo organizando romarias para Juazeiro do Norte. Aquilo que antes era visto com desconfiança e intitulado como “fanatismo”, “ignorância” ou mesmo “fatalismo religioso”, hoje passa a ser redescoberto como força de evangelização da Igreja, verdadeira expressão de religiosidade popular, e o Padre Cícero é aclamado como santo no coração do sertanejo. Na atualidade, muitos estão se deixando seduzir pelas reações da alma nordestina retratadas no semblante dos romeiros do Padre Cícero.

Vale destacar que as expressões religiosas, os rituais simbólicos e místicos que os romeiros inventam e reinventam nas estradas que os conduzem a Juazeiro, atravessam o tempo numa longa tradição e desenvolvem uma originalidade no comportamento e nos gestos na experiência vivencial do território sagrado. Concretamente, o Juazeiro assume um diferencial de todos os lugares de peregrinação do mundo. A cidade se transforma num grande santuário que se constitui no roteiro da fé, construído pelo próprio romeiro. Quem sacralizou o Juazeiro foi o próprio romeiro. Quem faz o caminho no Juazeiro é o próprio peregrino, como a visita ao Santuário de Nossa Senhora

das Dores, hoje, Basílica menor instituída pela Igreja Católica, e o primeiro lugar de visitação dos peregrinos nordestinos. Essa igreja é um lugar sagrado para o romeiro, porque o Padre Cícero difundiu a devoção à Padroeira da cidade e popularizou a forma de tratá-la sob a invocação de “Mãe soberana». Continuando o seu caminho, o túmulo do Padre Cícero, na Capela do Socorro, é outro espaço das orações dos romeiros. Num gesto espontâneo, eles dobram os joelhos no pé do altar, onde está o túmulo de seu Padim. Aqui está a identificação deste Padre com os seus devotos, criando laços de intimidade. Na visão do peregrino, Padre Cícero é uma pessoa que goza de prestígio diante de Deus. Na Praça do Socorro existem ícones sagrados: a Casa dos Milagres, o Nicho do Padre Cícero e sua simbologia de antessala do Céu, o cruzeiro e a Capela em si, com o túmulo do Padre Cícero, e o cemitério mais antigo da cidade.

No momento atual, essa cidade vive um forte processo de desenvolvimento econômico com a pujança do seu comércio, a modernização do seu parque industrial e o crescimento do seu polo universitário. Contudo, o interessante deste processo dinâmico é que se procura manter a tradição – e a romaria é a grande força da identidade e propulsora do desenvolvimento cultural e religioso – e, ao mesmo tempo, permite-se ser uma cidade aberta e progressista para acolher a todos.

A cidade de Juazeiro do Norte, fundada pela visão religiosa e política do Padre Cícero, congrega uma multidão de sertanejos nordestinos. Estes, desagregados da vida social e fragmentados na atividade econômica, buscam o sentido para a sua desolação e desejam conquistar a redenção de uma vida justa na cidade de Juazeiro do Norte. Assim, revela o pensamento de Ralph Della Cava:

com efeito, até que os pobres herdem a terra, ou melhor, até que os pobres exijam e obtenham o que de direito lhes pertence, Joazeiro – com a

promissão passada e presente de um milagre – parece fadada a continuar sendo o pouso mais procurado do Nordeste brasileiro.⁷

Neste sentido, compreendemos que no processo de formação, crescimento e manutenção das romarias ao Juazeiro, um dos meios de transporte de passageiros em veículos de carga, ou seja, o caminhão pau de arara, sempre foi e continua sendo utilizado pelos romeiros. A romaria realizada em caminhão pau de arara promove um ambiente místico de orações, benditos e penitência, e um clima de solidariedade, motivados por razões de caráter cultural e histórica. Além disso, esse meio de transporte corresponde às condições financeiras dos romeiros, sabendo também da inexistência de veículos de passageiros como ônibus nos seus sítios e vilarejos de origens.

A partir de 1997, há a aprovação e entrada em vigor da legislação do trânsito com o Código Brasileiro de Trânsito (CBT), que regulamentou a proibição do uso do meio de transporte de passageiros em veículos de carga, chamados de “paus-de-arara”. Num resgate histórico, encontramos um registro do Pe. Murilo de Sá Barreto, vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, que fez um relato dos acontecimentos na romaria de Nossa Senhora das Candeias no ano de 1998, logo na implantação do novo Código de Trânsito:

por ocasião da Festa de Nossa Senhora das Candeias (1998), a intransigência dos guardas multou caminhoneiros, 162 multas foram lavradas, muitos voltaram de Arcoverde, Cruzeiro do Nordeste. Levantaram-se verdadeiras barreiras. Deixaram romeiros ao relento, no sol, crianças com fome e sede. Velhinhas e velinhos chorando, até com armas de punho, os intérpretes de Lei ameaçaram os indefesos romeiros. Diante disto, Juazeiro se estremeceu. Cada caminhão que chegava era um rosário de lágrimas, um grito de dor. Atiravam-se na Igreja de joelhos, cantando “Senhor Deus, misericórdia”.⁸

O depoimento do Pe. Murilo suscitou uma mobilização da classe política dos estados nordestinos, sobretudo do Ceará, das entidades representativas da sociedade civil de Juazeiro como o comércio e a indústria que reivindicaram do governo federal uma atitude de respeito e a necessidade de uma legislação para os meios de transporte que conduzissem os peregrinos aos lugares sagrados. Como afirma o Pe. Murilo:

na alma peregrina, os romeiros usam os caminhões como integrante do ritual de suas penitências... Autêntico é subir num caminhão, assentar-se numa tábua dura, começar a cantar, confrontando com o ronco do motor, subindo rampa, cortando serra, atalhando estrada, rumo ao Juazeiro.⁹

Essa descrição da viagem do romeiro no caminhão pau de arara sensibilizou os segmentos organizados da sociedade juazeirense e possibilitou uma reivindicação junto aos Órgãos Federais que promulgaram uma nova resolução pelo Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) que determinou a utilização desses meios de transporte com segurança e preservando a vida.¹⁰

A experiência romeira nas estradas do Nordeste

No percurso histórico do período de 1998 até 2013, ressurgia o debate sobre a utilização dos meios de transporte dos romeiros nordestinos, mas o marco legal da resolução do CONTRAN possibilitava amenizar a situação, e os peregrinos mantinham o uso do caminhão pau de arara. Contudo, no contexto da romaria de finados no período de 29 de outubro e 2 de novembro de 2013, os romeiros foram surpreendidos com uma “operação romaria segura”, realizada pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), com o intuito de fiscalizar e controlar os veículos que transportavam os romeiros para Juazeiro do Norte. O alvo da fiscalização e aplicação de sanções legais era o tradicional caminhão pau de

arara. Inicia-se um longo e sofrido processo de conflitos nos percursos áduos e incertos dos romeiros, dos fretantes e dos coordenadores de romaria nas estradas do Nordeste. A Comissão de Pastoral de Romaria é surpreendida com os fatos ocorridos, mas de imediato abre as portas do Círculo Operário São José, espaço próximo à Igreja Nossa Senhora das Dores, para ouvir os reclames, acolher as reivindicações e ser solidário aos romeiros diante da realidade que afligiram para realizar a sua peregrinação ao Juazeiro.

Nos relatos dos motoristas e fretantes, apresentavam as multas aplicadas aos caminhões pau de arara e muitas lamentações sobre maus tratos, humilhações, desrespeitos e abusos sofridos pelos romeiros nas estradas do Nordeste. Concretamente, alguns agentes policiais adotam o comportamento de, além de aplicar a autuação ao veículo, assumir uma atitude de desrespeito aos romeiros com afirmações depreciativas, que denigrem a fé romeira e promovem atos de intolerância religiosa, a saber: “apliquei a multa, agora leva para o Padre do Juazeiro pagar”; “peçam ao Padre Cícero para pagar a multa de vocês”; “o que vocês vão fazer no Juazeiro, o Deus daqui é o mesmo de lá”.

Além desses, outros atos de desrespeito por parte de alguns agentes policiais com os romeiros eram realizados nos postos. Aqueles obrigavam os devotos a descerem dos veículos e procederem a desocupação do transporte, sendo, posteriormente, deixados no relento, em situação de perigo nas estradas.

Na chegada ao Juazeiro do Norte, depois de uma viagem mais demorada em virtude das várias barreiras criadas pela PRF, os motoristas, fretantes e coordenadores de romaria procuram a Comissão de Romaria para relatar os fatos ocorridos e pedir socorro e ajuda na resolução do problema enfrentado nas suas viagens.¹¹

Deste modo, a Comissão de Pastoral de Romaria, criada em 2008, tem o objetivo de favorecer uma pastoral orgânica e em

conjunto aos diversos santuários de Juazeiro para acolher o peregrino, a sua experiência de vida, ouvir a sua história, comungar com as suas dores e esperanças, deixar-se evangelizar e tocar pelo seu testemunho de fé e vida, bem como contemplar a ação de Deus presente no povo romeiro. Os propósitos de uma pastoral de romaria primam pela acolhida, simplicidade, espontaneidade, respeito e carinho, valorizando a pessoa e a atitude espiritual e orante do devoto. As ações dessa Comissão se caracterizam pela escuta, assistência, aconselhamento e acolhimento aos romeiros, respeitando-os como protagonistas da sua romaria. Neste cenário, a Comissão desenvolve um papel político, com um plano de ação para defender a causa dos meios de transporte dos romeiros. Ela assume a defesa dos devotos do Padre Cícero e promove um processo de mobilização e articulação política para denunciar os maus tratos, as humilhações, as perseguições e os atos de intolerância religiosa, sofridos pelos romeiros. A luta é motivada pela defesa dos direitos humanos, o respeito à tradição religiosa popular e combate a qualquer forma de intolerância religiosa. Essas ações envolvem vários atores sociais da romaria como coordenadores, fretantes, motoristas e o próprio romeiro, que busca viver a sua experiência de fé no lugar sagrado do Juazeiro.

Concretamente, as ações políticas da Comissão de Romaria consistiram nos encaminhamentos de ofícios aos deputados federais cearenses, aos ministros da justiça e do transporte, à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), expondo a situação vivida pelos romeiros e solicitando audiência com os órgãos públicos federais. A partir daí, começa a “romaria” da Comissão de Pastoral em Brasília com inúmeras audiências como na superintendência da Polícia Rodoviária Federal (PRF), Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Ministério dos Transportes e a Secretaria Especial da Presidência da República.

Nos discursos dos órgãos fiscalizadores como PRF e ANTT, os argumentos apresentados eram de garantir segurança e cumprimento da legislação de trânsito vigente. Contudo, a resolução nº 82, que era um dispositivo legal que abria concessão dos transportes de passageiros em veículos de carga em viagens por motivos religiosos, tinha limites como a autorização apenas entre municípios limítrofes, enquanto a viagem de romaria é deslocamento interestadual. Outro fator limitante da legislação é que não define o órgão competente para conceder a autorização dos veículos para transportar os peregrinos e o mais agravante é que não havia entendimento entre os dirigentes dos órgãos sobre o responsável pela devida autorização.

Nestas circunstâncias complexas e adversas, as romarias de 2014 são marcadas por um processo crescente de conflitos e tensões nas viagens dos romeiros a Juazeiro do Norte. Por um lado, intensificam-se as fiscalizações aos caminhões pau de arara com aplicação de multas, crescem os maus tratos e humilhação aos romeiros, o comportamento de intransigência de alguns agentes policiais, procedem a atos de intolerância religiosa e a situação se agrava no período eleitoral com a “insatisfação” de alguns agentes policiais com o governo federal. Por outro lado, os romeiros denunciam maus tratos e humilhações sofridas nas estradas e com resistência clamam por uma solução definitiva, exigindo respeito e justiça. Nesta situação, a Comissão de Pastoral de Romaria assume a defesa dos romeiros, promovendo encontros nas romarias que possibilitam um diálogo permanente. A sala de informações aos romeiros transforma-se em espaço para o preenchimento de um formulário que registra os acontecimentos ocorridos nas viagens dos romeiros.

Na tabulação dos formulários, a Comissão de Pastoral de Romaria identifica os locais de maiores índices de fiscalização e atos abusivos dos agentes policiais, a saber, Cruzeiro do Nordeste e Serra Talhada em Pernambuco e as barreiras policiais em Brejo Santo e

Milagres no Ceará. Nos registros dos romeiros, a descrição real da situação vivida pelos motoristas e romeiros para realizarem as suas peregrinações:

a polícia botou os romeiros para descer dos caminhões e deixaram os carros presos. Nós ficamos duas horas e colocaram as coisas no chão. Eram mais de 1000 romeiros, os policiais tomaram nossos documentos. Após duas horas de espera, eles liberaram os caminhões. Eu tenho 66 anos de idade e venho à romaria de Juazeiro há 40 e nunca tinha passado por tanta humilhação. (Antônio Lopes de Lima – Parnaíba – Piauí)

A gente gosta do caminhão pau de arara. Tem multas de 3 mil reais. Outros ficam desviando por outras estradas. A multa a gente paga, agora o pior é a humilhação. Eu trago os romeiros de graça. Eles não pagam nada. Nós não temos condições de comprar ônibus. (José Lourival Soares – Caetés – Pernambuco)

Fui abordado por um agente rodoviário que me obrigou a seguir com os romeiros até a cidade de Serra Talhada, deixar os romeiros e voltar em seguida com o caminhão para que a multa fosse efetuada. Lá, permaneci por mais de duas horas e os romeiros ficaram no relento. (José Manoel dos Santos – Ibirajuba – Pernambuco)

Parei no posto policial. O agente mandou os romeiros descerem do caminhão e seguiram a pé cerca de 2 km de distância. Além de caminharem a pé, ficaram no relento por 1 hora até que o caminhão fosse liberado. O policial multou e ainda mandou a gente levar a multa para o Pe. Cícero pagar. Nunca vi tanta humilhação e desrespeito por nós romeiros. (Edinaldo Valença de Oliveira – Lajedo – Pernambuco)

Outros depoimentos foram registrados nas reuniões com os romeiros. O que mais emocionou a todos foi o de uma romeira de

Alagoas, que, com uma voz forte, afirmou:

o caminhão pau de arara é nossa capela de quatro rodas. No ônibus, a gente cochila e dorme, mas no caminhão a gente reza e canta os benditos. A romaria começa quando saímos de casa e vamos na estrada sentindo aquele ventinho gostoso e todos os romeiros felizes para chegar no santo Juazeiro.

As falas dos motoristas e dos romeiros revelam o sentimento de indignação, insatisfação e revolta face às atitudes dos agentes policiais. Os romeiros, que no cotidiano vivem uma situação muitas vezes de exploração e precárias condições de trabalho, negação dos direitos fundamentais ao acesso aos bens como saúde, educação e moradia digna, agora, padecem da humilhação na sua experiência de fé. O sentimento do peregrino por fazer sua romaria é deveras forte, ele acredita que seu esforço para fazê-la é algo a ser compensado com a garantia da eternidade.

A Comissão de Pastoral de Romaria de Juazeiro junta seus esforços com a Comissão de Pastoral de Romaria da cidade de Canindé, que passa por semelhante situação de fiscalização e perseguição aos peregrinos, avançando, nessa discussão, o canal aberto de diálogo com as instâncias do governo federal, e chegando à Secretaria Geral da Presidência da República. Nesta esfera política, as Comissões de Pastorais acreditavam na resolutividade da problemática. No mês de dezembro de 2014, em audiência, as Comissões recebem a resolução 508/2014 de 27/11/2014, elaborada pelo Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN). Esta nova resolução dispõe sobre os requisitos de segurança e circulação, a título precário, de veículo de carga ou misto transportando passageiros no cumprimento de carga. A rigor, a nova legislação surpreendeu a todos os defensores dos romeiros, porque aumentava as exigências nas condições adequadas do transporte

dos romeiros e mantinha indefinido o órgão responsável pela autorização do transporte dos romeiros. No instante, a estratégia do secretário geral da presidência foi solicitar uma proposta de resolução que contemplasse a realidade das romarias do Nordeste. Imediatamente, as Comissões da Romaria de Juazeiro e Canindé elaboraram uma proposta de resolução e, com a assessoria da Secretaria de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, estabeleceram algumas diretrizes que garantiam as condições de segurança dos romeiros na utilização dos meios de transporte como a manutenção da tradição cultural e religiosa dos peregrinos do Nordeste brasileiro.

A nova proposta de resolução, que dispõe sobre os requisitos para a autorização com vistas à circulação de veículos, a título precário, para o transporte de passageiros nas festas religiosas em lugares sagrados do Brasil, justifica e reconhece:

a legitimidade das manifestações culturais, religiosas e de culto popular, classificadas como “patrimônio cultural imaterial da humanidade”, passíveis de ações de salvaguarda, conforme entendimento da UNESCO que visa garantir a viabilidade e a revitalização deste patrimônio nos seus diversos aspectos.¹²

Deste modo, a justificativa deste documento aponta para o reconhecimento das peregrinações como valor universal e histórico e para a natureza das práticas religiosas como inerentes ao exercício do direito humano à liberdade religiosa. Neste sentido, destaca-se que a viagem dos romeiros em determinados meios de transporte como caminhão pau de arara constitui um dos aspectos centrais na manutenção da romaria e tem uma dimensão cultural, exigindo um tratamento condizente com as particularidades que assumiu no processo histórico do Nordeste brasileiro. No documento apresentado pelas Comissões de Pastoral de Juazeiro e Canindé, atendem os requisitos

necessários de adaptação dos veículos para o transporte dos romeiros e justifica também por fato de

utilização desse transporte está, de um lado, a dificuldade econômica para pagar o transporte em um veículo de turismo por parte de trabalhadoras e trabalhadores do semiárido nordestino. De outro, mais importante, muitos romeiros entendem que a viagem no “pau de arara” permite um clima de fraternidade, de religiosidade, de partilha e de penitência.¹³

De fato, essa justifica aponta na direção da experiência mística da romaria, que constitui a manifestação religiosa da cultura imaterial brasileira, indissociável do tipo de transporte utilizada pelos peregrinos.

A romaria de finados 2015: tensão, conflitos e incertezas

Relatar os acontecimentos da romaria de finados no período de 29 de outubro a 2 de novembro de 2015, envolvendo os meios de transporte dos peregrinos, é fazer o registro na história das romarias como a mais tensa e conflituosa dos últimos tempos. Evocar a memória daqueles dias, provoca no pesquisador uma mistura de sentimentos como indignação, revoltas, angústias e, ao mesmo tempo, sentir a alegria, a coragem, a força e solidariedade dos romeiros que ensaiam, no Juazeiro, a vivência de uma nova vida em sociedade.

Na tarde de uma sexta-feira, dia 30 de outubro, os membros da Comissão de Romaria recebem da gráfica a cópia da carta dirigida aos romeiros da Mãe das Dores, de São Francisco e do Padre Cícero. Neste documento, a Comissão esclarece os passos da luta em defesa da liberdade de escolha, explica a proposta de uma nova resolução para regulamentar os meios de transporte, as dificuldades e os desafios que estávamos enfrentando para aprovar junto aos órgãos federais e, finalmente, renova o compromisso de continuar a luta sem nunca desanimar.

A nossa luta continua! Nunca vamos desanimar! Vamos defender sempre o direito de liberdade dos romeiros escolherem o meio de transporte para continuarem visitando a nossa Mãe das Dores, o nosso São Francisco e o nosso Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Somos solidários com os romeiros e clamamos àqueles que estão viajando em outros meios de transporte, como carro e ônibus, que juntos tenhamos um espírito de solidariedade com os outros irmãos romeiros.¹⁴

Esse apelo à solidariedade dos romeiros era um sinal que preconizava os acontecimentos que marcariam a romaria de finados que estava iniciando. No final da tarde daquela sexta-feira, na entrada da cidade, uma blitz dos fiscais da Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT) abordava os veículos de romeiros que chegavam para a romaria de finados. A bola da vez agora eram ônibus, topics e vans. A fiscalização consistia no recolhimento dos documentos dos transportes, dos motoristas e uma entrada no interior do veículo para averiguar todos os detalhes: limpeza do veículo, banheiros, saboneteira, toalhas e demais objetos necessários para um transporte de uma viagem turística. Quando não tinha mais o que fiscalizar – e os romeiros ainda aguardando para chegar ao território sagrado do Juazeiro –, vem o último pedido: a solicitação da licença de viagem de fretamento turístico, documento emitido pela ANTT. Pela primeira vez em mais de cem anos de romaria, a fiscalização da ANTT apresenta uma exigência desconhecida pelos fretantes e motoristas que conduzem os romeiros a Juazeiro do Norte.

Os romeiros são conduzidos dentro dos seus veículos à rodoviária da cidade de Juazeiro do Norte. Procede-se a autuação e detenção dos transportes. Além do mais, os motoristas são proibidos de deslocarem seus romeiros para os locais de hospedagens. Forma-se uma multidão de romeiros no relento com suas bagagens no chão. A necessidade de água, a fome e o cansaço começam a abatê-los. As

crianças ficam inquietas. Os idosos começam a passar mal com problemas de saúde. Os doentes são socorridos para o Hospital Regional do Cariri. A intransigência dos agentes de fiscalização é recorrente e sem limites. Fecham as portas do diálogo e abrem os caminhos de impasses e incertezas. Após longo tempo de espera dos romeiros para uma solução, entra em ação uma mobilização e articulação com a classe política para resolver a constrangedora e conflituosa situação vigente. Tenta-se de todo modo um diálogo com os agentes fiscalizadores no sentido de liberar os veículos somente para deixar os romeiros nos locais de hospedagem. O plano foi frustrado. Por meio de uma ação política, consegue-se um veículo para deixar os romeiros nos ranchos. Os veículos apreendidos eram uma van, besta e ônibus que transportavam os romeiros e que foram conduzidos à cidade de Brejo Santo. Um final de tarde e noite inesquecível para quem tem um mínimo de sensibilidade humana e uma inquietação para esperar o que seria vivido no outro dia. Era quase meia noite da sexta-feira, tudo foi lentamente acalmando: os romeiros se acomodam nos ranchos, mas nos rostos dos motoristas e fretantes um semblante de tristeza e desalento.

Na manhã de sábado do dia 31 de outubro, a notícia se espalha na cidade e, no meio dos romeiros, um sentimento de medo e temor. Aos poucos, os motoristas, fretantes e coordenadores de romaria vão chegando à sala de informações ao romeiro e à secretaria paroquial, a procura do vigário da paróquia, o Pe. Cícero José, e da Comissão de Romaria. O número cresce e o espaço fica pequeno, obrigando todos a se deslocarem para o círculo operário São José. Rapidamente, um número expressivo de motoristas e romeiros ocupa o local. Cada um conta sua história e lamenta o sofrimento nas estradas do Nordeste. É a via sacra do romeiro para realizar sua peregrinação. Eles reivindicam a liberação dos veículos apreendidos, a garantia do retorno em paz e com segurança no retorno às suas terras de origens e apelam

para mais respeito e valorização de sua fé. Eles clamam por uma solução imediata da questão. A Comissão de Pastoral de Romaria manifesta solidariedade e apoio aos romeiros e procura intermediar os conflitos através de apoio político. Encontram-se inúmeras dificuldades em virtude do feriado prolongado do final de semana. Alguns políticos silenciaram e outros trataram com indiferença e omissão. O momento se agravava, a insatisfação aumentava e a situação ficava insustentável. Até que às 15h30 daquele sábado de romaria, os motoristas e fretantes resolvem tomar uma decisão mais radical com o fechamento das vias de entrada da cidade, queima de pneus, concentração na praça do giradouro, confronto entre motoristas e polícia, levando a prisão de fretante de ônibus de romeiros. Após três horas de forte movimento reivindicatório que demarca a luta dos motoristas e fretantes exigindo respeito, as vias são desobstruídas e é marcada uma nova paralisação e mobilização no outro dia, às 7 horas da manhã, na área central da cidade.

No amanhecer do domingo, dia primeiro de novembro, registra, no calendário da cidade, o dia do romeiro. Naquela manhã, procede o bloqueio da área central da cidade. Os veículos dos romeiros fecham as vias de acesso da cidade, os deslocamentos são realizados a pé. Juazeiro toma conta das notícias da imprensa brasileira. Às 10 horas, o encontro dos romeiros no círculo operário é marcado pela presença de autoridades municipais, do Bispo diocesano e inúmeros fretantes e motoristas. Estes apresentam a pauta de reivindicação: liberação dos veículos apreendidos, garantia de retorno tranquilo às suas terras de origem e uma regulamentação para os transportes dos romeiros. Após um longo e extenso debate, forma-se uma comissão para acompanhar as negociações, encaminhar as decisões junto aos fretantes e motoristas, e articular os passos da luta no futuro.

Neste interim, a comissão formada com a participação do poder público municipal, a Câmara de Vereadores, a Comissão de

Pastoral de Romaria e os romeiros, reúne-se e realiza uma avaliação da situação conflituosa. Neste momento, a comissão com a participação dos romeiros, em sua maioria, decide pela abertura das vias, a retirada dos veículos e o livre acesso para a circulação na cidade. A argumentação mais forte desta decisão foi o temor de estabelecer o conflito entre os próprios romeiros, que poderia desencadear uma guerra sem precedentes. Após essa mobilização, a comissão obteve, como conquista, a garantia da suspensão por parte da ANTT da operação romaria. A Comissão de Romaria se comprometeu em assistir os romeiros dos veículos apreendidos, inclusive oferecendo todo o apoio aos motoristas; e a prefeitura de Juazeiro do Norte disponibilizaria o transporte para os romeiros retornarem às suas terras de origens. Concluída essa etapa, a romaria de finados daquele ano transcorre para o seu fim e os romeiros organizam a sua viagem de retorno para os seus municípios.

A rigor, a luta não terminava naquela romaria de finados. A tarefa, agora, é trabalhar para a liberação dos veículos apreendidos e guardados no município a 75 quilômetros de Juazeiro do Norte. O primeiro desafio é compreender os passos a serem seguidos pela legislação vigente e entender os procedimentos administrativos e burocráticos do órgão (ANTT), que tem sede em Brasília com diretorias regionais nos estados, mas sem autonomia e força de resolução das questões pertinentes à situação vivida pelos romeiros do Pe. Cícero. A via-cruz dos motoristas dos veículos apreendidos, acolhidos na casa paroquial de Nossa Senhora das Dores, consiste na espera para a expedição dos documentos das multas aplicadas, a demora para a liberação dos documentos, a informação da necessidade de os motoristas serem apresentados em Fortaleza para buscar as suas carteiras, a ansiedade e vontade de retornar para suas casas. A Paróquia de Nossa Senhora das Dores assume as despesas com o pagamento das multas, viabiliza e agiliza a liberação dos documentos, articula para que os

motoristas não necessitem viajar a Fortaleza e abre a porta da casa paroquial para hospedar e conviver com os fretantes durante cinco dias, até a resolução dos problemas vividos na romaria em Juazeiro do Norte. Após muita luta, articulação política, espírito de solidariedade dos romeiros, e cooperação e união dos membros da Comissão de Pastoral de Romaria, os motoristas retornam para suas cidades com a esperança de um dia voltar ao lugar sagrado do Juazeiro com liberdade, alegria e, sobretudo, com a fé que move e motiva a sua experiência de peregrino no caminho do Juazeiro.

Após a dolorosa experiência da romaria de finados de 2015, o processo de construção de uma nova legislação emergiu fortemente nos membros da Comissão de Romaria, juntamente com o desejo e a vontade de defender os romeiros através da aprovação do projeto de resolução que dispõe sobre os requisitos para a autorização com vistas à circulação de veículos, a título precário, para o transporte de passageiros nas festas religiosas em lugares sagrados do Brasil. A peregrinação da Comissão de Pastoral de Romaria continuou nos órgãos públicos do governo federal, em Brasília, com audiências no Ministério dos Transportes, a coordenação de fiscalização da ANTT, representantes do CONTRAN, coordenador da bancada dos deputados federais do Nordeste, Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e a CNBB. Toda essa mobilização da Comissão de Romaria objetivava a defesa dos romeiros e seus meios de transporte com uma proposta de resolução que estabeleça uma nova legislação para a questão do meio de transporte. Os resultados práticos dessa mobilização política com os órgãos federais foram a realização da reunião de trabalho em Juazeiro com os representantes: ANTT, PRF, Detran-Ceará, Diocese de Crato e Comissões de Romarias de Juazeiro e Canindé. Deste encontro, formulou-se um documento que propunha os seguintes encaminhamentos:

- 1) criação de uma Comissão Permanente das Romarias para tratar dos meios de transporte dos romeiros: interministerial (Justiça e Transporte) e sociedade civil (Igreja);
- 2) campanha de educação com o objetivo de incentivar o uso de transporte autorizado pelo poder concedente e seguro e a manutenção da tradição histórica e cultural das romarias;
- 3) instalação de Bases Móveis da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) nos centros de peregrinação durante os períodos de romarias para o trabalho de educação no trânsito;
- 4) firmar parceria entre a Comissão Permanente de Romaria e o sistema S – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) –, objetivando a profissionalização dos meios de transporte dos peregrinos;
- 5) realização de levantamento estatístico das origens e destinos e das rotas utilizadas pelos romeiros.

Na verdade, as proposições definidas apontavam na direção de viabilizar a solução para a questão dos meios de transporte dos romeiros. De fato, as Comissões de Romarias de Juazeiro e Canindé acreditaram que se aproximava uma solução definitiva para a questão dos meios de transporte dos romeiros que vinha afligindo e atormentando os peregrinos do Nordeste. No entanto, o novo cenário político brasileiro, com o afastamento da presidente Dilma e as mudanças nos agentes políticos dos órgãos federais, provocaram um processo de estagnação na tentativa de equacionar definitivamente a questão dos meios de transporte dos romeiros.

Neste percurso, o fruto atual deste longo caminho foi a conquista, em 2019, do projeto de Lei nº 3643/2015 que declara a tradição do uso do transporte conhecido como “pau de arara” para a realização de romarias religiosas como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Esse projeto foi aprovado pela Comissão de Cultura e Comissão de

Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara de Deputado e tramita hoje aguardando aprovação do Senado federal para entrar em vigor no Brasil. Essa conquista de reconhecimento do caminhão pau de arara foi uma vitória importante e tem um valor simbólico e representativo como resultado desta luta incansável, consubstanciando o respeito ao bem cultural e religioso do sertanejo e a valorização da manifestação do devoto na sua peregrinação a Juazeiro do Norte.

A tentativa de analisar a experiência da romaria em Juazeiro do Norte, vivenciada dentro de um quadro de tensão e conflitos – devido à questão dos meios de transporte dos romeiros e os novos contornos que a romaria assume em tempos de transformação da sociedade brasileira –, é tarefa desafiadora para a ação pastoral junto aos romeiros.

Debruçando sobre os acontecimentos que marcaram as romarias em Juazeiro nos últimos cinco anos, o primeiro traço que emerge é a tensão e o conflito entre o comportamento dos agentes de fiscalização dos órgãos públicos federais, sobretudo da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), e os romeiros, que se deslocam para realizar a sua peregrinação ao território sagrado do Juazeiro. Concretamente, há uma tensão entre a intolerância, a humilhação, a imposição da lei – que aparentemente é a bandeira para defender a vida e a segurança dos passageiros – e a autenticidade, a resignação e a vontade do devoto, que pede passagem para visitar Nossa Senhora das Dores e o Juazeiro do Padre Cícero. Neste horizonte, vai se delineando a compreensão da experiência romeira pela estrada do Nordeste no tocante aos meios de transporte. De fato, os procedimentos administrativos de fiscalização dos órgãos públicos, através dos atos praticados por muitos agentes, foram abusivos, violentos e agrediram a dignidade humana,

e promoveram atitudes de humilhação, preconceito, discriminação e desrespeito aos pobres nordestinos indefesos. Indubitavelmente, esses fatos e circunstâncias que envolvem a romaria serviram para acreditar na força de superação que a nação romeira foi vivenciando mais uma vez, como maneira de provar a sua fé e fidelidade ao Padrinho Cícero, sem desanimar, nem desistir de se colocar a caminho com fé na Providência Divina.

De fato, a tradição religiosa popular com os impedimentos dos meios de transporte dos romeiros é posta à prova, ganhando nuances de resistência e necessidades de união e solidariedade dos peregrinos. A força poderosa dos detentores do monopólio do setor de transporte com os proprietários das empresas de ônibus de turismo avança no Nordeste, impondo a exigência de transportar os romeiros do Padre Cícero. Os órgãos federais que legislam e executam a fiscalização cedem a essa pressão, orientam e exigem dos romeiros adequação ao transporte das empresas de turismo, com o objetivo de aumentar o lucro e, no fundo, transformar Juazeiro num centro de atração turística.

Nos circuitos da problemática dos meios de transporte dos romeiros, é fundamental um olhar sobre o papel político da Comissão de Pastoral de Romaria de Juazeiro do Norte. Uma pastoral que objetiva favorecer um acolhimento humano e digno aos devotos do Padre Cícero não podia ficar indiferente ou omissa ao clamor da nação romeira, que luta por justiça e denuncia os maus tratos sofridos nas estradas do Nordeste. É uma luta em defesa da liberdade e dos direitos fundamentais da pessoa humana. De fato, a Igreja tornou-se o espaço encontrado por motoristas, fretantes, coordenadores e romeiros para acolher as amarguras, as angústias e os lamentos desse povo sofredor. Nisto, a mobilização e articulação política foram necessárias junto aos órgãos federais para apresentar a situação real, denunciar os maus tratos aos peregrinos e apontar caminhos que garantam a preservação da tradição religiosa e cultural popular dos nordestinos. Por outro lado, registra-se

a indiferença, omissão e hostilidade da prefeitura municipal, da Câmara de Vereadores e de alguns setores organizados da sociedade civil de Juazeiro na defesa da causa romeira e da total falta de compreensão da força propulsora, tanto economicamente como cultural e religiosa, que é a romaria de Juazeiro do Norte. O setor público local e as entidades representativas da cidade tomaram, como atitude, o distanciamento e ausência do debate e não propuseram uma ação eficaz na defesa dos romeiros. Estes ficaram sem apoio de parte dos setores da sociedade juazeirense. Portanto, a experiência de luta pelos meios de transporte dos peregrinos serviu, também, para a Comissão de Romaria ser solidária, participante e atuar significativamente no movimento em prol dos devotos, e exigiu o fortalecimento da consciência de que os romeiros são os principais protagonistas da história. Eles criam, recriam e ressignificam continuamente sua própria romaria, provando resistência, resiliência, coragem e fé.

Portanto, a romaria, na consciência dos romeiros, imersos muitas vezes em condições adversas de vida e sofrendo perseguições e humilhações como na utilização dos seus meios de transporte, assume um sentido e ressignificado na realidade existencial do devoto, que a lança ao paraíso e projeta o desejo de salvação eterna. Ser romeiro do Padre Cícero é a afirmação de sua identidade enquanto pessoa humana, mesmo sofrendo os abusos nas estradas, o desrespeito e as humilhações dos agentes de segurança de trânsito, o peregrino alimenta a esperança e acredita no sonho possível de uma sociedade mais solidária. Enfim, a mística da romaria é expressa nos símbolos dos romeiros, que se traduzem nas manifestações de fé e nos atos de solidariedade vivenciada no caminho e nos dias de peregrinação no lugar sagrado do Juazeiro. Essa experiência romeira precisa ser reconstruída como processo dinâmico, que faz o peregrino edificar relações humanas mais fraternas e alimenta a luta pela liberdade de escolher o meio de transporte para continuar realizando a sua

romaria à terra da Mãe de Deus e do Padre Cícero. Enfim, a presença do devoto em Juazeiro revela a resistência, a teimosia e a fidelidade de continuar sendo o protagonista da sua própria romaria.

NOTAS

¹ Pe. Francisco Murilo de Sá Barreto chegou a Juazeiro do Norte, em 1958, recém ordenado sacerdote e, durante 48 anos de pastoreio na Paróquia de Nossa Senhora das Dores, adotou como ação pastoral prioritária o acolhimento aos romeiros. Neste, quase todo o tempo, a Diocese de Crato mantinha uma posição de indiferença, omissão e hostilidade ao fenômeno Padre Cícero e às romarias. O Pe. Murilo morreu em 2005 e até hoje é admirado pelos romeiros e foi consagrado como o “Vigário do Nordeste”.

² BARRETO, Francisco Murilo de Sá. E... Quem é ele? E... Quem são eles? In: DU-MOULIN, Annette; GUIMARÃES, A. T.; FORTI, M.C.P. (Orgs.). *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: E... Quem é ele?* Juazeiro do Norte, p. 24-30, jul. 2004, p. 26.

³ *Ibidem*, p. 26.

⁴ STEIL, Carlos A. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papyrus, 2003, p. 15.

⁵ GONÇALVES, Pe. Alfredo J. Os romeiros e os anjos da pastoral de romaria: o caminho e o templo. *Revista Missões*. São Paulo, 24 ago. 2012. Disponível em <https://www.revista-missoes.org.br/2012/08/profetis-romeiros-e-migrentes/>. Acesso em 22 mar. 2021.

⁶ A carta do Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado do Vaticano, é datada de 20 de outubro de 2015 e foi enviada ao Bispo da Diocese de Crato, Dom Fernando Panico. Esse documento significa o reconhecimento das virtudes do Pe. Cícero, a valorização das romarias e dos romeiros, e o incentivo a uma pastoral de romaria.

⁷ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1976, p. 312.

⁸ BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *Testemunho, serviço e fidelidade*. Juazeiro do Norte: Paróquia Nossa Senhora das Dores, 1998, p. 112-113.

⁹ BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *Testemunho, serviço e fidelidade*. Juazeiro do Norte: Paróquia Nossa Senhora das Dores, 1998, p. 113.

¹⁰ A resolução nº 82, de 19 de novembro de 1998, do Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN que dispõe sobre a autorização, a título precário, para o transporte de passageiros em veículos de carga, no artigo 2º, parágrafo 2º, epígrafe III e que estabelece a concessão de autorização de trânsito entre localidade de origem e destino fora dos limi-

tes de jurisdição do município no seguinte caso: “viagens por motivos religiosos, quando não houver condições de atendimento por transporte de ônibus”. Esse dispositivo legal permitia a utilização dos veículos de carga para transportar passageiros, provenientes dos estados do Nordeste. De fato, esse marco legal concede a autorização para o transporte tradicional caminhão pau de arara, mantendo as condições necessárias para a segurança dos passageiros e o respeito à vida.

¹¹ A prática de buscar o apoio da Igreja já vinha desde a época do Pe. Murilo, a quem os romeiros tinham grande afeição, admiração e uma relação de muita confiança.

¹² COMISSÃO DE PASTORAL DE ROMARIA. *Minuta do projeto de resolução*. Brasília, 2014, p. 1.

¹³ COMISSÃO DE PASTORAL DE ROMARIA. *Minuta do projeto de resolução*. Brasília, 2014, p. 3.

¹⁴ COMISSÃO DE PASTORAL DE ROMARIA. *Carta aos romeiros da Mãe de Deus, de São Francisco e do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte, 1 nov. 2015, p. 1.

O profetismo na vida e no legado do Padre Cícero Romão

*Rafael Dorgival Alves Fonsêca Neto**

A história da salvação do povo escolhido por Deus, até atingir o seu ápice com a encarnação do Verbo, passa por inúmeras páginas que, em parte, estão registradas no Livro Sagrado. Nesse percurso, o Divino utiliza-se de pessoas que lhe emprestam a voz, o corpo, a linguagem, o ser e até mesmo a própria vida para que apresente a sagrada mensagem ao seu destinatário.

A comunicação do transcendente com o imanente é realizada por meio de pessoas concretas que afirmam receber do alto esta incumbência de anunciar a mensagem ao povo que espera uma resposta, um alento para seu sofrimento, daquele que é o Outro da sua relação teologal.

Destarte, pergunta-se: quem são estes homens enviados a anunciar uma mensagem que contraria a lógica dos poderosos da época e conclama a seguir ao Deus verdadeiro? Em nome de quem atuam e a quem servem? Quem os contratou para tal ofício? O seu anúncio pode ser entendido como uma vocação especial no seio do povo eleito?

A Sagrada Escritura contém aqueles que são chamados escritos proféticos, sendo que, neles, encontra-se grande parte do profetismo

* Pós-Graduado em Filosofia e Direitos Humanos pela Faculdade Única de Ipatinga (2020). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFCG (2015). Advogado. Frade carmelita.

no Antigo Israel, o povo que faz caminho com seu Deus e é conduzido por homens e mulheres que são a voz e a mensagem d'Ele. Com o advento do Messias, aquele que os profetas anunciaram e ansiaram, ele se torna o profeta por excelência, aquele que é o cumprimento das profecias é também a sua garantia, sua ação, inspirada e inspiradora dos que o precederam, é modelo para todo aquele que deseja ser seu sinal no mundo.

Esses registros da Bíblia inserem a todos numa dinâmica de intensa simbiose entre profetas e povo, ora fazendo-o na liberdade e na ousadia que são próprios como dons do Espírito Santo de Deus, ora fazendo-o a serviço dos poderosos, sempre tendo os destinatários da ação profética como principais interlocutores.

Assim sendo, também nos últimos tempos têm surgido pessoas e personalidades que tanto se apresentam como profetas quanto aqueles e aquelas que, pelo exercício do seu ministério junto aos mais necessitados, recebem a nomenclatura e a consideração como profetas, como aqueles que falam e agem em nome de Deus, sendo um destes o cearense Padre Cícero Romão Batista, cujo ser profético ultrapassa os tempos e as vicissitudes e permanece como uma voz a ressoar e que está continuamente sob os olhares da fé do povo nordestino e brasileiro.

Muito já se falou, escreveu, dissertou e sintetizou sobre o Padrinho tão querido pelos nordestinos. No entanto, a abordagem que se pretende nesse capítulo procura entender a imagem deste histórico homem como “profeta”, como boca de Deus, partindo justamente da enunciação bíblica do ser profeta e vislumbrando aquilo que o próprio Padre afirmou: o Juazeiro como a Terra Prometida para a nação romeira, terra onde encontrariam morada, acolhida, descanso e fé.¹

Destarte, o capítulo contempla um viés da espiritualidade do Padre Cícero e lança as bases do seu *múnus* profético, expresso no seu sacerdócio e na sua atuação entre as populações sofridas do Nordeste

entre os séculos XIX e XX, cujos efeitos e ressonâncias podem ser sentidos até o presente.

O profetismo na vida e no legado do Padre Cícero Romão

O profetismo no Antigo Israel

Os oráculos, profecias, adivinhações e premonições do futuro estão bem presentes no imaginário popular não somente das civilizações antigas como também das hodiernas. Ainda são bem aceitos aqueles que indicam terem sido escolhidos para um trabalho “divino” de emprestar o ser para que, por meio da natureza humana, pudessem ser estabelecido o contato com o transcendente.

Nesse sentido, destaca Apolinário² que, ainda nos dias atuais, o profeta é uma pessoa que, por meio de um contato com o sobrenatural, está dotada de uma ação que lhe permite adivinhar coisas. Por isso, a profecia é entendida nessa perspectiva como uma adivinhação, como evidenciação do futuro ou de algo que se encontra encoberto. Para os povos pagãos, isto é, nem hebreus nem cristãos, o profeta era aquele capaz de realizar a lecanomania, isto é, por meio da interpretação dos sons de metais lançados em um recipiente com água; outro método era a leitura do futuro pela figura formada com azeite derramado numa taça sagrada, ou ainda a hepatoscopia que era a leitura do futuro pelas formas presentes no fígado de animais sacrificados aos ídolos, o uso de árvores sagradas, como os cananeus faziam com os carvalhos (Gn 12,6 – *Moreh*, em hebraico, significa “mestre”), sonhos após alucinógenos, a interpretação do voo dos pássaros, percebendo-se aqui algumas das práticas dos pagãos e que, inclusive, com o profetismo hebraico serão condenadas e rejeçadas.³

A herança histórica do Antigo Israel também traz essa marca de homens e mulheres que, bem próximos aos oráculos que atuavam junto aos templos pagãos, se dedicam a cumprir o *múnus* de exortar,

conduzir, pastorear e ensinar ao povo escolhido, conduzindo-o segundo a benevolência ou dureza do coração divino em vários estágios da sua caminhada. A diferença primária dos profetas israelitas para os pagãos é o dom da eleição, a escolha realizada pelo próprio Deus para que, por meio deles, a sua mensagem pudesse chegar a todos.

Embora estejam contidos no cânon romano os chamados Livros Proféticos, com os profetas “maiores” e “menores”, o fenômeno da profecia é bem anterior. Aqueles que são chamados Patriarcas têm uma atuação que se confunde com o ofício realizado pelos profetas, pois, como condutores do povo de Israel que marcha para Jerusalém prometida, eles se fazem porta-vozes do Deus único que deseja conduzir o seu povo.

Na escrita hebraica, a denominação corrente do profeta era *nabi*, vocábulo de origem incerta que denota “aquele que é chamado”, sendo que na tradução dos Setenta (LXX) está grafada sempre por *prophetes*, que em grego vem do verbo *phemi* (dizer, falar), com o prefixo *pro* que significa um substitutivo, falar em nome de, em lugar de, por isso “o profeta é um porta-voz, um arauto, alguém que fala em nome de Deus; é alguém chamado por Deus para ser seu porta-voz.”⁴

Essa substituição que a LXX faz do termo hebraico insere a realidade da profecia em Israel no macro-contexto da profecia corrente nas demais civilizações, alocam-na como espécie de um grande fenômeno da cultura humana da qual ela é parte. De certo modo, isso embasa e fundamenta o fenômeno da profecia no povo eleito não como realidade exclusiva, mas como marcador de uma cultura bem mais ampla sem que se olvidem os seus caracteres específicos.⁵

O primeiro a receber o nome de “profeta” na Sagrada Escritura, confirmando o dom da eleição, é o Pai na Fé, Abraão, no Gênesis (Gn 20,1-7), e se dá em um contexto interessante: para entrar em Gerara, ele disse que Sara era sua irmã ao invés de esposa, e o Rei Abimelec manda buscá-la para tomar como sua. No entanto, por

meio de uma manifestação mística e de caráter premonitório, o rei é visitado por Deus em sonho e é orientado a devolver a mulher para que não lhe sobrevenha a morte. E Deus afirma: “ele é profeta e intercederá por ti para que vivas. Mas se não a devolveres, saibas que certamente morrerás, com todos os teus”.

O termo “profeta” é entendido no sentido amplo como designativo de um homem que tem relações privilegiadas com Deus, fazendo dele uma pessoa inviolável e um intercessor poderoso.⁶ Portanto, os primeiros protótipos da profecia sagrada no povo israelita são, por assim dizer, os primeiros chamados por Deus, os patriarcas, pois o mesmo acontece com Moisés que é o modelo, aquele que falará em nome e sob ação divina e que terá plenos poderes inclusive na organização estrutural de Israel (Dt 18,9-22).

Então, falar em nome de Deus é a garantia da profecia, não podendo extrapolar esta prerrogativa, devendo, inclusive, ser cobrado se “tiver a ousadia” de falar algo fora daquilo que for mandado, ou se a sua mensagem for oriunda de outros deuses, merecendo a morte como punição. Esse contraponto que se faz entre a mensagem legítima e quando se torna ilegítima é garante da pureza do povo eleito e da total dependência do seu Deus. Na advertência do capítulo 18 do Gênesis, encontra-se a diferença entre profetas de Deus e os pagãos, uma vez que o verdadeiro profeta fala e exerce sua atividade em prol do Divino, não devendo imitar as abominações daqueles povos (oráculos e consultas a objetos, substâncias, presságios, adivinhações e magias, encantamentos e invocação dos mortos) (Dt 18,9-12).

Igualmente, Moisés recebe o indicativo sobre a veracidade da profecia: “se o profeta fala em nome de Iahweh, mas a palavra não se cumpre, não se realiza, trata-se de uma palavra que Iahweh não disse. Tal profeta falou com presunção. Não o temas” (Dt 18,22).

Tem-se, então, um termo distintivo da profecia sagrada: gerar, naqueles que a ouvem e são seus destinatários, o santo temor, a total

obediência à vontade divina. O profeta não atrai para si, mas destina e conduz o povo fiel Àquele por meio de quem exerce o seu ofício. Não causa fama ao seu redor, não se vale dos artifícios da pregação para divulgar uma palavra falsa, sempre tem o condão de conduzir ao Divino, de unir e ligar o povo a Quem o enviou.

O profeta bíblico é “filho de seu tempo e da sua cultura”, sendo que há, inicialmente, uma heterogeneidade, dado que era possível encontrá-lo na história do povo de Deus em vários níveis e grupos. Os primeiros grupos que vão dos séculos XI e X a. C., a profecia extática, excitavam-se no culto o transe, estado causado pela música e dança, e era contagioso, como recorda 1Sm 10,5, sua ação se assemelha a dos profetas fenícios e cananeus de Baal e viviam nas imediações dos santuários onde promoviam visões, transes e alto teor de sugestão psicológica, tipo ainda presente em diversas matrizes religiosas. Por volta do século IX a. C., estão os “filhos dos profetas”, que provêm dos grupos dos santuários, especialmente de Betel, Jericó e Guilgal, ou grupos espontâneos. Eles se colocavam na defesa do Javismo contra o Baalismo, seus expoentes são Elias e Eliseu. Havia também os profetas institucionais ou profissionais, profetismo da Corte, principalmente na época da monarquia. Sua ação se dava em defesa e sob os critérios do rei, em contraponto aos “verdadeiros” profetas ou vocacionais que agiam totalmente pela causa e os direitos de Deus, divididos entre profetas pregadores ou escritores – havendo quem prefira pré-literários e literários –, tendo o registro escrito das suas epopeias como critério distintivo.⁷

Em uma afirmação enciclopédica, Frei Carlos Mesters resume:

profetismo, enquanto profetismo, não surge tanto do lado do poder, da hierarquia, da organização, da ciência, do planejamento, do governo, do racional. Surge muito mais do lado do carisma, da poesia, da inspiração, do transe, da música, do sonho, da beleza, da arte, da intuição, do oráculo,

da religião, da divindade, da oração, da mística. São muitas palavras para indicar uma determinada maneira de se captar a realidade.⁸

Portanto, o profetismo em Israel contempla uma gama de sentidos, havendo um denominador comum: o agir em nome de Deus, por seu chamado, implicando a própria vida, quer agradassem ou não e interferindo nas realidades do seu tempo. A maioria dos profetas está ligada por um vínculo direto e pessoal com Deus, em intensa comunicação que se dava por meio do diálogo divino, a transmissão da mensagem e a efetivação de ações para o povo, havia alto grau de inserção social. O profeta é capaz de ver a sua realidade, apresentá-la a Deus, receber d'Ele a orientação, a disciplina, o desejo e até mesmo a correção, e transmitir esta mensagem integralmente, fazendo este "diálogo sagrado" entre a realidade e o povo, Deus e ele mesmo. O profeta é pontífice, é ponte que se eleva ao Céu e de lá recebe a ordem para realizar na vida e nas situações do povo eleito.

Para falar livre e destemidamente, a profecia vai se separando cada vez mais do poder temporal. Por isso, o profeta é homem livre para o anúncio da Palavra e da mensagem divinas e a denúncia do sofrimento, da violência, da opressão, sendo isto presente desde Moisés que, sendo hebreu, é criado na Corte do Faraó, mas, vendo as injustiças que ocorriam contra os seus concidadãos, se insurge contra a própria casa real onde foi nutrido e escapou do sacrifício sanguinário a que foram submetidos os seus. Um profeta livre pode fazer como Elias, que se levantou contra o rei Acab e a sua esposa Jezabel, proclamando a verdade da fé e o zelo pela causa do Senhor dos Exércitos. Por isso, o profetismo ganha o rumo da defesa da aliança e da vida do povo em detrimento da arrogância e da prepotência dos "deuses dos palácios" que fomentavam a idolatria, a violência e a marginalização, vai de encontro à prepotência do poder exercido com a pretensão de ser um poder dado por Javé.

A profecia é incômoda, procura destruir estruturas maledicentes e gananciosas, é inquieta e inquietante que se levanta inclusive contra a marginalização e ridicularização dos verdadeiros profetas, que podem até se levantar contra o poderio religioso quando este se mostra subserviente e manipulado por interesses outros.⁹

A grande conclamação que os profetas fazem é para que o povo se volte para o seu Senhor. Eles se esforçam diariamente pela conversão, para que o povo faça penitência, volte à observância. O profeta é, acima de tudo, o homem do testemunho, o cumprimento fiel da Palavra se dá já nele e por meio dele, sendo esta mais uma garantia da veracidade do seu anúncio. É neles onde a Palavra a ser anunciada vai encontrar a primeira resposta, um coração em sintonia para a recepção dos mandamentos divinos, e eles devem estar convictos da verdade de sua profecia que também se baseia nesse fundamento testemunhal. Por isso, a narrativa do chamado profético, a experiência da presença divina, a notoriedade e a perseguição pelos poderosos ganham uma tônica diferente nos escritos proféticos e este testemunho constitui a credencial dos profetas, o sinal de que eles foram chamados e enviados para realizar uma missão.¹⁰

Assim como as profecias ganharam notoriedade nas outras civilizações, também no contexto do Primeiro Testamento, despontam e se solidificam como testemunho e preparação do advento do Messias que precedem na pregação e testemunhança, sendo o mesmo Espírito – que a tudo forma e conduz – que revela a eles, em figura, aquilo que o Segundo Testamento terá presente. Como reza o símbolo da fé, o Credo, o Espírito Santo “falou pelos profetas”, a voz divina ecoou por meio deles, trazendo uma mensagem instigante, que leva a quem as ouve uma reflexão e, aos leitores do hoje, exprime a forma de relacionamento do homem bíblico com o seu Deus, com o Outro em cujo diálogo pretende estar.

Este panorama da ação profética no seio do povo eleito deve oferecer os princípios para a percepção do que é ser profeta no âmbito da Escritura Sagrada. Longe de querer esgotar o tema, mas para assentar bases e complementar com aquilo que se dirá acerca do profetismo na vida do cristão a partir da vinda de Jesus Cristo, poder-se perceber esse sinal na vida do Padre Cícero e da sua missão.

Jesus, o modelo de profeta para os cristãos

O Segundo Testamento segue a tradição profética e tem a sua culminância com o nascimento de João Batista, e a dinâmica do extraordinário está desde o anúncio do seu nascimento ao seu pai, sacerdote a serviço do Templo. A missão dele é anunciada indicando que seria grande diante do Senhor e caminhará à sua frente com o espírito e o poder de Elias, desempenhará o seu papel “a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto” (Lc 1,5-23). Tal intento é confirmado pelo cântico de Zacarias, seu pai, vendo-o como o profeta do Altíssimo que preparará e aplinará o caminho do Messias, anunciando ao seu povo a salvação pela remissão dos pecados, tudo isso pela bondade e compaixão divinas (Lc 1,76-79).

Como não poderia ser de outro modo, o Messias também se intitula como profeta, fato destacado pelo Evangelho segundo Lucas quando Jesus, na sinagoga de Nazaré onde se tinha criado, toma o livro do profeta Isaías e proclama a sua missão: consagrado pelo Espírito do Senhor (garantia do ministério), para evangelizar os pobres, proclamar a libertação aos presos, aos cegos a devolução da visão, a libertação dos oprimidos e a proclamação do ano da graça do Senhor (outra marca característica do ministério profético no Primeiro Testamento) (Lc 4,14-29).

Quando interrogado por ser um homem simples, filho de José, responde: “nenhum profeta é bem recebido em sua pátria”,

causando tamanha confusão que os seus concidadãos passam da admiração à perseguição e tentam condená-lo à morte. No entanto, Jesus com a autoridade de quem não só fala em nome de Deus, mas de quem é o próprio Deus, passa no meio deles e prossegue o seu caminho.

Percebe-se de pronto que ele é consciente do seu ministério profético e isto contagia a todos os capazes de reconhecer tal atributo, dando a ele o reconhecimento, sem que falte o viés da perseguição e da incompreensão que culminam com a sua Paixão e morte. Na ressurreição, este reconhecimento ocorre principalmente pelos seus discípulos, observe-se o que dizem aqueles caminheiros para Emaús: “o que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo: como nossos Sumos Sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram” (Lc 24,19-20), enaltecendo os requisitos: a vocação divina (“diante de Deus”), a aceitação popular (“diante do povo”), que deixa claro o cumprimento do que fora anunciado e o testemunho com a própria vida, sendo o próprio profeta a garantia do que anunciava (“poderoso em palavras e em obras”), sem olvidar a característica da perseguição do combate aos poderosos da época.

Se a palavra dos profetas veterotestamentários era capaz de tocar o coração, convertendo até os pecadores mais resistentes – dobrava reis, sacerdotes, poderosos e os próprios profetas –, a palavra de Jesus é o anúncio do enviado do Pai, chancelada a partir do seu Batismo, confirmada na sua transfiguração quando Moisés e Elias, dois modelos de profetas do antigo Israel que representam a lei e os profetas, vêm confirmar a sua missão salvífica. Sendo ele Deus, ao anunciar o reino de seu Pai, procura conduzir a todos para um novo modelo de vida onde não existam desigualdades, reino dos redimidos e

bem-aventurados. A palavra de Jesus, do Jesus-Palavra, faz arder o coração, toca no mais profundo e convida à conversão (Mt 3,17; Mt 17,1-7; Lc 24,32).

O ministério profético de Jesus pode ser resumido da seguinte forma:

falou claramente, criticando o seu próprio país, sociedade e mesmo instituições religiosas em suas contradições e infidelidades ao projeto de amor e justiça de Deus;

soube ler os sinais dos tempos e, ao contrário dos líderes religiosos, soube perceber a situação dos trabalhadores do campo e das cidades e o sofrimento dos pobres que empobreciam a cada dia; e nisso não foi ingênuo;

teve consciência da tensão e conflito que provocava. Mas este conflito é vivido como bem-aventurança: “felizes sereis quando vos odiarem e rejeitarem” (Lc 6,22-23);

teve também consciência do destino incompreendido e violento dos profetas (Mt 23,29-35). Jesus é, assim, um homem em constante e audaz missão, a serviço dos demais. Seus seguidores aprendem, como seu Mestre, a falar e a agir com ousadia.¹¹

Com a ressurreição do Mestre e a confirmação do seu *mínus* profético, há o envio dos seus discípulos a todas as nações e, em Pentecostes, a Igreja nascente é orientada por meio do Espírito Santo em sua diversidade de dons e carismas, como ponderam as cartas paulinas, fazendo continuar a sua obra. Notadamente, com a sistematização e organização que vai acontecendo ao longo dos tempos, a profecia vai sendo revisitada, partindo dos elementos da comunicação sagrada, do estabelecimento de pontes entre Deus e os homens e a combatividade com as estruturas opressoras do povo.

Com os apóstolos, há a continuação da profecia e, com a Tradição da Igreja, ela perdura até hoje, é o que atesta Santo Irineu de Lyon, Padre da Igreja, ao dizer que os apóstolos disseram que o Filho de Deus devia manifestar-se sobre a terra, e predisseram o lugar, a maneira e a forma da sua manifestação. Eles pregaram pelo mundo inteiro que o Filho de Deus veio para sofrer a Paixão, suportando-a para destruir a morte e vivificar o corpo, e que, cessando a hostilidade contra Deus, isto é, as iniquidades, será obtida a sua paz, cumprindo o que é do seu agrado. E os apóstolos foram, como predissera Davi, os responsáveis por anunciar por meio da pregação esta mensagem ao mundo inteiro, eis que o profeta é o pregador por excelência, anunciador da verdade e da mensagem da fé.¹²

É na força dessa pregação que a Igreja foi estendendo, de geração em geração, esse plano salvífico de Deus para todos os que em Cristo renovaram a condição filial. Por isso, animou pessoas, homens e mulheres de boa vontade que, observando o testemunho dos cristãos, seguidores d'Aquele que veio e a tudo renovou, deram continuidade à sua missão, inscrevendo seu nome nas páginas da fé e da história. Esse sinal advém principalmente pelos sacramentos do Batismo e da Crisma, ou Confirmação. Muitos séculos depois, no sertão nordestino, um homem levantou-se como ministro do sagrado e realizou a sua vocação como pessoa, como cristão católico, e imprimiu na sua vida as marcas desse mesmo Mestre que orientou os discípulos. Sobre ele, passa-se a discorrer.

Padre Cícero: o profeta cearense

Com o desenvolvimento do cristianismo, após o fenômeno profético que está impresso nas páginas da Escritura e que foi continuado pelos apóstolos, não são incomuns as narrativas de profetas e profetisas que surgiram em tempos posteriores. Alguns desses, é bem verdade, possuem características que extrapolam o ministério sagrado

e receberiam a categorização como “falsos profetas”, pois, mesmo agindo “em nome de Deus”, cometeram as mais esdrúxulas ações, mas, em maior número, houve outros que, embora a Igreja Católica nunca tenha oficialmente aplicado o termo “profeta” a ninguém que não seja nomeado nas Escrituras, deixaram testemunhado com a própria vida que Deus continuou a falar e conduzir o seu povo por instrumentos humanos, concretos, gente que estava nas vicissitudes do seu tempo e da sua sociedade, como Francisco de Assis, Vicente Ferrer, Catarina de Siena, Brígida da Suécia e outros, que frequentemente realizaram a sua vocação por meio de experiências semelhantes àquelas dos profetas bíblicos.¹³

Posto isto, encontram-se as palavras de Weber que indica ser o profeta portador de um carisma puramente *pessoal*, e em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino, não havendo distinção entre aquele que anuncia de novo uma revelação antiga (que ocorreu de fato ou por ele suposta) e o que reivindica para si uma revelação totalmente nova, sendo decisivo o recebimento de uma vocação pessoal, reclama para si a autoridade divina porque está em consonância com a revelação pessoal ou de seu carisma.¹⁴

Falar do profetismo em Padre Cícero Romão Batista, é falar de uma vocação especial, de um chamado específico para realizar algo em meio a um povo e uma gente. Assim, a análise do profetismo na sua trajetória será feita a partir de cinco elementos que podem ser extraídos pelo perfil do profeta que fora traçado a partir das Sagradas Escrituras: um chamado especial (vocação), a resposta com a própria vida, o comprometimento com as causas do povo, a perseguição e a obediência incondicional.

De sua biografia, recolhem-se alguns dados fundamentais: as primeiras informações que dele se têm estão justamente no seu registro de Batismo, no sacramento fundamental administrado a todo ser humano para que se torne, pela oração da Igreja, cristão católico, assinalado

pelo sacramento, se torna partícipe da vida divina. Assim, está registrado na Cúria do Crato que, aos 24 de março de 1844, véspera da Festa da Anunciação do Senhor, nasceu naquela freguesia Cícero Romão Batista, filho de Joaquim Romão Batista (pequeno comerciante de feragens e tecidos) e Joaquina Vicência Romana (dona de casa), irmão de Maria Angélica Batista e Angélica Romana Batista.¹⁵

Dos seis anos até a juventude, sua família, sem muitas posses, mas por entender que esse era um rebento escolhido, empenhou-se para que recebesse educação em sua própria casa. Sua formação religiosa ficou a cargo de sua mãe, dona Quinô, mulher de fibra, fervorosa, piedosa que o incentivou em sua vocação. Interessante recorte histórico ocorre em seus doze anos de idade, quando, influenciado pela leitura da vida dos santos, especialmente São Francisco de Sales, ele faz o voto de castidade total pelo Reino de Deus. Diz-se também que ele, enquanto criança, auxiliava o vigário do Crato nas funções católicas: missas, procissões e presidia, em sua casa, as orações e novenas. Em 1860, aos 16 anos, o jovem Cícero é enviado para estudar na cidade de Cajazeiras – Paraíba sob orientação do Mestre-Escola dos sertões Padre Inácio de Sousa Rolim no seu florescente e destacado Colégio, que na época foi o precursor de uma educação construtiva e inovadora.

Após dois anos de estudos, retorna ao Crato pois o seu pai contrai a terrível cólera que vem a ceifar-lhe a vida, assume a direção da família mas logo retoma os estudos e, em 1865, é matriculado no Seminário da Prainha, Fortaleza-CE. Depois da formação seminarística, que por vezes lhe rendeu a pecha de “mediocre” e, mesmo sem contar com o total apoio do reitor Pe. Chevalier, em 30 de novembro de 1870 foi ordenado presbítero pela imposição de mãos de Dom Luiz Antônio dos Santos. Em 8 de janeiro de 1871, retornou ao Crato e, na Sé Catedral, cantou a sua primeira Missa.

Até aqui os fatos relatados se coadunam com a formação de mais um presbítero da Diocese do Ceará. No entanto, se forem retomados

os elementos para os quais se volta o chamado vocacional, será encontrada, já na infância de Cícero, uma propensão à vida mística que lhe conduzirá aos cumes da perfeição: aos doze anos, ele tem certeza do seu chamado vocacional através da leitura da *Filoteia ou introdução à vida devota de São Francisco de Sales*: “pela leitura que nesse tempo fiz da vida imaculada de São Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e castidade”.¹⁶ Essa obra, como verdadeira escola de santos, conclama o leitor orante:

considera os exemplos dos santos de todos os tempos, de ambos os sexos, de todos os estados! Que não fizeram eles para amar a Deus com um devotamento completo? (...) Umhas na idade de doze, treze e quinze anos, outras com vinte e cinco anos, sofreram diversos martírios por não mudar de resolução, não só em matéria de fé, mas também no tocante à devoção, seja quanto à virgindade ou ao serviço dos pobres desamparados, seja quanto ao consolar os condenados ao suplício ou ao sepultar os mortos! (...) Os santos eram o que nós somos, faziam tudo pelo mesmo Deus e trabalharam por adquirir as mesmas virtudes.¹⁷

Um grande efeito causou a leitura dessa “Vida devota” e abriu no menino Cícero o veio da vida espiritual, marcada também pelo catolicismo popular e devocional que era desenvolvido no Nordeste do Brasil, nos sertões, repleto das práticas piedosas e penitentes, pela íntima ligação entre a vida comum e a vida cristã, em ligação tão intensa que os fatos do cotidiano eram marcados pelas experiências e sentimentos religiosos, bem próximo da realidade do povo israelita, cuja fé se confundia com as demais práticas e tal simbiose fomentou o profetismo como expressão de um judaísmo popular e muito desvinculado da religião oficial praticada nos templos.

Ainda na vocação profética de Cícero está o selo do discipulado, não somente pela formação recebida através da leitura piedosa, mas

marcam a sua trajetória e formação pessoal dois grandes encontros. O primeiro com o Padre Inácio Rolim que foi seu educador em Cajazeiras-PB, com uma educação inovadora e que procurava assentar as bases para formação superior. Este sacerdote era homem preparado e dedicado à convivência com o ambiente que o cercava, fazendo da educação um manancial a correr no sertão nordestino tão castigado. A afeição do já ordenado Cícero ficará registrada no imaginário popular de ambos os locais, pois ainda hoje, em Cajazeiras, se venera a memória de tão ilustre educando e diz-se que o cangaceiro Lampião era expressamente proibido de adentrar naquela localidade, pois ali era a terra do “Mestre-Escola” do Padrinho.¹⁸

O segundo encontro se deu com outro que certamente pode receber o título de profeta: o Padre José Antônio Pereira Ibiapina, cujo estilo apostólico será deveras influente na ação do Padre Cícero, pois aquele baseou sua atividade no binômio oração e trabalho, organizou e fundou uma espécie de “congregação religiosa” onde figuravam homens e mulheres, os beatos e as beatas, que além dos ofícios religiosos se encarregavam de dar suporte nas atividades assistenciais aos pobres e doentes. As “Casas de Caridade” do Padre Ibiapina, fundadas no Cariri cearense, serão lugares onde o Padre Cícero poderá amparar os seus dirigidos. Em fevereiro de 1865, na inauguração da Casa de Caridade de Missão Velha, o jovem Cícero encontra o Pe. Ibiapina e fica fascinado pelo seu belo e eloquente carisma e, assim, tem mais uma confirmação da sua vocação para dar voz e vez aos menos favorecidos.¹⁹

O fato determinante do seu profetismo junto ao povo do Crato e, depois, do Juazeiro do Norte se dá quando, após celebrar a missa do galo do ano 1871, na Capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, em um povoado pertencente ao Crato, descansando na pequena sala da escola, Pe. Cícero tem um sonho/visão: encontravam-se, na mesma sala em que ele dormia, os doze apóstolos e Jesus Cristo que, com o peito em chamas, reproduzia a imagem da última ceia,

quando, de repente, abre-se a porta e ingressam homens e mulheres esqueléticos, pálidos, queimados pelo sol, castigados, trajando apenas farrapos e segurando crianças que estavam sujas e desnudas. Jesus, dirigindo-se primeiro ao sem-número de miseráveis, promete-os que faria um último esforço para libertar o mundo de tanta iniquidade e sofrimento. Era preciso que a humanidade demonstrasse seu arrependimento sincero, do contrário, os céus mandariam supremo castigo, seria o dia do Juízo Final. E, então, apontando para a caravana de famintos, Jesus se dirigiu ao jovem Padre: “e você, Cícero, tome conta dessa gente.”²⁰

Essas palavras, Cícero tomou ao pé da letra e, a partir daí, fixou morada na localidade e cuidou daquela gente. Por isso, aquele primeiro elemento está confirmado: a vocação de profeta, o chamado específico dado pelo próprio Jesus para que realize uma missão. Encontram-se, também, elementos que marcarão a pregação do Padre: a escatologia, a ideia e a visão do “dia do Senhor”, temas marcadamente presentes na literatura profética.

A tônica do discurso religioso é de igual modo presente quando Pe. Cícero orienta aos seus e fala sobre os demais temas, sem olvidar que ele sempre foi um “venerado sacerdote”, esmerado em cumprir as suas obrigações sacerdotais e desempenhando o seu ministério de forma a conseguir observar a pessoa humana em sua completude. Destarte, registram-se os seus conselhos dados ao povo como Grande Apóstolo: “quem bebeu não beba mais; a cachaça é um poderoso enviado agente de Satanás (s.i.c)”. “Quem matou não mate mais; ninguém tem direito de ofender o seu semelhante. Só Deus tem o poder de tirar a vida de suas criaturas”. “Quem roubou não roube mais; quem rouba vai para o inferno”. “Quem mentiu não minta mais; a mentira é filha do diabo e o mentiroso seu encarregado”.²¹

A singeleza dessas palavras e até mesmo a sua espontaneidade, registradas por quem conviveu com ele, demonstram a pregação de

tipo popular, outra marca do profetismo de Israel, pois os profetas pré-literários exerciam a sua pregação de forma itinerante e exortativa, conclamando a reaver a comunhão com Deus, chamando à conversão, o que ocorre até mesmo com João Batista, valendo recordar a passagem quando Jesus exulta e diz: “eu te louvo, ó Pai, porque escondeste os teus mistérios aos sábios e entendidos e os revelastes aos pobres” (Lc 10,21). Embora em contato com políticos, empresários eclesiásticos, Pe. Cícero insistia em amparar os mais excluídos, os “menores”, os pobres de Deus que a ele se dirigiam e nele encontravam o olhar paterno de Deus, tanto é que até agora são muitos os “afilhados” de Padrinho Cícero que nele percebem esses sinais.

Quando não mais podia pregar publicamente, pregou com a própria vida, acolhendo e aconselhando (uma vez que também lhe foi proibida a confissão no território do Juazeiro), continuou a exercer o seu ofício com os meios que eram possíveis. Diariamente aconselhava milhares de pessoas que se colocavam defronte à sua casa para receberem a sua benção e rezava com eles o santo rosário, fazendo-os ouvir seus conselhos que iam desde os temas religiosos até outros da vida cotidiana, “faziam-lhe perguntas sobre o inverno, sobre os de suas famílias que estavam ausentes; pediam-lhe remédios para todas as doenças. A todos ele atendia com palavras de conforto.”²²

A preocupação tanto com a saúde física, o bem-estar humano, que deveriam ser auferidos com a dignidade do trabalho, quanto com a salvação das almas sempre estiverem presentes em suas preocupações e iniciativas. Sobre isso, indica no seu testamento:

e que sempre sejam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores às leis e às autoridades civis e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, no seio da qual tão-somente poderemos encontrar felicidade e salvação. Estes conselhos que sempre dei em minha vida, não me canso de repeti-los, aqui, para que depois de

minha morte bem gravados fiquem na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre foram objetos de minha grande preocupação.²³

O profetismo é vivido até as suas últimas consequências e é capaz de tocar a vida do povo das mais variadas formas, causando impacto não só religioso, mas social e cultural, como na perspectiva weberiana sendo o diferencial a própria identidade do profeta que, embora não se reconhecendo nestes termos, exerce um fecundo ministério. É destacado na vida do Padre Cícero o seu zelo apostólico e a sua capacidade de se refazer enquanto sofria as perseguições. E qual é o fundamento da sua pregação e atividade? É a certeza de agir em nome de Deus e de manter com ele uma relação de proximidade, aquele que aconselha a tantos romeiros e romeiras, sofridos, retirantes, é o primeiro a permitir-se ensinar para depois também fazê-lo, um sinal visível desse devotamento ao Sagrado é o uso de uma batina, até o fim da vida, e do seu velho cajado, como os antigos profetas, como pastor daquele povo sofrido. O uso simbólico além de incorporar a figura do Sagrado, reforça que ele era sabedor que sua maior força política e social estava ligada à sacralização de sua personalidade e sua imagem.²⁴

Indubitavelmente, é esse jeito de ensinar, orientar e conviver com milhares de pessoas que fazem o diferencial na perspectiva profética do Padre cearense, sendo o seu maior legado o também enorme número de romeiros que hodiernamente afluem ao Juazeiro em várias datas do ano e ali realizam a sua peregrinação, seguindo os mandados do seu Padrinho: confessar-se, comungar, fazer penitência, ter caridade e atenção para com os pobres, amar a Igreja, especialmente ao Sagrado Coração de Jesus e à Mãe das Dores e ser, no lugar onde residem, bons cristãos. Suas pregações também estão marcadas pelo tom escatológico, pois aquelas que eram as suas dirigidas espirituais, as beatas, corroboram, com um caráter místico, com esse sentido de

profecia, o que novamente faz perceber as raízes do profetismo judaico, com o tom do extraordinário, do transcendente.

A dimensão da resposta com a própria vida se dá no sentido de que, vivendo 90 anos, todas as suas ações são marcadas pela intensidade da vivência cristã, uma vida inteira na caridade e na dedicação aos mais sofridos, mesmo quando se lhe tornou impossível a assistência ministerial. Em seu testamento, cômico da realização da sua vocação e da sua total dedicação à causa do reino, ele sustenta: “conforme a minha vocação, com amor, dedicação e boa vontade, e desejando assim continuar enquanto o bom Deus, pela sua divina misericórdia me conceder forças e consciência dos meus atos.”²⁵

Outra circunstância da sua vida que é deveras debatida, o ser político, faz adentrar à seara tanto das perseguições que sofreu quanto da sua dedicação à causa dos pobres. Desde os episódios dos “milagres das hóstias”, que se tornam sangue vivo quando ministradas à Beata Maria de Araújo, ele se viu às voltas com a Diocese do Ceará e o seu Bispo à época, Dom Joaquim. Foi interrogado várias vezes e com a remessa dos inquéritos até o Tribunal do Santo Ofício em Roma, que culminou com a ida do próprio Padre para apresentar a sua defesa e, após, acatar religiosamente as penalidades impostas. Por isso, sem poder atender aos seus conterrâneos e a tantos que afluíram ao Juazeiro tanto em virtude dos fatos que ali ocorreram quanto porque ali encontravam morada, abrigo e alento, ele ingressou e fez carreira política. Mas, no mesmo testamento, ele assevera: “minha ação, aliás pacífica, conciliadora e sempre ao lado do bem, tem sido injustamente deturpada pelos que se deixaram dominar pelas paixões do momento ou não souberam interpretá-la. Nunca desejei ser político”²⁶ e prossegue indicando que para não ver ruir o legado de cuidado e amparo aos menos favorecidos, colocou-se à disposição para ocupar o cargo de prefeito da Vila de Juazeiro, o que de fato já fazia, pois ele era além de sacerdote, conselheiro, amigo e presença na vida daqueles que ali residiam.

Na senda da definição weberiana, no momento em que ingressa na carreira política, Cícero continua realizando o seu chamado pessoal. Não o faz por meio de uma revelação nova, mas, dentro do seu campo de atuação que fora tolhido, inova no sentido de que, também por meio das estruturas sociais que lhe foram colocadas à disposição, pôde continuar acolhendo, orientando e ensinando, sem jamais esquecer do seu chamado primeiro.

Ainda na seara dos caracteres proféticos, tem-se a obediência incondicional que em Cícero se torna resignação e respeito às ordens hierárquicas. Em nenhum momento ele se insurgiu contra a sua consciência e nem mesmo contra as decisões que foram tomadas a seu respeito, dado que foi partícipe direto nos episódios dos “milagres”. Sempre que chamado a dar satisfações o fez, mesmo estando convicto dos fatos que presenciou. No entanto, foi obediente e resignado, continuou respeitando e sendo fiel à Igreja da qual era filho e ministro. Assim como aprendera na escola do Coração de Jesus que é preciso em muitos momentos oferecer-se pela salvação das almas, imolando-se silenciosamente, não hesitou em fazê-lo e sempre deixando clara a sua resignação e submissão, afirmando jamais ter revoltas contra a Igreja e nem mesmo sobre a fé católica da qual sempre foi defensor: “eu nunca tive dúvidas sobre a Fé Catholica; nunca disse e nem escrevi, nem em cartas particulares, nem jornais, nem em qualquer escripto nenhuma proposição falsa, nem herética, nem duvidosa, nem coisa alguma contra o ensino da Egreja. (...) É certo – os discípulos não podem ser melhor julgados que o Mestre.”²⁷

Longe das realidades míticas que entornam a pessoa e o legado testemunhal deste grande sacerdote, percebe-se que nele a Palavra ganhou vida e foi respeitada até às últimas consequências; que pesa o caráter do misticismo e da religiosidade popular que são próprios da população do Nordeste, detentora de um catolicismo muito próprio e que se realiza em atividades que, em muitos momentos, misturam

o sagrado com o profano, registrando na Literatura e no folclore uma série de situações e “causos” que trariam para ele um tom da profecia popular, baseada em oráculos e predições. Cícero sabe fazer a síntese e o seu profetismo, não obstante as várias falas que lhe são atribuídas e permeadas pelo tom mítico e de narrativas que mais se parecem com uma hagiografia medieval, é realizado no intenso “diálogo sagrado”, na obediência fiel e no devotamento filial à Igreja, sucessora visível do legado de Cristo e dos profetas que o precederam, sua verdadeira fonte diretiva.

O Pe. Cícero, por tudo quanto se apresentou, pode ser considerado como profeta, sucessor dos profetas de Israel, membro e herdeiro de uma tradição que o coloca na senda de todos aqueles que fazem a sua peregrinação com Deus em terrenos tão áridos. Além de sacerdote, ele é poeta, místico, santo e profeta, e ao profeta não se rendem homenagens no decurso da sua vida, mas se segue ou se persegue e, no limiar, se mata, ou se condena ao silêncio simbólico.²⁸

Tendo assentado as premissas do profetismo em Israel bem como através de Jesus Cristo, o profeta enviado pelo Pai, percebeu-se que o profeta é, além de detentor do oráculo e do diálogo divinos, o porta-voz, o elemento de contato daqueles que são do povo eleito com Aquele que os chamou e criou. O profeta fala, exorta, corrige, orienta e conduz nessa dinâmica de ouvir os clamores do povo, elevá-los aos céus, receber a resposta e trazê-la aos demais sem olvidar do seu compromisso com a vida, com a preservação da fé de modo bem concreto, sem desvincular o poder divino da realidade humana.

O questionamento central do capítulo foi em que nível o Padre Cícero Romão Batista, que tantas vezes e comumente é chamado de

profeta, pode realmente ser caracterizado como tal e como se deu o profetismo em sua vida e legado. Chegando à conclusão de que sim, a vida e o ministério sacerdotal dele estão repletos de fatos que demonstram a sua herança profética.

Como católico, batizado, crismado, membro ativo do corpo místico que é a Igreja, Cícero, desde criança, percebe os sinais da sua vocação pessoal, de um chamado que se deu em meio ao seu povo e sua gente e, mesmo tendo se retirado da sua localidade em prol de preparar-se para melhor servir, ao retornar não procura a vanglória, antes, porta-se como um sacerdote próximo e presente, disponível a continuar realizando o chamado do seu Mestre. Tendo recebido uma vocação especial, “tome conta desta gente”, Cícero faz-se profecia: adentra na vida e na história do povo que está em contato com ele e a ele aflui por ouvir espalhar as maravilhas que Deus estava realizando através dele.

Cícero é profeta na medida em que se fez total doação em prol do povo. Mesmo sendo perseguido e com tantas passagens controversas na sua vida, deixa a marca de quem se dá inteiramente, de quem se coloca ao lado do pobre, do indigente, do sofredor e se faz companheiro na jornada. Ao mesmo tempo em que luta para modificar o seu destino, procura dignificar a sua vida.

Sua atuação demonstra que a mensagem sagrada é contínua, da mesma maneira que outros que o precederam estiveram dispostos a ouvir e realizar com a própria vida o chamamento divino, por pura eleição de quem a tudo ordena, o profeta cearense, herdeiro desta tradição e fiel cumpridor do que aprendera com os que o discipularam, a exemplo dos Padres Inácio Rolim e Ibiapina, se torna interventor no meio de sua gente, tendo em mente o chamado recebido e atingindo a realização plena de uma vocação em prol dos mais necessitados, dando-lhes a Palavra e a esperança por meio da ação social e transformadora, sem jamais olvidar dos seus deveres religiosos.

Assim sendo, seu exemplo marca decisivamente o modo de ser Igreja nos sertões nordestinos. Onde tudo parece aridez, brota uma verdadeira fonte, a regar com o seu testemunho esses solos tão ressequidos pela tristeza, o esquecimento, a fome e a violência. Ele que desde pequeno teve a vida marcada pela dor da morte, procura promover a vida e dar plenitude a quem padecia. Seu testemunho, sua vida e sua voz são legados para todos os romeiros que acorrem ao Juazeiro para continuar sentindo o cuidado do seu Padrinho-profeta – homem que não se furtou de clamar a quem detinha o poder em favor dos pobres, dos menores –, acorrem para lá reavivar a fé e trabalhar pela salvação das almas e novamente escutam o apelo: “sejam obedientes, sejam honestos, sejam trabalhadores, sejam crentes”, restando inequívoco que o testemunho do Padre Cícero, como luzeiro a brilhar, continuará presente como testamento na vida de todos os que dele se acercarem e, mesmo passados tantos anos da sua morte, continua presente, unido ao povo sofredor que ainda hoje padece, é desprezado e violentado em sua mais singela dignidade: a de filhos e filhas de Deus.

NOTAS

¹ CAMPOS, R. B. C. Como Juazeiro do Norte se tornou a terra da Mãe de Deus: penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 28, nº 1, p. 146-175, jul. 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0100-85872008000100008>. Acesso em 23 ago 2020, p. 146.

² APOLINÁRIO, J. Combatividade profética e os novos desafios. *RCC Brasil*. Canas, 18 de jan. de 2012. Disponível em <https://www.rccbrasil.org.br/espiritualidade-e-formacao/identidade-da-rcc/578-combatividade-profetica-e-os-novos-desafios.html>. Acesso em 23 ago. 2020.

- ³ APOLINÁRIO, J. Combatividade profética e os novos desafios. *RCC Brasil*. Canas, 18 de jan. de 2012. Disponível em <https://www.rccbrasil.org.br/espiritualidade-e-formacao/identidade-da-rcc/578-combatividade-profetica-e-os-novos-desafios.html>. Acesso em 23 ago. 2020.
- ⁴ HARRINGTON, W. J. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*. Trad. Josué Xavier e Alexandre Macintyre. 6.ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 267.
- ⁵ VAWTER, B. Introdução à Literatura profética. In: BROWN, R. E.; FITZMAYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo – Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 396.
- ⁶ *BÍBLIA de Jerusalém*. Nova ed. rev. e ampl. 8.reimp. São Paulo: Paulus, 2012, p. 59.
- ⁷ HARRINGTON, W. J. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*. Trad. Josué Xavier e Alexandre Macintyre. 6.ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 270-271.
- ⁸ MESTERS, C. *Os profetas e a saúde do povo*. Belo Horizonte: CEBI/ Editora Littera Maciel, 1985, p. 13.
- ⁹ MESTERS, C. *Os profetas e a saúde do povo*. Belo Horizonte: CEBI/ Editora Littera Maciel, 1985, p. 14.
- ¹⁰ VAWTER, B. Introdução à Literatura profética. In: BROWN, R. E.; FITZMAYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo – Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 402.
- ¹¹ PEDROSA-PÁDUA, L. A espiritualidade de Jesus: mística, profecia e sabedoria. *Creatividade*, Rio de Janeiro, Departamento de Teologia da PUC-Rio, nº 2, p. 5-13, 2018. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35489/35489.PDF>. Acesso em 24 ago. 2020, p. 5-6
- ¹² IRINEU, Santo. *Irineu de Lyon: demonstração da pregação apostólica*. Trad. Ari Luis do Vale Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2014, p. 74.
- ¹³ VAWTER, B. Introdução à Literatura profética. In: BROWN, R. E.; FITZMAYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo – Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 396.
- ¹⁴ WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4.ed. 3.reimp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 304.
- ¹⁵ As informações biográficas que se seguem foram condensadas especialmente de duas referências: NETO, L. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 23-43; OLIVERIA, A. X. de. *O Padre Cícero que eu conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Premiú, 2001, p. 31-42.
- ¹⁶ NETO, L. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 28.
- ¹⁷ SALES, S. F. de. *Filoteia ou introdução à vida devota*. 8.ed. São Paulo: Vozes, 1958, p. 356-357.
- ¹⁸ COSTA, A. A. *A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi*. João Pessoa: Progresso, 1986, p. 64.
- ¹⁹ NETO, L. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 28.

²⁰ NETO, L. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 44-45.

²¹ OLIVEIRA, A. X de. *O Padre Cícero que eu conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Premiu, 2001, p. 61.

²² OLIVEIRA, A. X. de. *O Padre Cícero que eu conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Premiu, 2001, p. 61.

²³ BATISTA, C. R. Testamento de 1923. In: ANDRADE SILVA, A. de. *Cartas do Padre Cícero (dos originais manuscritos 1877 – 1934)*. Salvador: E. P. Salesianas, 1982, p. 330-331.

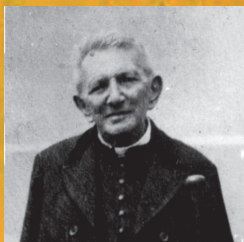
²⁴ TOLOVI, C. A. *Padre Cícero do Juazeiro do Norte: a construção do mito e o seu alcance social e religioso*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015, p. 51 e 106.

²⁵ BATISTA, C. R. Testamento de 1923. In: ANDRADE SILVA, A. de. *Cartas do Padre Cícero (dos originais manuscritos 1877 – 1934)*. Salvador: E. P. Salesianas, 1982, p. 326.

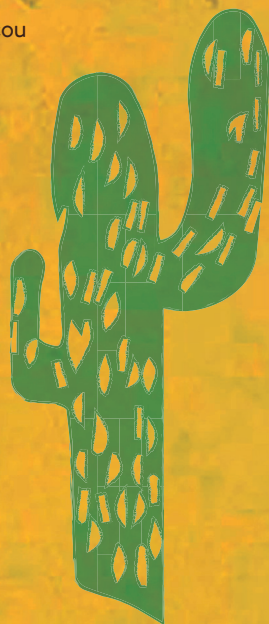
²⁶ BATISTA, C. R. Testamento de 1923. In: ANDRADE SILVA, A. de. *Cartas do Padre Cícero (dos originais manuscritos 1877 – 1934)*. Salvador: E. P. Salesianas, 1982, p. 328.

²⁷ BATISTA, C. R. Carta ao Pe. Constantino Augusto. In: ANDRADE SILVA, A. de. *Cartas do Padre Cícero (dos originais manuscritos 1877 – 1934)*. Salvador: E. P. Salesianas, 1982, p. 117

²⁸ SOUZA ARAGÃO, G. de. A sombra do Padre Cícero. *Paralellus*, Recife, v. 5, nº 10, p. 343-360, jul./dez. 2014, p. 343



Todos aqueles que entrarem em contato com esta obra não terão apenas um texto a mais sobre o Pe. Cícero e sua fé, sua história e seu legado, mas uma importante obra gestada num Simpósio Acadêmico, realizado na PUC-Rio, fruto da colaboração de várias cabeças, corações e mãos, de acadêmicos e de devotos. Esta é uma obra que vem agregar ainda mais no intento de rever um pouco do fenômeno ao redor da pessoa e do legado desse sacerdote que marcou profundamente, social e eclesialmente, a história do Ceará, do Nordeste e do Brasil. Aliás, o estudo sobre o catolicismo brasileiro, a fé do sertanejo e do romeiro, é algo que tem atraído cada vez mais o interesse de estudiosos e pesquisadores. E se tem alguém que merece uma singular atenção neste sentido é o Pe. Cícero Romão Baptista. Por isso, e por tudo mais, esta é uma obra que, a partir de cada texto, precisa ser lida com os olhos de alguém que deseja ajudar em todo o processo de revisão histórica da pessoa e atuação do Pe. Cícero. Oxalá esta obra produza novas reflexões neste campo tão carinhoso que é o lugar do Pe. Cícero no coração do nordestino, do romeiro e de todo brasileiro. Ou seja, no coração de Deus, da Igreja e do Mundo.



Prof. Dr. Pe. Waldecir Gonzaga

Diretor do Departamento de Teologia
da PUC-Rio

ISBN 978-65-88831-30-4



DEPARTAMENTO DE
TEOLOGIA
PUC-Rio

